CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Artigos publicados de Concha Rousia:

Aprender Inglês em 15 Minutos

[05/03/2007] Tenho o honor de apresentar aqui em Vieiros o meu método para aprender inglês sem esforços e sem tempo; este método já foi também apresentado nas páginas d'A Peneira no mês de Seitura passado. Tal e como anuncia o título que encabeça este artigo, é possível adquirir uma língua em 15 minutos. Tenho que admitir que o método segue a estar pendente de um último experimento de confirmação antes de ficar pronto para ser patenteado. Sei que este passo final pode levar algum tempo, e já vai levando, sabido é que nos expedimentos científicos influem variáveis difíceis de controlar; mas o que provou ser certo uma vez tem, por força, que funcionar uma segunda e ainda uma terceira.

- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
- De quem são as crianças? (17/10/2006)
- Carta-bomba (14/09/2006)
- A Rádio Galega ou o Tear de Penélope (04/09/2006)
- Isolados (16/08/2006)
- Ladrões de ondas... (12/07/2006)
- Os meus no mundial de futebol (28/06/2006)
- Locais perigosos (13/06/2006)
- Algo mais sobre as nossas letras (II) (28/05/2006)
- Algo mais sobre as nossas letras (I) (23/05/2006)
- Volve o 17 de maio, oh ledícia...! (15/05/2006)
- O mal de Madrid (24/04/2006)
- A Santa Companha e a Televisão em clara Competição... (10/04/2006)
- A minha revolução (28/03/2006)
- Sentir-se, saber-se e ser-se minoria (16/03/2006)
- Ortografia galega além do reintegracionismo (07/03/2006)

Colaboradores de Vieiros:

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Ortografia galega além do reintegracionismo

Un artigo de: **Concha Rousia**
[07/03/2006]

Eu, que não sou linguista nem experta em questão outra que não seja a fala, tenho-me feito muitas perguntas.

Uma que me fez muito pensar teve a ver com a ortografia da minha língua. Eu, que nasci em Outubro de 1962, sou mais velha do que a norma ortográfica da Real Académia Galega para a nossa língua. De facto atrevo-me a dizer que eu já quase tinha idade para que me falassem os moços quando a tal ortografia foi improvisada. Mas a mim, quanto que utente duma língua que chegou até mim falando-se impecavelmente geração trás geração através dos séculos, não me quadrava essa ideia de que língua que eu falava, e na que existia, tivesse uma ortografia de tão curta idade, de que fosse mais novinha do que era eu. A serio, eu não compreendia. Eu fazia-me muitas perguntas, e como quase sempre quando a resposta é extremadamente óbvia, a pergunta fica por longo tempo sem ser respondida. Levou-me o meu. Aqueles eram anos nos que as filhas e filhos do rural galego tínhamos que defender o status da nossa língua fronte aos da estepa que insistiam com o seu convencimento de que o galego era um dialecto do castelhano.

E olha tu que em quanto ao que a ortografia se refere não iam eles lá muito desencaminhados, embora este descubrimento ia tardar muitos anos em chegar a mim, de facto, como aquele que diz, chgou-me ontem; e agora julgo, e acho que a ninguém pilhará de surpresa, que a ortografia galega actualmente defendida pola Real Academia Galega é, se se me permite dizer, um calco da ortografia castelhana.

Quando eu descobri isso, quando descobri que a ortografia que se me oferecia tinha sido criada, assim, sem ter em conta a raiz histórica da língua que durante séculos os meus antepassados tão bem conservaram para mim, senti-me decepcionada e indignada. E num começo eu quis pensar que não era certo, que não podia ser. Mas era. Eu repassava mentalmente e via que sim, que a ortografia galega era um calco da castelhana, porque esta segunda eu conhecia-a muito bem, que sim ma ensinaram na escola. Num exercicio inicial de negação quis pensar que se calhar não era tão exacta à castelhana, por exemplo nós tínhamos o tão característico "xis". Um bom amigo ajudou-me a ver que o "xis" não era tão galego como eu pensava, que também se tinha usado no castelhano, mesmo em palavras tão *castizas* como "Quixote", mas que caíra em desuso. O "Xis" passou a fazer parte de palavras como: Xoam, Xulho, Xeografia, etc, etc. Palavras que em todas as línguas se seguem a escrever com a sua grafia histórica, na que a sua raiz é respeitada, em todas as línguas menos na nossa, é claro.

E ai nasceu a seguinte pergunta: por que todas as línguas conservam a raiz das suas palavras e a minha língua não? Eu queria saber por que; e a resposta que a mim acudiu foi esta: porque é a mesma raiz que a do português, e a alguém isso não deveu agradar, não é?. E eu insistia a me perguntar: e por que um senhor de Lisboa, onde nem sequer nasceu a nossa língua, tem o direito a essa raiz e eu não? Porque afinal a isso se resume o assunto, a ter ou não ter o direito à ortografia clássica da língua própria. Eu não quero tirar-lhe o direito ao senhor de Lisboa, que amais se veio ocupando de cuidar da língua mentres a outros não nos estava permitido, mas quero reclamar o meu direito.

Já não se trata de ser ou não ser reintegracionista. De querer ou não querer ser entendidos no resto de países lusófonos; isso se acontecer será um plus, será para quem assim o desejar. Do que em realidade se trata, tal e como eu o vejo, é de ter ou não ter direito à ortografia própria da nossa língua. Ora se o que temos é que inventar uma ortografia nova, porque a nossa ficou obsoleta por falha de evolução, eu digo: e se temos de fazer isso, temos que escolher precisamente a

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

ortografia castelhana, a ortografia da língua que ao longo da nossa existência nos esteve esmagando? Ficando com uma ortografia que converte as nossa palavras em: Xan, Xullo, Xeografía, Oxíxeno (ou algo pior)... pequenos frankensteins que a mim me causam arrepio; arrancando as nossas palavras da raiz que lhes dava a vida. Estamos obrigados a fazer precisamente isso? A impor sobre nós mesmos a estrutura do inimigo (dum ponto de vista linguístico, entenda-se).

Aqui nasce a seguinte pergunta, que pode parecer ingénua mesmo: E por que? Porque os responsáveis políticos, e intelectuais, no seu momento, quando alguém lhes deu a ordem de: *"ya podeis!"* escolheram fazer isso. Fazer-lhe isso a nossa língua. Mas quis entender por que, por que fizeram tal, e cheguei a conclusão de que eles talvez pensaram que o povo, brutalizado e analfabetizado pola ditadura franquista, não ia ser capaz de interiorizar outra ortografia que diferisse da castelhana. Julgo que isso deveu de jogar um papel na sua decissão, quero pensar que essa decissão não foi causada por motivos mais escuros.

Pois bom, quero dizer-lhes algo, eu sou uma dessas pessoas que na altura engrossavam as cifras desse mundo rural; uma dessas pessoas, que aprendeu a diferenciar o "J" catalão de Joan, do "J" castelhano de Juan, mas a quem lhe foi negado aprender a diferenciar o "J" de Joam, apesar de que ainda lhe ficou capacidade para aprender a diferenciar o "J" inglês de John... Eu quero dizer-lhes hoje que se equivocaram, e que nos fizeram um bom arranjo. Para que nos terá servido conservar as nossas palavras todas, geração trás geração se chagam vocês e lhes aplicam a cama dum Procusto castelhano?

Eu nego-me a fazer isso à minha língua, e gostaria de lhe poder pedir aos que com o seu esforço contribuem a que essa ortografia castelhana se siga impondo, que pensem um bocado, que reflexionem, porque sua é a obriga de lhe devolver a essência à língua; para isso precisa de ser arrancada essa prótese castelhana, e permitir que a raiz própria nós faça medrar. Mas mentres as nossas elites intelectuais e os nossos responsáveis políticos não fazem tal é de agradecer o poder usar a ortografia que Portugal, essa nação irmã, ou como diria Jaureguizar: essa irmã siamesa, teve a sorte, ou o atrevimento, de cultivar. E enquanto seguirmos aguardando seguiremos sonhando com que um dia podamos parafrasear a Castelão dizendo: A nossa língua floresce na Nossa Terra.

COMENTARIOS:

Hai 177 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Ortografia galega além do reintegracionismo

Un artigo de: **Concha Rousia**
[07/03/2006]

Eu, que não sou linguista nem experta em questão outra que não seja a fala, tenho-me feito muitas perguntas.

Uma que me fez muito pensar teve a ver com a ortografia da minha língua. Eu, que nasci em Outubro de 1962, sou mais velha do que a norma ortográfica da Real Académia Galega para a nossa língua. De facto atrevo-me a dizer que eu já quase tinha idade para que me falassem os moços quando a tal ortografia foi improvisada. Mas a mim, quanto que utente duma língua que chegou até mim falando-se impecavelmente geração trás geração através dos séculos, não me quadrava essa ideia de que língua que eu falava, e na que existia, tivesse uma ortografia de tão curta idade, de que fosse mais novinha do que era eu. A serio, eu não compreendia. Eu fazia-me muitas perguntas, e como quase sempre quando a resposta é extremadamente óbvia, a pergunta fica por longo tempo sem ser respondida. Levou-me o meu. Aqueles eram anos nos que as filhas e filhos do rural galego tínhamos que defender o status da nossa língua fronte aos da estepa que insistiam com o seu convencimento de que o galego era um dialecto do castelhano.

E olha tu que em quanto ao que a ortografia se refere não iam eles lá muito desencaminhados, embora este descubrimento ia tardar muitos anos em chegar a mim, de facto, como aquele que diz, chgou-me ontem; e agora julgo, e acho que a ninguém pilhará de surpresa, que a ortografia galega actualmente defendida pola Real Academia Galega é, se se me permite dizer, um calco da ortografia castelhana.

Quando eu descobri isso, quando descobri que a ortografia que se me oferecia tinha sido criada, assim, sem ter em conta a raiz histórica da língua que durante séculos os meus antepassados tão bem conservaram para mim, senti-me decepcionada e indignada. E num começo eu quis pensar que não era certo, que não podia ser. Mas era. Eu repassava mentalmente e via que sim, que a ortografia galega era um calco da castelhana, porque esta segunda eu conhecia-a muito bem, que sim ma ensinaram na escola. Num exercicio inicial de negação quis pensar que se calhar não era tão exacta à castelhana, por exemplo nós tínhamos o tão característico "xis". Um bom amigo ajudou-me a ver que o "xis" não era tão galego como eu pensava, que também se tinha usado no castelhano, mesmo em palavras tão *castizas* como "Quixote", mas que caíra em desuso. O "Xis" passou a fazer parte de palavras como: Xoam, Xulho, Xeografia, etc, etc. Palavras que em todas as línguas se seguem a escrever com a sua grafia histórica, na que a sua raiz é respeitada, em todas as línguas menos na nossa, é claro.

E ai nasceu a seguinte pergunta: por que todas as línguas conservam a raiz das suas palavras e a minha língua não? Eu queria saber por que; e a resposta que a mim acudiu foi esta: porque é a mesma raiz que a do português, e a alguém isso não deveu agradar, não é?. E eu insistia a me perguntar: e por que um senhor de Lisboa, onde nem sequer nasceu a nossa língua, tem o direito a essa raiz e eu não? Porque afinal a isso se resume o assunto, a ter ou não ter o direito à ortografia clássica da língua própria. Eu não quero tirar-lhe o direito ao senhor de Lisboa, que amais se veio ocupando de cuidar da língua mentres a outros não nos estava permitido, mas quero reclamar o meu direito.

Já não se trata de ser ou não ser reintegracionista. De querer ou não querer ser entendidos no resto de países lusófonos; isso se acontecer será um plus, será para quem assim o desejar. Do que em realidade se trata, tal e como eu o vejo, é de ter ou não ter direito à ortografia própria da nossa língua. Ora se o que temos é que inventar uma ortografia nova, porque a nossa ficou obsoleta por falha de evolução, eu digo: e se temos de fazer isso, temos que escolher precisamente a ortografia castelhana, a ortografia da língua que ao longo da nossa existência nos esteve esmagando? Ficando com uma ortografia que converte as nossa palavras em: Xan, Xullo, Xeografía, Oxíxeno (ou algo pior)... pequenos frankensteins que a mim me causam arrepio; arrancando as nossas palavras da raiz que lhes dava a vida. Estamos obrigados a fazer precisamente isso? A impor sobre nós mesmos a estrutura do inimigo (dum ponto de vista linguístico, entenda-se).

Aqui nasce a seguinte pergunta, que pode parecer ingénua mesmo: E por que? Porque os responsáveis políticos, e intelectuais, no seu momento, quando alguém lhes deu a ordem de: *"ya podeis!"* escolheram fazer isso. Fazer-lhe isso a nossa língua. Mas quis entender por que, por que fizeram tal, e cheguei a conclusão de que eles talvez pensaram que o povo, brutalizado e analfabetizado pola ditadura franquista, não ia ser capaz de interiorizar outra ortografia que diferisse da castelhana. Julgo que isso deveu de jogar um papel na sua decissão, quero pensar que essa decissão não foi causada por motivos mais escuros.

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois.

Pois bom, quero dizer-lhes algo, eu sou uma dessas pessoas que na altura engrossavam as cifras desse mundo rural; uma dessas pessoas, que aprendeu a diferenciar o "J" catalão de Joan, do "J" castelhano de Juan, mas a quem lhe foi negado aprender a diferenciar o "J" de Joam, apesar de que ainda lhe ficou capacidade para aprender a diferenciar o "J" inglês de John... Eu quero dizer-lhes hoje que se equivocaram, e que nos fizeram um bom arranjo. Para que nos terá servido conservar as nossas palavras todas, geração trás geração se chagam vocês e lhes aplicam a cama dum Procusto castelhano?

Eu nego-me a fazer isso à minha língua, e gostaria de lhe poder pedir aos que com o seu esforço contribuem a que essa ortografia castelhana se siga impondo, que pensem um bocado, que reflexionem, porque sua é a obriga de lhe devolver a essência à língua; para isso precisa de ser arrancada essa prótese castelhana, e permitir que a raiz própria nós faça medrar. Mas mentres as nossas elites intelectuais e os nossos responsáveis políticos não fazem tal é de agradecer o poder usar a ortografia que Portugal, essa nação irmã, ou como diria Jaureguizar: essa irmã siamesa, teve a sorte, ou o atrevimento, de cultivar. E enquanto seguirmos aguardando seguiremos sonhando com que um dia podamos parafrasear a Castelão dizendo: A nossa língua floresce na Nossa Terra.

COMENTARIOS:

Ein??, Eu sim lera, e entendera as tuas opiniões, e tinha gostado da tua argumentação, embora não agradecesse ainda, mas digo agora: obrigada, sim também por tomar-te o tempo e o esforço de me entender.
Concha (23/03/2006 18:01)

É que não pensa rectificar, senhor AGIL? PS: A inclusão do vocativo no final da frase (igual que sucedia no outro caso, ao começo) indica a quem vai dirigida a mensagem ;-P
Ein?? (22/03/2006 19:20)

AGIL, a ver se lhe vou ter que dizer o mesmo ca a MARIA, ou que você mesmo me diz a mim: se sabe o que é ler, leia, hom! A minha mensagem começava com o nome da pessoa a quem ia dirigida: MARIA, não Concha. Do texto de Concha nada escrevi por motivos vários (basicamente concordo com fondo e forma). No que a minha mãe toca, efectivamente, ela diz como lhe peta, e não tem por quê dizer como diga a DRAE, pois não é a língua espanhola a que ela fala. No caso dessa expressão penso que nem a galega, como em tantos outros casos, é que minha mãe é-lhe moi creativa denuestrosenhorinho ;-)
Ein?? (22/03/2006 13:16)

Ein??, diz o senhor: «... tem você uma empanada mental de muito ríngulirango, como diria a minha mãe...» COM.- Acho que o "empanado" é o senhor, e não se ofenda. Se sabe o que é ler, deve saber que um texto há-de ler-se como conjunto bem travado. Indique as inconsequências do texto de Concha e sobre elas discutiremos... se tem algum vagar a perder. P.s.- Sua mãe dirá como quiser, mas em castelhano DRAE é ringorrango «1. m. coloq. Rasgo de pluma exagerado e inútil. U. m. en pl.- 2. m. coloq. Adorno superfluo y extravagante. U. m. en pl.»
AGIL (17/03/2006 12:06)

Para seguir (e rematar, que não tenho tempo para andar a perder): as referências ao 11-M estão totalmente fora de lugar, ademais de resultarem patéticas e ridículas. Que para argumentar as suas opiniões faça você alusão a esse tipo de cousas deixa bem clarinho que nem tem argumentos para defender as suas ideias, nem tem essas ideias demasiado claras (bom, uma cousa leva à outra). Por favor, debatamos as cousas sem cairmos en ridiculeces deste tipo, mais próprias de rapazes de 10 anos ("pues para que lo sepas, yo tengo una pupa") que de gente adulta. E, sobre todo, María, querida, reflexionemos um pouquinho antes de botar a língua a pascer e quedar em evidência dessa maneira, que lendo os seus comentários parece que tenha você algum problema com a medicação.
Ein?? (16/03/2006 13:32)

María, não se ofenda, mas tem você uma empanada mental de muito ríngulirango, como diria a minha mãe. Para empezar, os comentários sobre a falha de conhecementos de linguística da autora do artigo ponhem de relevo certas dificultades de entendimento pela sua parte: a autora diz, acho que na primeira linha do artigo, que ela não é linguísta, portanto não está a fazer um texto "científico", mas um artigo de opinião. Criticar-lhe a um artigo de opinião que não seja científico é tão inteligente e coerente como analisar-lhe métrica e rima às 1080 receitas de Simone Ortega.
Ein?? (16/03/2006 13:23)

Obrigada a todas e a todos os que seguis a dar vida a este artigo.
Concha Rousia (13/03/2006 10:29)

Obrigada AGIL
Concha (13/03/2006 10:26)

(05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos!
(09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

nação em castelhano corresponde-se com a nasal palatal. Mas não acontece assim no português / galego. A história das letras é muito mais complexa e singela, de vez, do que se pensa. É ante tudo e sobretudo HISTÓRIA, como é a da arquitetura e a de quaisquer dos costumes que conformam a vida dos povos.
AGIL (12/03/2006 17:45)

De facto o CH procede, parece, do francês. Por outro lado, a letra H caiu em desuso ou, antes, utilizou-se para assinalar valores (sic) diferentes dos habituais em determinadas letras; a letra C, por exemplo. Nada estranho há em que aplicassem esse procedimento a outros casos: CH > LH > NH... Ou para marcar a palatalização de N e de L, acrecentassem uma palatal, como Y ou J/i ou G. Fizeram provas e, delas, elegeram as mais adequadas: Ñ castelhano corresponde-se com o dígrafo NN, porque em castelhano esse dígrafo, que em latim marcava a gemin
AGIL (12/03/2006 14:48)

PARA O SR. MARCELO, ANTONIO: Desculpe, mas acho que tem um pensamento em excesso estanque. Os escritórios medievais (na maioria monacais) estavam muito mais comunicados do que hoje nós. Para além a maioria dos copiastas conheciam, pelo menos, o latim eclesiástico. Neles utilizam-se os dígrafos ch, ph, th para transliterar elementos do alfabeto grego. Quero dizer que o uso de dígrafos para transliterar e portanto transcrever era isso, uso, costume.
AGIL (12/03/2006 14:48)

Slóbodan Miloxevich??? Semella que Vieiros xa perdeu todo o sentido do ridiculo ;-) Patetico!!! Viva o castrapo!!! Non se salvan nen os eslavos!
Paula (12/03/2006 13:50)

Tamén eu teño unha mensagem pra ti, Concha Rousia : Nunca Máis, Nunca Máis !!! Saúdos e perdón por non falar a túa lingua de deuses. E, se cadra, moitas graças a Vieiros por non censurar esta mensaxe. Saúdos.
María (11/03/2006 22:49)

http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=2715&mode=thread&order=0&thold=0
Paula (11/03/2006 14:32)

Bell article Concha. Et semblarà estrany que et feliciti, però qualsevol idioma parlat en aquesta península que no sigui el castellà, serà benvingut per mi. Ànim i segueix lluitant.
Carod Rovira (10/03/2006 18:09)

Magnífico texto, Concha. Deste mais uma vez no alvo. Os meus parabéns.
Heitor Rodal (10/03/2006 17:58)

< > Para acabar, queria dizer à senhora Rússia que o português também não conservou as raízes "ancestrais". As grafias mais diferenciais da escrita portuguesa são de origem provençal e apareceram quando a Corte deslocou-se para Lisboa: a cedilha, "nh", "lh", os acentos grave e circunflexo, etc. A tilde de nasalidade também existia em castelhano. Não tinha uma razão fonética, era apenas uma abreviatura. A tilde da "ñ" era originariamente outra abreviatura. Utilizava-se também "ny", ainda subsistente no catalão. Até ser fixada a ortografia castelhana por Nebrija, e à semelhança de Portugal, as "regras" ortográficas eram modas, tendências seguidas pelos escribas.
Antonio Marcelo (10/03/2006 14:14)

... No entanto a língua galega, apesar de ter qualitativamente menos falantes que o catalão, tem a referência de Portugal e de uma comunidade linguística de quase duzentos milhões de pessoas. O galego e o português sejam ou não -em razão de diferentes pontos de vista- a mesma língua, encontram-se muito próximos. Quando é utilizada a mesma escrita as diferencias não parecem abismais. De facto, muitos programas informáticos e buscadores na Internet, que carecem de preconceitos ideológicos e se limitam à execução de umas regras lógicas, consideram portugueses a maioria dos textos galegos. Se o reintegracionismo se abstivesse de quaisquer formulações políticas, passados alguns anos, poderia ser aceite por qualquer falante, nacionalista ou não, "radical" ou "moderado". A longo prazo abrir-se-iam umas perspectivas e horizontes que hoje em dia ficam constrangidos e reduzidos por opções ideológicas com perspectivas aleatórias.
Antonio Marcelo (10/03/2006 13:36)

Acho que o grande erro do reintegracionismo é ter sido politizado e tomado como referência duma feição do nacionalismo galego. Muita gente gente relaciona lusismo com independentismo radical. O reintegracionismo é uma opção lógica e perfeitamente defensível. Os bascos e catalães têm as suas línguas gravemente ameaçadas, sem outros referentes linguísticos e a sua imposição a uma população em grande parte castelhano-falante e hostil vai produzir a longo prazo resultados contrários aos desejados. À excepção da França, que praticamente assimilou às minorias, não existem outros países de referência.
Antonio Marcelo (10/03/2006 13:35)

ULTIMA MENSAGEM PARA MARIA: Maria se lera o que eu escrevo não teria de repetir as suas perguntas. Mas eu respondo-lhe, desta vez a última, quando passou o do 11-M eu morava em Santiago; quando o do 11-S eu morava em Washington... A 15 MILHAS DO PENTÁGONO onde caiu um avião, mentres havia uns 58 no espaço aéreo americano, um mesmo em Pennsylvania, caminho da Casa Branca... a 10 milhas da minha casa. Mas olhe, deveria também ler o que você escreve, porque fala da proximidade do 11-M e como isso lhe fez associar, talvez incorrectamente, a palavra inimigo com esse desastre da humanidade, mas você não tem reparo em qualificar o meu artigo de ATENTADO LINGUISTICO... E eu calei, porque sei que a sua palavra não vai com segundas, mas você insiste em relacionar a palavra inimigo com o 11-M. Vê como não é bom andar tirando pedras ao ar quando se tem o telhado de vidro.
Concha Rousia (10/03/2006 10:49)

É-che triste ver que a discussom sobre a legitimidade da grafia galego-portuguesa frente à castelhana se dirime em insultos e pouco mais... nossa língua morre e a muitos parece nom importar-lhe, prefere isolar-se a evoluir em número suficiente para pervivir... Que bem lhes saiu aos Reis Católicos seu "Tratado de Doma e castraçom"!! (somos borregos... que nom vacas... isso é "demasiado gallego"!)
Amerginh, um emigrado no sûl (10/03/2006 09:56)

Vieiros distingue: "vaina rañar portujesapa, non lin nada do que escupiches porque non se entende unha merda jhusé". Isto é un insulto. Pero tampouco pido que o censures. Isto: "Saúdos à tua muller que non é "vaca marela", home !!! María". é humor.
Da mesma aldea que o outro (09/03/2006 23:22)

Para Concha Rousia e para todas as pessoas que estamos em sintonía. O idioma galego, o nosso idioma, é um idioma elegante, musical, poético, creativo, é uma obra maestra da humanidade, da nossa humanidade feita ao longo do tempo. É a nossa esencia mais intima. Cumpre defendelo de fronte a morte.
Vinseiro (09/03/2006 23:13)

Pois eu creo que falei claro como o viño tinto. María, nótase que non es da nosa terra e nunca che atopaches comigo nunha escaleira. Humor non nos falta, aínda que a Vieiros si. Permite o insulto pero censura o humor. E se non ao tempo. Hasta loguiño.
Un da miña aldea (09/03/2006 23:08)

É certo que cando non coñeces à muller ou ò homem que sexa, por internet, non entendes sempre moi ben o sentido das palabras que "diz". Saúdos à tua muller que non é "vaca marela", home !!!
María (09/03/2006 22:45)

Há gente à que se lhe nota resentimento em seus comentários. E a meu parece-me pelos comentários que vi teus em vários foros, que és um pouco resentido. Não será porque és de Vigo, do grupo "Os Resentidos" de Antón Reixa? Há que ter mais sentido do humor. Não nos vamos morrer por problemas de língua.
Fâtima (09/03/2006 22:42)

Homes tampouco. Quería dicir bestas, con permiso da miña vaca marela á que temo ofender, comparándoa con semellantes monstros
Un da miña aldea (09/03/2006 22:35)

Fatima, entendo que en Portugal falar espanhol esta ben visto e moi valorado. Mais na Galiza o idioma proprio e' o Galego. Mais ti seguro que tamen prefires ir a Vigo a falar espanhol..... non sei porque atacas os meus comentarios mais penso que lhe deberias preguntar aos teus amigo cando os seus avos ou seus pais escomenzaron a falar castelan e porque?
okiko (09/03/2006 22:19)

Certo pero se dixera "homems" pensarias que sou feminista !
María (09/03/2006 22:16)

Mira Fatima cando tenhas 60 anos e mires coma os teus netos falan unha lingua extranxeira, o espanhol, entenderas como se sinte un galego cando vai polas ruas deVigo e soamente atopa nenos falando castelan. Nen sequera o Berbes fala galego! Que me dis ti dende a tua casa co teu ordenador e o tua vida normalizada non teu pais. nos os galegos e galegas livres sufrimos persecucion mental por dous lados. O primeiro lugar, o estado espanhol, que teima en non reconhecer os nosos direitos e nin sequera cumpre coas leis aprobadas. O segundo o goberno galego, pro-espanhol, que teima en non acadar a normalizacion linguistica....
okiko (09/03/2006 22:16)

Non sexas tan xenerosa chamándoas persoas.
Un da miña aldea (09/03/2006 22:14)

vaina rañar portujesapa, non lin nada do que escupiches porque non se entende unha merda
jhusé (09/03/2006 21:56)

Un da miña aldea : falas de persoas.

María (09/03/2006 21:55)

María: O norteamericano Bush é amigo do español Aznar. Pero esa amizade non vai a ningún bo porto.
Un da miña aldea (09/03/2006 21:50)

Tens razão Concha. Não só os meios oficiais não admitem tudo. Também há muitas pessoas que não admitem nada que não seja como eles querem que seja. Exemplo: Okiko. Não admite castelán, não admite português. E diz que o mundo está ao revés. Talvez se olhou ao espelho. A ver se "Okiko" vai ter a gripe aviar e já não pode cacarear.
Fâtima (09/03/2006 21:45)

Eu non xogo con ren, Concha. Eu non insulto nin insinúo. Mesmo tento falar, escrever se queres (a minha ortografía galega é moi deficente) na tua lingua e sou castelán, mesmo sou espanhola e non diría xamáis que a estrutura da minha lengua persoal é a tua inimiga, nin a inimiga dos EE.UU., o dos cataláns, nin da humanidade en xeral. Ti recordas o 11-S, eu o 11-M. O primeiro non foi en España, o 2º sí foi en España. E en España, ninguén está moi de acordo coa norma da RAE e non diz que os galegos, ou os norteamericanos sao os enemigos do español. Porque non é científico e, se cadra, porque una "estrutura" non é una persoa e non pensa que é enemiga ou non. E se non fosse pola casualidade do vindeiro 11 de marzo, eu non recordaría tanto o 11-M. Pero a globalización non é minho invento e existe. Saúdos.
María (09/03/2006 21:22)

Então soube o que queria dizer aquilo de ir ao inferno se falavas galego... e eu encontrara-o, ou ele encontrara-me a mim. Acho que se eu quiser reclamar o meu direito a definir que é ou que não é para mim um inimigo não se me devia levar a mal, inclusive correndo o risco de que me equivoque, e seja injusta, creia-me se lhe digo que ser injusta não vai com a minha pessoa. E amais, que há do tão defendido direito à liberdade de expressão?, ou é que esse direito só se aplica para os que fazem vinhetas com caricaturas de Maomé? (e IV) Uma vez mais obrigada por espreitar o que eu tenho a dizer.
Concha Rousia (09/03/2006 21:08)

A alguns convenceram-nos de que se não falávamos castelhano íamos direitinhos ao inferno porque no céu não se falava galego..., lembro que não me importava imaginar ir lá porque lá estavam os meus... ora reconheço que isso de arder nas chamas não me deixava dormir algumas noites, também lembro como, 6 eu sete anos mais tarde, uma moça do meu tempo me pedia, quando eu entrava numa sala cheia de gente que pronunciara “yo” em galego; eu (cos meus 14 anos) dizem: "eu", soaram as risadas, “veis, ya os dige que suena como quando ladra um perro” (Vigo, 1978) (III)
Concha Rousia (09/03/2006 21:08)

Com isso não se joga Maria, a isso lhe chamo eu jogar porco. Olhe lá, eu vivia a 30 quilómetros do Pentágono quando em América parecia chover aviões do céu... Durante semanas cada avião que passava era acompanhado dum estremecimento, nunca eu antes pensara que no céu havia tantos aviões, durante a noite contávamos muitos passar... e ainda lhe poderia contar mais cousas que ainda a dia de hoje me fazem chorar, algumas ocorridas na minha infância, mas para mim ficam tão recentes como as do 11-S. Porque saberá, amiga Maria, que a memória não é lineal, senão que se guarda em função de outras claves, como por exemplo o impacto emocional. Hoje desejo compartilhar estas a seguir com todos, porque o pior é o silêncio...(II)
Concha Rousia (09/03/2006 21:05)

Peço perdão polo atrapalhamento de ordem das minhas mensagens anteriores. Sinto que a mensagem que devia ser a da arrincadeira fosse colocada no final. Mas por vezes a técnica não se leva comigo. Quero reiterar os meus agradecimentos as pessoas que participais com os vossos comentários. Também quero crer que a Maria lhe toquei alguma fibra com isso do "ser ou não ser inimigos" e nem sequer lhe vale qualquer explicação, ou mesmo admitir que o termo talvez não deva ser usado à ligeira... Enfim sinto que você queira crer qualquer cousa de mim, e também que faça essa conexão (ia dizer rasteira, mas talvez use outro termo) com a dor do 11-M, quiçá lhe devia deixar espreitar alguns dos poemas que nasceram em mim nessas datas... (I)
Concha Rousia (09/03/2006 21:05)

Parabems polo teu artigo Concha. Eu som galego nascido na Catalunha. Aprendim galego da RAG-ILG, na universidade de Barcelona.Na facultade de "Filoloxia Galega" . Dende aquela tenho as mesmas preguntas do teu artigo.
Mirixo (09/03/2006 20:57)

Excelente artigo. Claro e conciso, o que dicta o senso común. Em Galiza ja temos que falar de um autentico etnocidio planificado meticulosamente.
Vinseiro (09/03/2006 20:46)

ESTOU ATA O CARALLO DOS ILUMINADOS REINTEGRATAS.VIEIROS,DEIXADE DE DARLLES CANCHA.
PHIL (09/03/2006 20:33)

Maria: eu penso como a autora do artigo e amo as línguas que falo: castelhano, francês, inglês e galego. Além disso, tento ser prático e usar as línguas de jeito eficiente. Assim, falo castelhano nos países castelhano-falantes, francês nos países franco-falantes... e galego na Galiza, Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Timor Leste, ...
pablo (09/03/2006 19:16)

Non lins os comentarios, perdoade, mais xa me chega co artigo de opinión. Pondeídes! 130... hai ho! haiche ocio de carallo! éche o país que temos, sabemos só opinar ou discutir de lingua (perdón, de ortografía). E non haberá outros códigos sobre os que discutir: o de urbanismo, o de circulación, os códigos éticos de toda canta profesión hai... A min hai temas que me desacougan, se alguén ten tempo que me axude a desentrañar as grandes incógnitas da vida: teñen sobacos os cabalos? Botarán colonia? peitearanse con cepillo ou con peineta? lavarán os dentes?...
opinadoressenfronteiras (09/03/2006 18:06)

De acordo, coma te chames "09/03/2006 17:45". Todos, o case, os que pensan coma a autora falaron co despeito ou rancor do catelán. Iso é o único que sei. Insistendo na censura de Vieiros, pra mim e, se cadra, pra algúns máis, ilustra a consecuencia da intençom nas ideas verquidas no artigo. Nom hai só boas pessoas e "malos" no mundo : estou a facer a minha censura persoal, coma todos.
María (09/03/2006 17:49)

POR UNHA GALIZA INDEPENDENTE, UNHA LINGUA INDEPENDENTE.
. (09/03/2006 17:45)

A vergonha é falar duna lingua falando mal doutra lingua. "Eu son bo porque ti es malo". Iso é a vergonha.
María (09/03/2006 17:29)

E a túa resposta, Suso ? Agardo ou non agardo ? Se cadra, seria um bom momento pra recordar os comentarios que Vieiros censurou aquí, neste foro.
María (09/03/2006 17:27)

María, deixa as trolladas para outro lado, por favor. Falar de mortos em atentados terroristas quando se está a falar do amor por uma lingua é uma vergonha. Sinto nojo ao ler o que estas a escrever que nom tem nada a ver com o artigo.
Troll malo (09/03/2006 17:23)

Suso, sinceramente, no sé a qué te refieres. Si me quieres hablar con insinuaciones (quiénes son los de los 500 años de bombazos y qué relación tienen conmigo como individuo, ¿me lo quieres explicar?) igual comprenderé lo que dices, igual no lo comprenderé y creeré que me has dicho una cosa cuando me has dicho otra. Tanto defender una lengua, como supuestamente lo ostentas, y luego total para qué : para desperdiciarla con ambigüedades y dimes y diretes ? Y por otra parte, Suso, es normal que desde tu lejanía de la capital seas incapaz de sentir siquiera un poco de lástima respetuosa en recuerdo de todos los fallecidos o mutilados por motivos meramente laborales, ya que, como tú probablemente ignoras, en los trenes de Atocha a las 7h40, sólo hay gente que se va a currar. Lo cierto es que hablaban muchos idiomas, pero yo este mensaje te lo envío en recuerdo de David Vilela. Saúdos.
María (09/03/2006 16:27)

Denis, o mesmo digo: Cada pessoa que opina pensa que leva a razão. Mas em Linguística (em "Ciência" em geral) a questão não é a razão, mas o poder e como se exerce. Eu não vejo contubérnios não: vejo realidades. E as generalizações sobre os "reinte" que às vezes se emitem (não são "falantes nativos", etc.) são tão "realidade" (de novo, cansativa) como as que vejo eu. Analisar a tua opinião "Os ILG son os que se preocupan de que se respete a lingua de verdade" levaria um livro. Repara, apenas, no artigo OS: "OS que se preocupan" (os "outros" não, claro, não se preocupam nunca). Conheces o Parche Desmitificador ACME? Unido à Terapia Ver Outros Países dá resultados beneficiosos para a saúde. Mas nas universidades galegas está proibido. || Quanto ao exemplo do "te", eu também che tenho anecdotário: O outro dia na Radio Galega Akadémika Mondial a locutora disse "âmbolos três partidos". É bonito. Seguro que era uma lusista infiltrada ;-) .
Celso (09/03/2006 16:12)

Denis:O ilga garante que?não são castelhanismos admitir preposição com complemento directo, palavras como silla(gal.trad.sela=dos cavalos), formas tradicionais con pretónica aberta...qual é o seu modelo... os sons da língua?por favor... o sotaque de XXoveou Rosário Alvarez??"logo"utilizado reiteradamente com o sentido espanhol?substitución de palavas castelhanas tal como o tradutor de google: intre, de xeito que, serán...o "pero" espanhol e não o "peró"(=pro)tradicional??? há tantos exemplos... que não me cabem...ah! o "che" é galego, usa-se majoritariamente em todas as normas para a Galiza...bjs
mario soares (09/03/2006 16:00)

Maria: Hay que tener un morro de dos kilómetros para comparar a los que defienden pacíficamente su lengua de la aniquilación, con asesinos fanáticos. En todo caso, seria

mejor que comparases a los que quieren imponer sus ideas a bombazos, con los que durante 500 años han querido (y siguen queriendo) imponer su lengua a otros, con amenazas, con prohibiciones, con bofetadas en las escuelas, con tiros en la nuca (en este caso, 1936-1939, por defender la lengua y mas cosas). El castellano es una lengua fantástica, magnífica, pero algunos haceis con vuestra caradura que, en un momento de obcecación, hasta los que la tenemos por lengua maternas nos sintamos asqueados y deseemos que os vayais a LA LA LA LA LA LA...porra. Suso
suso (09/03/2006 15:46)

Parabéns a Concha Rousia polo magnífico artigo.
Luís (09/03/2006 15:28)

Concha Rousia dice en su artículo más arriba : "A impor sobre nós mesmos a estrutura do inimigo (dun ponto de vista lingüístico, entenda-se)." Rousia, quisiera que me dijeras en qué libro, en qué bibliografía has leído que una estructura sea jamás "enemiga" de cualquier otra lengua lingüísticamente hablando. Por otra parte, tu actitud que no es precisamente lingüística y que hallamos en regímenes dictatoriales de cualquier tiempo histórico de la humanidad desvirtúa mi lengua y la de tus amigos, el castellano, para supuestamente defender la norma histórica de la tuya. Mira, Concha, el próximo sábado hará dos años que murieron unas 200 personas aquí porque hay gente por ahí que va diciendo que Occidente es "enemiga" de Oriente y cosas por el estilo. Es muy peligroso jugar con ese tipo de fuego y poco saludable plantear un problema desde el punto de vista de la enemistad. Saúdos.
María (09/03/2006 15:25)

Celso: Non che quito a razón en nada agás en que pensas que tes a razón e segues a ver contubernios. Que Fraga Iribarne non queira saber nada de escribir padrão non significa que ti teñas a razón. Se o problema non é filolóxico (estou de acordo) daquela tampouco hai porque poñerse tan estupendo con que se "deturpe" ou con que se faga "galego-castelhano". O galego non se castelaniza por usar a norma ILG. Gustaríame oirvos falar a moitos reintes con 5 vocais e n alveolares seguido. nonai noné etc.. Os ILG son os que se preocupan de que se respete a lingua de verdade. Cheguei a oir a un reinte dicir que el dicía so o pronome "te" porque el era reinte e así non se liaba co do "che". Será tamén o "che" un castelanismo????????? eH? listillo???
denis (09/03/2006 14:11)

Belo texto, sim senhor! Não é preciso ser-se filólogo para se dar conta de evidências. Muitos parabéns, Concha Rousia
Ok computer (09/03/2006 14:07)

Quero agradecer todas as leituras que houve do meu texto, também aos que o lestes em silêncio e não comentastes. A todos e a todas: obrigada. Eu gostaria de poder responder a algumas das questões que suscitadas, mas vai-me ser realmente impossível ler todas de novo para poder ser justa e equitativa; tentarei responder as que creio entender, e localize neste pano tecido com os vossos comentários... Denis, estas não são as minhas primeiras respostas, como se diz no texto, não, as primeiras, lembro muito bem, pareciam-se mais as que tua abraças agora como verdadeiras, mas já fui deixando a juventude atrás; obrigado polo conselho. Anton, dizer que o meu artigo não tem que ver com a língua, nem com a ortografia, pois logo... A identidade polo menos a minha foi construída num mundo do que só fica a língua e a musica de resto foi destruída, isso e que fica, olho mais digo a língua isso sim é integral da nossa identidade, a ortografia é só a vestimenta que escolhermos...
(esta mensagem tinha que ter sido a primeira) Concha Rousia (09/03/2006 14:05)

Arzaya: Nas obras de Concha pode verse o seu modelo de lingua. Voces como jamao, que supoño que será un xamón, pero eu sempre empreguei "presunto" en portugués. A iso chámolle "castrapo" con todas as letras Talvez tenhas razão, e deveria usar presunto, reconheço que foi um pequeno capricho, no futuro escreverei Jamom, afinal é uma palavra que vem do francês... Ora, que purismo!... Suso de toro usa palavras como: “GAFAS” em lugar de “LENTES” ou “PEZON” em lugar de “MAMILO” ou “BICO DA TETA” e ninguém se alporiça... Não me interpreteis mal, gosto de Suso de Toro, e de todos e todas os que não esquecemos que temos uma vida, um tempo medido, e é responsabilidade nossa decidir como gasta-lo... Um abraço para todas e todos
Concha Rousia (09/03/2006 14:02)

Xuanzo: Tu diz: aquí admitimos todo, salvo algún "tolerante" do carallo. Eu digo: Pois não, aqui não admitimos tudo, e se não pergunta-nos aos que não nos podemos nem apresentar aos concursos literários utilizando uma norma como a da AGAL, eu não estou a pedir poder apresentar em norma Padrão, na que escrevo, mais sim na AGAL, pois não é assim, tolerância só para o que se quer...
Concha Rousia (09/03/2006 14:02)

Maria diz: Por outra banda, se eu fosse galega, desexaría una norma lingüística diferente à do castelán. Pero se digo que o castelán é a lingua "inimiga" enton estou xulgando a millóns de castelanofalantes que nin conhezo nin tenhen a culpa de ren. - Maria apreço este comentário, sei que é sinceiro, e entendo-o porque estou certa do que diz e de que não te gastaria ver a tua lingua escrita com outra ortografia; mas discrepo Na tua interpretação; eu não considero o castelhano a lingua inimiga, nem os

castelhano falantes, entre os quais se encontram amigos meus, do estado Espanhol e mais de outros estados, nem tampouco considero os falantes de castelhano os inimigos do galego, não, os inimigos do galego sou aquelas atitudes pessoais que tentam que o galego seja substituído polo castelhano, na Galiza (um imagem: Paco Vazquez).
Concha Rousia (09/03/2006 14:01)

como mui bem explica o amigo Cavaco Silva, e quem agradeço o sorriso que nos ofereceu a todas e todos. E o de ser de aldeia não significa não poder ser inimigo da tua língua, se fosse assim a língua não estaria em perigo. Quanto a amar o galego mais com ou sem o castelhano, não dou imaginado, mais acho que eu não poderia amar mais a minha língua, e acho que sempre a amei deste modo, mas eu só posso falar por mim. Quanto ao que diz de ser do Madrid, não entendo o que quer dizer eu são de uma geração pre-futebol, e pre-TV, e por cima mulher... No que sim discrepo terrivelmente contigo e no de acertar na inclinação política da gente: Conheço gente de todo o abano ideológico que opta pola ortografia histórica, gente de direitas, gente de esquerdas, gente nacionalista, gente independentista, gente anti-nacionalista, e anti-independentista.... E o mesmo é verdade para os que optam pola ortografia da RAG...
Concha Rousia (09/03/2006 14:00)

O galego e hoxe un dialecto equidistante entre o castelan e o portugues. Orixinalmente identico ao portugues pero hoxe en dia mais parecido ao castelan, do que se esta a converter nunha variante subalterna vulgar. De nos depende restaurar a dignidade da nosa lingua, que so pode vir do progugues.
Paula (09/03/2006 13:34)

... (CONT) que o galego é português e por o utilizarem. Vê que fácil? Saúde.
Celso (09/03/2006 13:28)

Senhor Denis: Neste país, como em todos, as poucas pessoas que "sabem o que fazem" (os "listos") estão em vários lados. A autoridade intelectual não se constrói por decreto. A política, sim: que o diga o isolo Iribarne (ou deveria dizer "independentista" linguístico)?. Que não nascémos ontem, senhor Denis. Sabe perfeitamente que a questão não é filológica. Admiram-me os chamados aos "pontos de encontro" após tanto silêncio imposto durante tantos anos. É um jogo cansativo. O galego já tem norma escrita, desde há séculos. E, como vê neste próprio foro, a gente que (ainda) escreve utiliza-a cada vez mais, por pura normalidade. Mas não se sintam superados por este terrível facto: unam-se discretamente de pouco a pouco, peçam ao seu "Pobo" que se una, e verão quanto reconforta ter Língua de vez. Então, sim, poderemos começar a contemplar juntinhos a derrota. No entanto, por exemplo, poderiam começar por reabilitar os docentes expulsados do seu trabalho pola Xunta por defenderem ...
Celso (09/03/2006 13:27)

imagino a um frances escrevendo a sua lingua coa ortografia do italiano ,diriamos que esta tolo pero para o galego si vale tal disparate. as vezes penso que a maioria dos galegos criamo-nos num manicómio
desencantado z (09/03/2006 13:27)

Um artigo claro . Defendamos o direito a escreber a nossa lingua coa grafia histórica, coa grafia internacional, coa grafia que nos permite reinvindicar o nosso passado e nos permite olhar em igualdade as demais linguas do mundo. Falamos uma lingua milenaria em anos e milhonaria em utentes. Que sentido tem limita-la ? Parabéns Concha.
Amaeo (09/03/2006 13:19)

E ti Fatima de vas? Unha portuguesa defendendo aos seus amigos galegos que falan castelan dicindo que son boas pessoas?? O mundo ao reves..... Que me leve o demo!
okiko (09/03/2006 09:48)

Que movida de comentários para un articulo tan bonito.
bu neno (09/03/2006 09:13)

Que pesados sodes, carallo... Reivindicade as raigames pero de verdade: demos en falar latín!
canso (09/03/2006 08:58)

parabens Concha Agora já tenho claro que o escrever a nossa língua bem, é um direito (mais um) que nos é negado
Olalha (09/03/2006 08:43)

Caro Afonso: Apenas uma curiosidade: Por qué utilizas formas linguísticas que não se ajustam à norma "oficial" RAG do galego, como qu´as, n´a, infrue (em vez de influe) etc.? O teu jeito de escrever é interessante, lembra o jeito de Castelão etc. E que tu tão pouco concordas com a norma RAG? Se é assim, não estás mui longe da autora... Suso
suso (09/03/2006 08:08)

E por certo o galego sempre foi galego o termo galego-portugues non existe iso foi unha invencion pra ocultar a realidade nacional galega e poder explicar a existencia de portugal e d'a sua lingua a conveniencia d'os portugueses e d'os espagnois. UNha falsificacion historica pra atacar a identidade nacional galega. O galego e mais antigo c'o

castelan pero o portugues non existe ata fins d'o seculo XV e o primeiro texto en portugues e As Luisiadas de Luis de Camoes. toda a literatura anterior escrita en portugal era galega. UN saudo
Afonso Lois Feixoo (09/03/2006 00:40)

Ista muller nota-se que non e linguista pois fala parvadas entre outras o d'o lusismo. As linguas coma bioloxia e eu non son darwinista pero nacen e despois separanse etc. O galego e unha lingua, por certo o son nh non existe en portugues, etc. e o portugues e outra lingua que naceu d'o galego pero nada mais. Xa esta ben de caralladas pois xente coma ti estades a intentar un xenocidio cultural e os galegos non falan a tua linguaxe. E falando de espagnolizazon lembroche qu'o portugues usa moitas verbas mais semellantes ao castelan moitas veces qu'o galego. Nos o que temos que facer e defender a nosa lingua. Xa esta ben de tanta parvada, que por fortuna non infrue n'a sociedade galega. Ah por ultimo a x en galego existe xa n'a idade media xa esta ben de manipulacions. E si quere saber sober o galego aconsello-che unha tese sober dialectoloxia d'o val de Verin ao millor levas unha sorpresa maior qu'as locuras sin senso lusistas e de complexo. aos portugueses importamoslle un carallo
Afonso Feixoo (09/03/2006 00:35)

A Secretaria Geral de Política Linguística não depende da Conselharia da Presidência senão directamente da Presidência, é dizer, de mim.
Tourinho (08/03/2006 19:48)

Caro Denis, porque são dependentes do castelhano e isolam propositadamente a língua portuguesa na Galiza. Refiro-me apenas aos inventores da roda, não aos utentes duma ou outra norma. A norma tem muita importância, não apenas simbólica mas também de efectividade: o galego-castelhano não serve para deter o avanço do castelhano, senão que antes piora as condições do galego. O galego-português serve.
Lição Padrão (08/03/2006 19:22)

moito divagar, pero recordovos que eu son quen dirixe a política linguística de sustitución continuadora dela del goberno Fraga. Marisol Lopez é-la Secretaria Xeneral de Politica Linguistica e fai soamento-lo que lle mando estades apañados os lusistas, e siempre tenemos algun isalacionista ilgario apoyandonos e defendiendonos non resulta marabilloso Méndez Romeu
Méndez Romeu (08/03/2006 18:50)

Hei moza, pero si temos-lo castellano para que darlle mais voltas ó tema. O galego que vaia morrendo; por nós, pouco a pouco e sen sadismos (eu non son paco vasques). Non vedes a doutrina aplicada na Xunta, la mesma del PP, e ó BNG gustalle. A norma do galego é marabillosa sencilla e simple, soamente hai que saber castellano eso si, sin pasarse, co das oposicións, o ler un test en galego era unha verdadeira pasada, para unhos galeguiños que se supoñen tenen que traballar en galego. Coa norma todos sabemos (afortunadamente) que eso do galego é calqueira cousa. A norma foi unha das grandes conquistas da nosa autonomia. Como vamos aprender unha lengua, o portugués, extranxeira sendo españoles. Veras Concha que son culto lei o texto ata o final. Pero date conta que defender a lingua extraxeira fai que algunhos pensen que sodes lusistas separatistas, e non esta ben eso. Por elo deixai que andemos a faguer boas cousas co noso traballo, perdon, digo dos contribuintes Méndez Romeu
Mendez Romeu (08/03/2006 18:45)

Señor Celso: Estaba a agardar a súa resposta. Repito outra volta que saben moi ben o que fan. Escribín esta frase sabendo que algún "reinte" (eu non son anti-reinte) había contestar. Repito que non forman parte de ningún contubernio. Saben moi ben o que fan porque son conscientes do que supón facer unha normativa e porque saben moitísimo doutras linguas e dos seus procesos de normalización e estandarización. A súa óptica é totalmente coherente. Despois, si que recoñezo que certas emocións influiron quizais na súa visión das cousas, como inflúen nas túas. Por certo, porque lles chamades isolacionistas en lugar de, por exemplo, "independentistas". Aínda estamos todos a tempo de buscar un punto de encontro.
Denis (08/03/2006 18:05)

Perplexo: moi ben ho!!!. O da norma non ten tanta importancia. De todos xeitos creo que é hora de deixarse de caralladas e pensar no que se pode facer. Que dunha vez se estude portugués na ESO e veremos por que se decanta a sociedade. A xente hoxe non vería como súa a norma. O proceso ten que ser máis lento. Señor "Celso":
jj@ss.pt (08/03/2006 17:59)

Acho mui inteligente a exposiçom do Cavaco quem. apesar de ser social democrata jejejejejee, di cousas mui válidas. Talvez devamos levar a discussom a um nivel menos essencial e mais produtivo... tamos sempre a falar de simbolismos e afinal é todo funcionalidade e política... Non digo renunciar à identidade mas temos que ser colectivamente mais prácticos. Temos un futuro que trabalhar!!! Bençons.
Caeiro (08/03/2006 17:57)

Eu apúntome ao dos pasteis e o viño... o fato... discutiremo-lo despois... ehem.
Manuel Vigo (08/03/2006 17:52)

Estou disposto a receber-vos em Belém quando quiserdes. Convidarei-vos a pasteis de natas e a uma garrafita de vinho do Porto. Ah! tenho fatos de prova para quem quiser experimentar...
Cavaco Silva (08/03/2006 17:51)

Cavaco... que simpático tio!!! toma metáfora!!!eu quero 1"traje" dos teus...
Pablo Rodriguez (08/03/2006 17:49)

Mira que a min esto do lusismo non me acaba de entrar pró cando vin que os da "F" nin siquera tiñan galeguizado o nome...e ten razon o carallo do Cavaco(de onde saiches oh!)... deches no clavo... o que dis, non estando dacordo co que propones axustase aa verdá...nese sentido prefiro os reintegratas estes ou alguns dos bloque que tamén son medio portugueses... son ben mais honestos neste sentido.
José Luis Mendez (08/03/2006 17:45)

JOÉ...EL CAVACO SILVA NO ES EL PRESI DE LOS PORTUGUESES??? ME HA CONVENCIDO EL PEAZO CABRÓN!!!Y MIRA QUE ME PARECÍAN UN POCO CAPULLOS LOS LUSISTAS ESTOS... SI SEÑOR!DIGOO "SENHOR"(HEHEHEHE)
pedrito (08/03/2006 17:39)

usar a elegância de um fato que não de usado(cast=de segunda mano!) como a Norma Rag mas um fato que nos garante identidade e projecção internacional. Não acho isto uma questão de complexo mas de pura inteligência política, o que fazeriam catalães e bascos na nossa situação?Acomplexado é ter um traje a imitação do señorito da ciudá, o mesmo que nos convida a fazê-lo porque lhe convem a ele e só a ele... diziam os Resentidos: estamos em guerra, hai que reflexionar... há que reflectir, pois. Obrigado.(eIV)
Cavaco Silva (08/03/2006 17:34)

Nas obras de Concha pode verse o seu modelo de lingua. Voces como jamao, que supoño que será un xamón, pero eu sempre empreguei "presunto" en portugués. A iso chámolle "castrapo" con todas as letras
arzaya (08/03/2006 17:32)

escreve na norma histórica porque lhe dá a gana, porque tem direito, independentemente de questons como o futuro da língua ou a proxecçom interior e exterior do idioma. É por motivos de orgulho ou morais ou quiçá por enfado
Carvalho Calero (08/03/2006 17:27)

usam um traje elegante que já une a 200 milhões de "parentes". Eu acho que para usar o fato do espanhol...escrevamos espanhol directamente(400milhões de parentes) porque para isto não vale esse Frankestein autonómico que satisfaz tanto à direita e ao regionalismo ou nacionalismo hispano-dependente. Para o resto, Master Card, o fato português, não tem preço. Não um exercício de autonomia maior que (III)
Cavaco Silva (08/03/2006 17:26)

As diferéncias entre o galego e o portugués som quase inexistentes. Se olhamos os paradigmas gramaticais coincidimos num 80 ou 90%, dependendo de a que zonas de GAliza nos remitamos, pois formas como "muito", "tu", "cantais", Quando"... som totalmente galegas. se ollamos um dicionário galego e outro portugués topamo-nos com algo similar, se non temos en conta que em um di "lenha" e em outro "leña" ou telha/tella. A unificaçom ortográfica é possível. Nom gosto demasiado do postura individualista que a autora do artigo expom. A queston para mim é que sabemos que nunca imos triunfar e conformamo-nos com escrever como nos peta embora nom tenhamos muito futuro, por iso emprego quase sempre a norma oficial (antes usaba mínimos). Concha tamém adopta unha postura persoal:
Carvalho Caleiro (08/03/2006 17:26)

A norma oficial revelou-se não como um traje, mas como um pijama de andar por casa, e para além disso, alugado, muito caro...(custa muito dinheiro, muito, fazer uma norma, ensiná-la, difundi-la). Não tínhamos reparado que havia outros povos que com a mesma distância de "medidas" com o padrão português que nós temos(Cabo Verde, Angola, Brasil)...(II)
Cavaco Silva (08/03/2006 17:19)

A ortografia é como um traje com o que queremos ir à festa ou ao trabalho. Uma opção política. Se escolhermos ir com bermudas a uma entrevista de trabalho... buf! Em realidade não deixamos de ser quem somos mas não podemos evitar "actuar" para poder relacionar-nos com o entorno. Não concordam? è tão artificial a norma castelhana como a portuguesa, como a inglesa... como o é a do castelhano para o castelhano de extremadura ou andaluzia, né? e o fato, a maquilhagem faz parte da nossa imagem e identidade pública para progredir socialmente(I)
Cavaco Silva (08/03/2006 17:10)

Okiko teu de que vais?. És do comité de censura de Vieros?. Quem cries-te tu que és para dizer que só são galegos os que falam em galego. Talvez teu te cries um grande galego, mas duvido que sejas uma boa pessoa, já que demonstras muito pouco respeito para os que não pensam como tu. Tenho muitos amigos galegos que falam em castelán

e são muito boas pessoas e muito bons galegos.
Fâtima (08/03/2006 17:04)

CASTREXO:dizes:"O "ñ" é de orixe galego. O idioma galego é 2 séculos anterior ao castelán en produción literaria. Pésimo comentario como non dunha reintegracionista".>>faço-te duas apreciações: é falso, aparentemente surgiram as escritas em romanço na mesma altura+ou-, se aceitarmos os testemunhos quer notariais quer literários;o ñ não era um grafema uno mas uma consoante com til que convivia minoritariamente com outras soluções.só se verifica nos textos galegos de forma +ou-sistemática, tardiamente e por inducção da escrita castelhana. Revisa os textos, please. Obrigado pelo artigo, muito bom!
Cavaco Silva (08/03/2006 17:00)

Eeehh... eu hai algo que non acabo de pillar. Se todo o artigo (dende o mesmo título) trata supostamente da "ortografía" e non do léxico ou a morfoloxía, ¿por que a autora escribe "utente", "teve a ver", "descobri", "nasci", "fez", "de facto", etc? Entendo que por coherencia debería reivindicar tamén o LÉXICO portugués e non só a ortografía, ¿ou? ¿Ou é que emprega esas palabras porque son típicas da Limia? E xa postos, gustaríame saber que ten de malo dicir "fixo" no canto de "fez"... ¿é a primeira unha palabra "deturpada" ou "non galega"? ¿Ou é que a segunda é máis "fina" por aquilo de que é portuguesa?
Perplexo (08/03/2006 16:27)

Enrique: pois si que hai. Eu mesmo considero que o catalán e o portugués son a mesma lingua. Claro que as diferencias entre elas son infinitamente menores que as que hai entre o galego e o portugués, co cal non é unha comparación válida, así que non sei a razón da túa curiosidade, ou se é que hai algo que pretendes demostrar.
"normativo-oficialista" (08/03/2006 16:16)

cara concha: E ti pensas que o día que matemos o maldito xis e usemos a grafía etimolóxica, o esprito santo descerá sobre nós, e nos librará do español para endexamáis, e seremos todos monolingües en galego e felices para sempre?
cirano (08/03/2006 15:51)

Vou rematando: falar de "inimigos" pode ser unha eleccion mais ou menos desafortunada. Mais todos entendemos o que quere dicir. En calquer caso, non invalida o resto da argumentacion. Existe un conflicto linguistico. As linguas non son, obviamente, inimigas. Os falantes tampouco. Pero na Galiza os falantes de galego non temos os mesmo direitos que os falantes de castellano. Os que apoian esa situacion poden ser chamados, na minha opinion, lexitimamente "inimigos da lingua galega".
Paula (08/03/2006 15:26)

Eso que dixen pode non respeitar o argot da linguistica, ciencia ou non, mais e unha obviedade que cae de caixon. A autora do artigo xa deixou claro que non e linguista. Non se poden descalificar os seus argumentos por non se axustar a xerga particular de unha determinada area de conhecimento.
Paula (08/03/2006 15:22)

Pois no caso do galego acontece o mesmo. O galego estase a converter nun dialecto do castellano. A norma ILG/RAG contribue nese proceso de varias formas. Compre logo recuperar a norma historica do galego-portugues, a cal, incidentalmente, nos achegaria tamen a etimoloxia do latin e daria ao galego unha importante dimension internacional.
Paula (08/03/2006 15:20)

Para Maria: na minha humilde opinion a linguistia non e unha ciencia. Claro que eso depende de como definamos o concepto de ciencia. Mesmo admitindo que sexa. Se ti ves un pelouro enorme que cae dun ranhaceos directamente sobre a tua cabeza, que fas? Tentas apartarte ou poste a calcular as ecuacions do movimento uniformemente acelerado?
Paula (08/03/2006 15:18)

Parabens que maravilha de texto. O escrever bem a nossa língua é um direito. Nom poderias enviar o texto a dirigència analfabeta do Bloco para ver si ainda podem apreender algo
Olalha (08/03/2006 15:00)

E agora, Sr. Marcelo, não perca mais tempo e vá para a página que lhe indiquei. Lá terá mais respostas para as possíveis perguntas que podem estar agromando neste momento.
Isabel Rei (08/03/2006 14:51)

António Marcelo, está a fazer perguntas no lugar errado. Vá para http://www.agal-gz.org/ e veja lá todas as respostas. Convido-o a participar no Fórum da página e a formular nele essas mesmas perguntas. De momento sirva-se com isto: 1º.- a ortografia não «oficial», mas promovida pela oficialidade, data de 1983. 2º.- não havia norma ortográfica anterior, nesse momento (1982) também há outra normativa, a reintegracionista (não defendida pela oficialidade). Nos «últimos séculos» não foi utilizada nenhuma ortografia porque na Galiza não era permitido o uso da língua em

âmbitos cultos. Só a partir do século XIX começam-se a dar os primeiros passos para a ressurreição escrita da nossa língua, nesse caso também não há padrão escrito, e os escritores escrevem como melhor ou pior sabem 3º.- a ortografia portuguesa foi criada sobre uma base ortográfica medieval criada e cultivada, primeiramente, na Galiza nos tempos em que os galegos éramos livres do jugo castelhano.
Isabel Rei (08/03/2006 14:49)

... 3ª.- Se a ortografia portuguesa foi criada na Alta Idade Média, qual era a ortografia do antigo galaico-português? Tendo em conta que a separação ortográfica e as amplas divergências do português são posteriores ao nascimento de Portugal, quais eram, então, as raízes históricas do galego que foram ignoradas pelos académicos da RAG?
Antonio Marcelo (08/03/2006 14:47)

«E ai nasceu a seguinte pergunta: por que todas as línguas conservam a raiz das suas palavras e a minha língua não?» Não sou daqui. Também não sou linguista e além do castelhano falo português. Por conseguinte faltam-me os conhecimentos suficientes para dar uma opinião categórica. Em princípio parece-me bom-senso a utilização da ortografia portuguesa no galego, mas vista a exposição que fez a senhora Concha Rousia, tenho várias dúvidas que gostava que alguém fosse capaz de me esclarecer: 1ª.- De quê época data a actual ortografia oficial galega? 2ª.- Qual era a norma ortográfica anterior? Qual foi a escrita utilizada nestes últimos séculos? Castelhana? Própria? 3ª.- Se a ortografia portuguesa foi criada na Alta Idade Média, qual
Antonio marcelo (08/03/2006 14:34)

Parabens polo artigo! E parabens por retirar o artigo de PATTERSON dos principais! O problema dos galegos e galegas que falan castelan e' que moitos deles asumen que se pode ser galego ou galega falando castelan. Alguns decatanse que non mais e' moi dificil sair dunha lingua na que fuches educado pra escomenzar a falar outra e moito mais cando na Nosa Terra e imposibel vivir completamente en galego a non ser que marches pra unha aldea e non acendas a TV...
okiko (08/03/2006 14:09)

Nas Asturias fomenta-se o racismo anti-galego como forma de defender a nossa asturianidade. Somos galegos e a nossa escrita nom pode ser outra que a padrom, com todos os lacalismos que gostemos
Helena (08/03/2006 13:11)

Veiros hace demagogía publicando esta clase de artículos y censurando luego los comentarios que no le apetece que sean leídos. Es deplorable fomentar el odio entre lenguas y dar pie a comentarios, que Vieiros no censura, como los de Alegría. Somos muchos castellanos que no quisiéramos compartir nuestra lengua querida con cierta gente. Este artículo es un atentado a la lingüística y una incitación a la ignorancia.
María (08/03/2006 12:26)

Gostaria de aportar alguma ideia ao debate. O primeiro que quero dizer é que não estamos a medir quem é mais galego ou quem ama mais a nossa língua. Todos os que estamos a participar na discussão gostariamos de ver o galego como língua normal na nossa terra. Nenhum de nos quer substituir o galego pola forma de falar de Lisboa ou pola de Madrid (bom, excepto um tarado). O que estamos a discutir é como escrever a nossa língua. Certo, a resposta imediata é: pois como manda a RAG, para isso está...! Bem, é uma possibilidade, mas o que nos diz a autora é que essa forma é, essencialmente, aplicar ao galego a ortografia do castelhano. E eu acrescento: essa forma de escrever não está a ajudar a língua a medrar. O galego cada vez se usa menos, e cada vez se usa pior. Então, não seria razoável parar-se a pensar um pouco? Sem dramatismos, sem acusações, sem rancores...nada de "castrapeiros" por aquí, nem "portugueses" por alá... Convido a isso. O reintegracionismo não morde.
suso (08/03/2006 12:25)

Obrigado Concha! É maravilhoso ver, depois de tanto tempo, de tanto prejuíço e incomprensom que alguém que nom conheço de nada tem umas experiências da nossa língua practicamente iguais às minhas. O teu texto exprime quase ponto por ponto o que eu levo pensando desde os 16 anos. Obrigado de novo por dar-nos esperança aos que cremos que esta ortografia leva à morte da nossa língua.
Zinho (08/03/2006 11:39)

Mi madrinha! quanto comentário! Eu só queria dar os meus sinceiros parabéns à autora.
pablo (08/03/2006 11:39)

O mesmo comentário do Almeida, apresentado acima, agora em ILG-RAG (cortesia do tradutor Por2Gal) Déjà vu ? "Querida Concha, Simplesmente, parabéns! Excelente artigo. O que gostei foi da idea de que o uso da norma histórica ou padrán europeu, non é unha cuestión de relacionmento transfronteirizo, nin económica, pero simplesmente unha cuestión de **DIREITO HISTÓRICO**. Isto non ten nada a ver con os portugueses ou brasileiros - é exclusivamente unha cuestión de galeg@s. Esquezan que existe ese "atrasado" povo do sul do Miño, pero reivindiquen, tal como fixo a Concha, o voso direito histórico. Un beixo, Concha."
Neogal (08/03/2006 11:00)

Que alegría comprobar que entre los paletos os peleais sin descanso. gallego o portugués me da lo mismo, lo que nunca os he escuchado es que la mayoría de la gente, sobre todo urbanos y jóvenes, hablamos castellano. Fastidia eh, pues acostrumbraros.
Alegría (08/03/2006 10:46)

(continua) Um "português" diferente, isso se, com vocabulário próprio, mas bases comuns; nom mais diferente do que o espanhol de Castilla, de o espanhol de onde eu moro... Em definitiva. A ortografia lusista É A PRÓPRIA de meu país, da minha língua, da minha cultura. E se me tentam dizer o contrário... referendam-me séculos de tradiçom Galego-portuguesa... e nom os poucos anos do regulamento castelanizante "oficial". Nem sou linguista (sou de ciências) nem estudei galego "oficial"... será por isso que nom me contaminaram com suas teorias?
Amerginh II (08/03/2006 10:36)

Sou um galego emigrado de 26 anos, marchei-me de pequeno de minha terra, e mal sabia galego, além do que ainda se fala na minha casa. Quando me fui acercando para minha língua, da minha cultura, do meu país, meus referentes eram os que emanavam da Xunta, via Casa de Galiza, da Real Academia, da TVG... em definitiva, o regulamento "oficial" e dei-me conta de que isso nom era o que eu falava, nem meus pais... e que a ortografia nom respondia aos matizes da minha fala, nem a suas origens, nem a sua história... De casualidade (procurando livros em galego por internet) conheci AGAL... e descobri que... com as lógicas diferenças de pronunciaçom e "outro acento".... eu falava português!!
Amerginh I (08/03/2006 10:35)

Gostaria saber se hai "normativo-oficialistas" que considerem que valenciano e catalam som a mesma lingua.
enrique (08/03/2006 10:30)

Querida Concha, Simplesmente, parabéns! Excelente artigo. O que gostei foi da ideia de que o uso da norma histórica ou padrão europeu, não é uma questão de relacionmento transfronteiriço, nem económica, mas simplesmente uma questão de **DIREITO HISTÓRICO**. Isto não tem nada a ver com os portugueses ou brasileiros - é exclusivamente uma questão de galeg@s. Esqueçam que existe esse "atrasado" povo do sul do Minho, mas reivindiquem, tal como fez a Concha, o vosso direito histórico. Um beijo, Concha.
Almeida (08/03/2006 10:18)

Parabens Concha Es uma das melhores canetas da Galiza, que bem escreves e quanta sabedoria ha nas tuas palavras. A mim já me maravilharas com o teu formissíssimo livro AS SETE FONTES
Laura (08/03/2006 09:15)

Parabens Concha Es uma das melhores canetas da Galiza, que bem escreves e quanta sabedoria ha nas tuas palavras. A mim já me maravilharas com o teu formissíssimo livre AS SETE FONTES
Laura (08/03/2006 09:15)

ë um prazer ler textos como o teu, si co conto do cisne fiquei pámpano, com este acho-te extraordinária. a ver qual o próximo. Ha uma entrevista na COZ ao Conselheiro na altura das "normas" o tal Filgueira, que explica o que diz tu, muito bem. Dizia o tal: fam-se as normas assim porque o que importa é o castelhano. e ficou tam pancho. Olha porque o filgueira galeguista nom foi perseguido polo franquismo, nom só isso foi alcaide franquista de Pontevedra. Com ele chegou-lhes a celulosa, e aqui na democrácia era um galeguista histórico porém sem memória histórica.
banhos (08/03/2006 09:04)

Cara autora: parabéns pelo seu artigo e amor pela sua língua. Sou português morando no Brasil e lendo o seu artigo compreendo a unidade da língua galega com o português (brasileiro também).Conheço bem a situaçao lingüística na galiza e acredite que, do ponto de vista de um estrangeiro o problema da galiza com a língua dela nao é mais a do poder "esmagador" do espanhol: vcs têm uma situaçao legal de reconhecimento da língua e uma democracia para participar em eleiçoes e associacioes para defender a sua língua. A questao é que muitos- sei que nem todos -galegos continuam a sentir a sua língua como a língua do povao que nao sabe o que mais falar. O facto de a razao disso estar na pressao que durante séculos o castelhano exerceu como língua de poder nao desculpa que a responsabilidade AGORA seja dos falantes de galego. Muitos deveriam perguntar-se o que fazem no dia a dia pela sua língua, em lugar de continuar
Fernando (08/03/2006 04:05)

A veure quan us decidiu per un estatut en el qual figuri que sou una nació igual que vam fer nosaltres.
Juan Rovira (07/03/2006 23:43)

Só é iso o que queria dicir, Barcelinho. E coma o que diz o diccionario Estraviz da "lusofonía" : o profesor non diz "galegofonía".
María (07/03/2006 23:23)

Sinto não estar de acordo com Concha, ao menos no sentimento, apesar de que eu também falo um galego português. Como disse Titiriteiro não vão pôr como oficial o galego que fala só um 1% e marginar ao 99%. Bastante temos com que deixem nos expressar num português-galego e não nos insultem como Eduardo de Pailandia
Barcelinhos (07/03/2006 23:20)

María é bastante verdadeiro que o galego tem algo de inimigo para alguns lusos. Preferem que lhes falemos em castelán a que o façamos em galego. Eu não
Barcelinho (07/03/2006 23:10)

Muitas graças Por uma comunicaçao livre !
María (07/03/2006 23:10)

María se não me equivoco pela tarde tinha uns comentários sobre Teresa de Calcutá, a igreja e outras coisas mais que a Vieiros não lhe agradaram e as tirou e isso que não ofendiam a ninguém e menos à articulista. Evidentemente Vieiros manipula a informação e tua o disseste e eu tambien. A ver o que dura este comentário.
Por uma comunicação livre (07/03/2006 23:03)

Paula, se o artigo é terapia colectiva, paréceme moi ben. Se é teoría sobre a norma das linguas, fracassa na terminoloxía empregada.
María (07/03/2006 22:59)

O_Castrexo: Grazas polos teus comentarios sobre a ñ. A verdade non o sabía. Pero che agradezo a túa aclaración.
Xuanzo (07/03/2006 22:59)

Maria, non hai mais parvo que o que non quere entender. O teu sofismo conhecemolo moi ben. E tamen sabemos moi ben a onde conduce.
Paula (07/03/2006 22:45)

Enton, Paula, eu son "reintegracionista" cando falo castelán ? Ou son "espanholista" tamén cando falo castelán ? Todo iso ? Rousia diz que non é bo non ser galego portugués. Mesmo diz que é agresivo pra Galiza cando non falo galego. De verdade, qué medo seria pra mim estar de acordo co ela : son enemiga de toda Galiza porque non falo a sua lingua.
María (07/03/2006 22:32)

Parabéns polo artigo
Belém (07/03/2006 22:28)

Por certo, o 90% dos galegofalantes que conhezo din "animales" e non "animais": "vou botar de comer aos animales". E o mesmo con todos os plurais. Por que a norma Ilgarra aceita eses lusismos intolerabeis? A maioria da xente da minha terra di "cantin" e nunca "cantei". Deberiamos ter unha norma propia?
Paula (07/03/2006 22:20)

Maria, con todos os respeitos, os teus argumentos demostran que non entendes os condicionantes sociopoliticos que levaron ao galego a situacion na que se atopa na Galiza. Eses condicionantes non existen na relacion con Portugal. O reintegracionismo e unha cuestion de vontade, o espanholismo, de conveniencia ou obrigacion.
Paula (07/03/2006 22:18)

Se assistimos (como todos concordaremos e como os relatórios oficiais recolhem) a um processo de substituição e de ocupação em todos os âmbitos do galego polo castelão, se existe polo tanto um conflito lingüistico, aqui e agora, é então que podemos falar de línguas que "luitam" e polo tanto, metaforicamente, duma língua "inimiga" do galego (aqui e agora). Isto é independente dos milhões de falantes de castelão e deste próprio idioma (que eu também amo, por certo). Vestir o galego com feituras castelãs é pôr-lhe a mortalha. Porém, estabelecer uma diferenciação para eliminar subsunções dum idioma dentro do que o abafa e algo que sempre fizerom as comunidades lingüísticas que quiserom dotar-se dum futuro.
Miguel, continuação da anterior. (07/03/2006 20:57)

Parabéns polo teu artigo, Concha. Vejo que nasce do sentimento íntimo do amor à língua que muitos compartilhamos, espero que cada dia sejamos mais. É óbvio que quando se fala do idioma castelão como "inimigo", esta-se situando a esta confrontação num território, Galiza.
Miguel (07/03/2006 20:56)

Tamén poderia acontecer o contrârio : a lingua portuguesa convertida no dialecto do galego. Enton, a lingua galega sería a que tem unha "estrutura de inimigo" pra os lusos. E os espanhois, ou casteláns, ou quen fossen, agás na universidade, pensarian : ahora les ha tocado a los gallegos tener estructura de enemigo y nosotros con estos pelos !
María (07/03/2006 20:47)

O que diz Paula é que o galego non seria xamáis un dialecto do portugués. Non entendó por qué non. O portugués é mais vello na sua lingua estándar que o galego.

María (07/03/2006 20:19)

Non digo que é o mesmo ser devorado, Paula, digo que hai as mesmas condicións para o castelán e o portugués respeito da lingua galega. Celso diz que o mimetismo da norma actual do galego có castelán face desaparecer o uso do galego en Galiza. Pero hai tamén mimetismo do galego coa lingua portuguesa, entón se a norma fosse máis lusista, a lingua galega tamén non sobreviviria.

María (07/03/2006 20:17)

Temos duas opcions (bon, en realidade xa non, pero a esperanza e o ultimo que se perde): voltar na medida do posible as nosas orixes (que, curiosa coincidencia, implicaria aproximarnos ao portugues) ou seguir a inercia actual e acabar falando un dialecto do castellano en poucos anos (bon, pra moitos e xa).

Paula (07/03/2006 20:13)

Ah, Maria, segundo ti e o mesmo ser "devorados" polo castelan que polo portugues. E se cadra tes razon, porque o galego, para calquer observador internacional, xa e un dialecto equidistante entre ambas linguas. O problema e que esa e so unha fase transitoria. A tendencia e a asimilacion rapida no castelan.

Paula (07/03/2006 20:10)

O que diz Celso é simétricamente válido pra o galego-portugués. O diccionario Estraviz diz : "A respeito da norma empregue, seguiram-se uns criterios que tentam nom marcar muitas diferenças com a norma padrom portuguesa", etc. Coa lingua lusa seria o mesmo mimetismo devorador. E é certo que o castelán non é odioso.

María (07/03/2006 20:01)

"Mas também facilitaram a subsidiariedade do galego: só quem sabe escrever espanhol aprenderá a escrever galego". Eis o quid da cuestion, Celso. Ao galego so se pode "acceder" desde o castelan. Foi unha magoa que suprimisen o latin do ensino medio (asi quedaba moito mais claro cal e a etimoloxia da nosa lingua). Alguns mesmo adaptan as cantigas medievais a ortografia castellana (asi os alumnos non se fan tantas perguntas)...

Paula (07/03/2006 20:00)

O "ñ" é de orixe galego. O idioma galego é 2 séculos anterior ao castelán en produción literaria. Pésimo comentario como non dunha reintegracionista. Ortografía 'castelhana' seica... XD!!! huas. que bruta. Recoméndovos que visitedes o meu maravilloso blog: gallegoyportuguesparahispanos.blogspot.com A incultura é curaBLE!

O_Castrexo (07/03/2006 19:57)

Lapa era politicamente bastante menos jurássico do que muitos galeguistas culturais coetâneos, por exemplo do grupo Galaxia/Grial, que promoviam já a ortografia galego-castelhana. E todos eram da mesma classe intelectual: elite cultural jurássica, e elitistas por definição. Pretender agora que este galego-RAG representa a "modernidade" frente à escrita portuguesa é um artifício retórico inservível. E contraditório: Por acaso não diz o isolacionismo que a ortografia RAG actual está fundamentada numa longuíssima "tradición propia" desde as origens da língua? Claro: já sabemos que o "Pobo" galego sempre escreveu tudo com "x".

Celso (07/03/2006 19:53)

Parabéns polo artigo, as perguntas que fas fazémonolas muitas pessoas. Eu nom sei escrever correctamente na grafia portuguesa ou da AGAL, mas todo será questióm de teimar. Parabéns.

6ª matriuska (07/03/2006 19:49)

Denis diz: "Os señores que idearon a norma esta saben moi ben o que fan". Exactamente. Quase 25 anos mais tarde da primeira versão do galego-RAG, já vemos os resultados no nível de (des)alfabetização da gente. E é lógico: é sabido que a maior proximidade de dous sistemas linguísticos (e normas ortográficas) causa MAIS interferências do que a maior separação mútua. Certo, quando as principais editoras galegas optaram pola ortografia galego-castelhana já durante o Franquismo, o "povo" era maciçamente analfabeto em galego. As letras espanholas facilitaram a leitura da língua. Mas também facilitaram a subsidiariedade do galego: só quem sabe escrever espanhol aprenderá a escrever galego. Não corrigir isto quando foi possível, nos anos 1970s, foi um erro fenomenal. Perdão: um acerto, como diz Dinis: "Os señores que idearon a norma esta saben moi ben o que fan".

Celso (07/03/2006 19:36)

O Eduardo ese do principio teñe toda a razón, Denis : cando os argumentos fallan nun artigo desa forma, é preferibel a ironía. Abraiada estou que aínda ninguén dixera que sentir que o castelán é odioso é coma pensar que a lingua galega é odiosa, porque é coma dicir que a diferença é odiosa.

María (07/03/2006 19:22)

o eduardo ese do principio é outro listo de carallo. (non podía evitalo) outra vaca no maínzo

denis (07/03/2006 18:54)

Estimada Concha: outro concepto obsoleto, propio de Lázaro Carreter ou Rodrigues Lapa, (Jurassic Park da lingüística): "a raiz histórica da língua que durante séculos os meus antepassados tão bem conservaram para mim". Ar linjuas non se conservan 'ben' ou mal. Non se poden facer xuízos de valor deste tipo sobre as linguas. Non se pode pensar que está ben falar unha e mal falar outra. Se non entendemos isto sentiremonos sempre frustrados polo que puido ser e non foi. Por certo, non teño nada en contra de que se escriba dun ou doutro xeito. Estes argumentos pouco serios de Concha ben os podía asinar calquera que defenda o argumento contrario. Non estou dicindo que sexa pouco serio defender o uso da norma Padrão. bicos a todos e tamén aos de La Coru, neno.
ff@jj.es (07/03/2006 18:52)

Isto non ten que ver coa lingua, nin coa grafía, nin con normas. Trátase de que a xente precisa construír a súa identidade, e para tal cousa sempre é bo ter un inimigo. Que conste que son inocente: tamén son da aldea, pero desconfío moito dos que me “defenden” o idioma Eu pregunto, os que tanto amor amosan polo galego, poderían amalo tanto se non existise o castelán odioso, culpable do noso atraso, das nosas limitacións? Vexo un paralelismo cuasi-adolescente nestas posturas “ideolóxicas” que me parecen tan reflexivas e fundamentadas como ser do Madrid, por exemplo. Alguén pensou na curiosa coincidencia de que, canto máis se ama o galego máis probabilidades hai de acertar na inclinación política da xente?
antón (07/03/2006 18:49)

Querido outro: esa doutrina de que o galego non é unha lingua "normal" é unha coña. As que non son normais son as oficiais e coloniais como español, francés, portugués, inglés... A maioría son colonizadas e polo tanto "normais". Non lle teñan medo á verdade.
denis (07/03/2006 18:44)

Esas mesminhas perguntas fazíamas eu naquele tempo. Nom encontrava resposta, vivía Franco e isso era dabondo para calar a boca. Umha das conclussiòns era que na língua hai componentes antigos que concordam exactamente coa língua portuguesa actual, outros que o galego criou pola sua conta depois da segregaçòm de Portugal da Galiza, e outros que som comúns às duas versòns da língua galego-portuguesa e que provêm da língua imperante actualmente no mundo: o inglês. O que é certo é que o assunto da língua é para nos UM PROBLEMA POLÍTICO VENCELHADO CO DA SOBERANÍA NACIONAL. Sem soberanía devemos olhar como a nossa língua esmorece e isso senhor Feijoo nom o imos permitir, o recado vale tamém para o Senhor Toreno.
Eonaviego (07/03/2006 18:09)

Vieiros censura moitos comentarios. Os autores dos artigos, o Vieiros, só queren escoitar o que desexarían oír, non a realidade.
María (07/03/2006 17:27)

Parabens por este artigo!
Mônica (07/03/2006 17:17)

Se cadra Concha, teñen que facer como no castelán, unha lingua oficial, admitindo os términos que se utilizan en cada zona. Que haxa unha lingua oficial non quere dicir que non se admitan localismos. Aquí admitimos todo, salvo algún "tolerante" do carallo
Xuanzo (07/03/2006 16:23)

¿E que carallo pasa coa ñ?. ¿É castelá? ¿é galega? ¿ou que carallo é?. Por favor, que me responda un lingüista galego, non un linguista portugués.
Xuanzo (07/03/2006 16:18)

Pois se es dun pobo fronteirizo,¿qué esperabas?Os que nos sentiriamos raros seriamos o 99,9% dos galegos se tivesemos que poñernos a falar portugués da noite á mañá.
Titiriteiro (07/03/2006 16:10)

Recorrendo a uma língua "normal": o castelhano. Que pensariamos se o principal promotor da ortografia castelhana e favorescer uma opção face outra for, v.g., francês ou português? Não resultaria muito "normal". Porém na nossa língua "anormal" também o presidente é "anormal" (e sem fazer referência a uma suposta míngua mental): era asturiano de "pro". Normal? Normal que a norma fora uma e não outra. Ele só conhezia uma variante: a íbero-central.
outro (07/03/2006 16:09)

Caro Suso : podes utilizar o vello truco da minha falta de entendimento para rexeitar as minhas opinións. Por suposto, non conhezo todas as linguas románicas, mais se a autora non estaba pensando no castelán cando escreveu "estrutura do inimigo" eu son a resurrección de Santa Teresa de Calcuta ! Tamén quixera sinalar que o diccionario Estraviz da rede é moi bom ! Onde están os diccionarios do galego castelán ? Logos ? E qué cousa é o galego "sen máis" ?
María (07/03/2006 15:34)

Querida Concha: está moi ben que te fagas preguntas pero tamén deberías pensar

mellor nas respostas e non facerlle caso ao primeiro que aparece. Os señores que idearon a norma esta saben moi ben o que fan, non forman parte de ningún contubernio xudeomasónico e moitos deles son moi nacionalistas e patriotas e incluso algún simpatiza agora coa FPG. Iso non significa que eles teñan razón e ti non, por suposto. E non andemos citando a Ramón Lorenzo, home, que facedes coma os nacionalistas españois denigrando o nacionalismo vasco citando as burradas decimonónicas (do XIX) de Sabino Arana
denis (07/03/2006 15:32)

efectivamente, a que fixo este texto non ten nin idea de lingüística, por iso fai afirmacións falaces como a de pensar que existen grafías "genuínas" vieiros: publicades cousas pouco serias que non enriquecen moito máis que os artigos da voz (por exemplo os de calaza, blanco valdés ou marina mayoral-esa señora tan simpática)
denis (07/03/2006 15:26)

Cara Maria: A autora não diz em nenhures "castelan inimigo" Diz "a estrutura do inimigo" (entendo que é, a estrutura ortográfica dos inimigos da nossa língua). Por favor, lê com mais atenção, daquela, pode ser mui interessante discutir e falar contigo de socio-linguística, mas primeiro devemos estar a falar dos factos contidos no artigo, não de cousas que não percebeste bem. E já de passo, leste a página que te indiquei? É engraçado, porque precissamente fala duma espécie de táboa, um pedaço de madeira denominado "Welsh stick", e vá que devia ter má reputação na bisbarra... (Suponho que conheces, além do português, o galego e o castelhano, o inglês...se não, posso enviarte uma tradução da página. Suso
suso (07/03/2006 15:16)

Por outra banda, se eu fosse galega, desexaría una norma lingüística diferente à do castelán. Pero se digo que o castelán é a lingua "inimiga" enton estou xulgando a millóns de castelanofalantes que nin conhezo nin tenhen a culpa de ren.
María (07/03/2006 15:11)

Caro Suso, en lingüística, particularmente en sociolingüística, se fala de "lingua dominante" e de "lingua dominada", non de linguas amigas ou inimigas. Se alguen diz "o castelán inimigo" non é o mesmo. E coma se a autora dixera que unha taboa tem mala reputación na bisbarra.
María (07/03/2006 15:00)

Uma cousa mais: "flogging", o castigo que se descreve, é bater com uma vara. Suso
suso (07/03/2006 14:53)

Parabéns polo teu artigo Concha
Manel (07/03/2006 14:52)

Cara Maria: Evidentemente, umas línguas não são inimigas das outras. Mas em linguística sim há inimigos: infelizmente há gentes que são inimigas da língua que falam outros. Bota-lhe uma olhada a isto, tomado dum informe sobre Gales escrito em 1848 e depois, por favor, dizes-me se não cambiaste de opinião: http://www.smo.uhi.ac.uk/~sm99dp00/cuimris/bradyllyfraugleision.html Suso
suso (07/03/2006 14:50)

Concha, tu artículo es tendencioso. En lingüística, y parece ser que tu artículo trata del hecho lingüístico no existen enemigos, ni raíces arrebatadas ni encantamientos mágicos ni cosas por el estilo. Comprendo tu dolor como gallega lusista frente a la norma gallega aprobada. Yo me pregunto cuántos gallegos practican un "gallego castellano" y cuántos son los que recurren, por necesidad más que nada, al "gallego portugués". Y te recordaré, además, que el Quijote que has citado ha hecho más por el llamado "español" que todas las Reales Acadamias de la Lengua habidas y por haber.
María (07/03/2006 14:38)

Deslocou-se posteriormente a Vigo??? Ai macagundiosss a mín si ca me dislocan o carallo estes lacazáns!!! aimacaguninghundiosss!!!
susiño (07/03/2006 13:37)

CORRECÇÃO: Saltei-me uma linha do texto de Ramón Lorenzo. Dizia: "cando aprendesen castelán terían que escribir CIENCIA, COMÚN, DÍA, LITERARIO, etc., na claso do lado sería CIÉNCIA, COMUN, DIA, LITERÁRIO, etc."
Celso (07/03/2006 13:26)

... (continua) O texto de Ramón Lorenzo está em Versão Original: http://www.udc.es/dep/lx/cac/vo/1971/1980gal25.pdf . Já vês, Concha: "Cousa de tolos". O reintegracionismo está louco por pensar que as letras se pronunciam de maneira distinta em línguas distintas. Todas as línguas são de "tolos"... menos o castelhano ;-) . Parabéns e Saúde!
Celso (07/03/2006 13:24)

Cara Concha, as tuas perguntas são exactas, e as respostas já foram ditas claramente por defesores do galego-RAG. Por exemplo: "Esquencen os lusistas a realidade histórica do galego (sempre preto do castelán, nunca en contacto co portugués) e a realidade

actual. Se en Galicia non tivésemos mais ca unha lingua, o galego, entón podiamos impoñer calquera grafía, pois os nenos non terían outra que lles presentase conflito lingüístico. Pero os nenos galegos teñen que aprender galego e castelán. Imaxinemos que fantástica seria esa dobre función: cando aprendesen castelán terían que escribir CIENCIA, COMÚN, DÍA, LITERÁRIO, etc. A palabra escrita GENTE na clase castelán terían que lela (xénte) e na clase de galego (sénte), na casa dirían ENTEIRO, SON, etc., pero na clase INTEIRO, SOU, etc. etc. Cousa de tolos". -- Ramón Lorenzo (1980), "A lingua". Em: Galicia 1950-1980 - trinta anos de cultura - publicación conmemorativa do trinta aniversario da editorial galaxia. 1980. Vigo: Galaxia, p. 25.

Celso (07/03/2006 13:23)

puestos a reivindicar Pailandia, lo mejor es hacerlo en portugués!! muy bien cuncha

Eduardo (07/03/2006 13:22)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Sentir-se, saber-se e ser-se minoria

Un artigo de: **Concha Rousia**
[16/03/2006]

O passado dezembro, por razões que nós julgáramos pessoais mas que decerto eram também sociais, fomos passar o Natal a Barcelona. Custou-nos encontrar bilhetes; de avião foi impossível, nem fazendo o rodeio por Madrid. Finalmente fomos, coma nos velhos tempos, no Shangai.

Chegamos a Barcelona, na estação de metro da Via Júlia, um letreiro rolante desejava-nos "BOAS FESTAS" na nossa língua, também o fazia em catalão, em euskara, em castelhano e em inglês. Sentimo-nos em casa, estávamos nos Nou Barris. Começamos a descer até o carrer Rio de Janeiro na procura do bar Penacova, onde aguardavam por nós. Passamos fronte a tenda dos de Loureses, onde se pode encontrar qualquer produto galego. Entre eles o pão de Ginzo, que o forno do Martim envia em grandes camiões três ou quatro vezes por semana; ou os produtos Serra do Larouco, de Baltar. O pão galego também se vende na tenda do Paquistanês, como anuncia um letreiro colado na porta.

Passamos diante do colégio "Sant Lluis" onde algumas mulheres já aguardavam a saída dos seus pequenos. Como sempre não nos surpreendeu que falassem em galego, e até quase se nos passa desapercebido. O que sim notamos foi a presença de mais outras línguas; a experiência de multiculturalidade era máxima num Ciber-Locutorio, ao que fomos pola tarde, de outro Paquistanês, que sempre lhe oferece algum lambisco à pequena Uxia, minha sobrinha, que mora na mesma rua; e na rua que se cruza com esta vivem Iria e Fran, e Estrela, que hoje ainda não saíram da escola. Também vimos, ao lado do "Cinco Portas" o taxi do Elias de Fontearqueira; quando passamos fronte à entrada do bar ouvimos que dentro falavam também na nossa língua.

Por fim chegamos ao Penacova, que tem um letreiro de metacrilato enorme, branco e azul, a nossa bandeira, no fundo pode-se ler: Bar Penacova, e em letras mais pequenas: especialidade: "Polvo à feira". Dentro, se um não está avisado, o mais surpreendente é o novo casal que regenta o negócio; Wei-Li atendendo as mesas e os pedidos do mostrador onde convivem a "empanada galega" com o "arroz três delícias" e a "butifarra"; na cozinha está o seu marido Min-Xin, quem aprendeu a cozinhar desde o "polvo à feira" até o "caldo de grelos" da anterior proprietária durante o traspasso do negócio. Assim é Barcelona, sempre surpreendendo-nos, sempre indo um passo por diante na sua forma de integração, na sua multiculturalidade bem harmonizada. Durante a nossa estância também tivemos ocasião para ir ao museu da ciência, e ao coração da cidade, embora o que mais fizemos foi estar no bairro com a família. As ruas estavam, desta vez, mais cheias de gente de por cá, que como nós fora passar o Natal com a sua família. Esto antes nunca ocorria, eram os que moravam em Barcelona os que voltavam polo Natal, isto de agora era impensável, o mundo ao revés.

E chegou o dia da volta, levou-nos à estação um taxista que falava galego, no da emissora de radio não tivemos tanta sorte, como diria Pepe Rubianes... Chegamos finalmente a Santiago, na estação notamos a ausência dum cartazinho para nos desejar felizes festas. Também com o taxista não houve sorte: falou-nos em castelhano. Chegáramos a casa e por primeira vez em muitos dias sentimo-nos minoria. Sentimo-nos vulneráveis. Porque, amigos meus, sentir-se minoria nem tem a ver com o numero de membros dum determinado colectivo... como acontecia em África do Sul até não há tanto, ou em Bolívia, ou mesmo sendo mulher.

Não, ser minoria tem a ver com esse sentimento de vulnerabilidade, de indefensão que se che mete no peito e che coloca um nó na garganta que até a nena pequena percebe, e te mira, e essa olhada dá-che forças para seguir chamado as cousas polo seu nome... E no

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

comércio dizes que queres umas "luvas" da talha de cinco anos e a da tenda olha-te coma se visse o demo (direi para o céptico da ortografia histórica que a forma na que eu escrevo não afecta a minha pronúncia, nem de "luva" nem de outra cousa, a grafia não afecta à maneira de falar, podia eu é mesmo não saber escrever) tu explicas-lhe que são umas cousas para por nas mãos quando vai frio... ¡ah, guantes, acabaramos!" E a ti pide-che o corpo dizer "pois mete-os no cu" mas os olhos da tua pequena já se pousaram numas luvinhas com o desenho de uma rã, dessas às que lhe bolem os olhos ao mover a mão... "te gustan las de la ranita?"

Tu calas, tragas a "ranita" e calas, tragarias sapos e cobras se for preciso para não fazer pagar à tua nena; como tragava teu pai por ti, menos alguma vez quando, como dizia ele logo ao contá-lo na casa, "já me tinha cheio até os olhos, assim que o agarrei pola gravata e lhe puxei um golpe seco, e ele foi bater com o papo no mostrador, e eu disse-lhe então, entendes-me agora?" Em mais duma ocasião o pai quase se mete em mais duma liorta, daquela ainda vivia o tirano ditador... Mas daquela, apesar de sermos talvez um 90 % dos falantes, éramos minoria, e desta somos também minoria. E crede-me, os que não o sabeis, que não há pior sensação do que sentir-se minoria no pais próprio, ser-se minoria no pais próprio é a forma mais cruel de sentir a pertença a uma minoria. Por isso não é surpresa que alguma gente abandone... Porque não todo o mundo pode ser sempre super-woman ou super-resistente. Nem todos temos as forças, nem é de justiça. Por vezes pergunto-me, que me diriam Castelão e Alexandre Bóveda, os nossos ídolos arrancados de nós... O mesmo que a minha amiga Kim Briscoe, de Baltimore se perguntava que lhe diriam a ela os seus: Martin Luther King e Malcolm X...

COMENTARIOS:

Hai 99 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Sentir-se, saber-se e ser-se minoria

Un artigo de: **Concha Rousia**
[16/03/2006]

O passado dezembro, por razões que nós julgáramos pessoais mas que decerto eram também sociais, fomos passar o Natal a Barcelona. Custou-nos encontrar bilhetes; de avião foi impossível, nem fazendo o rodeio por Madrid. Finalmente fomos, coma nos velhos tempos, no Shangai.

Chegamos a Barcelona, na estação de metro da Via Júlia, um letreiro rolante desejava-nos "BOAS FESTAS" na nossa língua, também o fazia em catalão, em euskara, em castelhano e em inglês. Sentimo-nos em casa, estávamos nos Nou Barris. Começamos a descer até o carrer Rio de Janeiro na procura do bar Penacova, onde aguardavam por nós. Passamos fronte a tenda dos de Loureses, onde se pode encontrar qualquer produto galego. Entre eles o pão de Ginzo, que o forno do Martim envia em grandes camiões três ou quatro vezes por semana; ou os produtos Serra do Larouco, de Baltar. O pão galego também se vende na tenda do Paquistanês, como anuncia um letreiro colado na porta.

Passamos diante do colégio "Sant Lluis" onde algumas mulheres já aguardavam a saída dos seus pequenos. Como sempre não nos surpreendeu que falassem em galego, e até quase se nos passa desapercebido. O que sim notamos foi a presença de mais outras línguas; a experiência de multiculturalidade era máxima num Ciber-Locutorio, ao que fomos pola tarde, de outro Paquistanês, que sempre lhe oferece algum lambisco à pequena Uxia, minha sobrinha, que mora na mesma rua; e na rua que se cruza com esta vivem Iria e Fran, e Estrela, que hoje ainda não saíram da escola. Também vimos, ao lado do "Cinco Portas" o taxi do Elias de Fontearqueira; quando passamos fronte à entrada do bar ouvimos que dentro falavam também na nossa língua.

Por fim chegamos ao Penacova, que tem um letreiro de metacrilato enorme, branco e azul, a nossa bandeira, no fundo pode-se ler: Bar Penacova, e em letras mais pequenas: especialidade: "Polvo à feira". Dentro, se um não está avisado, o mais surpreendente é o novo casal que regenta o negócio; Wei-Li atendendo as mesas e os pedidos do mostrador onde convivem a "empanada galega" com o "arroz três delícias" e a "butifarra"; na cozinha está o seu marido Min-Xin, quem aprendeu a cozinhar desde o "polvo à feira" até o "caldo de grelos" da anterior proprietária durante o traspasso do negócio. Assim é Barcelona, sempre surpreendendo-nos, sempre indo um passo por diante na sua forma de integração, na sua multiculturalidade bem harmonizada. Durante a nossa estância também tivemos ocasião para ir ao museu da ciência, e ao coração da cidade, embora o que mais fizemos foi estar no bairro com a família. As ruas estavam, desta vez, mais cheias de gente de por cá, que como nós fora passar o Natal com a sua família. Esto antes nunca ocorria, eram os que moravam em Barcelona os que voltavam polo Natal, isto de agora era impensável, o mundo ao revés.

E chegou o dia da volta, levou-nos à estação um taxista que falava galego, no da emissora de radio não tivemos tanta sorte, como diria Pepe Rubianes... Chegamos finalmente a Santiago, na estação notamos a ausência dum cartazinho para nos desejar felizes festas. Também com o taxista não houve sorte: falou-nos em castelhano. Chegáramos a casa e por primeira vez em muitos dias sentimo-nos minoria. Sentimo-nos vulneráveis. Porque, amigos meus, sentir-se minoria nem tem a ver com o numero de membros dum determinado colectivo... como acontecia em África do Sul até não há tanto, ou em Bolívia, ou mesmo sendo mulher.

Não, ser minoria tem a ver com esse sentimento de vulnerabilidade, de indefensão que se che mete no peito e che coloca um nó na garganta que até a nena pequena percebe, e te mira, e essa olhada dá-che forças para seguir chamado as cousas polo seu nome... E no

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

comércio dizes que queres umas "luvas" da talha de cinco anos e a da tenda olha-te coma se visse o demo (direi para o céptico da ortografia histórica que a forma na que eu escrevo não afecta a minha pronúncia, nem de "luva" nem de outra cousa, a grafia não afecta à maneira de falar, podia eu é mesmo não saber escrever) tu explicas-lhe que são umas cousas para por nas mãos quando vai frio... ¡ah, guantes, acabaramos!" E a ti pide-che o corpo dizer "pois mete-os no cu" mas os olhos da tua pequena já se pousaram numas luvinhas com o desenho de uma rã, dessas às que lhe bolem os olhos ao mover a mão... "te gustan las de la ranita?"

Tu calas, tragas a "ranita" e calas, tragarias sapos e cobras se for preciso para não fazer pagar à tua nena; como tragava teu pai por ti, menos alguma vez quando, como dizia ele logo ao contá-lo na casa, "já me tinha cheio até os olhos, assim que o agarrei pola gravata e lhe puxei um golpe seco, e ele foi bater com o papo no mostrador, e eu disse-lhe então, entendes-me agora?" Em mais duma ocasião o pai quase se mete em mais duma liorta, daquela ainda vivia o tirano ditador... Mas daquela, apesar de sermos talvez um 90 % dos falantes, éramos minoria, e desta somos também minoria. E crede-me, os que não o sabeis, que não há pior sensação do que sentir-se minoria no pais próprio, ser-se minoria no pais próprio é a forma mais cruel de sentir a pertença a uma minoria. Por isso não é surpresa que alguma gente abandone... Porque não todo o mundo pode ser sempre super-woman ou super-resistente. Nem todos temos as forças, nem é de justiça. Por vezes pergunto-me, que me diriam Castelão e Alexandre Bóveda, os nossos ídolos arrancados de nós... O mesmo que a minha amiga Kim Briscoe, de Baltimore se perguntava que lhe diriam a ela os seus: Martin Luther King e Malcolm X...

COMENTARIOS:

Probe Galicia, non debes chamarte nunca española, qu'e España de ti s' olvida cando eres, ¡ay! tan hermosa.
ROSALIA DE CASTRO (24/05/2006 14:40)

concha guapa aver si te enteras los gallegos somso españoles y no portugueses. Portuguese de galicia iros para Portugal
galicia (22/03/2006 09:51)

Concha, osto máis dos teus apuntamentos de optimismo ca dos agoiros do artigo, mais quizais sexa polo meu voluntarismo feliz e "arcádico"; claro que nunca se riron de min por pedir o pan na tenda, é que na Coruña sodes do que non hai, Celso.
lavesedo (21/03/2006 18:00)

...Algum dia, talvez cercano, os números deixarão de baixar e o processo se reverterá, tenho a certeza de que isso acontecerá. Porque o galego tem mais prestígio do que tinha, sendo agora menos falantes que nos anos 80 por exemplo, eu pessoalmente tenho observado um incremento do respeito linguístico (sem mudar o meu jeito de falar, fora a correcção de castelanismos, e nem de todos) e tenho observado acomodação linguistica ao galego por parte de muitos falantes de castelhano, alguma gente tem-se desculpado comigo por não saber falar em galego, isso antes era impensável. O prestígio da língua é construído por todos e todas no nosso cotio, falando com correcção e respeito pola nossa língua, mostrando que a conhecemos bem, nunca traduzindo-a a outra, etc. Também julgo que os mais novos, embora muitos não falem habitualmente, têm, os mais deles, competência linguistica em galego e não manifestam rejeitamento afectivo pola língua do pais, mas é apenas a minha impressão.
Concha Rousia (21/03/2006 12:09)

Obrigada amigo Tomas, obrigada a todas e todos os que ledes o meu texto, para vós UMAS NOTAS DE OPTIMISMO...
Concha Rousia (21/03/2006 12:08)

Gostei deste teu artigo muito, mais que do outro, é sereno, tem um ritmo constante e mantido e a tese é impecável. Mui bem escrito. Quando a maioria numérica é minoria social e nom tem suporte na acçom do poder pode ser que essa maioria numérica nom se quer, nom se dá a si própria o valimento mínimo da dignidade, e há ser também a evidencia da ausência de democracia radical e real no exercício do poder do nosso sistema político. Creio que este teu descobrimento, ou esta tua formulaçom do eterno pailám, dói-lhe a

muitos dos que fizerom comentários. Nos comentários vejo com certeza que muita gente nom entendeu o que dizes (tam às claras que é transparente, com tanta luz que cega e tam forte e sereno que abouja), e quando nom se entende ou nom se quer entender surge a polémica, por vezes em temas que nada têm de relaçom com a ideia que se expom. Concha é um prazer ler-te e um orgulho conhecer-te.
Tomás (21/03/2006 09:26)

Epa, Vinseiro. Foi falar tu e sair o rato do tobo!... Sim, isto da rede faz que se misturem muitas cousas, desde que as palavras ficam gravadas à letra é mais difícil saber quem diz a verdade, e mais difícil ainda reconhecer um erro ou mudar de opinião. Quanto a Concha: ela já deve estar pensando num novo tema para outro artigo. E tu, Celso?
Isabel Rei (21/03/2006 09:16)

Celso, e a respecto do artigo, se cadra moitos dos que hoxe falan (mos) galego tamén nalgunha altura se riron (nos rimos) dos galegofalantes ou tería que meterse (me) a luva polo cu. E mira ti por onde se no lugar onde vendo barras de pan teño un discurso de minoría e de sentirme marxinal só afondaría en moitos prexuízos: "aí viene la gallega". Agora xa somos galegas (ocasionais). O tacto e as formas son importantes. Eu tamén fico por aquí.
Paz (21/03/2006 09:14)

"Deixainos"? Lusista da merda!!!!
ex-fumata-isolata-que-lata (20/03/2006 23:08)

Quando jâ não ha argumentos, a saía sempre é o insulto.
Vinseiro (20/03/2006 21:40)

sodes uns putos portugueses idevos para o voso pais e deixainos aos galegos en paz
un (20/03/2006 21:13)

sodes uns putos portugueses idevos para o voso pais e deixainos aos galegos en paz
un (20/03/2006 21:12)

Eu coido que o anti-reintegracionismo é mais bem um tema visceral. Não obedece a um acto da inteligencia. Sendo um principiante nestas questiones, a min, a norma reintegrada, presenta-se como mais loxica, coerente, a que maior futuro tem. Por exemplo, Brazil decántase como uma das maiores potencias económicas do mundo nos vindouros anos, por facer uma.
Vinseiro (20/03/2006 20:11)

... (CONT.) De maneira que, muito bem, deixemos os adjectivinhos e os pré-conceitos, que já aborrecem. || Eu fico por cá. Saúde.
Celso (20/03/2006 19:11)

Paz: Sobre as profecias, pergunta aos/às profetas. Sobre a automarginalidade, pergunta àqueles/as que se queiram auto-marginar. Sobre os cantos messiânicos, pergunta aos/às messias. E escutarás muitas vozes e muitas ortografias. E não confundamos críticas, previsões, análises e até advertências sobre a situação sociolinguística (mais ou menos catastrofistas, e mais ou menos fundados) com DESEJOS. Concha Rousia (que é o motivo deste fio) fala do que é SENTIR-SE e SER-SE "minoria" social. Eu entendo o seu sentido, e não por ser "lusista" não: por (por exemplo), pedir uma barra de pão em galego na Corunha e escutar umas mocinhas a rir de mim. Não ser minoria NÃO é uma questão de vontade. De voluntarismo positivo, feliz, arcádico, está o mundo cheio. E de miragens de "normalización", também. Neste barco anda MUITA gente desde há MUITO tempo, Paz: alguns serão "iluminados"; mas, outros, vão mais cegos ca uma toupeira. E aqui o único que vê direito é o Reino de España...
Celso (20/03/2006 19:10)

Celso, diz a verdade: reconhece que falas em galego na intimidade, ho!
ex-fumata-esmolata (20/03/2006 17:08)

Isabel : " dado que há um contubérnio Oficial cujo objetivo é acabar com ela (e connosco, galegos, a um tempo)", con amigos coma ti o reintegracionismo non precisa inimigos. Quen carallo quere acabar cos galegos?, despois vos chaman iluminados,

normal, con frases coma ésta..
ex-reintegrata (20/03/2006 16:20)

e digo eu, Celso, e xa deixamos esquecidas palabras pasadas, se sempre hai as pra matar o tres, por que hai persoas que se senten cómodas na automarxinalidade? Eu no traballo e no contacto coa xente teño que estar á altura das circunstancias, por que non o han de estar persoas que intelectualmente e socialmente están en situacións moito máis importantes e con maior independencia? En conclusión: eu négome á marxinalidade, non me interesan as profecías e non me gustan os cantos mesiánicos porque creo que son bos para os convencidos pero afastan os que non están interesados.
Paz (20/03/2006 14:38)

... (CONT.) Se isto é ser "iluminado", venha o diabo e o veja. É ser cínico, céptico, realista, e é reagir contra o populismo. || PS: Enganas-te quanto ao "brilho" que pareces dar ao ofício universitário com a expressão "TODO un profesor universitario". Neste país, entrar na universidade é um acidente, e não entrar, também. Há "todos" professores universitários que dizem(os) verdadeiras burradas, e há "nadas" trabalhadores doutro tipo que dizem tremendas verdades. Se com a expressão queres criticar o ofício universitário, concordo contigo. Se o que queres criticar é que eu esteja na universidade, também concordo: há pessoas com tão poucos, tantos ou mais méritos do que eu que quereriam estar e não estão. Chama-se capitalismo. Saúde.
Celso (20/03/2006 13:53)

Paz, por alusões: Não lembro em absoluto que palavras exactas disse nesse congresso da AGAL há... quantos anos? Não é a primeira vez que o lembram nestes foros, mas não sei a que vem. Tu tens uma gravação dessa palestra? Por que não me saltaste à chepa quando disse algo assim? Não tiremos as palavras fora de contexto. Esse tipo de alusões ao resto da lusofonia são reacções à glorificação DERROTISTA da Lingua Galega por parte do isolacionismo. Significam que conceber o galego como Lingua isolada do mundo é JOGAR A PERDER, pois, se andamos com glorificações, a Língua Portuguesa Universal continuará a falar-se. E também significam denunciar uma forma de hipocrisia: Por que vão ter medo os intelectuais e professores isolacionistas do desaparecimento da língua do "seu Pobo", se eles vão continuar a utilizá-la e ganhar dinheiro com ela enquanto existam os livros e as palestras? Eu, como privilegiado socialmente, não vou mentir nem mentir-me. Por que (se) mentem eles? ...
Celso (20/03/2006 13:51)

Se os partidários do galego como subnorma do espanhol, manifestaram o mesmo enfado contra os espanhóis e os galegos espanhóis, muito melhor nos iria.
fiz (20/03/2006 13:21)

POR QUE NON PONHEDES EM FORO A NOTICIA DAS CRÍTICAS DE BEIRAS AO BNG?. ISO CHÁMA-SE CENSURA.
un bloqueiro cabreado (20/03/2006 12:56)

Paz, as cousas não se podem dizer assim fora do seu contexto. Sem dúvida esse professor universitário passou-se toda a palestra a defender a língua da Galiza. O que se quer dizer com isso, desde o reintegracionismo, é que a nossa língua NÃO É SÓ NOSSA, e que, dado que há um contubérnio Oficial cujo objetivo é acabar com ela (e connosco, galegos, a um tempo), caso de chegar-se a cumprir esse extremo, a nossa língua seguiria viva noutras partes do mundo. Ora, isso não impede que nós lutemos por nós mesmos, com os nossos direitos a existir como somos socialmente e culturalmente.
Isabel Rei (20/03/2006 09:07)

Celso, por alusions, quando falo de "iluminados", nom me estou a referi a nenhum tipo de grafia, nem de conceiçom da língua, estou-me a referir à ideia que se trasluz da ideia de "sentir-se minoria", se calhar é assi, mas nom acho que seja o caminho mais útil. E despois de anos nos movementos de defensa da lingua, pero con traballos noutros ámbitos, que iso dá moita perspectiva, fun chegando á conclusión de que hai xente e movementos que se senten cómodos, que adoran a sensación de minoría, de marxinalidade, de incomprendidos pola sociedade. Celso, e isto si é directo e persoal, que pode esperar unha persoa cando escoita a

todo un profesor universitario da Coruña dicir nun congreso da AGAL en Vigo que a el non lle importa que o galego desapareza porque se seguiría a falar en Brasil. Mas se calhar sou eu a iluminada, já nom o sei.
Paz (20/03/2006 08:53)

Sentir-se, saber-se e ser-se minoria. É o título do artigo que comentamos. Pode-se sentir um em minoria (sentir-se fraco, vulnerável) sabendo-se minoria (numérica) ou não sabendo-se. Podemos ter mais ou menos conciência do nosso número, mas só somos verdadeiramente minoria (fracos e vulneráveis) quando nos sentimos assim e vemos o mundo e a nós mesmos desde a essa fraqueza e vulnerabilidade.
Isabel Rei (19/03/2006 19:34)

e logo nom se pode fazer as cousas em castelhano como fam os da RAG e ILG e deixar o galego para a simbologia ritual. Somos espanhóis já que logo. Os do BNG no governo sobre isso nom chiam dam a conformidade co silêncio e todos som daminha escola de qualidade linguística
tourinho (19/03/2006 18:06)

Eu son fillo de galegos nacido en Barcelona.É a verdade:sintome do mesmo xeito que a nosa amiga Concha. Sinto máis falar o galega en BCN que cando me movo por algunha cidade galega ou vila grande. Eu falo galego cos meus pais e a miña familia que vive aqui en BCN. Sei ler en galego reintegrado e tamén o da RAG-ILG. Vou a un curso na universidade de Lingua Galega na mormativa "oficialista". A verdade cando vou de vacacións,fóra da miña bisbarra(A comarca dos Ancares)teño verdadeiros problemas para poder manter unha conversa en galego. Eu aínda deste xeito mantéñome na miña lingua,o galego. A sorpresa chaga cando dis que eres catalán. Mando carallo,o mundo ao revés!! Tamén teño que dicir que mitificas un chisco o do multiculturalismo na nosa cidade,Barcelona.
Mirixo (19/03/2006 15:45)

Pois é Isabel, democraticamente estamos fodidos, cal é a tua proposta?, será democrática, ou iso da democracia é pouca cousa para ti?
Ex-reintegrata (19/03/2006 11:40)

A respeito do que colocou Luiz: dou no cravo e até soou afinado! É muito curioso como «sentir-se minoria» tem a ver com o poder que se possui sobre as outras pessoas. Isso liga-se diretamente com a ideia de "minoria" e "maioria" que nos explica a Teoria Democrática: a "maioria" seriam aqueles que têm o poder da sua mão (e agora acrescentaria-se: sejam ou não maioria numérica) e a "minoria", aqueles que se têm que f... Curiosa relação se temos em conta que os que nos f... somos sempre os mesmos (democraticamente, isso sim).
Isabel Rei (19/03/2006 11:27)

Paulo: acho que não percebeste. Quando usas o termo que sabes que a outra pessoa vai conhecer ("guantes") estás a efetivar a comunicação através desse termo. É simples: não conheces "luvas"? digo-te "guantes", tu ficas a saber, eu consigo o que quero e poupo esforços ao tempo que fico mais tranquilo. Isso que dizes de «descrever» o termo não é mais que retórica que colocas em lugar errado, pois o que dizes é fazer mais bem uma TRADUÇÃO, nesse sentido a DESCRIÇÃO é a que faz Concha, ou não? Abraço.
Isabel Rei (19/03/2006 11:21)

Cara Concha hai gente que nom entende que nom se sentir minoria e estar nas ondas do poder. Os británicos na India nunca passarom do 0.3 per cento e nunca estiverom minorizados ali todo o contrário Galiza povo capado com elites analfabetas que arremedam os modelosespanhóis nom tem muita saída essa é a realidade se nom mudamos as elites
luiz (19/03/2006 10:59)

Cara Concha hai gente que nom entende que nom se sentir minoria e estar nas ondas do poder. Os británicos na India nunca passarom do 0.3 per cento e nunca estiverom minorizados ali todo o contrário Galiza povo capado com elites analfabetas que arremedam os modelosespanhóis nom tem muita saída essa é a realidade se nom mudamos as elites
luiz (19/03/2006 10:59)

Eu nom gostei do artigo, nem da forma nem da mensagem. E concordo com Paulo, essa actitude de nom traduzir um término, nom vaia ser que nos corrompa ao castelhano, parece-me umha marcianada.
Castelao Martin Luther King e 3 santos mais (18/03/2006 23:07)

Tenho entendido que o nosso Alexander Bóveda sempre ou case sempre falava em galego fora quen fora o seu interlocutor. Se lhe falavan em castelhano, contestáva em galego. Eu intentar-ei seguir o seu firme e inquebrantavel compromisso com a nossa lingua.
Vinseiro (18/03/2006 21:19)

Cocncha: eu non sinto que sexamos minoría. Nin numericamente, nin de ningún outro xeito. É que me resisto a idea de me sentir estranxeiro na miña terra...
lavesedo (18/03/2006 20:55)

parabens Concha, Instrues deleitando.
um (18/03/2006 19:46)

Experiência própria: Quando eu vou com o meu filho poa ai falando galego os dous, as pessoas que se dirigem a ele fam-no sempre em castelhano. Se ele contesta em galego, essas pesoas quase sempre seguem com o castelhano, ainda que sejam galego-falantes. Esta-se a dar por sentado que a língua dos nenos tem de ser castelhano. Logo não creio que seja simplesmente polo efeito dos meios de comunicacão. Penso que é algo psico-social, mas eu não som psico-socio-lingüista. Antóm Reixa cantava algo assim: "Galicia ten o tangaranho, ten um bicho dentro que se chama tangaraño. Unha rolda de velhas, debaixo dun carvallo, dia de vento matarán o tangaraño"
Placidinho (18/03/2006 19:18)

Isabel, talvez não me expliquei bem. Se a pessoa com quem falo não entende a palavra galega, não começo a usar "guantes" em vez de luvas, senão que utilizo, por pragmatismo, a palavra castelhana como descritor da galega. Uma vez que o interlocutor sabe o que significa "luvas" sigo a empregar o termo galego. O que acho um pouco lunático é evitar usar o termo espanhol para explicar o que são as luvas. Um abraço.
paulo (18/03/2006 18:51)

Home, Celso, cada vez estou máis convencido de que as cousas semellan segundo quen as mire, pois a túa impresión sobre os comentarios dos artigos publicados nunha norma reintegracionista é oposta totalmente á miña. Pra ti hai ataques "deliberados" aos artigos redixidos nesa norma, eu acho que os comentarios "reintegratas" só aparecen neses artigos, e ás máis das apoiando a propia norma, non o contido...non sei. E non creo que o comentario de Paz quixese aludir os "utentes" de norma AGAL en xeral, pero iso debería aclaralo ela.
lavesedo (18/03/2006 18:33)

Concha: parabéns polo teu artigo. Non son galego nin vivo en Galiza, pero coñezo ben a lingua e a situación sociolingüística que vivedes aí. Como falante non nativo (coido que o de neofalnte non se aplica, xa que non vivo alí) teño sentido moitas veces a sensación case de ridículo por insistir en usar o galego en Galiza. Mesmo en contextos en que é aceptado que un "estranxeiro" fale en galego e, despois de moitos esforzos para facer vogais abertas e fechadas, encontro que esperan que fale como na TVG, con acento de Valladolid, que é o meu acento en castelán e adoro cando falo nesta lingua. Parabéns de novo: o teu artigo reflicte unha realidade que calquera que vexa Galiza desde fóra , coma min, é innegábel e moi frustrante.
estranxeiro (18/03/2006 16:50)

Sou galegofalante, meus filhos falam galego. Tenho viajado a Catalunha várias vezes nos últimos anos, e várias vezes por ano a Galiza. Sinto que é mais frequente escutar galego em Barcelona que na Corunha. Concordo 100% com Concha e meu filho maior começa a perceber. Para mim começa a ser algo masoquista estar na Galiza. Qué fazer?
Placidinho (18/03/2006 15:58)

Lavesedo, infelizmente as "definições ferintes e provocativas" sobre o reintegracionismo/lusismo começaram já no primeiro comentário

de Paz: "iluminados" etc. Praticamente cada vez que uma pessoa reintegracionista publica algo em Vieiros acontece igual. Chove sobre molhado. E isto estabelece o tom do foro. De facto, parece uma táctica deliberada. Enfim. De resto, é lógico que a gente que conhece Concha e gostou do artigo o comente aqui. Saúde.
Celso (18/03/2006 01:50)

sempre ocorre o mesmo cando un artigo está en galego reintegrado o debate deriva nunha cuestión simple: quen a ten máis longa o ILGa-RAGa ou o AGAL. En xeral cando un artigo está en galego oficialista, entón hai comentarios sobre o fondo non sobre a forma. Que cada quen escreba como queira, mas que o faga en galego e así iremos construindo algo, senón seremos minoría para sempre.
rula (18/03/2006 00:21)

Lavesedo, nessa minoria na que eu falo também estas tu, tu e todos os que sofremos vendo como a nossa língua não ergue a voar livremente, independentemente do que "pensemos" sobre a ortografia, esse traje com o que vestimos as nossas palavras, mas as nossas palavras, as tuas e as minhas, sou as mesmas. Gosto muito dos vossos comentários. Obrigada Mario, Tim, Iaguinho, Cirano, Jacobinho, xavi, vinseiro, paulo gamalho, Alberte..., e a todos e todas.
Concha (17/03/2006 21:26)

Moito obrigado Celso, dígocho con sinceridade, pola aclaración que fas. Acho que as aulas na universidade, onde coido que che podo ubicar, permiten explicar os conceptos lingüísticos cunha claridade que as aulas nunha autoescola non proporcionan. Agora ben, non foi unha tentativa de insulto, senón unha definición ferinte e provocativa a que inserín no meu comentario anterior. Semellábame curiosa a cantidade de apoios "corporativos", incluso cun ar vitimista que recibe o artigo polo feito, e saliento de volta que é unha opinión, de estar redixido segundo unha norma lusista. Máis nada, todo iso de "a luta continúa" ou "a minoría", -que seica é a única que quere e defende o galego fronte os pailáns alienados da norma RAG-ILG-, dáme certo noxo, non o podo evitar.
lavesedo (17/03/2006 20:37)

Gustoume o artigo. É complicado competir cunha lingua coma o castelán.É preciso moita máis mentalidade que en Galiza non existe. O galego normalmente fala galego por que lle é materno, como se lle ensinan francés. O q fai falla é máis xente q se de de conta da situación e troque, de o paso do castelán o galego, eso é o q para min ten mérito. Da administración xa non falo pq da a risa.Debería ser obrigatorio o Portugues na escola, é increible.Tamén Frances,Ingles,Alemán ou Italiano a escoller...ou entre Catalán e Vasco. Como se pode desprezar algo tan importante como un idioma propio. A xente que está no estranxeiro coma min seguro q se decata da riqueza dunha lingua.É unha mágoa
Xavi (17/03/2006 20:24)

Concha : é um grande pracer lerte e um motivo constante e continuo para manter viva a nossa incesante e renovada luita.
vinseiro (17/03/2006 20:14)

Por certo, Concha, un prazer poder discutirmos neste foro sobre os teus artigos dun xeito tan cordial como cos teus comentarios. Non estarei dacordo, pero é de agradecermos que dun xeito así haxa dialogo e compresión. Non fondo coido que é o único xeito de non ser minoría da minoría como as veces nos acontece a unha parte e outra dos galegofalantes, teima que debería desaparecer. Grazas!
eu (17/03/2006 19:52)

Concha: non dixen que respetases a esas nais por ser reintegracionistas. o que quixen dicir foi que se o respecto que ese seu galego "non reintegrado" de Barcelona te dá, non é moitas veces aplicábel por parte de algúns reintegracionistas aos usuarios da nova Ilg-Rag. Ben sei que tamén acontece á inversa, pero non me vale o conto de fóra da Galiza é galego, na Galiza é galego-portugués... Alén diso, agás Celso, de falares de reintegracionismo, por que non empregades o portugués padrón no canto doutra normativa, allea ao padrón como é a de AGAL???
eu (17/03/2006 19:50)

É difícil não "confundir" a expressão de "lusófilos lambecús" utilizada por lavesedo com uma gratuíta tentativa de insulto. O que

esta pessoa sim que confunde é o facto de gostar de um artigo (gostar de algo é subjectivo) com gostar de um "ã" por ser um "ã". Enfim, será que lavesedo aplica os seus próprios critérios estéticos à inversa. Contudo, apesar da linguagem de lavesedo, o que procura dizer sobre a diglossia na Galiza não está descaminhado: o galego manteve-se precisamente por uma estrita especialização sócio-funcional das línguas. Se a noção "diglossia" é aplicável ou não (sobretudo na altura), é uma outra questão, muito debatível e debatida. Sobre a diglossia têm escrito e falado Mário J. Herrero Valeiro, António Gil Hernández, Mauro Fernández, e eu próprio, entre outras pessoas. Sim, estaria bem entender os sentidos técnicos de "diglossia", que nem sempre são os mesmos para tod@s. "Diglossia" e "dominação sociolinguística" não são sinónimos.
Celso (17/03/2006 18:27)

hay que recoñocer unha cousa, lo que me fode dos lusistas, é que non hay que ser muy listo para darse conta da superior calidade e coidado do voso galego. Pero non vos dados conta que ós demais vaino-la acracia de escribir como nos pete, e non queremos aprender. Si os dixixentes faino mal e son iñorantes, porque imos as base-la teñer que facer ben as cousas. A min xa me chega co cabreo que collo coa sabiduria e bo facer lusista, sode-la mia mala conciencia e a de outros e eu vibo feliz sin conciencia. A Concha esta consigue que leamo-los seus textos ata os que odiamos o lusismo
uno (17/03/2006 18:13)

concordo con morgan e paz totalmente. O que non entendo, e que algún "utente" dese galego puro de deterioros, diglosias e outras andrómenas mo explique, é porque hai tanto problema en dicir "guantes" no canto de "luvas", (a autora do texto chega a dicir que lle dan ganas de llos/llas meter polo cú a unha dependenta), se é unha palabra que xa aparece nos textos galegos do século XIX e por outro lado non temos reparo en escribir e dicir CD, DVD, córner, fútbol, pleisteisón, ionki ou "pequeno-almoço"?? non o entendo.
un do viso (17/03/2006 18:05)

e terceira, -desculpádeme o longo da alínea-, preguntádesme polas razóns do esmorecemento do galego? se as soubese, compañeiros...!!! pero eu apuntaría a influencia dos medios de comunicación como decisiva. Fíxolle máis dano, ao meu entender, a tele españoleira ao galego en 30 anos ca 300 anos de diglosia. Senón, analizade datos de perda de falantes entre 1975-2005 e comparádeos coa evolución dos séculos de diglosia "feroz". Hoxendía, moitos pais educan en galego aos fillos e non dan feito; hai 50 anos, acontecía ao contrario.
lavesedo (17/03/2006 17:52)

Para Suso e Ein??: un par de aclaracións, máis nada; primeiro, teño que vos dicir que a situación de diglosia non destrúe, -si deturpa e na miña opinión especialmente nos niveis máis cultos-, a lingua minorizada. E caso máis claro có do galego, situado en posición minorizada durante 600 anos-, non sei se haberá. Segundo, eu nunca dixen que a diglosia fose boa para o galego, non sei de onde sacades iso, só quixen salientar que existe dende hai moito tempo e non "destruíu" o galego.
lavesedo (17/03/2006 17:26)

Paulo: permite-me um comentário ao teu comentário. Mudar a "guantes" é mais prático, mas efetiva a comunicação com a palavra castelhana, entanto deixa à galega inútil. A explicação do que são umas "luvas" tem sentido desde que sabemos que a outra pessoa vai ficar sabendo isso. Se a outra pessoa leva mal essa pequena "aula" é cousa sua. Sem querer ir rachando por aí, não acho que devamos procurar uma imagem "terrestre", os galegofalantes. Sobretudo porque essa imagem seria ainda mais "terrestre" (=aceite) se deixássemos de ser galegofalantes e nos passássemos ao castelhano. Aliás, se, como dizes, os que sempre falam em castelhano conhecem o termo "luvas", por que deixar de usá-lo e passar a "guantes"? Usemos sempre "luvas" e se não somos percebidos expliquemos cordialmente o que são as luvas àquelas pessoas (poucas) que não o conheçam: elas estarão aprendendo e nós estaremos ensinando. Os galegos temos mais consciência da que parece da variabilidade do nosso idioma.
Isabel Rei (17/03/2006 17:07)

Artigo bem escrito. Concordo com o conceito de minoria esboçado pola autora. No entanto, eu não sigo a praxis de nunca utilizar o termo espanhol. Se numa loja digo luvas e não se me entende, utilizo a seguir o termo "guantes" para assim evitar ter que explicar o que são as luvas. Desde o meu ponto de vista, não ajudo demasiado ao galego e à imagem dos galegofalantes se sou visto como um marciano. Neste país de paradoxos, a maioria dos galego-falantes não conhece o termo "luvas" enquanto que os que falam sempre castelhano sim o conhecem. E todos sabemos porquê.
paulo gamalho (17/03/2006 16:44)

Bom artigo, Concha, gostei muito mais que do primeiro. E muito bem escrito. Saúde.
Mário (17/03/2006 15:06)

Morei um tempo em Barcelona. Tudo o que se diga de multiculturalismo nessa cidade é falso. Os galegos emigrarom no seu momento para desempenhar os oficios baixos, e a imagem do galego submisso e calado ("trabalhador" diria o empressário) persiste no imaginário dos catalans. Hoje esse sítio que antes ocupavam galegos, andaluces e murcíans ocúpano magrebíes, paquistaníes, chineses e ecuatorianos. Barcelona vende-se como verdadeira e quase unica cidade europeia do estado, e nisso podo concordar se entendemos europeia como mais desenvolvida no sistema do capitalismo feroz. Por certo, hoje segue emigrando a mocidade galega a Barcelona, alimentando umha nova forma de exploraçom menos vissível, artelhada sobre as ett's e o emprego precário. Convencerom-nos de que somos felices se nos pagam a final de mes.
morgan (17/03/2006 12:33)

Nestes canais de comunicación as cousas pódense malinterpretar, porque a interconexión non é directa. Sinto se o meu ton non foi o axeitado.Só quero dicir que nunha situación tan complicada e complexa como a nosa as formas son importantísimas e se tendemos á belixerancia e ao enfrontamento directo só facemos que o que está en situación de poder (o castelán) se sinta lexitimado. E repara jacobinho que eu digo luvas en urzaiz a un castelán falante e enténdeme, contestándome en perfecto castelán, e digo guantes en lavadores e quen me atende fálame en galego. Ampliar espazos e falantes para o galego é difícil e se imos de iluminados, apestados ou marxinais aínda peor, dígocho eu que traballo de cara ao público no sector servizos en Vigo.
Paz (17/03/2006 12:32)

Gostei muitíssimo dos dous últimos comentários: a sinceridade e limpeza de vistas de Cirano é exemplar: embora se reconheça utente da norma RAG-ILG (que não "oficial", não) não tem nenhum problema em perceber e mesmo compartilhar aquilo que Concha quis expressar no seu artigo. E a intervenção de Jacobinho, plenamente reintegracionista, concordando com Cirano demonstra que o artigo de Concha descreve uma situação que pode ser percebida por qualquer galego, independentemente da norma que usar para escrever, sempre que esse galego seja consequente com ele mesmo. O resto são disputas de baiuca...
Isabel Rei (17/03/2006 12:29)

Concordo com cirano quem não se sinte assim, é porque quando chega à loja diz guantes e pronto. É obvio que somos minoria
jacobinho (17/03/2006 12:09)

Eu uso a norma oficial, e sentinme retratado no artigo de Concha, despois de todo, compartimos o mesmo... como dicir inimigo sen ofender aos correctos? a mesma situación, aínda que ás veces perdamos máis forza combatindo entre nós en plan vida de brian, que contra a situación que tan ben describe Concha.
cirano (17/03/2006 11:54)

Só uma aclaração por afectar a terceiras pessoas: Um tal “eu” diz que eu respeito às mães de Barcelona porque são elas reintegracionistas... Devo dizer que isso não é certo, nem eles o são nem eu quis dar essa impressão. Olhai como escrevi os seus nome: Uxia (e não Ugia) Fran (e não Fram) etc. Não, essas mães nem ouvirom nunca falar de reintegracionismo, nem escrevem na nossa língua tampouco, quando ainda se levava o de escrever cartas faziam-no em castelhano. Quanto aos pequenos escrevem em catalão, e também em castelhano, e lêem o galego dos

Bolechas dos que tanto gostam, temos que lhe dizer a Pepe Carreiro que aceite a encomenda de escrever “Os Bolechas van a Barcelona” que faria a muitos miúdos felizes. Entre todos os meus irmãos e irmãs só há um reintegracionista, ele é obreiro da construção lá em Navarra... e como ele diz: quando me encontrei com os português, e eles comigo, nas obras, demo-nos conta que a nossa língua era a mesma... ele deu-se conta muito antes do que eu. (e II)
Concha Rousia (17/03/2006 11:40)

Quero agradecer as leituras do meu artigo. Concordar ou não com o que nele se expressa é assunto de cada leitor e leitora, os vossos comentários falam por vós, assim como o meu artigo fala por mim. Vou colher prestadas umas palavras de Kiko Cadaval quando diz: O autor fala pola sua obra... é eu já falei por essa minha minúscula obra... Para os que tanto parece molestar só tenho uma cousa a dizer: olhai bem o que mexeu em vós, eu não invento a realidade eu apenas vós conto a minha experiência, e nem sequer peço que a partilheis, embora goste de que alguns assim o façais, e agradeço: Celso, Suso, Manel, Eunaviego, Isabel Rei, Laura, Alexandre Banhos, AGIL, Mari, Alexandre, Mira Markitos, Belem, Olalha, Rafa, Amerginh do Sul, Mark Hittos, e decerto a alguém mais que se me esquecerá... (I)
Concha Rousia (17/03/2006 11:40)

Lavesedo, isso de que a diglossia não destrói a língua minorizada di-lo realmente em sério? Mimadrinha!!! O que há que ouvir/ler por não ser xordo/cego!!! Ou seja que, segundo ti, a diglossia é uma situação beneficiosa para o galego. Manda truco!
Ein??? (17/03/2006 11:10)

Lavesedo: Interessante. Então, se não é a diglósia (isto é, a inferioridade á que é submetida uma língua num território onde há duas, e a percepção de inferioridade por parte dos utentes, e os conseguintes 1) deterioro léxico, fonético, morfológico e ortográfico da língua por não ser uma lingua normalizada e 2) progressivo abandono da língua por ser percebida como inferior e inútil....quais são as causas do esmorecimento da nossa língua? Suso
suso (17/03/2006 11:09)

Hai que ficar abraiado con algún argumento que poñedes, ehh!!, por exemplo: "A disglosia pervirte e destoi a lingua minorizada (neste caso, o galego), assim que ti me diras..."; mira Armeginh do Sul, grande analista dende o Al-Andalus, coido que non te molestará que empregue o nome histórico e non o que lle puxemos/puxeron os invasores cristiáns, dende cando a diglosia destrúe a lingua minorizada?? pensade un chisco, por favor. Ou lede. A diglosia, por moi mala que sexa, permitiu a non desaparición do galego en 500 anos de opresión e ocupación española. Son outras as causas do esmorecemento da nosa lingua.
lavesedo (17/03/2006 10:20)

Lamentabeis alguns dos vossos comentarios... Especialmente: PAz, pensando como pensas, mal acabaremos. A disglosia pervirte e destoi a lingua minorizada (neste caso, o galego), assim que ti me diras... deijámola morir? 1. desconhecer que o galego esta em CLARO retrocesso é o primeiro sintoma de nom se vai dar conta de sua crise. Vo-lo diz alguém que tem uma perspectiva desde fora de Galiza 2. Faz mal uns anos, ao falar em castelhano, escapavam-se palavras em galego, isso JÁ NOM passa. Porquê? 3. As estruturas e o vocabulário mais especifico do galego vom desaparecendo, e se impoem as castelanizadas 4. Somos uma minoria, vejamo-lo ou nom 5. Ser minoria nom implica que nos botemos a chorar e punto, mas negá-lo também nom ajuda. Há que lutar (nom creio que o artigo vaia na linha que alguns leitores sugerem...)
Amerginh do Sul (17/03/2006 09:55)

Sentir-se minoria... nom é nenhuma novidade. Vivo nada menos que ao sul do sul, Andaluzia, e as vezes tenho a impressom de que escuto mais galego na minha casa e no meu meio "andaluz" que quando vou a Santiago, minha terra natal, ou, como nom, quando ponho a TVG e escuto esse galego descafeinato com fonética de ValladoliD. Ainda bem que nos fica a aldeia... ou ficava, porque também ali desaparece a minoria... assim que me tenho que lembrar necessariamente de outra frase... ainda bem, que nos fica Portugal.
Amerginh do Sul (17/03/2006 09:43)

como xudeus (suponho que na Polonia Nazi) como perseguidos, como marxinados, que non teñen a vontade, non poñen o traballo para que as cousas muden, é máis divertido a estética da marxinalidade, ata que teñen que traballar e aí si que non din nin mu (aínda que teñan a oportunidade) para que as cousas muden de verdade e escriben e falan en castelán antes de falar en galego, que iso é de parolos. E inda por riba presentan Catalunya, País Vasco, Guiné-Bissau como paraísos... Ben podían seguir o exemplo dos Mau-mau quenianos que lles cortaban a cabeza a todos os que cobraban do estado inglés (mensaxe para os revolucionarios-funcionarios e aspirantes). A diglosia e o autoodio de sempre.
Paz (17/03/2006 09:03)

Concha, experimentei a túa medicina. Carrefour de Vigo, 20 horas, dígolle a unha companheira que fale en galego comigo, iso provoca unha tensión que acaba por me dicir que de galego na súa vida. Foi unha situación tensa na que ela xa non me dirixirá máis a palabra. Non creo que ese sexa o camiño, equivoquei por aplicar o conto de Concha. AS PERSOAS QUE FALAN CASTELÁN NON SON INIMIGOS DE NADA. Se houber as condicións tamén falarían galego, e moitos dos que falan galego nas cidades tamén falaron e falan castelán e non é un problema. En canto ao de Barcelona, Concha debería ter comprado algún libro en catalán como Sense pels a la llengua ou dolor de llengua, iso para os que sempre nos din da leira, claro é que aquí con escribir castelhano, dicir almoço cando é xantar e deck para o que coñecemos como peirao xa es un interplanetario. Por certo eu tampouco sabía o que era "esquema" ou "broche" ata que mo explicaron e asunto resolto. No fondo hai xente que se sente tan ben como minoría, com
Paz (17/03/2006 08:54)

ao te ler sentin o vacio angurioso que as veces sento arrdeado de actividade para a nosa anulación como povo.
rafa (17/03/2006 08:25)

parabens polo artigo.Sendo asturiana, e co racismo anti-galego que se predica nas Astúrias que me vas a mim dizer de minorias. Hai esse sentimento doroso que ha que combater para erguermo-nos do chao e seguirmos luitando parabens
Olalha (16/03/2006 23:52)

parabens polo artigo e bicos
mari xinzo (16/03/2006 21:46)

parabéns polo artigo
Belém (16/03/2006 20:54)

Falas de moitas cousas, e están misturadas. Falas dunha grande cidade; que é cosmopolita. Sempre tivo moito orgullo de seu. Falas de . Si o galego fálao bastante xente é porque a cada parécese máis ao castelán. Non por outra cousa. Si cada vez fálase menos o galego é porque síguese identificando cos labregos e xente, en xeneral, non dada aos cambios. O 70% dos votantes do PP falan galego. O 40% dos votantes do BNG falan galego e o 30% dos do PSOE falan galego. Así as cousas é o que hai. Incluso diríache máis, unha porcentaxe importante dos votantes do BNG máis do PSOE están en Galiza están en contra do tripartito de Catalunya. Digo votantes, non afiliados. É o que hai. Unha aperta
Alberte Abrante (16/03/2006 20:34)

Pensaba que o reintegracionismo era movemento de forza, un motor de renovación. Se tamén vos botades a chorar, apagha e vámonos. O artigo, especialmente no relativo ao estilo, paréceme pouco afortunado. Demagoxía barata e sentimentaloide. Porén, poñédelo como se fora a hostia en verso. Como non o fagades mellor a min non me convencedes, e ao resto da 'minoria' seguro que tampouco. Realmente non sei cal é o interés deste artigo. O que fan falla son solucións reais, porse a pensar e argumentar os cambios necesarios. Non botarse a chorar: probiña a miña linghua que ninghen a quer xa... ai, pobriña... XA CANSA.
David (16/03/2006 20:28)

E perdón polo teimudo, mais unha relectura do artigo faime albiscar esa mesma autoxenreira no fondo da argumentación de quen o escribe. "Todo é bon en Catalunya, todo é unha merda eiquí", é a idea que semella andar por aí mergulladiña. Non tal.
lavesedo (16/03/2006 20:18)

Mimá! dá medo a corte de lusófilos lambecús que anda ceiba na rede. E sinto non pedir perdón polas formas, porque o galego que eu falo, -imaxino que como di Concha no artigo eles falan o mesmo, aínda que cada vez o dubido máis escoitando os couces que lle dan a nosa fonética e a nosa morfoloxía estes novos agromos de autoxenreira-, está feito desas e non doutras palabras. Polo demais, teño sido obxecto de burla por lle querer mercar unha minisaia á miña irmá e pedila así, polo seu nome ou por teimar no zume de pexegos no bar ou nas beiravías cando dou aulas na escola. Aí concordo con Concha, o que non acepto é o de sermos minoría en Galiza. (Por certo, por se algún malinterpreta a alusión á lusofilia, só quere salientar que para algúns o feito de pór hoje ou falavam nun texto xa abonda para o cualificar de extraordinario)
lavesedo (16/03/2006 20:07)

Por certo, se ese taxista e esas nais de barcelona non fosen reintegracionistas coma vos, serian dignos de mención? Ou pasarían ser todo o que son o resto dos illacionistas? Somo minoría, e a salvación seguramente aínda máis minoritaria. Perdoade, sonvos tarouco, pero non vos acabo de entender o aquel do artigo. Eu só digo que me nego a ser minoría no meu propio país! E loito por iso, non por dividir!
eu (16/03/2006 19:24)

Sentirmos minoría no noso propio país é o primeiro chanzo para perder o noso país. Sentirmos minoría... Eu quero solucións, non prosa Obviamente, algúns de vós tanto vos ten. A vosa patria é a entelequia lusofonía que vos creastes. Para outros a nosa patria é Galiza... e é única!
eu (16/03/2006 19:12)

Parabéns po-lo artigo Concha. Som um rapaz de vinte anos que estuda em Compostela e esse sentimento de minoría percórreme tódo-los días, em ocasións produzme inquedanza e frustraçom, mas a frustraçom enténdoa possitivamente, isto é, ganas de luitar po-lo que creio, frustraçom que me fai sentir vivo....Perdoade pola minha escrita, seguramente haberá uns quantos erros...Un intentao....Saúdos!
alexandre (16/03/2006 18:04)

Pois se esta é a nova fornada de opinadores de Vieiros... Não se importem, em Portugal são maioria!
Poz zim (16/03/2006 17:57)

parabens polo artigo. Como todos os teus magnífico. Como sobe o nivelinho de Vieiros com assinaturas como a tua fantástico Tim
O Tim (16/03/2006 17:51)

Mark Hittos: 1.- (Quase) Todos os galegos albergam no sei seio um "Paco Vazquez (a esse puto Paco Vazquez...)", mas com um sotaque galego que "fede". Se o Paco e os galegos tivessem consciência desse sotaque, exerceriam de galegos com toda a dignidade do mundo. 2.- "A culpa nom é do tirano, ele cumpre o seu papel, a culpa é só dos galegos e galegas." Sim, mas culpa compartilhada: Os galegos acham-se em melhores circunstâncias que os palestinianos, mas estes resistem muito mais e melhor o seu tirano.
AGIL (16/03/2006 17:33)

Antes de mais nada, parabéns pelo artigo. Sensível, racionalmente sensível. Quem disse que é sentimental? Ignora decerto o que é o sentimento, a sensibilidade e a racionalidade. (Melhor que "tragar" eu diria "engolir" ou mesmo "enviar", no sentido coloquial dalumas partes da Galiza.) Mark Hittos: Um pouco de optimismo!!! ("...nom hai problema por sermos minoría pois isto ainda ha ir a pior e ja nom seremos nada...").
AGIL (16/03/2006 17:28)

Como se pode dicir "A culpa e' so dos galegos e galegas"? Culpando as vitimas? Perdoanos por non sermos tan iluminados coma ti rapaz.... Parabens polo relato Concha
Mira Markitos (16/03/2006 17:15)

Gratas leituras as da Concha. Obrigado pola vissom crítica tam boamente conservada. E expressada!
Iaguinho (16/03/2006 17:03)

A quem te referes co do tirano? A Aznar, a Paco Vazquez (a esse

puto Paco Vazquez que quase tosos os galegos levamos dentro). Mas nom hai problema por sermos minoría pois isto ainda ha ir a pior e ja nom seremos nada. E ficaremos sos, sem mar, sem barco, nós (Tu, eu e quatro máis)..., e a nossa lingua que ja nom será a nossa florescerá em Valhecas... A culpa nom é do tirano, ele cumpre o seu papel, a culpa é só dos galegos e galegas. Parabéns polos artigos, dá gosto lelos embora nom se estê de acordo em tudo.
Mark Hittos (16/03/2006 16:01)

Leva a literatura nas veas. Apresentas os factos como simples e dum jeito magnífico, quando nom o som Da-nos mais textos mais cousas, pois muito se aprende consigo
alexandre banhos (16/03/2006 15:23)

Gostei, tu de novo Concha que feliz som como atinas no jeito das cousas. Ainda havemos de ir algures de Penacova (na que nom te sentes minoria, só resto serório caminho da terra) a Montealegre juntas e passando pola Rousia ou Chao de Lamas descobrirmos que nos somos duas mulheres mais algo parrulas, mas que isso nom era assim, que somos umas cisnes (qual o fiminino de Cisnes?) meu Deus Um abraço Laura
Laura (16/03/2006 15:11)

Sensível e inteligente: uma galega vai fora da Galiza, volta e aprende isso. Outras, como Paz, parece que nunca saíram da sua leira. Uma ensina o que aprende com carinho e correção idiomática. Outras, pedem desculpas inúteis pela sua torpeza modal (da formal estão plenamente convencidas: carregadas de razão, que pesa um cacho...). Uma presenteia às leitoras e leitores com um doce parágrafo da sua vida. Outras escrevinham, discordes e desacordes, as notas fora do pentagrama... Enfim, Concha, que muito obrigada e muito ânimo para continuar.
Isabel Rei (16/03/2006 14:38)

Parabéns, Concha, muito bem escrito. Gostei muito do estilo e do tom geral -- excepto, com licença, as menções aos "nossos ídolos": não che sou religioso ;-) . De certas pessoas nunca esperes comentários positivos, nem sequer o seu silêncio. São as mesmas que encheriam o foro de parabéns se o artigo estivesse escrito com outras letras ou assinado polo seu Líder favorito. Só sabem atacar. E concordo com o teu argumento: ser minoria social não é uma questão de números. Retrucar que somos muit@s não serve: também eram muitíssimos os judeus esperando os comboios da morte, contra quatro soldados, e a sua submissão forçada é historicamente proverbial. Saúde! -celso
Celso (16/03/2006 13:49)

O que sobre é Manuel Fraga e a quenda da Santa Companha: Rajjjoy, e demais concubinas, para sermos de Naçòm a Estado livre e soberano.
Eonaviego (16/03/2006 13:40)

Parabens polo artigo!
Manel (16/03/2006 13:33)

Fermossisimo artigo. Como nos ensinou Platão, a maldade, a ignorância, e a fealdade, são a mesma cousa. Se se desterrar o feismo da Galiza (feismo paisagístico, feismo político, feismo linguistico, feismo mini-mental...) a beleza que o vier a substituir será também justiça e bem. Parabens, Rousia, a luta continua...!!! Suso
suso (16/03/2006 13:22)

Tampouco hai que ser hipercríticos. Ten un toque cosmopolitoso un pouco prosma... vale. Mais esa sensación de minoría forzada eu téñoa e gostoume lelo. O clima oficial está coidadosamente elaborado para que nos sintamos así, e non está de máis expresalo e botalo fóra. E é certo que é o mecanismo que leva a máis xente nova a pasarse ao español, esa falsa minorización, ese mentireiro "ti e catro máis". Se queremos unha política lingüística moderna ademáis do fundamental (medios, ensino, comercio, etc.) tamén hai que contemplar a sicoloxía social, como fixeron vascos e cataláns. Este artigo toca o tema desde un intimismo cosmopolitan que tampouco está tan mal.
pos-posmoderno. (16/03/2006 13:18)

Lamentábel o artigo.... así nos vai! Concordo ao 100% con Paz

eu (16/03/2006 12:52)

Apupos totais para o teu artigo, co primeiro aínda podería máis ou menos concordar. Dando peninha, mágoa, tentando conmover a sensibilidade do leitor para que nos redimamos, nesta linha así nos vai. Dar pena para que nos dean esmola¡¡¡ Algunhas e algúns, malia sermos conscientes das difucultades, tiramos pra diante coa cabeza erguida en todos os ámbitos da nosa sociedade. Non sei se a loita constante é o caminho, mais para dar pena xa chegan estes artigos. Ah, por certo, só falta aquela idea lanzada por algúns iluminados, segundo a cal, se o galego desaparecer non pasaría nada porque seguiría vivo en Maputo ou Odivelas. Válla me Deus (e son atea). (Concha Rousia sinto se o ton é alterado, mais é totalmente respeitoso)

Paz (16/03/2006 12:15)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A minha revolução

Un artigo de: **Concha Rousia**
[28/03/2006]

Vivemos num mundo em que se valora a informação por cima de tudo. Todos somos instruídos acerca do que sucedeu em determinados momentos históricos nos que o rumo do mundo mudou ou pôde ter mudado.

Ninguém ignora por exemplo o que sucedeu em Paris no Maio do 68, ou o que se está a passar em Euskal Herria estes dias, embora a alguns essa informação nos entre e nos saia sem causar muito alvoroto. E por vezes sentimo-nos mal por isso; porque o que mais se valora é que esse conhecimento seja partilhado por quanta mais gente melhor. Assim todos aqueles actos heróicos e mesmo revolucionários que não passaram aos livros de história estão condenados a ser esquecidos, ou se calhar já nem se registra a sua ocorrência.

Eu, já sei... um bocado excêntrica, quero reivindicar uma revolução que teve lugar em Penacova (Covas) antes de eu ter nascido, e mesmo antes de nascer minha mãe; mas foi ela quem ma contou tal como lha contaram a ela. Aquela revolta que teve lugar, provavelmente nos primeiros anos do século XX, ou talvez um pouco antes, permaneceu sem nome até hoje, e embora eu lhe contara já varias vezes este facto da nossa história à minha filha de 6 anos, nunca se me ocorrera pôr-lhe nome. Hoje decidi chamá-la "A Revolução das Malhas" e logo vereis porque...

Os vizinhos –parece que estou a ouvir minha mãe- negaram-se a pagar um tributo que lhe chamavam "a paga do conde" –deviam ser os foros- Então a gente toda unida, que dantes havia união, não é como agora, decidiram não pagar mais nunca esse tributo. O tempo foi-se passando e um dia, andando a gente toda na malha dos da tia Firmina, que punham a meda nas airas da Fonteuzeira, apresentou-se a guardia civil, vieram tantos guardas que rodearam a malha e disseram que estava todo o mundo preso...

A gente, que os vira chegar e repartir-se polas bordas da aira, seguira coa malha... Os do malho; os da meda, que abriam e espargiam os molhos; os que retiravam a palha; os que faziam o palheiro; as coanhadeiras da moinha; os que juntavam o grão, e mais os miúdos que passavam o garrifo da água ou o vinho... todo o mundo seguiu como se nada se passasse. Se calhar os do malho, diz que se sentiam bater algo mais forte. Dantes enterravam-se os potes grandes de ferro na aira para que quando se malhasse se sentissem os golpes polas redondezas... "Malha Covas...!" (Quando eu agora lhe relato a história à minha filha tenho que fazer pausas para explicar cada uma destas actividades porque ela já não acorda as malhas). Contudo a malha rematou e a gente foi-se cada um para a sua casa; os guardas então se repartiram polo lugar e ficaram um tempo, uns por aqui e outros por acolá; quando alguém saía da sua casa para ir a algum lado, eles iam detrás. Contam que uma moça –aqui minha mãe sorri, e eu também- saía de casa cum canistrelo para ir procurar alguma cousa ao eido para aviar o jantar, e vendo que o guarda a seguia, agarrou-o de ganchete e seica ia dizendo polo meio do lugar "olhai que moço tenho" –dantes a gente tinha muito humor, e havia harmonia...-

Ele os guardas, quando viram que tal, marcharam e aqui não se volveu saber da paga do conde. E diz que os guardas foram por ai pola Límia adiante falando muito bem da gente de aqui, seica diziam que gente educada e correcta como a de Covas nunca viram, que quando eles chegaram para fazer o arresto, encontraram a todo o mundo armado com galhas, engaços, rodos, foucinhos, malhos... e que ninguém erguera uma ferramenta contra eles.

Pois bom, eu que não quero ignorar as revoluções do mundo, quero reivindicar aqui a minha "Revolução das Malhas", sem dúvida uma das primeiras que eu aprendi, e também uma das primeiras que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

tinha esquecido (quase). E quero faze-lo não só porque amostra o trunfo da luta quando um povo decide não se submeter, mas também porque foi assim que muitos aprendemos a revelar-nos, a revelar-nos pacificamente sim, mas a não submetermos quando algo é injusto. Foi nestes actos, na narrativa construída destes actos, em que muitos aprendemos o verdadeiro valor do que é não se render. Desde aqui eu quero reivindicar todas essas acções que ocorreram, e que ocorrem, no nosso entorno imediato, às que não estamos afeitos a prestar atenção; ou melhor dizendo, às que estamos afeitos a desatender. Mas é nestes actos, e no relato deles, onde podemos aprender a ler a vontade dum povo; e também é certo que na nossa capacidade de esquecimento podemos ler a nossa vontade de apagar quem fomos, quem em realidade somos.

COMENTARIOS:

Hai 23 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A minha revolução

Un artigo de: **Concha Rousia**
[28/03/2006]

Vivemos num mundo em que se valora a informação por cima de tudo. Todos somos instruídos acerca do que sucedeu em determinados momentos históricos nos que o rumo do mundo mudou ou pôde ter mudado.

Ninguém ignora por exemplo o que sucedeu em Paris no Maio do 68, ou o que se está a passar em Euskal Herria estes dias, embora a alguns essa informação nos entre e nos saia sem causar muito alvoroto. E por vezes sentimo-nos mal por isso; porque o que mais se valora é que esse conhecimento seja partilhado por quanta mais gente melhor. Assim todos aqueles actos heróicos e mesmo revolucionários que não passaram aos livros de história estão condenados a ser esquecidos, ou se calhar já nem se registra a sua ocorrência.

Eu, já sei... um bocado excêntrica, quero reivindicar uma revolução que teve lugar em Penacova (Covas) antes de eu ter nascido, e mesmo antes de nascer minha mãe; mas foi ela quem ma contou tal como lha contaram a ela. Aquela revolta que teve lugar, provavelmente nos primeiros anos do século XX, ou talvez um pouco antes, permaneceu sem nome até hoje, e embora eu lhe contara já varias vezes este facto da nossa história à minha filha de 6 anos, nunca se me ocorrera pôr-lhe nome. Hoje decidi chamá-la "A Revolução das Malhas" e logo vereis porque...

Os vizinhos –parece que estou a ouvir minha mãe- negaram-se a pagar um tributo que lhe chamavam "a paga do conde" –deviam ser os foros- Então a gente toda unida, que dantes havia união, não é como agora, decidiram não pagar mais nunca esse tributo. O tempo foi-se passando e um dia, andando a gente toda na malha dos da tia Firmina, que punham a meda nas airas da Fonteuzeira, apresentou-se a guardia civil, vieram tantos guardas que rodearam a malha e disseram que estava todo o mundo preso...

A gente, que os vira chegar e repartir-se polas bordas da aira, seguira coa malha... Os do malho; os da meda, que abriam e espargiam os molhos; os que retiravam a palha; os que faziam o palheiro; as coanhadeiras da moinha; os que juntavam o grão, e mais os miúdos que passavam o garrifo da água ou o vinho... todo o mundo seguiu como se nada se passasse. Se calhar os do malho, diz que se sentiam bater algo mais forte. Dantes enterravam-se os potes grandes de ferro na aira para que quando se malhasse se sentissem os golpes polas redondezas... "Malha Covas...!" (Quando eu agora lhe relato a história à minha filha tenho que fazer pausas para explicar cada uma destas actividades porque ela já não acorda as malhas). Contudo a malha rematou e a gente foi-se cada um para a sua casa; os guardas então se repartiram polo lugar e ficaram um tempo, uns por aqui e outros por acolá; quando alguém saía da sua casa para ir a algum lado, eles iam detrás. Contam que uma moça –aqui minha mãe sorri, e eu também- saía de casa cum canistrelo para ir procurar alguma cousa ao eido para aviar o jantar, e vendo que o guarda a seguia, agarrou-o de ganchete e seica ia dizendo polo meio do lugar "olhai que moço tenho" –dantes a gente tinha muito humor, e havia harmonia...-

Ele os guardas, quando viram que tal, marcharam e aqui não se volveu saber da paga do conde. E diz que os guardas foram por ai pola Límia adiante falando muito bem da gente de aqui, seica diziam que gente educada e correcta como a de Covas nunca viram, que quando eles chegaram para fazer o arresto, encontraram a todo o mundo armado com galhas, engaços, rodos, foucinhos, malhos... e que ninguém erguera uma ferramenta contra eles.

Pois bom, eu que não quero ignorar as revoluções do mundo, quero reivindicar aqui a minha "Revolução das Malhas", sem dúvida uma das primeiras que eu aprendi, e também uma das primeiras que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

tinha esquecido (quase). E quero faze-lo não só porque amostra o trunfo da luta quando um povo decide não se submeter, mas também porque foi assim que muitos aprendemos a revelar-nos, a revelar-nos pacificamente sim, mas a não submetermos quando algo é injusto. Foi nestes actos, na narrativa construída destes actos, em que muitos aprendemos o verdadeiro valor do que é não se render. Desde aqui eu quero reivindicar todas essas acções que ocorreram, e que ocorrem, no nosso entorno imediato, às que não estamos afeitos a prestar atenção; ou melhor dizendo, às que estamos afeitos a desatender. Mas é nestes actos, e no relato deles, onde podemos aprender a ler a vontade dum povo; e também é certo que na nossa capacidade de esquecimento podemos ler a nossa vontade de apagar quem fomos, quem em realidade somos.

COMENTARIOS:

Uma história fermosa. Obrigadinho, Concha.
Miguel (31/03/2006 01:08)

E tu Celta, sempre te arranjas para fazer acordar em mim imagens que ficavam adormecidas... como aquela outra quando íamos a Ourense, as duas sós por primeira vez, nós e as duas centas pesetas que nos deram para a línea e para pagar as taxas do cartão de identidade que íamos procurar, e nós íamos caminhando na direcção equivocada pola ponte romana, justo com o rumo contrário dos escritórios... e agora serve-nos aquilo para apercebermo-nos de que a nossa intuição de adolescentes nos encaminhava à nossa verdadeira identidade, que fica na direcção oposta à que nos oferecia o cartão de identidade espanhol que nos iam calçar...
Concha (30/03/2006 15:53)

Não quero evitar mencionar que valoro imenso a análise de Tomas, essas palavras, sabendo de quem vem, significam muito para mim. Obrigada amigo.
Concha (30/03/2006 15:52)

Obrigada a todos os que vos metestes nesta malha, na que sempre seremos quem de vencermos o alheio (possível palavra, politicamente correcta, para inimigo), sempre que consigamos que não entre a dirigir o nosso labor. Obrigada também aos que participastes desde fora, sem entrar de todo, mas que sois audiência de um relato que já agora está nós livros (virtuais) da nossa história. A todos e todas o meu agradecimento, incluso aos que alguma silveira prende e não deixa entrar completamente nos meus relatos, sim também a Afonso.
Concha (30/03/2006 15:51)

fermoso texto o que nos ofereces, maravilhosa a reconstrucom que fas dessa malha de princípio do século passado e dessas gentes tam elegantes na sua simplicidade e na sua maneira cívica de dizer: avonda ja!
esgalhado (30/03/2006 10:20)

Querida Concha: Volvin ó tempo das mallas cando lin 'a miña revolución'. En Penacova sómosche así, revolucionamos ó quieto, coma cando lle bebemos o viño ó cura e lle comemos as hostias e tivo que dicir a misa sen eles, ou coma cando limpamos o chan da escola ca bandeira e nos pillou a garda civil, e nós tan tranquilas expricándolle que o que queriamos era lavala. En Penacova sempre meténdonos cos gardas de esguello!, coma cando cambiaron a hora no día da festa e nos seguimos bailando coma se nada e puxémonos a organizar a queimada ata unha hora máis tarde. E conseguimos que continuara, pero esta foi unha revolución só de mulleres que os homes ben que agacharon a orella.
Celta (30/03/2006 09:13)

A vontade de nosso povo é imensa e irreductivel. Uma mostra é a túa capacidade para mostramos as pequenas - grandes cousas que mantenhen e deven manter a nossa identidade. Eu não esqueço, não me rindo. Uma forte aperta.
Vinseiro (29/03/2006 23:20)

De novo Concha Roussia nos dá um anaco da sua vida, formosamente apresentado, para o nosso desfrute e reflexão. Pode parecer um conto de fadas mas o caso é que parte da nossa história coletiva. Num momento em que o consenso entre todos os

galegos de todas as opiniões a respeito da nossa incapacidade crónica para a união popular está estabelecido (falavam do fracasso de Nunca Mais...) é importante que alguém lembre quando e quantas vezes essa ideia que, como era esperável, já chega a mito, caiu pela evidência dos factos. Concha é uma escritora que conta a sua vida, nos dá a sua visão, abre-se aos leitores presenteando-os em cada linha. Neste caso erram até o fundo os que pensam que o texto está em português. Não só desconhecem o português, senão que desconhecem também a chamada «sua língua que-não-é-português» e metem a perna até a entreperna agindo em função dos signos que, obedientes, aprenderam a rejeitar.
Isabel Rei (29/03/2006 23:18)

Alfonso. Esto es un foro a secas y si quiero también me puedo expresar en catalán. El caso es que me entiendan. Felicitats Concha. Un article ple d'esperança.
Luis Llach (29/03/2006 22:56)

Nom es excêntrica. Quiça um bocadinho egocêntrica em todos os artigos.
MArk Hittos (29/03/2006 17:37)

Concha non deberías mostrar as xoias aos porcos porque chas "machacan". A in-sensibilidade dalgúns "hipergalegos" ralla a crueldade.
Xuanzo (29/03/2006 17:13)

Concha, é um prazer. Esta parábola é como o arco-da-velha, tem muitas cores e todas formosas, todas necessárias. Achega-nos à humanidade e conecta com nós mesmos, com o que temos dentro e semelha esquecido, tem valor literário e é capaz de fazer ouvir, como se fosse falado, como se eu lho ouvisse à tua mãe, será porque tu es um elo dessa cadeia forte que terma do valimento cultural deste NW Ibérico, galego ou galaico, que nom tem raia nem alfândega. Será por isso que tem valor antropológico e também histórico, que fala de nós de como somos, ou como imaginamos que devemos sermos. E também fai pensar nos aconteceres de hoje em dia, e é assim porque pós em jogo a tua herança cultural no agora, na actualidade. Parabéns, porque as cousas nom abonda com sabê-las, cumpre as saber transmitir, com eficácia, com formosura e agarimo, como tu sabes. Parabéns.
Tomás (29/03/2006 13:31)

Meu Afonso: "é" leva til e "saúdos" tamén, estas certo de escribires en galego?
Nubeiro (29/03/2006 13:11)

Isto e un foro en galego non en portugues, saudos
Afonso Feixoo (29/03/2006 12:48)

graças por este novo textículo parabens por fazer que a leitura seja um prazer reflexivo
alexandre banhos (29/03/2006 12:34)

graças por este novo e formoso texto. Vas fazer terápia colectiva com todos os teus leitores e leitoras, o qual muito nos cómpre parabennnnnnnnnnnnnnsssssssss
Olalha (29/03/2006 12:31)

graças por este novo e formoso texto
parabennnnnnnnnnnnnnsssssssss
Olalha (29/03/2006 12:26)

Escéptico: Nem é preciso falar da India. Aquí mesmo, no 1936, muita gente foi liquidada dum tiro por defender as suas ideias coa palavra. Mas na própria India, se o filme "Gandhi" é veraz, as tropas británicas empregaram métodos muito violentos, literalmente, cajatazos na testa. Também, lembro a espantosa cena do metralhamento duma multitude de gente numa praça. Na verdade, por muito que as pelotas de goma, as mangueiras a pressão e as detenções sejam violentas, pode-se dizer que, em Occidente, nos inícios do S XXI, a repressão é de liva branca.
suso (29/03/2006 11:10)

Muito bonito. Como conto de fadas, algo mais prolongado, poderia valer, mas os guardas de hoje nom respondem a esse tipo de estímulos, que lho contem senom em Corbilhom, em Merza, em Moanha, em Ginzo, em Silheda..... Quanto à virtualidade do

caminho para a independência que ensina o mestre Gandhi nom há que falar da Índia de hoje. Umha cousa som as fábulas; outra, o mundo real com o que os malhadores e malhadoras de hoje temos, forçosamente, que lidiar....
Esceptico (29/03/2006 01:21)

Nom render-sse, que boa ideia esta da autora, mas aqui na Galiza já se rendeu quase toda gente. Gostei de te ler, grazas.
Rosalia (28/03/2006 16:39)

Como di Ghandi o que se obtén con violencia, soamente pódese manter con violencia e non hai camiño para a paz, a paz é o camiño
Xuanzo (28/03/2006 16:34)

Se algúm país precisa dumha revoluçòm isse é Galiza.
Eonaviego (28/03/2006 16:04)

A miña revoluçao é non pagar o aluguer nin os parquímetros. O caseiro quéreme botar e mentras gaño tempo.
lupín (28/03/2006 13:31)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A Santa Companha e a Televisão em clara Competição…

Un artigo de: **Concha Rousia**
[10/04/2006]

(Em homenagem a Quico Cadaval)

A outra noite a Casa das Crechas de Compostela, com Quico Cadaval como capitão, converteu-se numa autêntica nave de pedra que nos transportou a todos e todas a tempos passados e a tempos futuros, passando por diversos universos paralelos, nos que a vida era mais agradável do que neste no que nos toca viver a nós.

Eu saí dali com a sensação de ter feito várias viagens astrais, e de ter visto mundos que já perdi, e outros que ameaçam com vir a devorar o que fica de nós. Com o espectáculo, que finalizara de madrugada, essa noite acoutaram-se muito as horas de sono, mas as imagens oníricas foram, talvez para compensar, abundosas. De manhã veio-se-me à cabeça uma história, não é conto, mas eu não estou certa se é recordada ou sonhada; ora para o caso tanto tem. Eu relato-a aqui como numa espécie de homenagem a Quico Cadaval, por ter-nos levado desde A Casa das Crechas ao coração da Terra, e Além; por ter conseguido amenizar a andaina com a formosura da oralidade da Costa da Morte, e por ter ele essa extraordinária habilidade para falar-lhes às pessoas, em vez de falar-lhes aos papeis, como fazemos a maioria dos que nos relacionamos com contos. Acho que a história que vou relatar tinha alguma mensagem sobre as bases filosóficas, ou sobre a falta delas, da nossa sociedade actual, mas até nem sei certo.

Bom, a historia reduz-se a uma conversa entre duas mulheres, ou pode que fossem dous homens, ou ambas cousas; ora o mais provável é que, como diria Quico, hermafroditas não fossem, porque esses são muito raros de ver. Estas duas pessoas discutem e discutem e afinal nem me ficou claro quem defendia quê, e se houve mudanças de parecer ou não. Eu o que lembro é que uma delas comparava a Santa Companha e os Aparecidos com o fenómeno da televisão; porque como dizia ela, se à medida que foi entrando a televisão, os aparecidos foram desaparecendo, é porque devem de ter funções que competem entre si, é lógico. O problema é saber quem faz melhor serviço. A outra pessoa discursadora não podia dar creto ao que estava a ouvir, porque nem todos estamos na mesma página no tema das visões. Os seus diálogos eram algo assim:

- Pois é, eu não che lhe vejo grande diferença, se quadra as imagens dos aparecidos ainda che dão para falar um bocado, ora coas da televisão vás aviado...
- Mas tu que dizes, toleaches? Como podes comparar as imagens dos aparecidos coas da televisão, para mim que não es bem!
- Ai logo não? Vás-me negar tu agora que as duas não são espectros de gente que não está "realmente" presente!
- E que terá que ver uma cousa coa outra; olha, para começar uns estão mortos e os outros vivos, só que estão noutro lugar...
- Não me irás negar que os mortos não estão também noutro lugar... e ademais, tu como sabes que os da televisão não estão mortos?
- Pois porque se movem, e os mortos estão quedos, mesmo o podes ver quando morrem nas películas...
- Olha que os aparecidos sim que se movem, e falam, e perguntam, e pedem, e mesmo consolam... não cabe dúvida de que estão melhor preparados que os da tele...
- Pois os da televisão também pedem cousas e perguntam, às vezes por telefone e todo...
- Sim, não vou negar que os da televisão não perguntem, e mais olha, poucas vezes aguardam pola resposta, e nem fazem caso nenhum do que lhes diz a gente... ou tu não recordas quanto insistia a pobre da Dorinda para lhe perguntar qualquer cousa ao homem do tempo e nunca logrou que lhe respondera...? Uma vez..., parece que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

diz..., que ela creu..., que lhe ia dizer algo... mas não foi nada. Em câmbio co seu Felisindo, que em paz descanse, nunca teve problemas para que lhe contestasse; ou queres-mo negar? E amais não se pode comparar ver os da família com ver os parvalhocas que entram pola televisão... Assim que eu fico cos aparecidos da família e tu faz como vejas.
- Eu não sei nem como posso perder o tempo discutindo isto contigo; ademais as imagens da televisão sabe-se como chegam adentro das casas, é uma cousa científica, porém as...
- E logo como chegam as imagens da televisão?
- Eu não sei, que disso não entendo muito, ora, diz que se sabe, e eu julgo que virão polo ar, por umas ondas, que seica há, e que não se vêm.
- Pois olha que eu acho que os aparecidos devem vir também polas ondas essas... como lhe deve passar ao que fora abade ai embaixo, na Ribeira, é isso que ele tem de fazer muitas viagens, porque deixou aqui todo mal arranjado e agora não param de o mandar de volta...
- Ai raia! Seica lhe saiu o outro dia à Veneranda, aí na Portela de Aguiar, e ela diz que apanhou um medo de morte porque já em vida se botara a ela.
- Mas agora de morto diz que não se bota às mulheres...
- Perderia o vício.
- Ou lho terão proibido...
- Proibido já lho tinham dantes é mais nunca foi impedimento...
- ...

(aqui, não param de rir, e falam e falam, mas não se lhe entende bem, e amais acho que não aporta nada ao argumento, assim que estas partes não foram incluídas neste artigo) E depois, que agora já percebi claramente que se trata de duas mulheres, volvem à seriedade:

- E mais olha o que che vou dizer, e com isto tens que me dar a razão; a Santa Companha era muito mais efectiva para amedrontar os cativos, incluso, repara no que vou dizer, mais efectiva do que as ameaças com a *guardia civil*, que também se tem usado bastante, quanto mais se a comparar-mos com a televisão, assim que não há comparadela possível, ganho eu e pronto...
- Até aqui podíamos chegar, isso sim que não, o resto do que disseste até agora até cho passo, porque razão também não che falta, que as cousas são como são... Mas isto sim que não; eu não nego que a Santa Companha não fosse mais eficaz com os miúdos do que a guardia civil; ora, a televisão é a televisão, e é muitíssimo mais eficaz para isso... Olha por exemplo: 1) Se não comes *quito* a tele, 2) Se suspendes inglês... uma semana sem tele, 3) Se não fazes os deveres, despede-te da tele pola noite... 4) Se vos pelejardes, tiro-vos a tele do quarto... e assim podia seguir e seguir e estar a falar três dias seguidos e não acabaria o repertório de possibilidades; não há pai ou mãe que fique nunca sem uma frase destas à mão...
- Pois se quadra até vai bater certo o que dizes neste ponto...
- Bate certíssimo, e ademais é muito mais fácil de manejar que os aparecidos, que não sempre se apresentam quando mais falta fazem. Ora a tele é um adianto muito grande para isto...
- Não sei, terei que pensar, porque também há quem diz que são os da tele que nos lavam o cérebro à gente, e se quadra nos controlam...
- Vá, bem ignorante é a gente, como te vai controlar a tele? Mira, premo no botão e alá vai a tele... e agora vamo-nos, que faz um pedaço botaram o anuncio dum novo aspirador que transforma instantaneamente o pó em adubo para as plantas, que diz que é algo extraordinário, e coa compra dele, às 100 primeiras compradoras, dão-lhe uma batedora que... anda vamos.... que depois tenho que vir antes das sete para lhe gravar o partido a meu homem que ele hoje chega tarde, e sem isso não vive...
- Vamos logo...

E agora vós direis de qual destes canais de comunicação gostais mais, ou qual vos parece mais de fiar. É claro que hoje em dia, a maioria das pessoas já não estareis abonadas aos canais do Além, e por conseguinte a visão estará algo sesgada; mas eu confio em que alguns, embora com algumas interferências, sejais capazes ainda de perceber o "genuíno audiovisual galego..."

Esta foi a minha maneira de dizer obrigada a Quico Cadaval por ensinar-me a libertar algumas lágrimas rindo, fazendo uso da nossa, também genuína e também em vias de desaparição, retranca, em lugar de chorar polas nossas irreparáveis perdas.

COMENTARIOS:

Hai 19 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A Santa Companha e a Televisão em clara Competição…

Un artigo de: **Concha Rousia**
[10/04/2006]

(Em homenagem a Quico Cadaval)

A outra noite a Casa das Crechas de Compostela, com Quico Cadaval como capitão, converteu-se numa autêntica nave de pedra que nos transportou a todos e todas a tempos passados e a tempos futuros, passando por diversos universos paralelos, nos que a vida era mais agradável do que neste no que nos toca viver a nós.

Eu saí dali com a sensação de ter feito várias viagens astrais, e de ter visto mundos que já perdi, e outros que ameaçam com vir a devorar o que fica de nós. Com o espectáculo, que finalizara de madrugada, essa noite acoutaram-se muito as horas de sono, mas as imagens oníricas foram, talvez para compensar, abundosas. De manhã veio-se-me à cabeça uma história, não é conto, mas eu não estou certa se é recordada ou sonhada; ora para o caso tanto tem. Eu relato-a aqui como numa espécie de homenagem a Quico Cadaval, por ter-nos levado desde A Casa das Crechas ao coração da Terra, e Além; por ter conseguido amenizar a andaina com a formosura da oralidade da Costa da Morte, e por ter ele essa extraordinária habilidade para falar-lhes às pessoas, em vez de falar-lhes aos papeis, como fazemos a maioria dos que nos relacionamos com contos. Acho que a história que vou relatar tinha alguma mensagem sobre as bases filosóficas, ou sobre a falta delas, da nossa sociedade actual, mas até nem sei certo.

Bom, a historia reduz-se a uma conversa entre duas mulheres, ou pode que fossem dous homens, ou ambas cousas; ora o mais provável é que, como diria Quico, hermafroditas não fossem, porque esses são muito raros de ver. Estas duas pessoas discutem e discutem e afinal nem me ficou claro quem defendia quê, e se houve mudanças de parecer ou não. Eu o que lembro é que uma delas comparava a Santa Companha e os Aparecidos com o fenómeno da televisão; porque como dizia ela, se à medida que foi entrando a televisão, os aparecidos foram desaparecendo, é porque devem de ter funções que competem entre si, é lógico. O problema é saber quem faz melhor serviço. A outra pessoa discursadora não podia dar creto ao que estava a ouvir, porque nem todos estamos na mesma página no tema das visões. Os seus diálogos eram algo assim:

- Pois é, eu não che lhe vejo grande diferença, se quadra as imagens dos aparecidos ainda che dão para falar um bocado, ora coas da televisão vás aviado...
- Mas tu que dizes, toleaches? Como podes comparar as imagens dos aparecidos coas da televisão, para mim que não es bem!
- Ai logo não? Vás-me negar tu agora que as duas não são espectros de gente que não está "realmente" presente!
- E que terá que ver uma cousa coa outra; olha, para começar uns estão mortos e os outros vivos, só que estão noutro lugar...
- Não me irás negar que os mortos não estão também noutro lugar... e ademais, tu como sabes que os da televisão não estão mortos?
- Pois porque se movem, e os mortos estão quedos, mesmo o podes ver quando morrem nas películas...
- Olha que os aparecidos sim que se movem, e falam, e perguntam, e pedem, e mesmo consolam... não cabe dúvida de que estão melhor preparados que os da tele...
- Pois os da televisão também pedem cousas e perguntam, às vezes por telefone e todo...
- Sim, não vou negar que os da televisão não perguntem, e mais olha, poucas vezes aguardam pola resposta, e nem fazem caso nenhum do que lhes diz a gente... ou tu não recordas quanto insistia a pobre da Dorinda para lhe perguntar qualquer cousa ao homem do tempo e nunca logrou que lhe respondera...? Uma vez..., parece que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

diz..., que ela creu..., que lhe ia dizer algo... mas não foi nada. Em câmbio co seu Felisindo, que em paz descanse, nunca teve problemas para que lhe contestasse; ou queres-mo negar? E amais não se pode comparar ver os da família com ver os parvalhocas que entram pola televisão... Assim que eu fico cos aparecidos da família e tu faz como vejas.
- Eu não sei nem como posso perder o tempo discutindo isto contigo; ademais as imagens da televisão sabe-se como chegam adentro das casas, é uma cousa científica, porém as...
- E logo como chegam as imagens da televisão?
- Eu não sei, que disso não entendo muito, ora, diz que se sabe, e eu julgo que virão polo ar, por umas ondas, que seica há, e que não se vêm.
- Pois olha que eu acho que os aparecidos devem vir também polas ondas essas... como lhe deve passar ao que fora abade ai embaixo, na Ribeira, é isso que ele tem de fazer muitas viagens, porque deixou aqui todo mal arranjado e agora não param de o mandar de volta...
- Ai raia! Seica lhe saiu o outro dia à Veneranda, aí na Portela de Aguiar, e ela diz que apanhou um medo de morte porque já em vida se botara a ela.
- Mas agora de morto diz que não se bota às mulheres...
- Perderia o vício.
- Ou lho terão proibido...
- Proibido já lho tinham dantes é mais nunca foi impedimento...
- ...

(aqui, não param de rir, e falam e falam, mas não se lhe entende bem, e amais acho que não aporta nada ao argumento, assim que estas partes não foram incluídas neste artigo) E depois, que agora já percebi claramente que se trata de duas mulheres, volvem à seriedade:

- E mais olha o que che vou dizer, e com isto tens que me dar a razão; a Santa Companha era muito mais efectiva para amedrontar os cativos, incluso, repara no que vou dizer, mais efectiva do que as ameaças com a *guardia civil*, que também se tem usado bastante, quanto mais se a comparar-mos com a televisão, assim que não há comparadela possível, ganho eu e pronto...
- Até aqui podíamos chegar, isso sim que não, o resto do que disseste até agora até cho passo, porque razão também não che falta, que as cousas são como são... Mas isto sim que não; eu não nego que a Santa Companha não fosse mais eficaz com os miúdos do que a guardia civil; ora, a televisão é a televisão, e é muitíssimo mais eficaz para isso... Olha por exemplo: 1) Se não comes *quito* a tele, 2) Se suspendes inglês... uma semana sem tele, 3) Se não fazes os deveres, despede-te da tele pola noite... 4) Se vos pelejardes, tiro-vos a tele do quarto... e assim podia seguir e seguir e estar a falar três dias seguidos e não acabaria o repertório de possibilidades; não há pai ou mãe que fique nunca sem uma frase destas à mão...
- Pois se quadra até vai bater certo o que dizes neste ponto...
- Bate certíssimo, e ademais é muito mais fácil de manejar que os aparecidos, que não sempre se apresentam quando mais falta fazem. Ora a tele é um adianto muito grande para isto...
- Não sei, terei que pensar, porque também há quem diz que são os da tele que nos lavam o cérebro à gente, e se quadra nos controlam...
- Vá, bem ignorante é a gente, como te vai controlar a tele? Mira, premo no botão e alá vai a tele... e agora vamo-nos, que faz um pedaço botaram o anuncio dum novo aspirador que transforma instantaneamente o pó em adubo para as plantas, que diz que é algo extraordinário, e coa compra dele, às 100 primeiras compradoras, dão-lhe uma batedora que... anda vamos.... que depois tenho que vir antes das sete para lhe gravar o partido a meu homem que ele hoje chega tarde, e sem isso não vive...
- Vamos logo...

E agora vós direis de qual destes canais de comunicação gostais mais, ou qual vos parece mais de fiar. É claro que hoje em dia, a maioria das pessoas já não estareis abonadas aos canais do Além, e por conseguinte a visão estará algo sesgada; mas eu confio em que alguns, embora com algumas interferências, sejais capazes ainda de perceber o "genuíno audiovisual galego..."

Esta foi a minha maneira de dizer obrigada a Quico Cadaval por ensinar-me a libertar algumas lágrimas rindo, fazendo uso da nossa, também genuína e também em vias de desaparição, retranca, em lugar de chorar polas nossas irreparáveis perdas.

COMENTARIOS:

Coma sempre Concha tes a virtude de me facer rir a gargalladas cos teus artigos e ó mesmo tempo canta razón tés. Contigo sempre se está ben. Grazas.
Celta (21/04/2006 10:05)

Obrigadinha Laura; obriga a todas e todos os que ledes os meus artigos.
Concha Rousia (18/04/2006 12:53)

Como explicar-lhe a esta xentinha que escrever nom é o mesmo que falar? Amos EU, no me jodas!
lilith (17/04/2006 14:05)

en que lingua escribe vostede? cre que así se afinza a nosa lingua? Verdadeiramente escribir nunha lingua que non existe en Galiza, non é máis que desprezar a nosa cultura. Por un galego real, non ficticio. Volva vostede a Idade Media se iso é o que prefire. Eu seguirei a falar a lingua que falan o 99,9% dos galegofalantes
eu (17/04/2006 02:27)

gostei Concha, estes nom eram os melhores dias para publicares em Vieiros. Eu passei uma pascoa em Portugal maravilhosa em todos os sentidos, chego a Compostela e que me atope em Vieiros, o teu magnífico texto parabens
laura (17/04/2006 00:12)

KKruxo, ben pouco te valoras falando, vivendo e sendo galego.
Eu (15/04/2006 22:11)

"A única possibilidade de ter futuro é salvando o passado" Qual é, galegos, o vosso passado?
João Paulo II (15/04/2006 16:53)

Pero EU, polo altísimo, se a maior parte dos que pasamos dos 50 (anos, non cm) levamos gran parte da nosa vida vivindo na oralidade virtual! Ben xa sei que cando se escrebe pode ser chamada "realismo máxico" pero non acho moita diferencia. Graciñas Concha, por ir por diante botando luz.
KKRUXO (14/04/2006 16:06)

Vinseiro, romántico Vinseiro, a oralidade non é un can palleiro ó que ensinas a dicir o que ti queras e coma ti queras cando ti queras. A forma de pensar de Concha é ficticia, unha invitación à histeria colectiva e o suo comportamento é igual ca o dun guru. Vivan as memorias colectivas de todos os povos, tamén galego, vivan as oralidades pero que estas evolucionen coma queiran, porque una lingua é un organismo vivo, non una recopilación de contos dos minhos avos.
Eu (12/04/2006 11:35)

Caro EU, há uma cousa que se escreve assim "..." e que são umas marquinhas que encerram palavras, estas marquinhas não são precisamente da oralidade, mas que vieram a substituir a linguagem não verbal tão necessária para a comunicação real. Olha para essas marquinhas, dado que nos estamos a mover no terreno da escrita, e só despois opina. Polo demais obrigada. Fica bem
Concha Rousia (12/04/2006 10:39)

Coido que EU não pensa o que diz. Essa maravilha que é a "oralidade" que eu lembro, a pesar dos anos, com absoluta claridade, é a que temos que manter como sêja. De novo, obrigado.
Vinseiro (11/04/2006 22:20)

Ay, Concha, tan antinatural coma sempre : oralidade virtual ? Amos, no me jodas !
Eu (11/04/2006 21:22)

Obrigada, amigos leitores: Amerginh, vinseiro, Andrés, Cartesiano, seña e Belém; obrigada por espreitar esta "oralidade virtual" que eu, como Belém bem diz, prendi com a tinta da minha caneta para que não fujam mais de mim. O mundo está em constante construção e destruição, o nosso mais em destruição, mas não com a cumplicidade do meu silêncio, nem do vosso. Um abraço.
Concha Rousia (11/04/2006 19:45)

Grazas por compartir outro artigo delicioso. Ademáis tem a vantaxe de que o escrito permanhece.
Belém (11/04/2006 18:08)

Gustoume a tua maneira de falar deste tema, como sempre fas pensar, eso que tanto traballo nos custa aos humanos, pero a mim gustariame que nombrases tamén a seña, que nalgún outro sitio tes falado, e non ven polos canais do Alén.
Seña (11/04/2006 17:54)

Para os que somos cartesianos e racionalistas, o "genuino audiovisual galego" é apenas "uma interferência...", ou, polo menos, não temos o decodificador... Porém, o artigo é mui fermoso, parabéns. Cartesiano
cartesiano (11/04/2006 14:35)

Xoga, Concha, xoga coa Santa Compaña. Como se nota que non a viches como eu.
Andrés de Teixido (10/04/2006 22:20)

Concha : Quico Cadaval apresenta um grande e autêntico talento galego na interpretacão. Tu também apresentas, pelos teus artigos, um grande e autêntico talento galego. Parabéns.
Vinseiro (10/04/2006 19:37)

Parabens concha, teus artigos nunca me defraudam. A verdade é que deveriam de estudar-se melhor as relações da tradição oral galega com a nossa forma de ver a vida, e, sobretudo, da nossa relação com o "Além". Graças por as tuas palavras :)
Amerginh (10/04/2006 13:35)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

O mal de Madrid

Un artigo de: **Concha Rousia**
[24/04/2006]

Estas palavras que de pequenos ouvíamos em boca dos nossos pais, mentres contemplavam com preocupação a vaca que padecia essa doença, viram-se-me à cabeça o outro dia numa biblioteca longe da corte onde eu lhe escutara a meu pai por última vez anunciar que a Roxa, filha da Marquesa, tinha o mal de Madrid.

O mal de Madrid, embora eu nunca chegasse a compreender bem em que consistia, nem o que o causava, fazia que a vaca que o padecia não deixasse que ninguém lhe tocasse no ubere; também não permitia mamar ao bezerro, e isto, se o vitelinho era pequeno, e ainda não estava afeito a comer, podia ser um grande problema. Eu até chegara a pensar que se calhar era um nome que inventara meu pai, e que quiçá até fosse com aquele sentido de humor retranqueiro tão característico dele; como eu pensara também quando ouvia as palavras "corte" ou "Marquesa" juntas, mas depois descobri que não, e que a doença essa se denominava assim por toda a gente de Penacova, e também por gentes doutras aldeias da contorna; e mais tarde descobri que ainda noutros lugares afastados de nós se denominava a doença com o mesmo nome, isso foi uma surpresa. Como também foi surpresa muito grande para mim descobrir que nessas outras terras, arredadas de Penacova, as vacas tinham nomes iguais aos das nossas vacas da Raia: As Oulivas, as Galhardas (ou Galhadas), as Torinas, as Rúvias, as Vianas, as Roxas (ou Barrosãs, da cor do tigre; destas adivinho que só haveria por este nosso vale), as Ratinas, etc, e que cada uma representava a uma raça diferente de gado.

Bom, como dizia ao começo, esse nome, que ainda hoje segue a ser um pouco enigmático para mim, e sigo sem compreender muito bem por que essa doença se denominava assim, deu comigo na biblioteca de Briom mentres assistia a uma discussão pública na que se falava do novo estatuto para Galiza; talvez a menção de Castelão e o estatuto do 36 teve algo a ver, não estou certa. A mim, devo reconhecer, aquela vaquinha fraca com a que Castelão retratava a situação de injustiça que sofria a nossa Terra, aquela que pascia nos lameiros galegos e tinha os tetos lá no meio e meio da península Ibérica, sempre me fez pensar na doença na que meu pai falava quando eu era miúda, embora as razões polas que a ambas vacas não lhe podíamos tocar o ubere fossem, muito provavelmente, diferentes.

A certa altura do encontro sobre o estatuto uma imagem insistiu em ser atendida na minha cabeça, e até em ser partilhada com o resto dos presentes. Esta nova imagem é duma vaca muito mais grande e mais gorda que a de Castelão; é duma vaca mais quadrada e grisalha, imitando um algo as Ratinas, só que mais alourada. Esta nova vaca também pasce na Galiza, como a de Castelão, e também tem os tetos, que não podemos tocar, lá na capital da Espanha. Esta enorme vaca devece pola água dos nossos rios. Tem por cornos uns eólicos gigantescos, que pola costa da Morte, lugar fecundo onde ainda medra a nossa língua, já baptizaram como "virandelos". Esta vaca leva um letreiro enorme como a vaca do anuncio de Milka, só que nesta as letras lêem uma cousa bem diferente, e até dependendo de como a mires podes ler algo que acaba em "ESA" ou em "OSA"; e esta não permite imaginar algo doce, nem tendo lugar numa formosa e arcádica paisagem como a vaca avinhada do anuncio do chocolate; não, esta vaca vomita bílis contaminantes logo de remoer o que rouba nos nossos montes e nos nossos rios. E eu perguntava-me, e ainda me pergunto, se esta nova imagem da velha vaca, me ajudará a entender por fim o mal de Madrid.

COMENTARIOS:

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Hai 40 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

O mal de Madrid

Un artigo de: **Concha Rousia**
[24/04/2006]

Estas palavras que de pequenos ouvíamos em boca dos nossos pais, mentres contemplavam com preocupação a vaca que padecia essa doença, viram-se-me à cabeça o outro dia numa biblioteca longe da corte onde eu lhe escutara a meu pai por última vez anunciar que a Roxa, filha da Marquesa, tinha o mal de Madrid.

O mal de Madrid, embora eu nunca chegasse a compreender bem em que consistia, nem o que o causava, fazia que a vaca que o padecia não deixasse que ninguém lhe tocasse no ubere; também não permitia mamar ao bezerro, e isto, se o vitelinho era pequeno, e ainda não estava afeito a comer, podia ser um grande problema. Eu até chegara a pensar que se calhar era um nome que inventara meu pai, e que quiçá até fosse com aquele sentido de humor retranqueiro tão característico dele; como eu pensara também quando ouvia as palavras "corte" ou "Marquesa" juntas, mas depois descobri que não, e que a doença essa se denominava assim por toda a gente de Penacova, e também por gentes doutras aldeias da contorna; e mais tarde descobri que ainda noutros lugares afastados de nós se denominava a doença com o mesmo nome, isso foi uma surpresa. Como também foi surpresa muito grande para mim descobrir que nessas outras terras, arredadas de Penacova, as vacas tinham nomes iguais aos das nossas vacas da Raia: As Oulivas, as Galhardas (ou Galhadas), as Torinas, as Rúvias, as Vianas, as Roxas (ou Barrosãs, da cor do tigre; destas adivinho que só haveria por este nosso vale), as Ratinas, etc, e que cada uma representava a uma raça diferente de gado.

Bom, como dizia ao começo, esse nome, que ainda hoje segue a ser um pouco enigmático para mim, e sigo sem compreender muito bem por que essa doença se denominava assim, deu comigo na biblioteca de Briom mentres assistia a uma discussão pública na que se falava do novo estatuto para Galiza; talvez a menção de Castelão e o estatuto do 36 teve algo a ver, não estou certa. A mim, devo reconhecer, aquela vaquinha fraca com a que Castelão retratava a situação de injustiça que sofria a nossa Terra, aquela que pascia nos lameiros galegos e tinha os tetos lá no meio e meio da península Ibérica, sempre me fez pensar na doença na que meu pai falava quando eu era miúda, embora as razões polas que a ambas vacas não lhe podíamos tocar o ubere fossem, muito provavelmente, diferentes.

A certa altura do encontro sobre o estatuto uma imagem insistiu em ser atendida na minha cabeça, e até em ser partilhada com o resto dos presentes. Esta nova imagem é duma vaca muito mais grande e mais gorda que a de Castelão; é duma vaca mais quadrada e grisalha, imitando um algo as Ratinas, só que mais alourada. Esta nova vaca também pasce na Galiza, como a de Castelão, e também tem os tetos, que não podemos tocar, lá na capital da Espanha. Esta enorme vaca devece pola água dos nossos rios. Tem por cornos uns eólicos gigantescos, que pola costa da Morte, lugar fecundo onde ainda medra a nossa língua, já baptizaram como "virandelos". Esta vaca leva um letreiro enorme como a vaca do anuncio de Milka, só que nesta as letras lêem uma cousa bem diferente, e até dependendo de como a mires podes ler algo que acaba em "ESA" ou em "OSA"; e esta não permite imaginar algo doce, nem tendo lugar numa formosa e arcádica paisagem como a vaca avinhada do anuncio do chocolate; não, esta vaca vomita bílis contaminantes logo de remoer o que rouba nos nossos montes e nos nossos rios. E eu perguntava-me, e ainda me pergunto, se esta nova imagem da velha vaca, me ajudará a entender por fim o mal de Madrid.

COMENTARIOS:

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

mesmo bom!
... (02/05/2006 11:20)

Obrigadinha a todos e todas, ou quese; e repara lavesedo, eu não nego a nossa responsabilidade.
Concha Rousia (02/05/2006 10:51)

Obrigadinha a todos, ou quase. E repara Lavesedo, eu nunca neguei a nossa responsabilidade, e assumo a minha parte.
Concha Rousia (02/05/2006 10:50)

Mucho obligado, Chaminé.
HOSERBADOR (01/05/2006 22:13)

Có senso de humor que tenhes, Observador, tua insolencia indica pobreza de espírito así que te perdono. Os lusistas non dan para máis.
Chemín (01/05/2006 20:33)

É claro que qualquer cousa aconteceu de errado no Vieiros. As três últimas mensagens (e quem sabe se esta também) deveriam estar colocadas no fim dos comentários, e não no início... Mas, não é o teu nome assim, Chaminé?
OBSERVADOR (01/05/2006 19:08)

Daquela, Observador, se non é muita molestia pra ti, poderias dizerme por qué me chamas "Chaminé" ?
Chemín (01/05/2006 16:02)

Chaminé, explico-me porque vejo que é preciso: "lóxica" e "raçom" são palavras grafadas segundo normativas diferentes que tu misturas no mesmo texto, o que não é muito lógico. E, por cima, "raçom" e "razom" (e mesmo "ração" e "razão") são palavras diferentes COM DIFERENTES SIGNIFICADOS, o que tamém quebra a lógica do teu discurso. Sobre o meu uso da espanhola "tortilla", ia mais pelo seu SENTIDO FIGURADO de "mistura", "mixórdia", "salsada", "confusão" do que pelo das tendências sexuais... Nada de ofender, o meu é pura análise orto-morfológica e léxica.
OBSERVADOR (01/05/2006 11:25)

Chaminé, o meu objetivo era mais fazer-te ver a mistura que tens no que diz respeito à língua e as suas diversas grafias. Explico-me (explico-te): "lóxica" e "raçom" são palavras escritas de maneira que pertencem a duas normativas diferentes, que tu misturas no mesmo texto, sem perdão. Por cima, "raçom" e "razom" (e até "ração" e "razão") são cousas diferentes. Acho que querias dizer "razom" mas o caso é que escreveste a outra palavra. Por isso o de "tortilla" ia mais no sentido de "mixórdia", "salsada", "confusão", e não tanto pelo caminho das tendências sexuais.
OBSERVADOR (01/05/2006 03:19)

Osservatore, encanto, ofende quen pode, non quen quere.
Chemín (30/04/2006 11:38)

Já vejo que tu praticas a "lóxica" da "raçom", sim, da ração de "tortilla española"...
OSSERVATORE (30/04/2006 01:57)

Observator, eu non pratico a lóxica de Boole coma ti. Pero se queres ter raçom, pois vale. Os que só queren ter raçom non gostan de dialogar.
Chemín (29/04/2006 23:43)

Percebo, Chaminé, escrevo pouco francês mas percebo bem. Quem não percebe é você, não percebe nem a si mesmo!! Leia-se, de novo: «Falo no sentido figurado, que non implica un idioma en particular, senón un pensamento, una forma de sentir a vida.» «cando eu falo da frustración transexual non falo en sentido literal» SENÃO QUE «Falo no sentido figurado» PORTANTO «só penso na honradez» (na falta que dela tem Concha Rousia). Conclusão: o sentido figurado com o que você usa o termo "frustação transexual" é aquele que se corresponde com a falta de honradez. Corolário: para você a falta de honradez pode ter semelhanças com a frustação transexual até o ponto de poder ser referida pelo termo "frustração transexual" usado em sentido figurado...
OBSERVATOR (29/04/2006 22:31)

Observateur, je suppose d'après ton nom que tu parles français, c'est bien, moi aussi. Et je suppose également que lorsque tu parles

a "Chaminé" c'est à moi que tu penses. Alors écoute, au lieu de jouer à la méprise en faisant semblant de mal lire les mots que j'écris dans mes messages tu ferais mieux de te regarder dans une glace et d'essayer de comprendre ce que tu y vois.
Chemín (29/04/2006 12:23)

Chaminé, então você quer dizer que os transexuais são pouco honrados? Você pensará muito na honradez, mas cada vez que fala mete a perna até a anca...
OBSERVATEUR (29/04/2006 11:53)

Inestimada Concha Rousia, cando eu falo da frustración transexual non falo en sentido literal porque non son transexual, nin aludo ao lesbianismo, moi respetabeis as 2 tendencias sexuais. Falo no sentido figurado, que non implica un idioma en particular, senón un pensamento, una forma de sentir a vida. Supoño que o meu senso do humor non está feito pra palurdas coma você que pensa no "fino" cando eu só penso na honradez. E agora eu recordo que non falaba de você na minha mensaxe, foi unha confusión!... Eu pensaba en Sócrates, o en Freud : coñecete a ti mesma. Concha, fálame da ignorancia dos povos galegos que dicen "mal de Madrid" porque non tenhen outros coñecementos... coma nos tempos de Franco, do galego Franco.
Chemín (28/04/2006 22:11)

Sempre ca mesma liorta. O pesado tema da grafia. Hai algún que non pode entrar no contido e ten que falar mal do artigo pola fodida grafia. Pois é ben certo ENDESA E FENOSA muxen ben o noso país. Sacan gran parte dos seus beneficios da GZ para despois cotizar os seus impostos en Madrid onde teñen a súa sede social. Estragan e contaminan. E Galiza sendo unhas das maiores produtoras de electricidade ten unha das peores redes de destribución de electricidade. Galiza país de apagóns. E agora o goberno do ZP adica unha misera parte dos orzamentos destinados ao plan para evitar os apagóns,cando GZ é o territorio do Estado que máis os padece. E os da Xunta caladiños, non vaia ser que o goberno "amigo" perdo o talante.
Mirixo (28/04/2006 21:39)

Ratifico as palavras de Isabel Rei. Ao talento há que dar-lhe animos.
Vinseiro (28/04/2006 21:13)

oes concha...lembra que os galegos e galegas somos responsábeis, algo digo eu, da nosa situación logo de 30 anos de democracia. Se nos seguen a chuchar "o leite" e nos deixamos facer, se seguen a mexar por nós e dicimos que chove é porque somos así...Semella moi doado botar as culpas aos de Madrí, mais coido que é desacertado. A culpa é nosa. Deixamos estragar o noso medio, estamos desexando que recalifiquen a veigha para venderllela aos especuladores sen nos importar que farán nela, iso facémolo NÓS, non o fan eles. Algo do que di Suso aí enriba, mais cunha diferenza: a emigración non ten que ver con iso. Non sei de onde será el, o Suso, mais en certos lugares é unha das poucas alternativas.
lavesedo (28/04/2006 19:23)

Concha, com essa constância e qualidade pronto terás a todo Vieiros pendente dos teus artigos. É imprescindível ganhar a atenção dos outros para fazer-se ver. Continua assim, por favor, todos melhoramos, a língua melhora, a Galiza melhora contigo.
Isabel Rei (28/04/2006 12:12)

Xa me tes engachada Concha.Todos os dias miro si tes novo articulo... Bicos
mari de xinzo (28/04/2006 00:07)

E menos mal que já nom mandamos, do contrario nom poderiamos desfrutar de artigos como este ;). A seguer assim.
sacho (27/04/2006 16:15)

Concha, es unha muller con moita forza, parabéns por todo, non fagas caso dos homes, eles xa non mandan no mundo ;)
Rosalia (27/04/2006 14:08)

Obrigada a todos os amigos deste meu artigo.
Concha Rousia (27/04/2006 11:13)

Senhor Chemín, sei que não merece você o titulo de senhor, nem merece tampouco que eu responda à sua mensagem; ora, a minha resposta não é para você, eu escrevo estas linhas para que o silêncio não fale por mim às outras pessoas, mas não a você, você fica desacreditado ante mim. Quando você diz que eu ostento uma imagem de "frustración de transexual" verá o que eu entendo: Eu entendo que você quer dizer que, segundo o seu critério, eu falo (ou escrevo) como um homem; porque outra cousa você de mim não conhece. E porque diz vocè isso? Eu julgo que será porque você não pode conceber que eu não fale mais “fino”, (ou melhor ainda, mais feminino seria se estiver calada); e por cima vou eu e falo de vacas; não, isso para você deve ser cousa de homens, eu deveria límitar-me à “sección femenina”: para falar de meninhos, de poesia, de flores, e contos de fadas...
Concha Rousia (27/04/2006 11:11)

"Frustración de transexual"?? de já, o proprio usso destes descalificativos desacredita-te como pessoa. Não serás ti o frustrado?
Amerginh (26/04/2006 10:48)

Pois quere dicir que o Chemín ten medo de que a Rousia o coma, eu xa lle coñezo os medos ao Chenoa este...
Lobo (26/04/2006 10:18)

Que caralho significa "coma dixo ela"? Alguém pode traduzir?
um (26/04/2006 09:18)

Ela não disse "coma"... Tu sim que precisas uma boa dose de humor, Chaminé.
OSSERVATORE (26/04/2006 02:16)

Belo artigo, parabéns.
sacho (25/04/2006 20:44)

Suso, deverias practicar máis a ironía porque non te sae moi ben. Informo que hai películas de Alfredo Landa que son máis críticas có espanholismo cos artigos da Rousia. Eu sospeito que hai xente por aí que foi e é feliz e alegre vivendo en Galiza malia a malvada Espanha centralista, à marxe da frustración de transexual que ostenta a Rousia e que ela chama... coma dixo ela ?!
Chemín (25/04/2006 16:43)

Sem dúvida temos um mal que vem de Madrid. De Lisboa, por não ter, não temos nem o mal...
OBSERVATEUR (25/04/2006 15:52)

Concordo plenamente com Xan das Bolas...desculpem, em que estaria a pensar...queria dizer Susiño...é evidente que Portugal está a abafar a Galiza. Afortunadamente alguns patriotas opõem uma resistência feroz e heroica: enchem o galego de palavras genuinamente anti-portuguesas como "carretera", "ghueves", "auntamiento"...para que os portugueses não nos entendam; leem "La Voz de Galicia" e "El Pais" para aprenderem bem a ortografia do galego "enxebre", que como todos sabemos veu a coincidir com a do castelhano num proceso histórico completemente natural; emigram a Canárias e Barcelona para criar núcleos de resistência de retaguarda, e escaralham a Terra com eucaliptos, feismo arquitectónico, chapapote e miséria produtiva numa habil, mesmo genial estratégia de "terra queimada" para que os imparialistas lisboetas não tenham nada que cobiçar por aqui... Vivam os patriotas galegos enxebres...! Viva Galiza ceive, socialista, não patriarcal, e não portuguesa...! Suso
suso (25/04/2006 15:52)

Obrigado Concha por outra vez deliciar-nos
abanhos (25/04/2006 13:31)

parabéns. reaccións como as do tal "susiño" son a mellor mostra de que o índice sinalou a ferida certa.
susinho (25/04/2006 13:30)

Pobres cavernícolas carpeto-vetônicos tipo Susiño que têm uma patética cruzada contra a Galiza. Algo lhes prói, devem estar nervosos. Estão a ficar "leixos" da cena e já não sabem por onde sair.
Inh (25/04/2006 13:28)

Ai macagundiosss!!! pois eu teño o mal de Purtujal , Madrid cólleme máis leixos. Eu sónlle jallejo non purtugués.
susiño (25/04/2006 10:59)

Fermoso texto Concha. Quando as vacas têm o "mal de Madrid" , na Amaia chamamos-lhe palmoeira soscam umas patadas do demo para que não lhe toques nos tetos. Quando chegará o dia que a vaquinha galega faça o mesmo ? ;-)
Amaeo (25/04/2006 08:26)

Bem expôs a ideia com a imagem. Temos que estar em alerta. Temos que estar em combate permanente. Castelão sempre estava em alerta. Parabéns.
Vinseiro (24/04/2006 22:33)

'Tá muito bem, Concha, desfrutei. Prosa que flui, com aquilo que se chama "vontade de estilo". Difícil ter um bom estilo jornalístico. Uma cousa é escrever artigos e outra ter estilo. A tua voz é uma das poucas felizes excepções deste país. Saúde e tetos de vaca!
Celso (24/04/2006 17:36)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Volve o 17 de maio, oh ledícia...!

Un artigo de: **Concha Rousia**
[15/05/2006]

Iremos todos contentes a Santiago em peregrinação pola nossa língua; bonito ritual terapêutico que durará o que durar o percorrido da manifestação.

Será a justa válvula de escape para aguentar mais um ano sem rebentar, mais um ano agoniando, mais um ano para ver como se segue a enterrar viva a nossa língua. Mas a quem queremos enganar? Como nenos pequenos a quem lhes deram permissão para ir de excursão; sim, a Santiago, a quem não levaram alguma vez de excursão a Santiago? Pois é, esta é mais outra; conta com todas as autorizações paternas.

O que mais me amola é saber que eu irei a essa excursão, e terei de suportar a mofa que hoje nos fazem os jornais botando-nos a língua fora desde o quiosque, e alguns até os mercaremos; hoje traduzirão as suas capas ao nosso idioma para fingir o apreço que não sentem, mas todos e todas sabemos das suas profundas motivações para fazê-lo; sim, sabemos que é apenas uma burla destes mal chamados jornais galegos. E lá iremos nós mais uma vez a fazer parte da pequena multidão. E como sempre, como cada ano, olharemos nas faces dos meninhos chegados do rural; faces expressivas e selectas que ressaltarão no despersonalizado mundo urbano. Esses miúdos e miúdas esconder-se-ão atrás dum catazinho que lhes pintou seu pai a noite antes. E todos admiraremos a sua ingenuidade; e calaremos, deixaremos que esses pequenos e pequenas sonhem o nosso sonho e com ele salvarmo-nos.

E este ano em que compartilhamos a responsabilidade de governar... oh Ano Santo, jubileu! Já nos podemos sentir como hippies realizados a mercar os nossos farrapos nos centros comerciais, mentres temos de engolir o feito de ter sentado na cadeira de presidente a um hominho que talvez não se sente cómodo defendendo a nossa língua como deve, e precisa, ser defendida, e temos de suportar a incerteza de não saber que estatus vai ter o NOSSO idioma no NOSSO estatuto. Este ano deveríamos ter algo mais para celebrar, certamente deveríamos, mas não temos... este ano temos só a nós próprios para berrar-nos até que nos estoure a cabeça, só a nós temos para convencer de que não há caminho se não passar polo meio e meio, polo coração, da nossa língua.

E se não lograrmos isso então seremos ainda mais patéticos que os beatos descridos que vão ao Santo André de Teixido de vivos porque temem ser castigados a irem de mortos em forma de lagartixa; quando o terrível, o terrivelmente cómico, e que nós todos vivemos reptando. Até que nos cansemos, ou como diria minha mãe: Até que nos fartemos.

COMENTARIOS:

Hai 48 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Volve o 17 de maio, oh ledícia...!

Un artigo de: **Concha Rousia**
[15/05/2006]

Iremos todos contentes a Santiago em peregrinação pola nossa língua; bonito ritual terapêutico que durará o que durar o percorrido da manifestação.

Será a justa válvula de escape para aguentar mais um ano sem rebentar, mais um ano agoniando, mais um ano para ver como se segue a enterrar viva a nossa língua. Mas a quem queremos enganar? Como nenos pequenos a quem lhes deram permissão para ir de excursão; sim, a Santiago, a quem não levaram alguma vez de excursão a Santiago? Pois é, esta é mais outra; conta com todas as autorizações paternas.

O que mais me amola é saber que eu irei a essa excursão, e terei de suportar a mofa que hoje nos fazem os jornais botando-nos a língua fora desde o quiosque, e alguns até os mercaremos; hoje traduzirão as suas capas ao nosso idioma para fingir o apreço que não sentem, mas todos e todas sabemos das suas profundas motivações para fazê-lo; sim, sabemos que é apenas uma burla destes mal chamados jornais galegos. E lá iremos nós mais uma vez a fazer parte da pequena multidão. E como sempre, como cada ano, olharemos nas faces dos meninhos chegados do rural; faces expressivas e selectas que ressaltarão no despersonalizado mundo urbano. Esses miúdos e miúdas esconder-se-ão atrás dum catazinho que lhes pintou seu pai a noite antes. E todos admiraremos a sua ingenuidade; e calaremos, deixaremos que esses pequenos e pequenas sonhem o nosso sonho e com ele salvarmo-nos.

E este ano em que compartilhamos a responsabilidade de governar... oh Ano Santo, jubileu! Já nos podemos sentir como hippies realizados a mercar os nossos farrapos nos centros comerciais, mentres temos de engolir o feito de ter sentado na cadeira de presidente a um hominho que talvez não se sente cómodo defendendo a nossa língua como deve, e precisa, ser defendida, e temos de suportar a incerteza de não saber que estatus vai ter o NOSSO idioma no NOSSO estatuto. Este ano deveríamos ter algo mais para celebrar, certamente deveríamos, mas não temos... este ano temos só a nós próprios para berrar-nos até que nos estoure a cabeça, só a nós temos para convencer de que não há caminho se não passar polo meio e meio, polo coração, da nossa língua.

E se não lograrmos isso então seremos ainda mais patéticos que os beatos descridos que vão ao Santo André de Teixido de vivos porque temem ser castigados a irem de mortos em forma de lagartixa; quando o terrível, o terrivelmente cómico, e que nós todos vivemos reptando. Até que nos cansemos, ou como diria minha mãe: Até que nos fartemos.

COMENTARIOS:

041c95e19cd25594f827c50f24c42f0e volorosate http://10.comeanessun.com/hotelbalangero/ chiesadisantamarianovella bambiniinvisibili http://16.comeanessun.com/alisupermercati/ ragazzolugovicenza voliromariodejaneiro http://10.toccassealtro.com/contrattodiconcessione/ ragazzocanino borsatracollapelle http://4.chemisolea.com/cavalieriacavallo/ cartellinecartone verificadistabilitadeiversanti http://19.toccassealtro.com/nsrusata/ lavoromenton raccordoacciaioinox http://12.chemisolea.com/aspirazionipolveri/ cinemaluxroma federicosalvatoreazz http://6.havolutointrar.com/leggedilenz/ servicesportit raccontoumoristici http://3.toccassealtro.com/suoneriasherylcrow/ orsogril 42089bebdab1b6676a74b937bca54905

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:

- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Jerrell (13/09/2006 03:02)

66de58f10a6aaad4508fdc9b9d1f5fc9 north-sail-abbigliamento http://16.uscitofuor.com/offerta-viaggi-maiorca/ catalogo-zv trucco-spiderman http://18.fulapaura.com/50-pollici-plasma/ abano-cure-termali vendita-viper-adsl http://20.mossediprima.com/forum-giardinaggio/ sciare-a-bormio viaggio-berlino http://8.uscitofuor.com/catasto-di-modena/ pagliacci-foto lotteria-italia-vincenti http://10.chenellago.com/prestito-chester/ psoriasi-it lettore-dvd-portatile-amstrad-tv http://16.fulapaura.com/sfondi-angeli/ settimana-bianca-settimana-bianca milano-alloggio http://3.enonmisi.com/parafrasi-lavandare-pascoli/ acquisto-immobile-pistoia emulatore-psx-pc http://15.mossediprima.com/cestaro/ mp3-ligabue-gratis-dialer bfa4f7f17a2f1903f2d81ee20efffdd9

Garret (12/09/2006 18:04)

3954daec07a05aa2778b784d40f043da gruppotrekking http://13.dilortrarresi.com/incontrosedegliano/ lagazzettadellosportit affittialassio http://16.tuttequante.com/lastminutefilicudi/ hostingarubait ricettacapodanno http://3.animefortunate.com/palladiousb/ federazioneitalianatabaccaio concorrenti http://11.animefortunate.com/alitaliaoffertavacanzadubai/ astaviaggio prezzohomecinema http://16.comeamessagger.com/tuttogratisitcopertinadvd/ adidasmagliarealmadrid bluvacanze http://10.animefortunate.com/donnaanticagrecia/ incontrouggiatetrevano ufficionoale http://19.comeamessagger.com/programmacrearemp3/ autonoleggiosava agriturismoalbanolaziale http://7.tuttequante.com/caschidamotosuomy/ caminettoantrax 90edf346fa904623decd21cec2c84787

Greg (12/09/2006 01:44)

e3b53acaf7053bd754776f249cd5835c sogni-lotto http://17.qualifioretti.com/puttana-amatoriali/ incontro-monserrato bella-pelosa http://3.posciache.com/norme-edilizia/ cd-musicali-vendita-site reiki-vicenza-list-new-link http://16.evenniate.com/fac-simile-libro-socio/ batteria-motorola-v60 ponte-della-becca http://14.perlocammino.com/felpa-kappa-eroi/ piumino-belstaff buddha-bar-parigi http://3.giustiziamosse.com/auto-noleggio-aglie/ pavimenti-in-laminato-vendita istituto-alberghiero-a-treviso http://14.giustiziamosse.com/modalita-d-uso-fanghi-contro-cellulite/ retribuzione-operaio-agricoli trucco-duna-2000 http://18.evenniate.com/calcio-freestyle/ stefano-pesce auto-noleggio-essen http://18.posciache.com/imballaggio-protettivi/ gestore-smssplitter de193be5b8f79b7a2b90dfbc674c0d5b

Stephen (31/08/2006 09:16)

e3b53acaf7053bd754776f249cd5835c sogni-lotto http://17.qualifioretti.com/puttana-amatoriali/ incontro-monserrato bella-pelosa http://3.posciache.com/norme-edilizia/ cd-musicali-vendita-site reiki-vicenza-list-new-link http://16.evenniate.com/fac-simile-libro-socio/ batteria-motorola-v60 ponte-della-becca http://14.perlocammino.com/felpa-kappa-eroi/ piumino-belstaff buddha-bar-parigi http://3.giustiziamosse.com/auto-noleggio-aglie/ pavimenti-in-laminato-vendita istituto-alberghiero-a-treviso http://14.giustiziamosse.com/modalita-d-uso-fanghi-contro-cellulite/ retribuzione-operaio-agricoli trucco-duna-2000 http://18.evenniate.com/calcio-freestyle/ stefano-pesce auto-noleggio-essen http://18.posciache.com/imballaggio-protettivi/ gestore-smssplitter de193be5b8f79b7a2b90dfbc674c0d5b

Stephen (31/08/2006 09:12)

a199cbffb820f18871df66a3d78153a8 ufficio-villa-carcina http://19.loroilmondo.com/centro-specializzati-medicina-nucleare-pet/ meteo-brescia wellness-benevento http://13.alcunagloria.com/trucco-g-t-sant-andreas/ assicurazione-arquata-scrivia cuffia-dea-jay http://12.alcunagloria.com/yahoo-

gioco-it/ frase-simpatica-compleanno scarica-mp3-sandy-junior http://20.cheriguardai.com/sfogliare/ roma-origini tavolini-da-salotto-moderni http://11.cheriguardai.com/testa-equatoriale-telescopi/ federica-torti profilassi-antibiotica http://4.loroilmondo.com/kawasaki-italia/ case-vendita-liguria ripetitore-antenna http://16.alcunagloria.com/agriturismo-morigerati/ heap-seek-skoda allergia-graminacee http://17.alcunagloria.com/save-the-queen-abbigliamento/ foto-strada 02650d065883ea827c57880143cd6242

Arturo (30/08/2006 22:15)

c7be7b8907b7c68b091dc676f779fa18 hotelscarperia http://5.dilortrarresi.com/noleggioautoinbenin/ tuboviton ufficiobelgioioso http://14.dilortrarresi.com/assicurazioneortona/ ragazzotavagnacco esercizioteoremathevenninnorton http://10.dilortrarresi.com/creatouniverso/ catalogobibliograficotrentino trippaallaromana http://3.animefortunate.com/ingegneriameccanica/ midisiglatg5 elicotteroinkit http://14.comeamessagger.com/analisilog/ traduttoreinglesetraduzioneitaliano fotospiatasottogonna http://9.tuttequante.com/vacanzacalabriavillaggio/ cellularenokia2600 ivanafuckloto http://9.tuttequante.com/assistenzaanzianiroma/ terminiimereseit eramiopadre http://9.animefortunate.com/filtrazioneidraulica/ ambasciataitalianamadrid 414d739bbb8eab80e6a8eaeaed3788fd

Randy (30/08/2006 09:16)

fd539f054a406af0b52ef52a8270fe00 hotel-residence-trentino http://18.sifuassolto.com/pornostar-eva/ palazzo-magnani cucina-industriale http://6.colombosipone.com/suzuki-foto/ cosmetico-la-mer corso-assistente-volo http://14.colombosipone.com/ricetta-torta-ananas/ portatile-televisore cellulare-panasonic-x400 http://3.mortalmondo.com/divano-complemento-arredo/ latinaonline-ircq-it il-moko http://2.sifuassolto.com/auto-noleggio-durazzo/ suoneria-polifonica-gratis-philips-630 finanziamento-zell-am-see http://3.sifuassolto.com/fumetto-gotici/ cerca-interfree arredare-casa-fantasia http://5.sifuassolto.com/recensione-stampante/ nuova-laguna-sport-tourer treesse-sport http://9.questaaltezza.com/parti-speciali-honda-hornet/ rhona-mitra-nuda 2eb77462006132a61c09d9ba95a34e1a

Skylar (20/08/2006 02:15)

ea65601f7d67fa1900e3369f626aa47d soluzionebusinessintelligence http://14.dolcezzasenti.com/cmsumbria/ customwebpagehostinganddesign lavorovienna http://19.ordineformati.com/morcheeba/ pedosex agriturismolondon http://17.ordineformati.com/golaprofonda/ ufficiotrieste hoteldevillamilano http://1.chedivino.com/paypal/ autonoleggiobareggio giocarescacchi http://19.chedivino.com/consulenzatrento/ torteananas siglabeautiful http://15.chedivino.com/assicurazionecampotures/ sexlesbo patategratinaterosmarino http://13.suacorte.com/storiadellaformula1/ studio54 provinciadiviterbo http://12.dolcezzasenti.com/cameraovada/ turismoculturale a9d78baa354a855d6269a5d22243d202

Dangelo (19/08/2006 07:28)

d5ac70436e656ab5d04f5eb1627481e2 il-mondo http://3.chefaconte.com/centro-benessere-ravenna/ nuovo-molise camerun-storia http://17.miserra.com/scrivere-verbale/ tendoni-circo ragazza-castiglione-d http://17.dannoguerra.com/antenna-tv-terrestre/ cinema-beinasco trucchi-sonyericsson http://16.dannoguerra.com/borsa-immobiliare-monza/ accessorio-braun orizzonte-varazze http://5.altrovello.com/frase-simpatica-compleanno/ autorita-bacino sant-egidio-alla-vibrata http://10.altrovello.com/volo-monte-san-pietro/ maglia-d-g-stock previsioni-meteo-settimanali http://5.chefaconte.com/moglie-molto-sexy/ bacio-arte croazia-maps-store http://14.dannoguerra.com/nuova-opel-signum-auto-nuova/ affitto-

appartamento-avellino 07723c7e7aa5b5bbad07d148250f7bcf
Miles (19/08/2006 06:28)

5fac42193e67e6c4dcd1308329b8468f bodyofevidence
http://20.parlarpronte.com/modernfurniture/ canzonispagnole
meeticitanimagemella http://1.nonfida.com/florencefourstarhotel/
campeggiomarinamassa leggerobien
http://20.dolceguida.com/assicurazionecasoria/ albergoitaliamilano
venditaattrezzopalestrausatocasa
http://4.dolceguida.com/distribuzionecdr/ wright ilcorvo
http://8.parlarpronte.com/sgombro/ autoaziendalibari
wirelessaccesspoint http://12.dolceguida.com/solvay/
detroitpistonsbasketballjerseys malattiawilson
http://6.parlarpronte.com/plusvaloreit/ albodoro bollomotostorica
http://5.dolceguida.com/hotelsantabarbara/
accomodationinflorence ff698b8f1e2688e2e5dd37728df9e4f7
Alec (16/08/2006 12:14)

0c680eea3f9d83977ee9792742c14db7 temistato
http://12.cospettoetterno.com/offertatelefono/
finanziariaprestitomutuo erosramazzotticom
http://17.cospettoetterno.com/dizionariotraduttore/ battisti
acquerello http://1.nonprende.com/peugeot207/ nokia6270
piedifeticismo
http://20.cospettoetterno.com/piantinaappartamento/
bungalowmaretoscana crimine
http://7.nonprende.com/smarttuning/ previsionideltemponizza
chickenlittlemovie
http://20.colpidiventura.com/giocareonlinegiocoonlineflash/
camerahamburg baristradario
http://3.peccatatolle.com/filosoficonet/ bigiotteriafattaamano
prefetturaroma
http://17.internastampa.com/prodottiricostruzioneunghia/
universitabicoccamilano f005eb0fc8b9ed3938637eb9ead63ec2
Esteban (07/08/2006 11:33)

93606253b8c8af434438bdf62a521e26 offertavoip
http://9.nonpiacque.com/psx2trucchighosthuntersolotrucchi/
cuffiamp3 mariaantoniettareginadifrancia
http://12.nonpiacque.com/vacanzacalabria/ pussicatdolls qbrit
http://1.gialacolonna.com/screensaveranimato/ cognac
ripparedvddecrypter http://4.puosefine.com/lumengentium/
calendariomasciaferro prezzomasterizzatore
http://6.puosefine.com/lavatriceofferta/ albergo3stellenapoli
downloadfantacalcio http://19.gialacolonna.com/comunedisegrate/
bignaturalboobs teenjeans
http://4.gialacolonna.com/capsulabottiglia/ videoanal
cartucciacompatibile
http://18.gialacolonna.com/mutuoprestitocessioneleasing/
assicurazionemassamarittima
2c9b7f801c901cb50971d67a71c64b13
Adalberto (05/08/2006 21:00)

24aed52e7b6992e39c96dbb5867e7668 bermudacruise
http://7.lenovenote.com/ancientafrican/ satkeysecairdeto
calendario2006francescalodo http://1.lenovenote.com/cocaina/
paintballgun siemensc60
http://4.mutoaspetti.com/franchisingservizi/ abbeynational
copiarexboxdvd http://18.fuorgirati.com/romaniavacanza/
prenotazionealbergopisa perito
http://7.qualtinegasse.com/pavimentocotto/
midicartoneanimatoqugratis katrina
http://9.mutoaspetti.com/fotonedvedpallonedoro/ vacanzaamalta
mobiligiardinoazienda
http://16.mutoaspetti.com/polipoaffogatoallaluciana/ showerfuck
realaudioplayer http://18.diretroal.com/ariannaciampoli/
lampadavideoproiettore 75a742eec33669b1edde3eaa6b5f0c97
Cullen (05/08/2006 17:08)

d37432c54660a0fd1a815fbbf9873877 mp3bajarmusica

http://2.mp3deutsch.org/downloaddata1.msimp3design/ mp3omisys lamemp3recorder http://14.mp3liede.org/backgroundmusicpresentationmp3/ mp3ebmsynthpop prussianbluemp3 http://13.freiemusik.org/lecteurmp340go/ humormp3 gpamrmp3 http://12.freiemusik.org/baladeurmp3archosgmini220/ reproductormp3bluesens 5tioniwishdownloadmp3 http://14.freieliede.org/mejorprecioreproductormp3/ bihmp3 roughsilkmephistomp3 http://12.mp3liede.org/programaparapasararchivoamp3/ reproductormp3zenmicroadaptador dictaphonelecteurmp3 http://13.mp3liede.org/vrijemp3/ baladeurmp3creativezenmicro5gonoir sagespoeteruemp3 http://5.mp3freie.org/parentdirectorymp3algreenalbum/ zeitheiltallewundermp3 c9551bfed82d85381e7fd1deb6fef0af

Guy (30/07/2006 06:51)

655f6df783ca3faa626166a00f6d711c prednisone-chronic-leukemia458.html http://erotica.somigliante.org/free-naked-girls71.html asian-idol-scans569.html comcast-sucks210.html http://pet.medrxpills.org/does-wellbutrin-contain272.html zyrtec-weight149.html what-ingredients-does127.html http://parkinsons.meether.org/where-to-buy18626.html ortho-sprayer379.html 50-first-dates509.html http://achilles.medrxpills.org/prozac-and-ovulation325.html why-doesn't-chlamydia447.html erica-campbell-hardcore248.html http://periostat.medrxpills.org/mexican-darvocet121.html bond-classified-cd4081.html she-thinks-my942.html http://facts.medrxpills.org/making-50%-potassium284.html love-hina-hentai4498.html fissure-healing-slow278.html http://neuro.xdiscussion.org/anime-betterman-mp3971.html potassium-nitrate-suppliers196.html free-mpeg-clip927.html http://replacement.mainpills.org/is-methadone-deadly197.html dates-of-the520.html 33766d282efd27c3468309e546e247c5

Jimmie (29/07/2006 11:42)

elitemp3net http://19.chansonmp3.org/descargamp3amaral/ sandypapomp3 lamourtoujoursiimp3 http://6.mp3ici.org/mp3vgfap1l40go/ freegothicmp3download blooddancefloormp3 http://9.libremp3.org/roberttepperm p3download/ mp3arztschreiliebe oldnewballadsbluesmp3 http://8.mp3chanson.org/newagegirlmp3/ celinedionyouandimp3 lucaturillidemonheartmp3free http://7.libremp3.org/packardbellbaladeurmp3audiokey/ pokemonadvancedbattleopeningmp3 bapmp3freedownload http://15.libremp3.org/mp3iriver6/ pauljonesprivilegmp3 parentdirectoryfreiheitmp3 http://8.chansonmp3.org/mpiomp3128/ festplattemp320gb imprimantecanonsmartbasemp370 http://14.libremp3.org/veroniqueetdavinamp3/ neverendingdreamxperiencemp3 5064a72d6d1acabba6a21f655481a5b5

Mohammad (23/07/2006 19:19)

squirting.html http://17.welcomexxx.org/slut.html strap-on.html erotica.html http://16.exxxternal.org/closeup.html bukkake.html sucking.html http://10.xlists.org/housewive.html flashing.html celebrities.html http://3.exxxternal.org/celebrities.html milf.html erect.html http://5.xlists.org/ass.html blonde.html femail.html http://8.xpreview.org/femail.html handjob.html milf.html http://3.xpreview.org/naughty.html cum.html blonde.html http://17.exxxternal.org/babe.html bukkake.html 6d02afe3993f73507d90e3f877d8eed8

Brooks (22/07/2006 15:15)

nipple.html http://5.yourfantasies.org/blowjob.html bizarre.html naughty.html http://3.masterofpassion.org/penetration.html close_up.html dick.html http://8.relaxxxx.org/footfetish.html amatuer.html sexy.html http://2.yourfantasies.org/dildo.html fist.html hunk.html http://1.yourfantasies.org/bukkake.html

buttock.html foot_job.html http://16.hottty.org/strap-on.html nipple.html pornstars.html http://7.hotstorm.org/flashing.html sucking.html masterbate.html http://16.relaxxxx.org/pornography.html plump.html df487ef8b49cead02c1a5d00a04288ce
Kareem (20/07/2006 23:07)

lingerie.html http://7.altvideos.org/squirting.html footjob.html nifty.html http://1.myvideoz.org/fissure.html pissing.html squirting.html http://4.thepassione.org/perky.html gay.html orgasm.html http://14.myvideoz.org/fissure.html homosexual.html mature.html http://19.amateurworld.org/fetish.html naked.html naked.html http://4.amateurworld.org/fetish.html suck.html buttock.html http://5.thepassione.org/oral.html centerfold.html dick.html http://2.myvideoz.org/clitoris.html blowjob.html 71b0d16f90c6ef289fb9e0b08b44fd7c
Franklin (16/07/2006 09:38)

gravidanzaeparto http://5.vadinanzi.org/dizionarioitalianoinglesetraduzione/ offertalavoropuglia previsionearpa http://15.dovresti.org/computergames/ donnavecchianude insana http://5.abbracciava.org/donnanegre/ navigatoresatellitareportatile rivenditori http://13.abbracciava.org/incontroaeroportomilanomalpensa/ monicabelucci situazionenevetrentino http://8.dovresti.org/giocoemulatoregba/ islamismo assicurazionefossano http://10.cotestopunto.org/sitter/ flaminiomaphia cucineelettriche http://13.dovresti.org/nantucketintrattenimento/ experian codecdvd http://4.lagrimetta.org/younggirlporn/ santabarbara bd0e28eaccfa349da99ddd3880835725
Saul (16/07/2006 03:41)

ringtonedownloads http://9.raccoglie.com/pantaloneufo/ autonoleggiolaigueglia ragazzaponpon http://12.diquestomonte.com/arcore/ giocobarbie annunciogratissicilia http://14.sovragiunto.com/curatermalepsoriasi/ albergocaserta innamorato http://12.sovragiunto.com/prezzomicroondeincasso/ calgarycosefare lettilegnomassello http://19.sovragiunto.com/dominiointernetregistrazione/ vanessalane dibicenter http://13.nonsofferse.com/annuncioauto/ bungalowgargano quicktimedownload http://10.diquestomonte.com/ilmuroit/ noleggiofurgonegenova tastieraelettronica http://16.nonsofferse.com/assicurazionesanitaria/ centridepilazione 70fcdb09b8b18b50874603a6c99fcbcb
Codey (14/07/2006 18:08)

Áåñïëàòíûå ÑÌÑêè http://www.ponochka.ru è Free sms http://www.ponochka.com/eng regionemoliseit http://9.spizzicare.org/searchgals/ warnerbros sportnews http://12.spizzicare.org/appuntorealizzazionesitoweb/ viatechnologies incontrogiaveno http://7.eimpegnando.org/pensionisorrento/ paolocalissano frittelladolciricettaveneziane http://1.cordialita.org/bicchierebiedermeier/ palestradacasa bicchieripubblicitari http://8.confortare.org/noleggiarebarche/ tenutemeccaniche prestitoventimiglia http://4.pettegolezzi.org/publiwebchat/ driverscannerdexxa4800 grandiviaggitouroperator http://13.spizzicare.org/affinitacoppiaastrologia/ gattanerafoto accessorioalcatel http://12.eimpegnando.org/annuncioragazzasinglebrescia/ danzait 05980283d7fb0e8cc54b17a2b2a0ab96
Rey (10/07/2006 13:19)

funwithdickandjane http://13.lesensazioni.com/albergoparigi/ eastersevignyfellatio sfondidesktopanimali

http://4.tuofratello.com/astapenna/ dildovideos learntosuckyourowncock http://16.tuofratello.com/fisconline/ nakedsexywomen lesbianfingeringeachother http://3.sonopassato.com/britneyspearsmasturbating/ amplandmain pussyfingering http://10.lesensazioni.com/incontrialivigno/ convertitorewmamp3gratis trannypantyhose http://20.unoscoppio.com/lavatricearistonl/ budapestbukkakefreepics oroscopodipaolofox http://8.tuofratello.com/acquistomonitor/ sectorexpanderorologio freeboobs http://2.unoscoppio.com/iwannapeeonyou/ lottoestrazione 849b90dee61199d2ed871b18e1575cb5

Alvin (06/07/2006 08:14)

mappapercorsistradali http://www611.webattrezzi.com/italianoperstranieri/ toscanasanmichelevacanza testocanzonedido http://www2089.imparilo.com/poleposition/ bigliettocomunione corsocucinaparma http://www871.webattrezzi.com/climatizzatoreargo/ giochiguerraonline caseinaffittoparre http://www2261.webattrezzi.com/mercanteinfiera/ werewolf hotelmontegrottoterme http://www1099.imparilo.com/abbigliamentodonnabiancheria/ milanoincontri incontrousmatevelata http://www1689.imparilo.com/cercocasa/ harddiskscsi isdncosti http://www279.imparilo.com/tshirt/ carburatore materassomatrimoniali http://www1241.webattrezzi.com/solomusicaitaliana/ horselovergift dc64615b0a1e1bd3cb2689bf82248b5c

Earnest (27/06/2006 15:52)

pois si, mascaremos a rabia que nos come por dentro, este día inda mais ca outros. porque empezou sendo unha festa cultural e acabou convertido nunha romería de gaiteiro e empanada xusto como lle gustaban a d. manuel estas cousas

binito (16/05/2006 23:42)

A miña humilde opinión. Creo que o 17 de maio non debería ser festivo. Se queredes sen deixar de ser o día das letras galegas. Os libreiros venderían máis libros e a cambio nós teriamos como festivo o día de San Xoan, máis popular, ou o do Carme, ou o de San Xosé, ou o de San Pedro Bendito ou calquera máis popular e non un inventado desde Santiago. ¿Por que non tamén o día dos números galegos?¡¡Coidado coas pedras non me vaiades a lapidar!!

Xan Carallán (16/05/2006 23:41)

Parabens pelas reflexões expostas no artigo. O pesimismo fora da nossa mente, dos nossos actos. Sempre adiante, adiante,.....

Vinserio (16/05/2006 16:24)

Ao votante bloqueiro: Parece-me bem que exista o BNG. Se nom existisse teríamos ainda mais problemas para votar. Só me parece mal o seu actual alinhamento, silencio e pacto de Compostela. Todos sabemos que hai sítios nos que o BNG funciona muito bem, é de esquerdas e respeita a sua ideologia. Cada vez mais raro, diga-se. Em Compostela, som responsáveis pola perseguiçom à esquerda nom-Bloque. Em Alhariz aliam-se aos construtores, destroem paisagem para um campo de golf, fam o mesmo que os outros, sentadinhos que estam no poder. Só isso. Verdade ou mentira? E, já agora, nom comentaches o artigo da Concha.

Domingos Guedes (16/05/2006 12:50)

Parabens polo artigo, mais uma vez.

Manel (16/05/2006 10:25)

Da gosto o jeito como você vai compartilhando a sua sabedoria e as boas reflexões com todos. Ainda que sejam inçadas de pesimismo, sempre, até no mais negro, sabe você Concha deixar-nos um fio de esperança Obrigada por faze-lo

laura (16/05/2006 08:47)

Mais uma vez, Concha, ressaltas uma parte da realidade com as tuas opiniões: a manifestação do dia das letras (mortas) galegas é uma falsidade. Nem o governo promove a língua nem os seus

utilizadores sabem o que devem fazer com ela. O corpo dos galegos não sabe de que lado tem o coração da sua língua. É animal de sangue frio, como os lagartos...
Isabel Rei (15/05/2006 23:49)

Vai o dezasete Concha, e conta portugueses
arzaya (15/05/2006 21:37)

homiño de trapo galego antes ca "hombretón espanhol" rosalia, pero se prefires o machismo castelán o "la maté porque era mía" e esas historias, alá cadaquén..
lavesedo (15/05/2006 20:02)

Concha: non lle fagas caso, no fondo o que lles fode é que unha muller lles diga que son uns "homiños" porque iso é o que son a maioria destes nosos galeguiños... se fosen polo menos cataláns seria outra cousa..., xa non digamos vascos..., ou ate castellanos, pero meus probes...
Rosalia (15/05/2006 19:04)

I have a dream today! I have a dream that one day every valley shall be exalted, and every hill and mountain shall be made low, the rough places will be made plain, and the crooked places will be made straight; "and the glory of the Lord shall be revealed and all flesh shall see it together."² Será assim "oh Lord!
j.a (15/05/2006 18:49)

Acabáramos.. era umha soluçon tipo "I had a dream", eu pensei que ías ser mais concreta.
j.a (15/05/2006 18:37)

Concha, semella que agachas un terríbel resentimento cara ao castelán que che vai acabar levando a asasinar ao próximo dependente que che venda unhas luvas "con ranitas". Acouga, e coido que non é má idea o de saíres de Compostela un pedaciño, hai outros mundos. De todos os xeitos, no fondo concordo co que (entendo) que queres dicir. E unha curiosidade..., en Xinzo falades así, mellor dito a xente de idade, ou como ti dirías "os idosos", falan así: din fartarnos? ou din fartar??
lavesedo (15/05/2006 18:16)

Para "nós" e "j.a", e todo aquele que se faça a mesma pergunta que eles e não ache resposta. Quando esse momento, no que vos fartareis, chegar, o primeiro que notareis seram umas ganas terríveis de por-vos em pé, e de parar de desenhar esses no chão, e no seu lugar querereis ver pegadas de homens (ou mulheres) feitos e direitos; daquela já sabereis o que há que fazer, e também sabereis que a resposta não pode vir de fora de vos.
concha rousia (15/05/2006 17:40)

Domingos Guedes: e logo non hai unha Esquerda Unida galega? He he he... ademais de FPG´s, Nós-UP´s e demais partidiños... deixe de votar ao Bloque co nariz tapado, que iso do voto útil é unha parvada, e vote sen medo a quen máis lle preste. Ademais, pense que, se no "peor" dos casos, o BNG-PSOE perden a maioría por 1 só voto, é de esperar que reaccionen e cambien o rumbo, co que lle estaría facendo un grande favor á sociedade!
votante bloqueiro (15/05/2006 16:25)

Muitos parebéns, Concha. Tens conseguido, desde o primeiro artigo, representar todas e todos quantos estamos republicanamente fartos da hipocrisia destes Pesoeiros, destes alinhados bloqueiros, para não falar dos Fachos Pepeiros. E, porque não existe uma Esquerda Unida Galega, temos cada vez que engolir o sapo, tapar o nariz e votar no bloque, crendo que com isso contribuímos para que os "malos" não governem. Agora que o poder está ocupado pela pseudo-esquerda, não há manifa que nos valha, já que estão todos sentadinhos no sofá esperando que lhes caia um cargo, ou algo que se pareça. Concha, de verdade que te agradeço a coragem, a claridade, a sensibilidade.
Domingos Guedes (15/05/2006 16:13)

Eu também nom gostei da ultima frase, e quando nós fartemos que? explíca concha
j.a (15/05/2006 14:30)

e que faran cando se farten? Interésame a solución, o plan B
nós (15/05/2006 13:56)

Se quedo na casa non é por vontade é por non aturar todas as parvadas que unha ten que ouvir dos intelectualillos progres, máis progres, moitísimos máis progres, iso si, ideas positivas e construtivas ningunha. E inda por riba toda a manifa co baralle das normativas e a falar de personalismos, é dicir máis do mesmo que aborrece a todo o mundo menos aos sectarios.
Bo día (15/05/2006 13:47)

Concha, tu sempre acertas en poñer as palabras exactas a aquilo que moitas sentimos e que non sempre acertamos en expresar, grazas, por estar ai, eu estou contigo.
Rosalia (15/05/2006 13:30)

Isso. O 17 a ficar todos na casa bem quentinhos a durmir, comer uma boa empanada e ver um partido de futbol...porque é que, além de tudo, vai chover...sim, vai chover. Uma chuvinha com um cheiro algo raro a urinário...mas não nos importemos, é so que chove.
suso (15/05/2006 13:05)

Esta Concha sempre negativvva¡ parece Van Gaal. Pois nada, con saír de vez en cando de Compostela problema resolto. Ah, e cando atopes a pedra filosofal e o remedio para a nódoa que se instalou no meu xersei fai un artigo para Vieiros. E no 17 a durmir, faltaría máis.
Bo día (15/05/2006 12:48)

Estimada Concha... paréceme que vosté sofre moito, ¿non? ("aguentar mais um ano sem rebentar, mais um ano agoniando", "terei de suportar a mofa que hoje nos fazem os jornais botando-nos a língua fora", "nós todos vivemos reptando"). Tranquila, hai solucións: abonda con quedar na cama todo o día 17, sen sair de casa. Ademais como é festivo non hai moito problema...
Hippy realizado (15/05/2006 11:47)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Algo mais sobre as nossas letras (I)

Un artigo de: **Concha Rousia**
[23/05/2006]

Viagem entre as raias. Parte I: As adormideiras
Entre o envio do meu anterior artigo "Volve o 17 de Maio..." e o próprio dia 17, fiz uma viagem que começou em Santiago de Compostela para ir ao Bierzo primeiro, e prosseguir depois para Trás-os-Montes.

Partimos o dia 11, sexta-feira, ai contra o meio-dia, pola estrada que leva mesmo perto de Guitiriz, para apanharmos a autovia com direcção a Ponferrada, lugar do nosso primeiro destino. Paramos a jantar na formosa Vilafranca, onde nos desenvolvemos com a nossa língua sem qualquer problema. Éramos nos sós a falar galego no restaurante, mas o camareiro respondia como se todos, ele mais nos, estivéssemos a falar no mesmo idioma. À minha filha, que fez seis e anda nos sete, isso não a chocou, está já afeita. Logo de jantar uma carne que todos qualificamos de excepcional, prosseguimos o nosso caminho para chegar a Ponferrada, onde os amigos de Fala Ceibe nos aguardavam para festejar as nossas letras.

O acto, presidido pola elegantíssima Sílvia Ribas, coordenadora dos diferentes eventos, começou com a entrega de prémios aos homenageados: Aquilino Poncelas e Alicia Fonteboa. Ambos os dous professores, que dedicam os seus esforços a lutar pola defessa da nossa língua, falaram da importância que tem a escola para poder seguir a manter vivo o galego no Bierzo; e talvez, se se espreitava com atenção, se adivinhava uma queixa polo abandono que levam sofrido por parte da administração galega, só por eles terem sido excluídos pola raia administrativa. Eu tive a sensação de que por primeira vez pensava neles como penso nos Palestinos aos que lhes toca viver nos territórios ocupados. Aquilino Poncelas dizia, em conversa privada, e com toda a razão do mundo: "...vos tendes a lei da vossa parte" e a mim essas palavras fizeram-me sentir em déveda com eles, com todos eles. "...se o galego –seguia a dizer ele- padece na Galiza, e precisa de cuidados para se recuperar, aqui está já a precisar de primeiros auxílios..." Ele viera de Bilbau onde exerce como professor de lengua e literatura só para celebrar as nossas letras. Eu apercebi-me de que se calhar ele tinha mais direito à decepção e ao desencanto do que eu, e ainda assim e tudo continuava, sem trégua, a sua luta. Admirei o seu espírito. Atrás de Alicia e Aquilino falou Felipe Lubián, essa lenda viva da que pouco posso eu dizer que se não saiba. (http://www.vieiros.com/entrevista/lubian.html) Ele é uma instituição para o galego, e leva conseguido mudanças administrativas importantes para a nossa língua na comunidade de Castela e Leão. Falou de como quando ele era pequeno, ele nasceu no ano 52, nunca teve problemas para falar galego na escola, porque dera com verdadeiros mestres; mentres que hoje em dia, os pequenos das aldeias das Portelas têm que esconder a sua língua antes de entras nas escolas, porque professores ignorantes desconhecem os direitos linguisticos destas terras.

Atrás destas intervenções vieram as obras de teatro, e as leituras da obra de Manuel Lugris, por parte dos meninhos e meninhas do Bierzo. Foi tenro e divertido. Aos miúdos seguimo-los os que levávamos algum poema para a partilha. Eu levava nas minhas palavras as ondas do nosso mar, desse mar que quando abraça a terra fala a nossa língua e portanto é também o mar do Bierzo, ele não entende de raias administrativas sem sentido. A poesia foi continuada pola música, gaitas primeiro, e o acordeão de Servando depois, encheram a sala de cantares e de risas dos que ouviam por primeira vez a copla do Manuel do Campo quando ele quisera casar com a burra... O ramo desta parte da festa puseram-no os de Abertal, agrupação de pandeireteiras e baile, que levaram a festa para fora do edifício. Música e dança atraíram a gente que, sentindo a chamada das gaitas no seu interior, se foram achegando, outros assomavam das janelas e espreitavam desde a distância esta música

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

que nós todos, hoje, queríamos que Ponferrada, e o Bierzo inteiro, sentissem...

Rematada a foliada um grupo de galegos e galegas, alguns do Bierzo outros não, fomos cear ao Navia, e agora sim veio a valorização da experiência por parte dos que não estamos afeitos a vir a Ponferrada. Todos concordamos em ter experimentado a sensação de ser bem entendidos quando falava-mos, mas quase nunca ouvíamos falar na nossa língua mas que quando aparecia uma frase solta no meio do castelhano "...uma firminha..." ou como disse a mulher do café onde estivera o Alexandre, quando lhe caiu a caixa com as saquetinhas do açúcar ao chão: "...alá vai...!" e o homem e a mulher que da esquina do balcão olhavam a cena que interrompia a sua conversa em castelhano dizem, talvez até sem eles próprios escutarem-se: "...que foi o que passou?" "não che sei..." Todos e todas nós experimentáramos o pressentimento de que o galego fica dentro das pessoas todas, mas fica como anestesiado, e eu não posso parar de pensar se todas essas adormideiras que inçam os formosíssimos arredores da cidade terão algo a ver...

Pola noite o encerramento tive lugar no pub "La Gatera" com o concerto de Servando e a apresentação do seu disco "Som Voltas" Aqui, neste local, onde, em lugar de máximo destaque, está a nossa bandeira da estrela junto com uma de Nunca Mais, e um mural de Bierzo Livre pintado na parede em azul branco e negro, a festa foi a rachar; a imparável dança fez suar até as pedras todas das paredes do pub. Logo foram-se somando à festa mais e mais moços e moças, e embora o seu galego não era ele lá muito fluido, ha que dizer que houve algum que fez falar gaita, pandeireta, e tarranholas como poucas vezes eu ouvi na minha vida. Finalmente houve que ir em silêncio para o albergue onde os peregrinos desde bem cedo dormem. A caminho do albergue demos a volta para passarmos pola beira do castelo para ver se Nerea conseguia ver o dragão, acho que o sono (eram mais das duas da manhã) lhe permitiu algum auto-engano divertido. Mentres ela andava a procura do dragão eu espreitava as ruas e praças que estavam inçadas de gente nova, e tive a sensação, não sei se acertada, de estar numa cidade desnorteada, numa cidade à que lhe falta a certeza duma identidade; e foi ai que alguém, como se andasse a pensar o mesmo que eu, disse que adivinhava que toda a Galiza se converterá em algo similar a isto se a desfeita da língua não se para. Um calafrio percorreu o meu coiro. Este arrepio somado às palavras do Aquilino falando da necessidade de primeiros auxílios para o galego no Bierzo deixaram em mim a impressão de ter visitado o frente duma guerra, frente no que eu me julgara desde os 14 anos, mas aqui vim a compreender que só na retaguarda é que eu tinha estado. Fomo-nos para o albergue, amanhã havia que erguer-se cedo e continuar a viagem para Trás-os-Montes, na outra raia administrativa. E ainda bem que em chegando lá receberíamos o efeito contrário ao que daqui levávamos, ou isso era o que eu antecipava, mas... mal pensava eu o que me aguardava por descobrir.

COMENTARIOS:

Hai 115 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Algo mais sobre as nossas letras (I)

Un artigo de: **Concha Rousia**
[23/05/2006]

Viagem entre as raias. Parte I: As adormideiras
Entre o envio do meu anterior artigo "Volve o 17 de Maio..." e o próprio dia 17, fiz uma viagem que começou em Santiago de Compostela para ir ao Bierzo primeiro, e prosseguir depois para Trás-os-Montes.

Partimos o dia 11, sexta-feira, ai contra o meio-dia, pola estrada que leva mesmo perto de Guitiriz, para apanharmos a autovia com direcção a Ponferrada, lugar do nosso primeiro destino. Paramos a jantar na formosa Vilafranca, onde nos desenvolvemos com a nossa língua sem qualquer problema. Éramos nos sós a falar galego no restaurante, mas o camareiro respondia como se todos, ele mais nos, estivéssemos a falar no mesmo idioma. À minha filha, que fez seis e anda nos sete, isso não a chocou, está já afeita. Logo de jantar uma carne que todos qualificamos de excepcional, prosseguimos o nosso caminho para chegar a Ponferrada, onde os amigos de Fala Ceibe nos aguardavam para festejar as nossas letras.

O acto, presidido pola elegantíssima Sílvia Ribas, coordenadora dos diferentes eventos, começou com a entrega de prémios aos homenageados: Aquilino Poncelas e Alicia Fonteboa. Ambos os dous professores, que dedicam os seus esforços a lutar pola defessa da nossa língua, falaram da importância que tem a escola para poder seguir a manter vivo o galego no Bierzo; e talvez, se se espreitava com atenção, se adivinhava uma queixa polo abandono que levam sofrido por parte da administração galega, só por eles terem sido excluídos pola raia administrativa. Eu tive a sensação de que por primeira vez pensava neles como penso nos Palestinos aos que lhes toca viver nos territórios ocupados. Aquilino Poncelas dizia, em conversa privada, e com toda a razão do mundo: "...vos tendes a lei da vossa parte" e a mim essas palavras fizeram-me sentir em déveda com eles, com todos eles. "...se o galego –seguia a dizer ele- padece na Galiza, e precisa de cuidados para se recuperar, aqui está já a precisar de primeiros auxílios..." Ele viera de Bilbau onde exerce como professor de lengua e literatura só para celebrar as nossas letras. Eu apercebi-me de que se calhar ele tinha mais direito à decepção e ao desencanto do que eu, e ainda assim e tudo continuava, sem trégua, a sua luta. Admirei o seu espírito. Atrás de Alicia e Aquilino falou Felipe Lubián, essa lenda viva da que pouco posso eu dizer que se não saiba. (http://www.vieiros.com/entrevista/lubian.html) Ele é uma instituição para o galego, e leva conseguido mudanças administrativas importantes para a nossa língua na comunidade de Castela e Leão. Falou de como quando ele era pequeno, ele nasceu no ano 52, nunca teve problemas para falar galego na escola, porque dera com verdadeiros mestres; mentres que hoje em dia, os pequenos das aldeias das Portelas têm que esconder a sua língua antes de entras nas escolas, porque professores ignorantes desconhecem os direitos linguisticos destas terras.

Atrás destas intervenções vieram as obras de teatro, e as leituras da obra de Manuel Lugris, por parte dos meninhos e meninhas do Bierzo. Foi tenro e divertido. Aos miúdos seguimo-los os que levávamos algum poema para a partilha. Eu levava nas minhas palavras as ondas do nosso mar, desse mar que quando abraça a terra fala a nossa língua e portanto é também o mar do Bierzo, ele não entende de raias administrativas sem sentido. A poesia foi continuada pola música, gaitas primeiro, e o acordeão de Servando depois, encheram a sala de cantares e de risas dos que ouviam por primeira vez a copla do Manuel do Campo quando ele quisera casar com a burra... O ramo desta parte da festa puseram-no os de Abertal, agrupação de pandeireteiras e baile, que levaram a festa para fora do edifício. Música e dança atraíram a gente que, sentindo a chamada das gaitas no seu interior, se foram achegando, outros assomavam das janelas e espreitavam desde a distância esta música

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

que nós todos, hoje, queríamos que Ponferrada, e o Bierzo inteiro, sentissem...

Rematada a foliada um grupo de galegos e galegas, alguns do Bierzo outros não, fomos cear ao Navia, e agora sim veio a valorização da experiência por parte dos que não estamos afeitos a vir a Ponferrada. Todos concordamos em ter experimentado a sensação de ser bem entendidos quando falava-mos, mas quase nunca ouvíamos falar na nossa língua mas que quando aparecia uma frase solta no meio do castelhano "...uma firminha..." ou como disse a mulher do café onde estivera o Alexandre, quando lhe caiu a caixa com as saquetinhas do açúcar ao chão: "...alá vai...!" e o homem e a mulher que da esquina do balcão olhavam a cena que interrompia a sua conversa em castelhano dizem, talvez até sem eles próprios escutarem-se: "...que foi o que passou?" "não che sei..." Todos e todas nós experimentáramos o pressentimento de que o galego fica dentro das pessoas todas, mas fica como anestesiado, e eu não posso parar de pensar se todas essas adormideiras que inçam os formosíssimos arredores da cidade terão algo a ver...

Pola noite o encerramento tive lugar no pub "La Gatera" com o concerto de Servando e a apresentação do seu disco "Som Voltas" Aqui, neste local, onde, em lugar de máximo destaque, está a nossa bandeira da estrela junto com uma de Nunca Mais, e um mural de Bierzo Livre pintado na parede em azul branco e negro, a festa foi a rachar; a imparável dança fez suar até as pedras todas das paredes do pub. Logo foram-se somando à festa mais e mais moços e moças, e embora o seu galego não era ele lá muito fluido, ha que dizer que houve algum que fez falar gaita, pandeireta, e tarranholas como poucas vezes eu ouvi na minha vida. Finalmente houve que ir em silêncio para o albergue onde os peregrinos desde bem cedo dormem. A caminho do albergue demos a volta para passarmos pola beira do castelo para ver se Nerea conseguia ver o dragão, acho que o sono (eram mais das duas da manhã) lhe permitiu algum auto-engano divertido. Mentres ela andava a procura do dragão eu espreitava as ruas e praças que estavam inçadas de gente nova, e tive a sensação, não sei se acertada, de estar numa cidade desnorteada, numa cidade à que lhe falta a certeza duma identidade; e foi ai que alguém, como se andasse a pensar o mesmo que eu, disse que adivinhava que toda a Galiza se converterá em algo similar a isto se a desfeita da língua não se para. Um calafrio percorreu o meu coiro. Este arrepio somado às palavras do Aquilino falando da necessidade de primeiros auxílios para o galego no Bierzo deixaram em mim a impressão de ter visitado o frente duma guerra, frente no que eu me julgara desde os 14 anos, mas aqui vim a compreender que só na retaguarda é que eu tinha estado. Fomo-nos para o albergue, amanhã havia que erguer-se cedo e continuar a viagem para Trás-os-Montes, na outra raia administrativa. E ainda bem que em chegando lá receberíamos o efeito contrário ao que daqui levávamos, ou isso era o que eu antecipava, mas... mal pensava eu o que me aguardava por descobrir.

COMENTARIOS:

8fdf145436e81f6a870c3fd3a9436492 vacanzanatalemarrosso http://7.nelmortalcorpo.com/subwooferattivo/ ducatimonsteraccessorio tipolitografiaetichetta http://1.nelmortalcorpo.com/settinggoldbox/ delonghimacchinacaffe ludmillaradchenkofoto http://13.havolutointrar.com/cavallocompleto/ stradarioroma ricettadietetica http://17.nelmortalcorpo.com/librousatotrentino/ sognareserpente moanapozzofoto http://7.havolutointrar.com/forumpiedepiatto2006/ alessandramussoliniporno proratapatrimoniale http://2.nelmortalcorpo.com/videogratissesso/ volorivara lettobaldacchino http://20.toccassealtro.com/thesims2sigaretta/ tendecarpfishing bancaadria http://9.comeanessun.com/corrieresportivo/ braccioloaudia3
42089bebdab1b6676a74b937bca54905
Unknown (13/09/2006 03:03)

091064bb2ecab30cdd6059674dc9b16e teologia-apologetica http://9.chenellago.com/storia-di-mobbing/ psicodiagnosi-milano appartamento-palma-maiorca http://3.enonmisi.com/rotazione-

terrestre/ escursionisti-esteri annuncio-amicizia-relazione-foto http://2.enonmisi.com/grande-viaggio-tour-operator/ trucco-spiderman finecorsa-meccanico http://12.chenellago.com/video-claudia-pandolfi/ dichiarazione-inizio-attivita-opinioni prestito-almese http://15.fulapaura.com/e-domenica-pap-rai-it/ uila-it creazione-sito-ecommerce http://3.mossediprima.com/fondale-puglia/ universita-isernia tour-operator-agenzia-viaggio http://4.mossediprima.com/santa-ilaria/ video-loredana-bontempi camera-castellaneta-marina http://4.uscitofuor.com/lettera-disdetta-affitto/ trucco-cellulare-sony-gratis bfa4f7f17a2f1903f2d81ee20efffdd9

Liam (12/09/2006 18:04)

a6a41bb86288b5f09de8939dfd238295 donnamaturanudanet http://6.animefortunate.com/benesseretrentino/ costieraabruzzo appuntostoriadirittoromanoussani http://3.dilortrarresi.com/lotteriainfioratanoto/ previsionideltempoinemiliaromagna finanziamentomontemarenzo http://6.dilortrarresi.com/eberhardcronografo/ borsastudiolistitutouniversitarioeuropeo faresessoconanimali http://14.comeamessagger.com/piastrellamosaico/ portascarpe trattorinewholland http://7.tuttequante.com/itrilligenovesi/ clubman26 davidefiore http://20.animefortunate.com/negozioonlinenavigatoresatellitario/ portesoffiettoprezzo malattiaandandcrohn http://13.tuttequante.com/femminielli/ goldg100dvddvx assunzioneposta http://12.tuttequante.com/hotelduestellavenezia/ veronabottegavino 90edf346fa904623decd21cec2c84787

Kaleb (12/09/2006 01:44)

4f557b01ffbf25e8d064ceaa997f2fbd jill-cooper-nuda http://14.perlocammino.com/agriturismo-ardea/ tromba-si-bemolle costruzione-stampo-lamiera http://14.perlocammino.com/jolly-hotel-berlino/ aliparma foto-gratis-donna-grassa http://1.evenniate.com/ministeroesteri-it/ annuncio-cavallo-vendita l-241-1990 http://1.qualifioretti.com/programmazione-neuro-linguistica/ agriturismo-sava fondazione-cini http://17.qualifioretti.com/imitazione-panerai/ cartone-animato-mtv incontro-comano http://3.evenniate.com/visita-dermatologica/ meteo-regione-piemonte acquario-completo http://12.giustiziamosse.com/noleggio-auto-in-albania/ provincia-alessandria-it-lavoro sintonizzatore-tv http://16.evenniate.com/musicisti-italiani/ isola-creta-grecia de193be5b8f79b7a2b90dfbc674c0d5b

Ramon (31/08/2006 09:18)

ab5f86c55553094907f425f27307c6a6 ragazzo-fiesole http://9.alcunagloria.com/casomai/ tabella-resistenza-acido offerta-biella http://2.alcunagloria.com/master-amministrazione/ steve-mcqueen-italia prestito-castelvetrano http://5.alcunagloria.com/principessa-sissi/ monolocali-villasimius cover-dvd-romanzo-criminale http://7.intesiecerto.com/auto-modello-carson-1-5/ classifica-campionato-europeo-calcio targa-bandiera http://16.alcunagloria.com/crema-di-funghi/ 2004-prada-scarpa finanza-kataweb-it http://17.intesiecerto.com/fondi-pensioni-ergo/ aliquota-ires-2006 toscana-castelli http://18.cheriguardai.com/camera-carmignano/ neve-paesaggio gioco-bambino-scaricare-gratis http://2.intesiecerto.com/poltrona-ufficio/ girotondo-legalita 02650d065883ea827c57880143cd6242

Felix (30/08/2006 22:16)

8112df4792fb4aca2d7639979766de9e forniturаindustrialeufficio http://18.animefortunate.com/saleprovamilano/ rapportoprematrimoniali cucciolocanemilano http://8.cheportaulivo.com/vulcanoattivi/ immaginemanuelaarcuri calimerodance http://13.cheportaulivo.com/turismofirenze/ oggettisticacalabria aziendaalimentari http://20.tuttequante.com/ufficiosanclemente/ stampadigitaleminidvd canalesky

http://12.dilortrarresi.com/coccoerenato/ varsaviakrakowskieprzedmiescie outletterni
http://1.cheportaulivo.com/taccobocca/ autonoleggiolungotermine quotidianomattino
http://12.comeamessagger.com/anellofidanzamentodiamante/ maturinudi lavitadileeryan
http://6.tuttequante.com/kenyawatamusunpalm/ rivenditoreadidas
414d739bbb8eab80e6a8eaeaed3788fd
Braden (30/08/2006 09:17)

87f01b3b4a62c63fdfb8785bbd27a465 vendita-libro-on-line
http://17.mortalmondo.com/organizzare-caccia-al-tesoro/ appunto-romanticismo-pestalozzi-froebel gioiello-dolce-gabbana
http://7.mortalmondo.com/sito-web-a-livorno/ art-11-testo-unico-delle-imposte-sul-reddito sicilia-annuncio-it
http://5.mortalmondo.com/sexy-incontro/ prestito-laurito luna-park-calabria http://1.mortalmondo.com/lavoro-terralba/ ufficio-serino voli-lowcost-polonia http://18.colombosipone.com/auto-noleggio-poviglio/ testi-beastie-boys volo-milano-casablanca
http://16.sifuassolto.com/campagna-web-marketing/ arma-di-taggia-hotel ristorante-san-martino-di-lupari
http://1.questaaltezza.com/grandezza-fisiche/ ragazza-mazzarino frasi-di-augurio-per-i-18-anni http://3.mortalmondo.com/centro-vieste-belvedere/ ss-lazio-com
2eb77462006132a61c09d9ba95a34e1a
Fredrick (20/08/2006 02:16)

8c8f9c60b06980f13c656d1b91231d1d carburanteauto
http://6.ordineformati.com/portocesareocasavacanza/ escortrussa volobomarzo
http://13.altribeati.com/amplificatoremicroondebassorumore/ pubblicitaingannevole romsdownloadfree
http://15.chedivino.com/ps2ripnet/ miranda ripiani19
http://7.dolcezzasenti.com/lavorolimonepiemonte/ ricettadolcitorte ambasciatainitalia http://2.suacorte.com/hometheatresamsung/ filmdvdd marmittamalossi
http://15.dolcezzasenti.com/pornvideotrailer/ portainterno pensionipercani http://4.altribeati.com/stufeapalletmarche/ videosimpatici slotmachinegratis
http://3.suacorte.com/brotherhl2030/ ficarasata
a9d78baa354a855d6269a5d22243d202
Tyron (19/08/2006 07:29)

b05c43603406408e7a2c3f7aaa62c77a condoglianze
http://3.chefaconte.com/provider-ragusa/ stage-cucina ragazza-bard http://11.dannoguerra.com/agriturismo-seefeld-tirol/ goal-calcio ciondolo-campania http://16.altrovello.com/abduction-alieno/ maria-nazionale-cantante-napoletana camera-bisuschio
http://18.miserra.com/coda-taquilla-tps-multivision/ cartella-esattoriali-inps classifiche-videogioco http://4.sulfonte.com/buffetti-prodotto-ufficio/ baglioni-claudio incontri-a-terni
http://4.dannoguerra.com/stampo-cucina-silicone/ telefoni-cellulare-offerta-toscana mostra-dei-fiori http://20.chefaconte.com/pierluigi-casiraghi/ riassunto-i-ragazzi-della-via-pal ufficio-suzzara
http://16.altrovello.com/gambe-larghe/ riviello-luigi
07723c7e7aa5b5bbad07d148250f7bcf
Colton (19/08/2006 06:29)

08a5d5d29ff06892b0065e5302f614e2 hotelcasamicciolaterme
http://11.dolceguida.com/senese/ braziliangirls hpportatileusati
http://8.contrariocorsi.com/adorazioneeucaristica/ coriasroma ivandandrea http://17.dolceguida.com/fullversiondownloads/ modenacityramblers albumdownload
http://10.parlarpronte.com/obscure/ venditaprodottoanticellulite codiceresidentevil4 http://13.contrariocorsi.com/homemade/ fiscoonline autonoleggioromanolombardia
http://5.nonfida.com/aeroportoroma/ finanziamentoarzignano ffdshow http://1.contrariocorsi.com/cairoeditore/ cameraportoempedocle lottolotteria

http://1.contrariocorsi.com/macchinaperledilizia/ annunciolavoroverona ff698b8f1e2688e2e5dd37728df9e4f7
Wilfredo (16/08/2006 12:15)

9cf9f5095659004b4035222320c213ec pantaloneit http://12.peccatatolle.com/distributoreautomaticodvd/ alluminio angela http://1.peccatatolle.com/fulvia/ piantealbero giochiplaystation2 http://13.internastampa.com/caspie/ meteometeosat quizesamepatenteb http://10.nonprende.com/areatest/ reporting lauraharring http://20.colpidiventura.com/juventuscalcio/ manilahotel stemmasquadracalcio http://13.internastampa.com/aiutamicicom/ cartucciacompatibilestampanteepson addlinksenogrande http://4.cospettoetterno.com/mototurismo/ abbigliamentopelleuomo earnmoneywebsite http://16.internastampa.com/streamingmediahosting/ agriturismopantelleria f005eb0fc8b9ed3938637eb9ead63ec2
Tristan (07/08/2006 11:34)

53a7c059f73675cb6b259955484eb9b0 lettoredvdportatiletv http://8.viverlieto.com/ruperteverett/ yamahaxc300 hilariduff http://11.viverlieto.com/betautensile/ casinoreviews agriturismopioltello http://12.ebbemilizia.com/incontriagiarre/ piedicalza schedamemoriasecuredigital http://5.gialacolonna.com/tuttotope/ mondadoriinformatica videopornogratisdavederesubito http://6.ebbemilizia.com/pitigliano/ tecnicheincisione fantasiaerotiche http://12.ebbemilizia.com/finanziamentomarsiglia/ nortonantispam ilritornodelre http://13.viverlieto.com/venditanavigatoresatellitario/ stellastevens autista http://7.ebbemilizia.com/adsltiscali/ provinciafirenze 2c9b7f801c901cb50971d67a71c64b13
Hugh (05/08/2006 21:04)

53a7c059f73675cb6b259955484eb9b0 lettoredvdportatiletv http://8.viverlieto.com/ruperteverett/ yamahaxc300 hilariduff http://11.viverlieto.com/betautensile/ casinoreviews agriturismopioltello http://12.ebbemilizia.com/incontriagiarre/ piedicalza schedamemoriasecuredigital http://5.gialacolonna.com/tuttotope/ mondadoriinformatica videopornogratisdavederesubito http://6.ebbemilizia.com/pitigliano/ tecnicheincisione fantasiaerotiche http://12.ebbemilizia.com/finanziamentomarsiglia/ nortonantispam ilritornodelre http://13.viverlieto.com/venditanavigatoresatellitario/ stellastevens autista http://7.ebbemilizia.com/adsltiscali/ provinciafirenze 2c9b7f801c901cb50971d67a71c64b13
Hugh (05/08/2006 21:01)

53a7c059f73675cb6b259955484eb9b0 lettoredvdportatiletv http://8.viverlieto.com/ruperteverett/ yamahaxc300 hilariduff http://11.viverlieto.com/betautensile/ casinoreviews agriturismopioltello http://12.ebbemilizia.com/incontriagiarre/ piedicalza schedamemoriasecuredigital http://5.gialacolonna.com/tuttotope/ mondadoriinformatica videopornogratisdavederesubito http://6.ebbemilizia.com/pitigliano/ tecnicheincisione fantasiaerotiche http://12.ebbemilizia.com/finanziamentomarsiglia/ nortonantispam ilritornodelre http://13.viverlieto.com/venditanavigatoresatellitario/ stellastevens autista http://7.ebbemilizia.com/adsltiscali/ provinciafirenze 2c9b7f801c901cb50971d67a71c64b13
Hugh (05/08/2006 21:01)

5025c592b7152a7c9b17599e094e3088 roperflyingisdn http://7.lenovenote.com/organo/ ragazzobrussels cardiofrequenzimetroreebok http://10.lenovenote.com/dennyrosaabbigliamento/ annunciocasabolzano virtualtennisnocd

http://16.fuorgirati.com/suoneriagratuita/ faxprogramma superfighettoit http://5.diretroal.com/borsaindiretta/ comptonfundraisingconsultants confediliziait
http://6.diretroal.com/panericetta/ ufficioformigine segretitrucco
http://8.lenovenote.com/viaggiparigi/ mazzantini antiquitydealer
http://5.lenovenote.com/assicurazionebenidorm/ villaggioturisticovacanza viviroma
http://18.lenovenote.com/taroccogratisonlinecartomanzia/ gratismp3 75a742eec33669b1edde3eaa6b5f0c97
Waylon (05/08/2006 17:09)

8fba55aaf848d2412ed991daad40b903 extrairecdenmp3
http://6.mp3deutsch.org/mp3wirdnichtabgespielt/ mp3hardcorepunk promisereamonndownloadmp3
http://10.freieliede.org/thehellsongsum41mp3/ mp3convertstereotomono lecteurmp3inovix
http://4.mp3liede.org/fabricandofantasiamp3/ mp3inves mp3asaco
http://10.mp3freie.org/vanessaparadismaxouenglishmp3/ mp3minik achetermp3pascher
http://5.freieliede.org/mp3candyshop/ mp3macintosh mp3usboled
http://2.freiemusik.org/xironmp3driver/ kalintwinmp3 mp3mobil
http://1.mp3deutsch.org/pinkmp3domainourlyrics.host.sk/ nouveaump3sony 256mobaladeurmp3usb
http://6.mp3freie.org/mp3samsungypt6x/ latinosmp3
c9551bfed82d85381e7fd1deb6fef0af
Shemar (30/07/2006 06:52)

d0725d314f72fdc5fbe52001c429223f yuri-and-friends41531.html
http://discontinue.meether.org/friends-in-the834.html history-on-this1591.html teva-oxycontin-cost467.html
http://alabama.meether.org/bali-and-lonely2069.html index.html levitra-20mg-tablets278.html http://closeup.somigliante.org/jordan-capri-gets171.html rockey-and-bullwinkle41504.html anime-babe-gallery223.html http://etiquette.mainpills.org/dvt-celebrex300.html single-personals200.html sick-bizarre-sites217.html
http://butt.somigliante.org/sammy-black--795.html astrological-matchmaking139.html atlanta-phone-chatlines458.html
http://cum.somigliante.org/strapon-free35.html dick-clarks-rockin1245.html nude-female-pornstars856.html
http://kings.xdiscussion.org/free-naked-sluts885.html amateur-wife-sex585.html viagra-sucking134.html
http://zovirax.mainpills.org/lexapro-and-weight540.html hardcore-erotica102.html 33766d282efd27c3468309e546e247c5
Will (29/07/2006 11:42)

selarmp3 http://3.mp3ici.org/ludacrisactfoolmp3/ mp3sd512 hasnimp3.ram http://9.mp3chanson.org/johngravesmp3/ sonylecteurmp3512mo autoradiomp3comparatif
http://17.mp3chanson.org/words.mp3/ musicamp3petshopboy telechargementconvertisseurrmtomp3gratuit
http://16.chansonmp3.org/freewaremp3towmaconvertor/ boajapanmp3 tamillatestmp3songdownload
http://8.mp3libre.org/indexoffreemp3/ bedavasuepermp3 convertirmusicamp3 http://20.mp3ici.org/badboybillfreemp3/ jujurradjamp3downloadfree skyblogmp3rnb
http://5.chansonmp3.org/mp3spacedancemichaeljackson/ musicanacionalecuatorianamp3 druckercanonmp3780
http://5.mp3chanson.org/happybirthday.mp3wonderstevie/ ecouteurscasquebaladeurmp3
5064a72d6d1acabba6a21f655481a5b5
Kirk (23/07/2006 19:18)

flashing.html http://3.xpreview.org/adult.html blowjob.html sexual.html http://2.amaturies.org/masterbate.html handjob.html erotica.html http://16.exxxternal.org/fisting.html flashing.html naked.html http://19.xpreview.org/sexual.html clitoris.html blowjob.html http://18.amaturies.org/strap-on.html ass.html chicks.html http://10.xpreview.org/fucker.html butt.html nipple.html http://13.exxxternal.org/closeup.html naughty.html spanked.html http://1.amaturies.org/buttock.html pissing.html

6d02afe3993f73507d90e3f877d8eed8
Clifford (22/07/2006 15:10)

centerfold.html http://9.masterofpassion.org/anal.html strap-on.html cartoon.html http://2.yourfantasies.org/fucker.html fissure.html pornstars.html http://10.hottty.org/housewive.html sucking.html amateur.html http://20.yourfantasies.org/interracial.html lesbian.html hot.html http://15.relaxxxx.org/female.html cum.html butt.html http://3.hottty.org/clitoris.html masterbation.html erect.html http://20.yourfantasies.org/squirting.html interacial.html pissing.html http://5.relaxxxx.org/orgasm.html interacial.html
df487ef8b49cead02c1a5d00a04288ce
Gonzalo (20/07/2006 23:04)

adult.html http://2.thepassione.org/bdsm.html horny.html anal.html http://5.thepassione.org/cheerleader.html bondage.html pissing.html http://14.hotpassion.org/perky.html hentai.html cheerleader.html http://10.altvideos.org/chubby.html masterbate.html nude.html http://1.myvideoz.org/housewife.html cumshot.html ebony.html http://11.amateurworld.org/nude.html amateur.html ebony.html http://15.amateurworld.org/amature.html lesbian.html hentai.html http://2.thepassione.org/boob.html cocksucking.html
71b0d16f90c6ef289fb9e0b08b44fd7c
Jade (16/07/2006 09:32)

adult.html http://2.thepassione.org/bdsm.html horny.html anal.html http://5.thepassione.org/cheerleader.html bondage.html pissing.html http://14.hotpassion.org/perky.html hentai.html cheerleader.html http://10.altvideos.org/chubby.html masterbate.html nude.html http://1.myvideoz.org/housewife.html cumshot.html ebony.html http://11.amateurworld.org/nude.html amateur.html ebony.html http://15.amateurworld.org/amature.html lesbian.html hentai.html http://2.thepassione.org/boob.html cocksucking.html
71b0d16f90c6ef289fb9e0b08b44fd7c
Jade (16/07/2006 09:32)

eacom http://5.vadinanzi.org/lowcostmessicovolo/ configurazionemmssamsungsghe700 fromdvdtoavi http://12.abbracciava.org/edimburgo/ spankinggirls previdenzaintegrativa http://18.cotestopunto.org/mutuoprimacasaumbria/ truccogranturismo4 dragon http://15.abbracciava.org/a100155/ senosuggeriscisito hpportatileusato http://13.abbracciava.org/annuncioprivatopersonale/ piazzaaffaresalerno medicinadellavoro http://8.vadinanzi.org/pampersit/ hipoteca erfinestra http://19.lagrimetta.org/salamancashopping/ acquagio dvdramverbatimvendita http://13.abbracciava.org/garfield/ assicurazionesciacca bd0e28eaccfa349da99ddd3880835725
Jovany (16/07/2006 03:41)

uploadcenter http://13.raccoglie.com/giocoonlinesport/ partitopolitico barstool http://5.nonsofferse.com/fullcontact/ cosmeticomilano antiquariatomobile http://18.nonsofferse.com/collanabreil/ avignonehotel elezionipolitica http://16.nonsofferse.com/camerapalombarasabina/ casalinghesexy registroparabrasfoot http://1.sovragiunto.com/braccioferro/ fotocameraobiettivo serviziopiattocalle http://11.nonsofferse.com/camerahotel/ sessoforum valutazioneimmobileroma http://7.epromettendo.com/tavoligioco/ recuperodatodatarecovery assicurazionelavagna http://10.raccoglie.com/giochipcvecchio/ ricetrasmettitoreusato 70fcdb09b8b18b50874603a6c99fcbcb
Richard (14/07/2006 18:08)

Áåñïëàòíûå ÑÌÑêè http://www.ponochka.ru è Free sms http://www.ponochka.com/eng vascaidromassaggiojacuzzi

http://9.confortare.org/ufficioseregno/ arredamentomodernobar prodottidiete http://9.confortare.org/finanziamentopescara/ compattatori fondocomunedinvestimentografico http://4.pettegolezzi.org/millerracchettatennis/ archiviazione codicepostale http://9.pettegolezzi.org/corsografica/ italiavillaggio donnabodybuilding http://10.eimpegnando.org/traduzioneingleseaditaliano/ mib30 golfball http://20.eimpegnando.org/modemgsm/ ostiensisviaggi fumagalli http://4.confortare.org/condizionedonnaprimaguerramondiale/ programmatraduzioneitalianopolacco campionatoportoghesecalcio http://17.eimpegnando.org/monsterdildo/ raccontomoglie 05980283d7fb0e8cc54b17a2b2a0ab96

Alexzander (10/07/2006 13:20)

venditaonlinemobilietnici http://13.unoscoppio.com/spybootsearchenddestroy/ gays teenboob http://1.unoscoppio.com/amiciziarelazioni/ sexymilfs autotrasportatore http://4.contentidivivere.com/hackpasswordtoadultfriendfinder/ seatpaginagialle prenotazionehotelbergamo http://13.primissimi.com/testobenharper/ pussycatdolls offertaregaliragusa http://18.tuofratello.com/wetclitoris/ albergoarles albergooxford http://11.primissimi.com/shemaledating/ notebookvenditaonline fotoalessiamancino http://16.unoscoppio.com/azioneenel/ alphaporno sardegnahotel http://16.lesensazioni.com/virginfirsttime/ lilwaynehustlermusiklyrics 849b90dee61199d2ed871b18e1575cb5

Jermaine (06/07/2006 08:14)

autonoleggiocertosapavia http://74.volontieri.com/traduzioneitalianopolacco/ albergoduestellegiappone winrardownload http://38.pocoqueta.com/goodstivali/ festoni libroanatomiaumana http://184.prestamolto.com/ospitisanremo/ microsofttastiera volocardanoalcampo http://150.pocoqueta.com/annunciocasavenditaprivato/ fotoscopate winzip9 http://176.fossetardi.com/aphroditeschild/ traduzioneletteraturainglese lavorareanimatore http://90.medegna.com/damianmarley/ scansano cutrofiano http://22.fossetardi.com/mp3philips/ autonoleggiosicilia campeggiofinaleligure http://4.grandiserto.com/oliodisemilino/ multimediacard512mb f4dd026ac39b9e2fa576404ae93f215c

Wade (30/06/2006 23:42)

agendaragazza http://www1439.imparilo.com/dknyjeans/ caracas vacanzamontagnatrentino http://www2471.webattrezzi.com/harmankardonavr/ sanmarinocalcio hardteacher http://www1319.imparilo.com/comunemilano/ tuscania assicurazionemonreale http://www1031.webattrezzi.com/compra/ cambiapasswordmsn locandinafilm http://www499.imparilo.com/caramichelle/ traduzionelinguainglese balaustre http://www829.imparilo.com/alloggivacanza/ glicolisi sibarihotel http://www801.webattrezzi.com/farebusinessplan/ kiaragioiello tareerealestate http://www491.webattrezzi.com/momamateur/ annuncioemiliaromagna dc64615b0a1e1bd3cb2689bf82248b5c

Marco (27/06/2006 15:50)

Lavesedo: A escrita chinesa não é ideográfica, é um pouco mais complicado do que isso. É logofonográfica, com distintos tipos de caracteres. De facto, a maior parte deles (80%) têm um componente semântico E um componente fonémico, quer dizer, o conceito, mais a forma fonológica. || Na realidade, estudos de psicologia da escrita e da leitura indicam que na escrita "alfabética" pura não é tal, e que toda ortografia tem também um componente logográfico: aprendemos a ler sequências de grafemas como palavras inteiras a base de leitura repetida. Como as lemos em

contexto, mesmo no caso de duas palavras homógrafas ("elas SÃO interessantes" / "Carlos está SÃO"), aprendemos também que esses grupos de letras se correspondem com DUAS representações distintas de sílabas e fonemas. Aprender a ler é precisamente isso. Saúde.
Celso (26/05/2006 20:39)

(segue)O continuum ese famoso, así que deixaos estudando chinés...
lavesedo (26/05/2006 19:15)

Un par de cousiñas a comentarios que hai por aí: ALLÓ é unha forma plenamente galega, escanghallado co riso, do par aló/alló quizais unha das isoglosas máis orientais da nosa lingua de aí, imaxino, o teu descoñecemento. E Sacho, desculpa, mais ti es o primeiro en chamarnos ignorantes aos galegos e na mesma frase metes un "sob" que é unha patada ao galego, ao portugués e se me apuras ao swahili...De todos os xeitos, non entendo que é o que me queres dicir co de "oir", ordenador, etc., non o entendo, de verdade, pero o exemplo do chinés non queda nada ben aí, eh, o chinés do que ti falas non é máis ca un sistema de escritura, que representa ideas e non sons ou fonemas. Vale para moitas linguas diferentes, de feito podes ler chinés en galego sen atranco ningún, de o coñeceres, claro. E de feito os chineses fican abraiados co noso minifundismo cultural, tan europeo. Se Europa fose China, habería apenas dous ou tres idiomas: galego, portugués, castelán, italiano, serían unha soa lingua.
lavesedo (26/05/2006 19:14)

Déchelle na mesma cerna, Tomás: "Claro está que muitos reintegratas nom sabem isto e consideram que devem falar como escrevem, caem em patéticos remedos do português falado (de onde?) ". Estou totalmente dacordo, isto é o que afasta os "reintegratas" do resto da sociedade. Cadaquén que escriba como lle pete, mais a chave está en falarmos galego.
lavesedo (26/05/2006 18:41)

Suso: Sim, claro, as línguas escritas fazem-nas as elites "cultas", não o "povo". E, como bem dizes, precisamente porque as ortografias são arbitrárias, nem as modificações fonemicistas ("coraçon => coração") são tão relevantes. O importante é a unidade da forma escrita comum. A língua portuguesa-galega tem na altura um grau de unidade ortográfica que não teve nunca, e isso há que aproveitá-lo. Por isso não há nada "que roer": a ortografia é assim, e há que aprendê-la, e até cometer gralhas, COMO EM TODAS AS ORTOGRAFIAS. Eu também estaria contente se em TODA a lusografia se escrevesse "coraçom". No problem! Mas o improdutivo é representar a MESMA palavra de formas diferentes. Outra cousa são as questões de variação, de estilo e registo, que alguma gente critica. Eu estarei contente o dia que na Galiza só se discutam essas questões: se "há" ou "hai", se "nenhum" ou "nengum". Tudo bem, debata-se tudo isso, mas com todas as letras nossas, não as castelhanas. Saúde!
Celso (26/05/2006 16:12)

Celso: Concordo contigo, ademais tu es linguista e eu não, mas não concordas com a ideia de que os sistemas ortográficos têm uma forte pegada das classes e regiões dominantes que as criaram? Não é certo o que digo de "coração"? Evidentemente, como diz Tomás, "coração" é uma forma mais ampla, mas isto é uma consideração a posteriori; o certo é que em certa altura os lisboetas estavam a pronunciar "corasaun", enquanto os minhotos seguiam a pronuciar "corason", e como os lisboetas mandavam, e não conheciam todas essas verdades filológicas sobre a orto-logografia, pois colheram e decidiram mudar a ortografia e escrever coração, e pronto. Ora, não se passa nada: os yankees receberam dos britânicos uma ortografia complicadíssima á que não contribuiram rem, eles rimam "body" com "party" (move your body... in the party) e não se importam...Os galegos estivemos a vê-las vir durante 5 séculos, assim é que não nos consultaram para modificar a ortografia, mas há que roê-la...
suso (26/05/2006 14:58)

Obrigada polo teu contributo Tomás, é claro que quando um fala se entende. E sim, o dos Palestinos é uma maneira literalizante de falar de uma experiência interna, difícil de transmitir, mas para nada eu quero equiparar estas duas realidades; e para mais eu nunca estive lá, na Palestina, sim, julgando por algum outro

comentário, talvez a escolha da metáfora para a minha imagem não fosse a melhor, mas é por isso que valoro os comentários de todas e todos, é o efeito em vós o que me dá a indicação da dimensão real das minhas palavras. Obrigada também por animar-me a seguir escrevendo, às vezes é mesmo bom ouvi-lo dizer. Agradeço a todas e todos as vossas opiniões.
Concha (26/05/2006 14:46)

Esta norma afirma, além de questões históricas, o galeguidade do galego da Galiza, contribui à vida e sobrevivência das falas galegas e ao tempo abre o galego ao mundo, desde Galiza para O Mundo. Claro está que muitos reintegratas nom sabem isto e consideram que devem falar como escrevem, caem em patéticos remedos do português falado (de onde?) e contribuem às opiniões que do reintegracionismo forom aqui vertidas; isso nom é reintegracionismo... Perdom polo discurso, só dizer um dito galego "é muito saber o saber que nom se sabe". Concha, nom pares de escrever, um bico e um beijo, que tanto tem como tanto dá.
Tomás (26/05/2006 14:18)

Eu sou berziano e, de todas as normas inventadas para o galego, esta é a única que me permite ler como se fala no Bierzo e, ao tempo, permete-lhe a um do Morraço ler como falam no Morraço, se eu escribo "mão" sei que na minha fala nom devo ler a til e leio "mao", o do Morraço sabe que debe ler a til e lê "man", se escrevo "corações" sei que nom devo ler a til, e pronuncio "corazois", o de Moanha lê a til e dize "corazóns", eu escrevo "quatro" e leio o "u" o de Cangas nom o lê.... Esta norma cumpre umha das máximas de Saussure: poder ser lida na sua própria fala polo maior número possível de falantes, é, entom, a norma inventada mais galega porque abarca a todos e possibilita ser lida polo maior número possível de falantes, cousa que na norma da RAG é à inversa. Acontece que ao tempo pode ser lida por todos os galegos também é compreendida por portugueses, brasileiros, angolanos, ou qualquer estrangeiro que conheça a norma portuguesa. (segue abaixo)
Tomás (26/05/2006 14:16)

Ben polo artigo, mais, comparar a situación do Bierzo coa da Palestina paréceme, no mínimo, desafortunado. Dicir que a mocidade berciana e a cidade de Ponferrada están desnortadas, embora poda haber algo de verdade nisto, é simplista demáis. Comparar o Bierzo é Galiza linguísticamente é simplesmente comparar o lardo coa velocidade. Explícome. No Bierzo fálanse tres linguas, o galego e o leonés son linguas de seu, propias, da rexión, non foran traidas de fora, cosa que si aconteceu co castelán (castelao, como dicimos nós). O feito é que o castelán e a mais falada hoxe en día, o galego luta por sobrevivir e atopar o seu espazo na sociedade berciana do s. XXI. O leonés está ben peor por que se o galego ten organizacións e "privados" a defendelo o leonés non ten nada de nada. Estou deacordo que en que A Xunta e a Junta deben comezar a traballar a serio para defender a nosa lingua, o ensino é un dos camiños, deixarnos que nos dirixamos a administración na nosa lingua, ou que non nos corten
Berzas (26/05/2006 14:15)

Estes dias estivem longe dos computadores e da internet, mágoa de nom ver isto antes. Ao respeito do artigo dizer que concordo com todo, agás, talvez, com o assunto da Palestina, nom sendo que este nom for mais que umha metáfora, que também assim pode ser entendido. A estas alturas já sabemos (deveríamos saber) que Concha é escritora e que os seus textos som literatura, por isso é preciso os ler como a literatura é lida. Ao respeito da norma. Primeiro dizer que as línguas nom existem, o que há som falas e para nos entender todos os falantes de aqui e acolá buscamos umha norma comúm (segue abaixo)
Tomás (26/05/2006 14:14)

Suso, a fumo de caroço: Não são os SONS que a ortografia representa (a fala), mas os fonemas, unidades abstractas que compõem as palavras da língua, também abstractas. A ortografia representa mais ou menos sequências de fonemas para a palavra ser RECONHECIDA. O importante é a palavra, não os sons. Nem sequer os fonemas: "livro" é a mesma palavra na Galiza e em Portugal. É um princípio fonémico, não fonético. Mas não existe ortografia fonémica pura, mas orto-logografia: PRCBS, NTNDS? Saúde!

Celso (26/05/2006 14:12)

Suso, o que dices da ortografía RAG é posibel, non é o que cuestionou, se pensabas en min escrevendo teu comentario. O que digo é que a ortografía castelana non é a mesma hoxe cà do século XIX ou XVIII. Evolucioneu. Pero o galego lusista usa uns acentos sen seguir una lóxica moi definida e que pareceme unha acentuación arcaica. Una ortografía é política co frecuencia pero é tamén un sistema que debe ser útil, funcional. E por último, hai lingüistas franceses que dixeron que non é bom que as linguas non evolucionen. As linguas son coma as persoas.

María (26/05/2006 14:07)

Obrigada Celso, obrigada. Sim, agora que o diz vem-me a mim a cabeça também; ora nós dizemos "O bico da teta"

Concha (26/05/2006 14:06)

Celso: Discrepo. O nosso sitema ortográfico foi inventado polos fenícios com o intuito de 1 sonido, 1 desenho gráfico. Mais recentemente, o Latim era uma língua com uma ortografia muito fonética. Quando os castelhano-falantes dizem essa simpleza de "escrevo como falo", afinal estão a exprimir a saudade de uma ortografia fonética que o castelhano sempre quis recuperar, mas decerto nunca conseguiu totalmente (acho que o único idioma vivo com ortografia foonética seja o esperanto). Os sistemas ortográficos não são neutros e completmante arbitrários a respeito da fonética: tentam reproduzir a fonética duma classe dirigente e duma região geográfica dominante. Quando na corte de Portugal se decidiu que coração era melhor que coraçom, e porque as gentes de Lisboa realmente pronunciabam um "a" lá. Ora, tens toda a razão em que um pode-se sentir perfeitamente bem numa norma dada. Eu também me sinto cómodo na norma portuguesa actual, e não penso cambiar. Mas ao César o que é do César...

suso (26/05/2006 14:04)

PS: "Bicos" frente a "beijos", com efeito. Também estão os "bicos dos peitos", as mamilas. Quer dizer: algo de forma prominente, sobressaínte. Por isso, um "bico" também é, por metonímia, um beijinho dado com os lábios colocados em forma de... bico. ;-) Não tem mais mistério.

Celso (26/05/2006 14:00)

... ir desterrando o mito castelhanista de que a ortografia representa "a fala". Isso seria o aberrante. Nem foi assim na origem dos sistemas ortográficos, nem é agora na era da Internet. Saúde!

Celso (26/05/2006 13:43)

Concha, o isolacionismo também argumenta que a sua ortografia tem base histórica. A questão é quando começa essa história. Mas a ortografia histórica não é a de um país entre os vários que a falam, mas a da língua no seu conjunto. Em termos sociais, desde o séc. XV até ao XIX, praticamente a única ortografia histórica da língua NA GALIZA era esta: _____. O silêncio escrito. Mas a língua como tal não deixou de ter história social escrita, e essa é perfeitamente nossa. Não a elaboraram e cultivaram "os lisboetas", mas sempre (sempre) as classes privilegiadas "cultas" dos outros países lusófonos. A Galiza pode pretender ser distinta, a utilizar qualquer ortografia pretensamente "popular", mas isto só é um exercício fantasmagórico: na sociedade de classes, a língua escrita sempre divide. Eu, pessoalmente, não me sinto "refugiado" de nenhuma maneira nesta ortografia: sinto-me muito cômodo e muito satisfeito de ter aprendido a utilizá-la. Era o lógico, mas antes houve que...

Celso (26/05/2006 13:43)

Depois quis saber porque se perderá, e descobri que mais bem lhe fora roubada; dado o grau de aculturação ortográfica que desde há tanto sofre o nosso país, e até descobri que algum daqueles que decidiram que para o galego era melhor usar a ortografia do castelhano porque a “xentiña” não pode aprender, e ademais aqui o que importa, seica algum chegou a dizer, si vai criar confusão é melhor usar a do castelhano, porque afinal É O CASTELHANO QUE IMPORTA. Os do meio rural não levamos bem a traição. Uma cousa sim afirmo, se o governo do meu país decidi-se rejeitar essas normas ortográficas herdadas do anterior regime, e elaborasse umas nas que se respeitasse a nossa ortografia histórica, eu seria a primeira em abraçá-las e em deixar estas normas que elaboraram

os lisboetas. Por agora considere-me uma refugiada ortográfica, se se pode usar esta expressão. Aguardo não me ter estendido em demasia. Agradeço a todas e todos as vossa palavras.
Concha (26/05/2006 12:54)

Para Caramba: Dizes que gostarias de saber como foi que uma pessoa como eu chegou ai. Eu contei isso no meu primeiro artigo publicado em Vieiros (Ortografia galega além do reintegracionismo). Mas aqui tens um resumo. Eu tinha muitas perguntas para as que não encontrava resposta; um exemplo: Eu via a palavra em Inglês JUNE, que se escreve com "J" para respeitar a origem da palavra, e via que essa mesma palavra se escreve com "J" em Francês, em Catalão, em Castelhano, em Português, em..., como diria o outro, todas as línguas que partilham a palavra do mês do Santo João, e não entendia como a minha língua não tinha essa letra "J" para a mesma palavra. Pesquisei, eu sou algo teimosa, e descobri que houve um tempo, quando já se faziam as nossas cacharelas, que esse mês se tinha escrito também na minha língua assim com "J"
Concha (26/05/2006 12:52)

Há que ter cuidado com o que se diz, porque quando credes que me estais a negar a mim com um comentário, estais negando o nosso pais, e estais negando-vos a vos próprios. Não ha pior enfermidade que o auto-desconhecemento.
Concha (26/05/2006 12:52)

"BICO" e "BEIJO": Pedro diz: minha avoa usava bico... Eu digo: Os meus avós todos usavam também bico para certas cousas: "O bico da botelha" "O bico da jarra" "O bico dos pássaros" (que estes dias andam a carrejar vitalhos para os pequeninhos do ninho) "O bico furado" (aquele que é muito escolhido coa comida) "O bico longo" (para o ás de bastos nos naipes) de bico bem "biqueira" para botar-lhe às chancas e reforçá-las na parte de adiante, assim os miúdos podíamos jogar ao balão sem as furar, "O bico da montanha" etc., etc. Mas o que nunca ouvi a meu pai ou a minha mãe (não posso falar de avós porque não os conheci em vida) foi usar "bico" para falar de "beijo" (ou beixo) nem para "beijinho". Nunca, nem a ninguém da minha aldeia, nem da comarca, nem de meio país... E isso mesmo ocorre com muitas palavras que eu vejo que considerardes não galegas, como "comermos" e tantas outras...
Concha (26/05/2006 12:51)

Lavesedo: Agradeço o teu comentário, e alegra-me que desfrutes com a leitura dos meus artigos; crê-me se che digo que eu não escrevo mais para os que me parabenizam do que para ti. Quanto o de eu estar errada na equiparação da franja Leste, com a franja ocupada de Palestina? Só dizer que não posso estar errada por quanto eu não equiparei, eu só falei de mim, ainda diria mais, eu só falei das minhas sensações, que são uma realidade a nunca negar... Tu citas: "Eu tive a sensação de que por primeira vez pensava neles como penso nos Palestinos aos que lhes toca viver nos territórios ocupados" Eu acho que estou a falar por mim, eu não estou afirmar factos, isso é importante diferenciar.
Concha (26/05/2006 12:50)

Como já disse noutras ocasiões os vossos comentários falam por vós, assim como o meu texto fala por mim. Agradeço os matizes que vais incorporando ao meu artigo, e não gosto da loita encarniçada que tem lugar entre irmãos, só por escrever diferente. Alegra-me ver gente que escreve em norma RAG que critica os insultos aos lusistas, embora os que usamos a nossa ortografia histórica não nos autodenominemos lusistas, e mais não vale que insistam, eu sei o que são, mas também o que não.
Concha (26/05/2006 12:49)

Ei, Suso, gostei dessa...
Isabel Rei (26/05/2006 12:16)

Kero ler a segunda parte desta viaxe, xa! ;)
Pitelo (26/05/2006 11:42)

A gente, habitualmente, está afeita a ver a ortografia que aprendeu na escola como a mais natural d mundo, e todas as outras como raras e absurdas. Os que aprenderam ortografia espanhola, acham que é absurdo escrever "house", quando todos sabemos que se pronuncia "jaus" ou "John", quando sabemos que se pronuncia "Yon". Também vem absurdo escrever "passar", logo, para que por -

ss-em vez de -s-? Ora, os ingleses, cada vez que vem "huevo", têm a tendência a pronunciar "juevou", e não acreditam que se use h para...nada...!. Na ortografia RAG existem letras mudas ("h", "u" na palavra "que"), letras distintas para o mesmo son (b, v), sons distintos que não têm letras distintas (oso, animal, e oso, do esqueleto). Ora, a ortografia RAG foi inventada e desnvolvida por CASTELHANOS para o CASTELHANO, os galegos apenas introduziram "x", enquanto que a ortografia do português foi inventada por GALEGOS para o GALEGO, os portugueses apenas introduziram -ão, nh, e lh. O resto, é galego.
suso (26/05/2006 11:35)

Sacho, muito bem dito. Não faças caso, só te queriam humilhar. É a estratégia de quem não pode mais mas ainda lhe restam umas gotas de fel...
Isabel Rei (26/05/2006 10:47)

Após em quanto os emprestos: Você ja viu a obra do Martin Codax escrita com "eñes,elles" ? E de um modo singelo conhece você as formas galegas para "oir", decir, equipo,futbol,movil, ordenador e tantas outras palavras do dia a dia. Pode você definir a origem de nembargantes, de engorde, beirarrua...Repare,os chinesês pela sua banda, passam toda a sua vida a estudar o chinês.
sacho (26/05/2006 10:38)

Lavesedo, com os meus respeitos, ese caminho ora do estudo ora da pesquisa historica tem que ser feito no âmbito privado. Ignorantes somos todos, pronto, por quê até o momento ninguem pensou em dar aos galegos as armas do conhecimento, mas olho, falemos quando saber e o caso é que muitas opiniões acima postadas não reflictem mais que isso , medo e ignorancia. Acho que uma pessoa acima perguntava-se por quê Vieiros aceita artigos em norma padrão em vez de censura-los. Porventura respetemos as nossas diferentes opções sem ataques de nenhum tipo.
sacho (26/05/2006 10:29)

E ainda che quedaram algumas por corrigir, Escangalhado: "ortografia" sem til, "tia" sen til e, a melhor de todas: "mui", que suponho que a normativa oficial considerará lusismo (hehehe). Aaaaai, por que será que esses ódios tão exacerbados ao chamado "lusismo" e essas defesas do isolacionismo venhem polo regular de gente que mal domina essa norma "ideal", "racional", etc.???
Escangalhada (26/05/2006 10:26)

paz eu nom morro por estar em ningures, tam so quero escriver a minha língua na ortografia que lhe é própia desde sempre desde que naceu ja hai moitos séculos e que nom me tratem de desleigado porque nom creo que me superes em amor à língua
limio (26/05/2006 09:32)

Entre uns que morren por estar no Chiado (ollo coa pronuncia) e outros que o darían todo por estar na Gran Vía madrileña... así nos vai. De qualquer modo toda pessoa pode mudar a ortografia, mesmo o seu sotaque, mas o que eu nao gosto é de mudar a filosofia e conceiçao do que é Galiza. Alguns ajudam a manter a velha diglossia espanhola e outros vêm com a nova diglossia portuguesa. Para quando começaréis a nos apupar e insultar por nao estarmos na comissao para a unificaçao Galiza-Portugal???
Paz (26/05/2006 09:13)

CORRIJO NA SUA PROPIA ORTOGRAFIA ESPAÑOLA a porcaria enviada polo "Ilduara" : Odio ós ["OS" CD] lusistas por ser (seren diriades vos mostrando o voso lusismo [ATENÇOM !! : "seren" JÁ É "LUSISMO" !!]), quenes ["QUEN"; EM GALEGO NEM EXISTE NEM NUNCA EXISTIU "QUENES"] se adican [VULGARISMO POR "SE DEDICAN"] a perder o tempo aprendendo a ortografia portuguesa absolutamente irracional, cando poden usar a nosa propia racional e sencilla [CASTELLANISMO PLENO POR "SINXELA"] que todo o mundo conoce [CASTELLANISMO PLENO POR "COÑECE] (a nacional galega [JHUASJHUASJHUAS .. !! CLARO, SE A "NACIÓN" É ESPAÑÑÑA .. !!]). Rousia eres [CASTELHANISMO POR "ES"] unha tia que se pasa de lista. Chega de sermones ["EN GALEGO" SERIA "SERMÓNS"], e respeta [CASTELHANISMO POR "RESPEITA" OU "RESPECTA"] o dereito de quen queira a falar o que lle pete. Ponferrada está mui ben como está e nada temos que andar a facer alló [SE CALHAR "ALÁ" ??] en plan imperialista medievalista, eles teñen unha opción libre e
ESCANGALHADO DO RISO !! (26/05/2006 00:29)

obrigada a todos ,tanto polos parabéns , como polas criticas...nunca chove a gosto de tudos... Silvia Ribas. p.d.. estou a espera da segunda parte da viagem Concha e ánimo para seguir adiante. Beijos
silvinha (25/05/2006 23:04)

Hoje, no jornal das 9:00, a TVE1 mostrou-nos a viuva do marinheiro morto do naufrágio na Irlanda. As suas palavras em galego provocarom-me uma grande emoçom. Que diferença. Outro mundo é possivel
Vinseiro (25/05/2006 22:44)

Otra cousa : isso de que a organizaçom "Fala Ceibe no Bierzo" ou "Fala Ceive no Berço" quase não pode celebrar os actos programados por não termos dinheiro para pagar um local será a última vez que ocurre uma cousa assim. Isto não passarmos nunca máis. Engado os parabéns para Silvia Ribas.
Vinseiro (25/05/2006 20:12)

E por se alguén fica en dúbidas, analicen, por favor, esta frase:" Segundo você que se semelha mais ao castelhano um galego linguisticamente dependente dessa lingua ao qual empresta etimologia e caracteres..." Atenção!! o amigo Sacho descubriu, para alén da non existencia de "vírgulas" no seu teclado, que o galego empresta etimoloxía e caracteres ao castelán..im-presionante sacho...
lavesedo (25/05/2006 20:06)

prezado sacho: "Pelo demais não compre espalharse sob a ignorancia dos nossos compatriotas." Acouga, ho!!, baixo a miña ignorancia colles ben...hehehehe, un consello: o mellor para non quedar coma un pailán e non meter a zoca e non chamar ignorante a xente se somos nós uns ignorantiños, home.
lavesedo (25/05/2006 20:01)

Aí progredimos, Harizti: português, galego e brasileiro são variantes. Actualmente o galego escrevesse maioritariamente de uma maneira, no passado maioritariamente nem se escrevia, e no futuro talvez seja escrito maioritariamente com a ortografia portuguesa. E não se passa nada, que não por isso vai perder a nasal velar (não palatal). Mas, para que continue a escrever-se, tem que continuar a falar-se. Que é o tema do artigo de Rousia.
Inh (25/05/2006 19:23)

Ilduara: Le eskríbo en la razionál i senzíya ortografía ke tánto le gústa. Yó también ódio a los lusístas, tán irrazionáles i komplikádos. El ódio en una soziedáz názi es málo, pero en demokrázia es buéno. El ódio límpia, fíja i dá esplendor a la léngua. ?Me pása ustéz su móbil i le eskribímos a la traidóra RÁG para ke adópte ésta senzíya ortografía? !Bíba Espáña i por añadidúra la bérde Galícia!
Inh (25/05/2006 19:17)

letóns, lituanos, estonianos, macedonios, etc., porque para eles as súas linguas non son pequeniñas e as defenden con orgullo.
harizti (25/05/2006 19:13)

O que a lingüística resolveu hai anos é que portugués e galego son dúas variantes dunha mesma lingua, mais se son variantes é porque se recoñecen diferenzas fonéticas, morfosintácticas e léxicas, que son máis ou menos grandes segundo quen as mire. Actualmente o galego, maioritariamente, escríbese seguindo a ortografía do español e sería posíbel escribilo seguindo a normativa do portugués, mais isto non eliminaría as diferenzas existentes: o galego non distingue entre B e V coma o portugués, nin entre S xordo e S sonoro, nin entre fricativas palatais xordas e sonoras, nin entre vogais nasais e non nasais, e ten africada palatal (CH) e nasal palatal (NH) e fricativa interdental (Z, C+E, C+I). Coido que Concha pertence a ese grupo de galeguistas que entenden que en galego non se pode estar no mundo e por iso usan o portugués, ao cabo pensan algo parecido a esa maioría de galegos que usan o castelán porque o galego é moi pequeno e pobre para eles. Que sorte teñen os islandeses, eslovenos,
harizti (25/05/2006 19:11)

Pepe: douche um bico..... e tamém... miña Terra miña Terra cando te sinto lexos, vexo conexos..... y voime a la tienda a falar cn

PVázquez que me tiene mui olvidado ... y ya me lo tiene dicho que hai que ser español.... que carajo yo también nací en Galicia y no entiendo a esos que hablan de nación.... cuando España existía en la época de Jesucristo. Bien es cierto que yo no fuí a la escuela, aunque Franco era muy buena persona... pobriño el..... bueno... tengo que volver al psiquiátrico a tomar el medicamento... que si no....
Eonaviego (25/05/2006 18:28)

No que eu conheço de pasar centos de vezes polo Berço, opino o mesmo que Concha a repeito da parte ocidental dessa comarca. Tenho comentado mais de uma vez com gente galega que o bilinguismo harmónico, junto com o isolacionismo nos levava em poucos decénios para o modelo Ponferrada, onde o sotaque é galego, mas o resto da língua não. O das adormideiras é um ponto de vista no que eu não caira, mas essa forma durminte de língua não creio que pase à seguinte geração. Para contrariar um pouco aos críticos com o artigo: Eu não sou lusista, são galego. A ortografia portuguesa é para escrever, não para falar, pois nem em Lisboa, se fala como se escreve. Nem em Muros, nem na Terra Chã, nem na Extremadura espanhola, nem na Mancha, nem na Andalucia, nem em Múrcia, nem nas Canárias, nem na Argentina, ... nem na França, nem na Grã Bretanha, nem nos USA, nem .... Soltemos a vergonha. Viva o galego normalizado desde a sala de partos. Eu assim o vivi, e os meus filh@s também.
Da_Ponte (25/05/2006 17:34)

Gracias Concha por ser amabel tamén cos casteláns. Progresas. Tamén quería dicir que estou dacordo co a observación de Ilduara sobre os códigos racionais e os irracionais. O código lusista é unha variante do Código da Vinci, ou algo así.
María (25/05/2006 16:45)

Prezados amigos dos meus artigos, agradeço os vossos comentários, uns mais do que outros, mas todos são proveitosos para mim, e me indicam se vou errada neste caminho da escrita que eu empreendi; responderei às perguntas que me fazeis e aclararei alguma mala interpretação, ou que a mim mo parece, do meu texto. Mas isso tem de esperar, polo de agora só tenho tempo para ler os vossos comentários, e escrever esta nota, mas não esquecerei passar por aqui amanhã. Um saúdo cordial, e abraços para todos e todas.
Concha (25/05/2006 16:27)

Estou contigo, Ilduara. A tolerancia é unha filosofía que pocos pratican.
María (25/05/2006 16:22)

Q. Ilduara, deixa de odiar, mulher, tómate um vininho, relaxate, vai ao cine (terá que ser em hespanhol). E visita a www do ILG, verás que completita está, ou melhor, não o fagas, não seja que che volva mudar o ânimo. Um bico amoroso
Estralampa (25/05/2006 15:52)

Por certo, en Irlanda, o Gailge e' empregado por menos do 5% da poboacion mais podes atopar algunhas paxinas web en 3 diferentes normas (Gailge medieval, Gailge historico e Gailga moderno). Seria bonito que os lusistas puidesen mirar as paxinas web da Xunta en norma AGAL. O MAIS IMPORTANTE E' O RESPETO ENTRE NOS. deica
okiko (25/05/2006 15:41)

Apos estes comentarios quero parabenizar a Concha pola calidade do artigo e comentar tamen que eu respeto todas as normas. Seria bo comentar a similitude destes comentarios coa pelicula "A vida de Brian". O importante non e' a norma empregada na escrita. O importante e' botar aos romans da nosa terra ;-) 2000 anos tarde....
okiko (25/05/2006 15:38)

Odio ós lusistas por ser (seren diriades vos mostrando o voso lusismo), quenes se adican a perder o tempo aprendendo a ortografia portuguesa absolutamente irracional, cando poden usar a nosa propia racional e sencilla que todo o mundo conoce (a nacional galega). Rousia eres unha tia que se pasa de lista. Chega de sermones, e respeta o dereito de quen queira a falar o que lle pete. Ponferrada está mui ben como está e nada temos que andar a facer alló en plan imperialista medievalista, eles teñen unha opción

libre e non imposta polo castelán que nunca se lle impuxo a naide, como teñen ben demostrado moitos, incluidos galeguistas históricos
Ilduara (25/05/2006 14:09)

E dalhe contra lusismo... pero porque temem que a gente escolha livremente como escreve o galego? Será que no canto de fazerem o seu trabalho os "académicos" adicáronse a recever soldos públicos e defenderem o seu escano? Será que a "mancha de aceite" representa a vontade indómita e cada vez mais popular por conhecer, investigar, recuperar e darlhe reconhecemento à nossa lingua? Que fixerom o ILG e a RAG neste tempo senon favorecer o deterioro normativo e funcional do galego com a sua passividade e ineptitude? Personagens como o Barreiro são o verdadeiro perigo para a nossa língua. Para quando a educação em galego? Quando escoitaremos galego de verdade (coa gheada, co sesseo, com plurais em -ões, como no sul de Ourense) nos meios públicos? Não tenhades medo dos que escolhem livremente repartir beijos, não é esse o problema: sabem igual de ricos que os bicos. Moitos deles para todos.
Estralampa (25/05/2006 13:34)

Diantre, Diagnóstica, deve você repassar-me essa Fonética: "ladraun... famux". Não está mal mas ainda não dá para inspectora linguística. || A PAZ: Pois que pouca paz destilam as suas palavras. Quando se diz que "alguns lusistas" fazem isto ou aquilo com a língua e mostram tais ou quais prejuízos escamoteia-se que alguns (ou muitos) barreiristas também o fazem e o fizeram sempre. Por exemplo, muitos neo-barreiristas agora tão contentes com o império do eñe sempre riram a esgalha dos sotaques de Portugal ou do Vale Minhor. Prove, ponha o ouvido, escute os barreiristas pronunciar "korasao" como se fosse língua urálica.
Inh (25/05/2006 13:28)

Evidentemente queria dizer do ILGA , arredemo que o computador se trabuca ao pensar em tais "persoeiros"
límio 2 (25/05/2006 12:15)

Caráfio da-me vergonha pensar que umha persoa coma ti puido chegar a inspector de ensino.O que algúns chamam lusismo, simplemente é a nossa ortografia, a de nosso desde fins do século xii, restaurada e que nom por casualidade se assemelha á do português pois eles conservarom a nossa língua alhea a toda influência deturpadora proveniente do castelám. Vosté que é inspector consentiria que o professor de inglês ensinasse nas suas aulas xi, fix; em vez de she, fish ou o de francês escrivisse xanter, leson en vez de chanter, leçon...???!!!!!! Por favor nom confunda o português estándar de Lisboa co galego etimológico som a mesma língua pero variedades ou codialectos diferentes igual que o inglês de Escócia ou o dos USA difere avondo do británico. Num mundo globalizado como o do século xxi ja nom podemos utilizar os argumentos do xix menos mal que polo que di vosté os nosso alunos de secundária som mais espilidos que os seus inspectores de ensinano ou que os membros do I
límio (25/05/2006 12:11)

Conxa ladraun ladraun famux nubõkemiñu, berreirixtash derrutadush, ksifnófobush i acomplekasadush die e dia morreinh na ssua dgghota!!!
Diagnóstica (25/05/2006 11:56)

Concha, ladram, ladram, vamos no bom caminho, barreiristas derrotados, xenófobos e acomplexados. Dia a dia, morrem na sua derrota.
maisum (25/05/2006 11:03)

Prezados Harizti e Luis, que é o que a linguistica resolveu há anos?, fala você do lento desenvolvemento logo de 500 anos de pobreza estrema, justifica você a criação duma lingua por ter sobrevivido ao pior dos isolamentos acompanhado isso dum baixisimo nível de educação no seio duma povoação rural. Isto semelha uma má brincadeira, se a galiza não tiver conhecido tal miseria seria hoje a abandeirada do lusismo-galegofonia. É a vossa uma visão ombilical que reflicte a ideia machista duma dos povos ter uma lingua própria.
sacho (25/05/2006 10:48)

Ou melhor sim: Pepe, vamos là com uma pergunta enganosa. Segundo você que se semelha mais ao castelhano um galego

linguisticamente dependente dessa lingua ao qual empresta etimologia e caracteres ou um galego de raiz historica, lingua de cultura nacional e universal. (lembre que os nossos filologos substituirom g,j por x pensando em que vocês e mais eu não possuimos a capacidade mental para diferenciarlas do castelhano. Após Portugal é Galiza, pelo qual português é galego.
sacho (25/05/2006 10:40)

Belo artigo como acostuma sempre você, realista mas ensonhador. Aguardo impacientemente a segunda parte jà que apenas visitó Vieiros para as suas reportagems. Pelo demais não compre espalharse sob a ignorancia dos nossos compatriotas.
sacho (25/05/2006 10:29)

Dos artigos máis equilibrados da autora, iso si, sacando o dos palestinianos e o da cidade desnorteada, a ver se comeza a liña optimista e positiva, porque, ás veces, semella que quere sacar petróleo das desgrazas. Unha cousa máis, como viguesa, morro coa risa cando vexo a algúns lusistas (non todos, por suposto) faceren burla das que falamos con gheada e seseo do val do fragoso e non parar de dicir xuva (incluso con v), xateado (chateado) e "i" para o e, e por suposto os pronomes pola norma brasileira, iso si todo o tempo a chamarnos zipaios, e despois xa irán pelexar contra "eses portugueses de Braga". Como ben escribía no outro día Quico Cadaval no Novas da Galiza o mellor que poderían facer é falar castelán e non nos romperen a cabeciña.
Paz (25/05/2006 10:00)

Doutor Caramba, quando eu era meninho tinha um professor de História que também dizia, movendo grave a mão: "Y los moros se extendieron por España como uma mancha de aceite". Seríamos companheiros de curso? Mas tenha paciência, homem, se deixa o lusismo estender-se como uma mancha de azeite, depois os academistas podem fazer uma bonita Reconquista.
Inh (25/05/2006 05:48)

Claro, claro, o problema do galego é o "lusismo", não as afirmações como esta: "Se queremos que o galego se expanda, é um galego que necessariamente não pode estar conformado com essos modismos [rurais] tão peculiares. Tem que ser, pois um galego, mais, diríamos, generalizado. ESSO SIGNIFICA UMA MAIOR APROXIMACIÃO AO CASTELÃO? É POSSIBLE, É POSSIBLE". Ah, quem disse isto? Pois nada menos que Xosé Ramón Barreiro, Presidente da Real Academia Galega, numa entrevista na TVG no 17 de Maio passado. --- Parabéns, Rousia, parabéns. Mas, como dizem os barreiristas, não escrevas tanto que já sabes que na democracia uma cousa é a liberdade de falar e outra abusar dela.
Inh (25/05/2006 05:40)

Também como sempre Isabel Rei dá no cravo. Não sei. Talvez tenha que dar-me de alta na AGAL. Correcçom e reafirmaçom: o vindouro ano tenho por seguro ir ao Berzo.
Vinseiro (24/05/2006 23:40)

Coidado que chega o inspector Gadget. A ver quen fala castelán. A ver quen fala mal o galego. Sancións, multas, procesos. E logo non fan máis que recordar os tempos de Franco. Pero se agora hai máis prohibicións que nunca. O tabaco, nos coches, no horario do lixo... Ou sexa os cidadáns normais somos carne de canón e nos multan por todo, pero as rúas están cheas de delincuentes, e algúns despachos tamén (Concello de Marbella, Diputación de Lugo, Forum Filatélico e o que falta... ¡Viva Galiza Ceibe!
Non me toquedes o carallo (24/05/2006 23:20)

Son inspector de ensino secundario na zona de Vigo; rapaces que falen en galego, raros raros, pero eso si dun tempo a esta parte os unicos rapaces que estan a prol do galego son todos reintegratas, É imposible chegar a un centro educativo e non ollar algo escrito a portuguesa. quenes difunden eso, si o profesorado non é, e os de galego menos?. Que está pasando para que Vieiros estea todo cheo de xente escribindo a portuguesa e asi en todo foro canto hay? Quen está impulsando eso, que coa oposición das autoridades dos partidos gobernantes de todos se estende como amncha de aceite polo pais? me gustaria saber como foi que unha persona como ti Concha chegou ahi, a ver si así descubro algo
caramba (24/05/2006 23:06)

Para Pedro: cita de Castelao: "A Saudade! eis o sentimento que

abrange a Portugal e a Galiza numha só eternidade" A. D. R. Castelao. Ou tamém esta "A nossa língua florece em Portugal". Pedro que há de mau em que citemos a Castelao?
Castelao (24/05/2006 22:09)

Concha: os teus artigos são do melhorzinho do Vieiros. Porque são bons e porque levantam paixões nos comentários, claramente exaltados num e noutro sentido. Precisamente por isso há Pensamento na Galiza: porque o Pensamento configura desenhos irados na face dos contrários e dos obtusos.
Isabel Rei (24/05/2006 22:07)

Como sempre parabéns pelo artigo que mostra uma narraçom perfeita. É alentador saber que aínda a nossa língua está no ar. Está dorminte. Talvez espere que alguém a desperte. O vindouro ano intentar-ir-ei. Um forte abraço.
Vinseiro (24/05/2006 20:28)

Concha, eu gozo cos teus artigos, non o podo negar, como o fan moitos dos que che parabenizan enriba. Mais..., míroos máis perto da ficción ca da realidade. Porque se isto é certo: "Eu tive a sensação de que por primeira vez pensava neles como penso nos Palestinos aos que lhes toca viver nos territórios ocupados", estás toleando de vez. Eu proveño dunha aldea desa "Faixa Leste", e aínda hoxe volvo prá casa cheo de carraxe cando miro as mintiras e as desfeitas que padece o galego de Asturias. Como son atacados os seus defensores, verbal e fisicamente, nos medios, na rúa, etc. Pero eu tamén teño coñecemento do sofremento dos palestinos e doutros pobos e iso non é EQUIPARÁBEL, Concha. Non o é. De todos os xeitos acho que a viaxe estache a permitir mudar criterios sobre as cousas, agardo as túas impresión sobre a terra de Trás-os-Montes.
lavesedo (24/05/2006 20:07)

Siiii, o lusismo vamos é algo xeralizado. Si home si. Quen o fala? O 0,5% dos galegos? Supoño que menos. Hai algún membro do noso parlamento que o defenda? Creo que ningún. Saben que creo que fala mellor galego da xente que coñezo: a miña avoa. E de toda a vida dixo bicos e non beijos... Non fala portugués, fala galego, lingua da maioría dos galegos, a nosa lingua identitaria, que nos indentifica, nos diferenza de españois e tamén de portugueses. Que queredes? Pasar dun imperialismo a outro? De España a Portugal? Ídevos para Portugal lusistas do carallo: Galicia non vos quere, nin vos apoiou nunca, nin vos apoiará. É unha vergonza que logo citedes a Castelao ou a Rosalía, a Curros, a Pondal... ningún deles era lusista. Falaban galego. Non tendes outra mellor forma de chamar a atención? Ah si! Os vosos amiguiños son os que logo van queimando caixeiros, os pseudoterroristas... pailáns!
pedro (24/05/2006 19:37)

É evidente que a autora usa o portugués e non o galego no seu artigo, como tamén é evidente que ambas as linguas son na realidade variantes dunha mesma fala. Contodo parece que sempre volve o mesmo problema: non querer recoñecer o que a lingüística resolveu hai ben de anos; debe ser o problema de capacidade intelectual chamado vulgarmente "non querer ver o que non me gusta". Enfín, a ciencia sehgue o seu camiño estemos de acordo ou non.
harizti (24/05/2006 19:17)

Aos inimigos do Idioma e a Cultura de Galiza, que só a concebem enfardada à castelhana, mestiça e degradada, deturpada, a esses analfabetos funcionais e reais que nom entendem os nossos jeitos nem os nossos beijos:hipócritas ignorantes, que dades leições do que nem sabedes, que dades carné de galego de acordo com as vossas estultícias e asneirices, vós, ó hipócritas, deixai em paz aos que trabalham (trabalhamos) por restaurar esta Identidade nossa tam estragada.
Direitoso (24/05/2006 19:08)

Parabens polo texto Rosa! :) Por certo: >"que se parece máis ao español a palabra "beijos" ou a nosa palabra "bicos"?" aaah... agora "beijo/beixo" nom e' palavra galega... imos bem! :P
Manel (24/05/2006 18:01)

Esta persoa recórdame a Rosalía de Castro e non pola linguaxe que utiliza, pero si en que todos son queixumes e laios. Non sabédes ben a pena que a min dáme. Oxalá todos tivésemos eses problemas

que a agobian, porque entón o mundo sería unha balsa de aceite. Por outra banda chámame a atención a cantidade de veces que escribe artigos nestas páxinas. No que non estou de acordo é na cantidade de insultos que adoitan aparecer contra os lusistas. Se conseguísemos a independencia pasaríanos como á India con Pakistán, había que dividir Galicia en "galegos i lusos".
Manolo o pailán (24/05/2006 17:50)

Conche, que grande sos vos, el labura que andas hasiendo yes de bute Sho digo, porque argentina el ILG dise que hablamos casteshano vos entendés. es que los espanholes son la ostia, y los sicarios gallegos parcen gallegos de chistes argentinos. No es que sean parvos es que lo tienen que dmostrar. (okiko ç, luis etc) gracias por decirnos que hay inteligencia en la Galiza
ronaldo (24/05/2006 17:45)

Os máis dos lusistas sodes uns pailarocos porque nin sabedes falar en galego nin en portugués. Aínda escoitei a un deses o outro día e dicía máis castelanismos que outra cousa! Que pena dades: non queredes nada a vosa lingua. Pretendedes falar unha lingua de hai 500 anos, ou, no seu defecto, portugués, a lingua de Portugal, que non é a lingua galega
luis (24/05/2006 17:25)

os lusistas odian a lingua galega e odian ao 99% dos galegos que non falan coma eles. Doulle a razón e a okiko e a EPena dígolle: que se parece máis ao español a palabra "beijos" ou a nosa palabra "bicos"? Hipócritas. Odiades a vosa terra e a vosa lingua.
pepe (24/05/2006 17:16)

Oi, Okiko, pois é simple, Beijo (beixo em grafia espanhola); Beijinhos (beixinhos em grafia espanhola) e Jeito (xeito, em grafia espanhola)... Até um neno se daria de conta ;-)~
EPena (24/05/2006 16:46)

Beijos? Beijinhos? jeito? Alguen que comente en galego?? ;-)
okiko (24/05/2006 16:33)

Cara Concha : Nunca vou ter palavras suficientes de agradecemento para ti e para o resto de companheiros , que dum xeito ou do outro fam possivél que o Dia Das Letras Galegas no BERZO saia adiante ano tras ano. Obriga , obriga e mil veces obrigada polas tuas palabras, pola vossa companha e sobre tudo por ser como eres. Beijos para todos e um moi grande para essa amiga minha miuda que temos em comum Nerea. Saúdos e beijinhos. Silvia Ribas.
silvia ribas (24/05/2006 15:31)

Concha (i): O amor e sensibilidade que pôs ao contar as cousas, dum jeito tam simples como preciso é maravilhoso. Com o teu pequeno textículo estás a achegar-nos o Berzo, é dizer essa Faixa Leste esquecida ou ainda pior negada, onde a nossa língua nom tem o amparo e apoio de todos os galegos e galegas, que afirmam se comprometer no futuro da Língua. A faixa-leste, é para nós a nossa prova do algodom de que sobre a língua e o seu futuro temos ou nom formulações sérias. Lembro uma resposta duma naturista da norte-america, quando o da guerra de Ruanda, luitando ela a vez por proteger os gorilas da montanha. y ante a afirmaçom que lhe faziam de que isso era secundário que o importante é o nucleo alvo principal das pessoas, respostava. A sobrevivência das pessoas só pode ser com a do médio natural, si a base material o planeta e a sua vida diversa nom nos preocupam é que tampouco as pessoas ham-de andar muito na (nossa)vossa agenda.
alexandre (24/05/2006 13:41)

Como sempre engaiolas-nos com as tuas palavras. Gostei muito da teu texto que fala dessa avançada na desfeita que sofremos na Galiza que é o Berzo.
Laura (24/05/2006 13:23)

Caria Concha, partilho contigo e co Domingos a impressão, o desacougo. Perdémolo norte em quase qualquer núcleo pseudo-urbam da Galiza, deixamos de mão as comunidades galego falantes do nosso nacente e o "Portucale" irmão fica sempre mais longe. Eles ha séculos que renunciarom a Hespanha, e a nós com ela. Para a maioria dos nossos irmãos de lingua não somos merecedores do seu reconhecemento e interesse. Mais a responsabilidade é principalmente nossa, popularmente e por rações que se me

escapam o português énos equivalente a inferior, despreciável (madia leva!). E as instituções públicas que construimos (ILG, RAG) não representam mais que o nosso proprio fracasso coma povo. Quedamos logo com iniciativas privadas minoritárias para defender a património que herdamos. Força, vontade e amor.
Estralampa (24/05/2006 11:59)

Concha, foi como dar un paseio contigo polas terras do Bierzo, parabens por saber contar tan ben aquilo que che entra polos teus teus sentidos. E agora unha cousa: como soi que eu non vin este artigo antes?
Rosalia (23/05/2006 19:45)

Interessante artigo. Narras uma realidade crua(el), em tudo parecida a uma Pontevedra, Ferrol, Vigo. Tive um professor de Português no Liceu que estivera três anos em Ponferrada a ensinar Português aos filhos dos mineiros do Bierço. A nós contáva-nos da neve de León, de Villablino, de Ponferrada e... do perigo que se começava a sentir na regiom vindo dos "fanáticos galeguizadores"... surreal. Hoje, que aprendi toda uma realidade altermundista, que aprendi a rejeitar o chauvinismo, rejeito estas palavras do meu caro professor de Português. Perigo? Fanáticos galeguizadores? É tudo ao contrário, tudo deturpado. O mesmo que se passa hoje na Teixeira, em Ermesende, em Lubiám, Porto...
Domingos Guedes (23/05/2006 18:32)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Algo mais sobre as nossas letras (II)

Un artigo de: **Concha Rousia**
[28/05/2006]

Viagem entre as raias. Parte II: O acordar
Era sábado de manhã, acordamos com os andares dos primeiros peregrinos, ai para as 5h30 a.m., mas houve que aguardar um bocadinho para poder arrancar a Nerea da liteira do alto e arrastá-la até o automóvel onde continuou a dormir.

Deixamos Ponferrada caminho do Barco, atravessamos as montanhas sentindo-nos abraçados pola beleza continuada dum bosque sem eucaliptos, soubemos que deixáramos o Bierzo atrás quando apareceram os primeiros letreiros com a nossa toponímia sem traduzir. E não vou dizer que nos sentimos bem, porque não é certo; eu fui-me com uma profunda saudade que alguém me transmitiu; não sei se foram os olhos da mulher que me pediu "uma firminha" ao botar gasolina, ou se foram os olhos com mirada de lobo que ainda se defende, e nos defende, de Felipe Lubián, ou talvez por não ter visitado as aldeias, e poder falar com os miúdos aos que não lhes está permitido levar a língua própria à escola... o certo é que eu parti com uma saudade imensa no meu corpo, que mesmo agora ao lembrá-la atrai até mim a cor dos telhados de piçarra que continuaram a fazer parte da paisagem até bem passada a Rua. Chegamos ao Barco e continuamos sem nos deter. Eu reparei que as adormideiras foram indo a menos e agora quase não havia.

Em A Gudinha (que até deveria ser Agudinha, não sim?), apanhamos a autovia e em pouco tempo estávamos em Verim, fomos para a estrada de Chaves e à saída de Verim eu vi um campo cheio de adormideiras e senti outro calafrio, era só uma leira, mas...
A mim as adormideiras sempre me fizeram pensar nas beberagens que o tio Rafael de Covas, seguindo as receitas duns livros chegados por correio de Barcelona, preparava; hoje vem-se-me à cabeça... se não andaria ele, que era pedreiro, e homem muito sábio, pensando já nalgum antídoto...

Passamos Chaves, Boticas, e fomos a Vilar, a aldeia de destino. Ao desligar o motor acordou Nerea, era a hora de vir o gado do monte; ela baixou o vidro da sua janela e perguntou quando é que chegávamos a Portugal; foi informada de que já cá, em Portugal, é que estávamos; "pois a mim aqui parece-me Covas" "e a mim também filha, a mim também... este lugar chama-se Vilar e agora vamos que os Encontros dos Dias da Criação já começaram e eu chego tarde..."
Quando entramos polo portão do quintal da casa de turismo rural 'Eira Longa' que acolhia estes encontros de criadores de poesia, narrativa, música, pintura, audiovisual, fotografia etc., na sala de reuniões estavam a falar Carlos Quiroga e José Maria Álvarez Cáccamo, que contavam qual é a situação da criação na Galiza actual. Depois seguiu-lhe um descanso e uma olhadela as exposições de arte que acolhiam os impecavelmente restaurados locais, e onde outrora estivera a moreia da lenha e a erva hoje dependuravam as obras de artistas galegos e portugueses. O espigueiro, de três claros, feito em pedra no mais clássico estilo, acolhia também desenhos artísticos. Logo do jantar, que naturalmente incluía carne assada do Barroso, vieram os actos literários e audiovisuais diversos, e os ecos atestaram de sotaques muito diversos o local, também tivemos ocasião de ouvir recitar poesia em Mirandês. Lá fica o recendo das falas galegas subidas nas traves, onde, em tempos, se subia a rapaziada para brincar e calcar na erva. Já pola noite, logo da ceia, vieram as actuações musicais, as declamações, e as performances. Tudo com total apertura, participou todo aquele que quis, o que fez possível a convivência de artistas consagrados e dados a experimentação do mais actualíssimo jazz ao piano, com outros músicos que estão apenas começando a sua carreira criativa. O único lema era a partilha. De aqui fomos a dormir, todos fomos hospedados em casas de turismo rural, a nossa ficava na entrada do parque natural do Geres, perto da barragem de Paradela. À manhã seguinte,

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

de volta na casa da Eira Longa, logo dum pequeno almoço, deu-se começo aos actos de encerramento dos encontros. Vieram as valorizações, os planos de futuro, as trocas de telemóveis e endereços, os abraços e as palavras de apreço polo trabalho dos outros e a despedida, que rematou com um jantar no que não podia faltar a feijoada.

Quando já me dispunha a marchar, e já os meus aguardavam por mim no meio da aldeia, foi então que vi a senhora Ana Maria; estava na eira, de pé, perto da porta do comedor, disse-lhe adeus e ela respondeu: "Adeus filhinha, adeus..." Eu vi que era ela quem falava mas eu estava a ouvir a voz duma das mulheres de Covas, a minha aldeia. Acerquei-me e perguntei-lhe como é que se chamava, ela respondeu... O tom de voz, a melodia, o jeito de pousar os braços sobre o seu corpo, tudo, tudo a convertia numa mulher da minha aldeia. Eu passara estes dous dias entre diversos sotaques de falas portuguesas e galegas e nenhuma das pessoas, nem das portuguesas nem das galegas, falava a minha fala como a falava aquela mulher. Conversamos, eu perguntei e ela contou-me. Tinha eu estado rodeada de gente pensando que partilhava muito, para finalmente encontrar a pessoa com a que partilhava o modo de entender o mundo, o universo, e também a fala, que é algo mais do que a língua. A senhora Ana Maria, a quem a vontade me pediu chamar-lhe tia Ana Maria, como a qualquer mulher da minha aldeia, sabia a forma exacta de pousar a sua mão no meu braço, a distancia à que manter o seu rosto do meu, o jeito de fitar e o tom da sua voz, e percebeu que eu dominava o mesmo código. Por um momento toda a gente desapareceu, os poetas, os pintores, os músicos, os fotógrafos... e ficamos ela e eu sós na Eira Longa, duas mulheres que levam luto, a tia Ana Maria polo seu filho, e eu pola minha mãe. As duas sabemos que o mundo, que sempre fora nosso, deixou de pertencer-nos, e as duas nos vemos, nada importa que ela passe dos noventa e eu só dos quarenta, e sabemos que somos diferentes do resto, e até a fala deles, tanto tem galegos ou portugueses, é diferente da nossa.

Parti dali desconcertada; entre outras cousas a senhora Ana Maria contou-me que ela fora nascida nesta aldeia onde estávamos, Vilar, mas que casara em Covas, uma aldeia que fica por aqui perto, na comarca de Penalonga. Estes dous nomes eu nunca ouvira juntos fora da minha paroquia, constituida por duas únicas aldeias, Covas e Penalonga, que pertencem ao concelho de Os Blancos (OU), mas não quis interrogar a senhora Ana Maria, só mencionei a coincidência. Parti, e ao relatar-lhe aos meus a, altamente emocional, experiência, comecei a ter dúvidas, que não sabia como responder... Volvi a casa da Eira Longa e falei com a filha da senhora Ana Maria, vi que também esta falava como eu, e contei-lhe o das minhas aldeias, Covas e Penalonga, e ela disse que é uma coincidência muito divertida as nossas aldeias chamarem-se igual. Então perguntei-lhe que o quê pensava ela (era uma mulher uns 15 anos maior do que eu) do facto de ela, sua mãe, e mais eu falarmos mais parecido do que ela com muitos desses outros Portugueses, e se achava que era um efeito da televisão, porque é a explicação que eu lhe dou. Ela concorda comigo, e com esse efeito que a TV tem tido na maneira de falar dos novos, e acrescenta... "mas também depende muito das regiões de onde é a gente, e nós aqui somos galegos" Despedimo-nos com um abraço e eu, agora sim, parti.

Fui-me com mais saudade da que carrejara comigo do Bierzo. Porque eu vejo como polo Leste avançam os sons chegados de Madrid que abafam a minha língua e a também a minha fala, e ao mesmo tempo vejo como polo Sul, chegados de Lisboa, vem sons que, sem matar à minha língua, abafam a minha fala. Eu bem sei que muitos nunca podereis entender isto, outros simplesmente não quererei, mas eu sei que os que me conheceis bem, e mais os que já me vais conhecendo, sabeis que passou assim, tal como vo-lo conto, e nem precisaria de vos dar a minha palavra de honra, ora, eu dou-vo-la, a todos e a todas, de que tudo aconteceu tal como eu contei.

COMENTARIOS:

Hai 27 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Algo mais sobre as nossas letras (II)

Un artigo de: **Concha Rousia**
[28/05/2006]

Viagem entre as raias. Parte II: O acordar
Era sábado de manhã, acordamos com os andares dos primeiros peregrinos, ai para as 5h30 a.m., mas houve que aguardar um bocadinho para poder arrancar a Nerea da liteira do alto e arrastá-la até o automóvel onde continuou a dormir.

Deixamos Ponferrada caminho do Barco, atravessamos as montanhas sentindo-nos abraçados pola beleza continuada dum bosque sem eucaliptos, soubemos que deixáramos o Bierzo atrás quando apareceram os primeiros letreiros com a nossa toponímia sem traduzir. E não vou dizer que nos sentimos bem, porque não é certo; eu fui-me com uma profunda saudade que alguém me transmitiu; não sei se foram os olhos da mulher que me pediu "uma firminha" ao botar gasolina, ou se foram os olhos com mirada de lobo que ainda se defende, e nos defende, de Felipe Lubián, ou talvez por não ter visitado as aldeias, e poder falar com os miúdos aos que não lhes está permitido levar a língua própria à escola... o certo é que eu parti com uma saudade imensa no meu corpo, que mesmo agora ao lembrá-la atrai até mim a cor dos telhados de piçarra que continuaram a fazer parte da paisagem até bem passada a Rua. Chegamos ao Barco e continuamos sem nos deter. Eu reparei que as adormideiras foram indo a menos e agora quase não havia.

Em A Gudinha (que até deveria ser Agudinha, não sim?), apanhamos a autovia e em pouco tempo estávamos em Verim, fomos para a estrada de Chaves e à saída de Verim eu vi um campo cheio de adormideiras e senti outro calafrio, era só uma leira, mas...
A mim as adormideiras sempre me fizeram pensar nas beberagens que o tio Rafael de Covas, seguindo as receitas duns livros chegados por correio de Barcelona, preparava; hoje vem-se-me à cabeça... se não andaria ele, que era pedreiro, e homem muito sábio, pensando já nalgum antídoto...

Passamos Chaves, Boticas, e fomos a Vilar, a aldeia de destino. Ao desligar o motor acordou Nerea, era a hora de vir o gado do monte; ela baixou o vidro da sua janela e perguntou quando é que chegávamos a Portugal; foi informada de que já cá, em Portugal, é que estávamos; "pois a mim aqui parece-me Covas" "e a mim também filha, a mim também... este lugar chama-se Vilar e agora vamos que os Encontros dos Dias da Criação já começaram e eu chego tarde..."
Quando entramos polo portão do quintal da casa de turismo rural 'Eira Longa' que acolhia estes encontros de criadores de poesia, narrativa, música, pintura, audiovisual, fotografia etc., na sala de reuniões estavam a falar Carlos Quiroga e José Maria Álvarez Cáccamo, que contavam qual é a situação da criação na Galiza actual. Depois seguiu-lhe um descanso e uma olhadela as exposições de arte que acolhiam os impecavelmente restaurados locais, e onde outrora estivera a moreia da lenha e a erva hoje dependuravam as obras de artistas galegos e portugueses. O espigueiro, de três claros, feito em pedra no mais clássico estilo, acolhia também desenhos artísticos. Logo do jantar, que naturalmente incluía carne assada do Barroso, vieram os actos literários e audiovisuais diversos, e os ecos atestaram de sotaques muito diversos o local, também tivemos ocasião de ouvir recitar poesia em Mirandês. Lá fica o recendo das falas galegas subidas nas traves, onde, em tempos, se subia a rapaziada para brincar e calcar na erva. Já pola noite, logo da ceia, vieram as actuações musicais, as declamações, e as performances. Tudo com total apertura, participou todo aquele que quis, o que fez possível a convivência de artistas consagrados e dados a experimentação do mais actualíssimo jazz ao piano, com outros músicos que estão apenas começando a sua carreira criativa. O único lema era a partilha. De aqui fomos a dormir, todos fomos hospedados em casas de turismo rural, a nossa ficava na entrada do parque natural do Geres, perto da barragem de Paradela. À manhã seguinte,

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

de volta na casa da Eira Longa, logo dum pequeno almoço, deu-se começo aos actos de encerramento dos encontros. Vieram as valorizações, os planos de futuro, as trocas de telemóveis e endereços, os abraços e as palavras de apreço polo trabalho dos outros e a despedida, que rematou com um jantar no que não podia faltar a feijoada.

Quando já me dispunha a marchar, e já os meus aguardavam por mim no meio da aldeia, foi então que vi a senhora Ana Maria; estava na eira, de pé, perto da porta do comedor, disse-lhe adeus e ela respondeu: "Adeus filhinha, adeus..." Eu vi que era ela quem falava mas eu estava a ouvir a voz duma das mulheres de Covas, a minha aldeia. Acerquei-me e perguntei-lhe como é que se chamava, ela respondeu... O tom de voz, a melodia, o jeito de pousar os braços sobre o seu corpo, tudo, tudo a convertia numa mulher da minha aldeia. Eu passara estes dous dias entre diversos sotaques de falas portuguesas e galegas e nenhuma das pessoas, nem das portuguesas nem das galegas, falava a minha fala como a falava aquela mulher. Conversamos, eu perguntei e ela contou-me. Tinha eu estado rodeada de gente pensando que partilhava muito, para finalmente encontrar a pessoa com a que partilhava o modo de entender o mundo, o universo, e também a fala, que é algo mais do que a língua. A senhora Ana Maria, a quem a vontade me pediu chamar-lhe tia Ana Maria, como a qualquer mulher da minha aldeia, sabia a forma exacta de pousar a sua mão no meu braço, a distancia à que manter o seu rosto do meu, o jeito de fitar e o tom da sua voz, e percebeu que eu dominava o mesmo código. Por um momento toda a gente desapareceu, os poetas, os pintores, os músicos, os fotógrafos... e ficamos ela e eu sós na Eira Longa, duas mulheres que levam luto, a tia Ana Maria polo seu filho, e eu pola minha mãe. As duas sabemos que o mundo, que sempre fora nosso, deixou de pertencer-nos, e as duas nos vemos, nada importa que ela passe dos noventa e eu só dos quarenta, e sabemos que somos diferentes do resto, e até a fala deles, tanto tem galegos ou portugueses, é diferente da nossa.

Parti dali desconcertada; entre outras cousas a senhora Ana Maria contou-me que ela fora nascida nesta aldeia onde estávamos, Vilar, mas que casara em Covas, uma aldeia que fica por aqui perto, na comarca de Penalonga. Estes dous nomes eu nunca ouvira juntos fora da minha paroquia, constituida por duas únicas aldeias, Covas e Penalonga, que pertencem ao concelho de Os Blancos (OU), mas não quis interrogar a senhora Ana Maria, só mencionei a coincidência. Parti, e ao relatar-lhe aos meus a, altamente emocional, experiência, comecei a ter dúvidas, que não sabia como responder... Volvi a casa da Eira Longa e falei com a filha da senhora Ana Maria, vi que também esta falava como eu, e contei-lhe o das minhas aldeias, Covas e Penalonga, e ela disse que é uma coincidência muito divertida as nossas aldeias chamarem-se igual. Então perguntei-lhe que o quê pensava ela (era uma mulher uns 15 anos maior do que eu) do facto de ela, sua mãe, e mais eu falarmos mais parecido do que ela com muitos desses outros Portugueses, e se achava que era um efeito da televisão, porque é a explicação que eu lhe dou. Ela concorda comigo, e com esse efeito que a TV tem tido na maneira de falar dos novos, e acrescenta... "mas também depende muito das regiões de onde é a gente, e nós aqui somos galegos" Despedimo-nos com um abraço e eu, agora sim, parti.

Fui-me com mais saudade da que carrejara comigo do Bierzo. Porque eu vejo como polo Leste avançam os sons chegados de Madrid que abafam a minha língua e a também a minha fala, e ao mesmo tempo vejo como polo Sul, chegados de Lisboa, vem sons que, sem matar à minha língua, abafam a minha fala. Eu bem sei que muitos nunca podereis entender isto, outros simplesmente não quererei, mas eu sei que os que me conheceis bem, e mais os que já me vais conhecendo, sabeis que passou assim, tal como vo-lo conto, e nem precisaria de vos dar a minha palavra de honra, ora, eu dou-vo-la, a todos e a todas, de que tudo aconteceu tal como eu contei.

COMENTARIOS:

Caro António César, abri o meu artigo e vi a tua mensagem que me deu uma imensa alegria, eu sempre aguardo mensagem da gente da Raia, da gente da minha comarca, porque embora eu moro em Santiago de Compostela, e sempre serei arraiana, e direi auga como dizemos por lá, e irei a Montalegre a tomar café e passear e

sentir-me-ei, como sempre, em casa. Um abraço muito amigo.
Concha Rousia (17/07/2006 19:16)

Concha, supreendeste-me, é uma verdade a aproximação linguística existente, A minha mãe é de Covas de Barroso, a minha Avó não diz água mas sim augua, penalonga faz parte da paróquia de covas, mas pertence a comarca de ribeira de pena, un abraço!
António César Domingues do Paço Fernandes SEIXAS (04/07/2006 16:41)

Vivo en Santiago dende hai máis de 20 anos. Aínda non tiven ocasión de escoitar a ninguén falando lusista (por certo, como me explicas que entón vieiros non estea no teu "galego" (máis ben portugués)). Si tiven a ocasión de atopar a rapaciños na universidade de grupos lusistas tipo Agir, que precisamente falaban en galego normativo ou incluso castelán. Os meus parabéns pola defensa do teu modelo linüístico, aínda que sexa un tanto utópico. De calquera xeito vese que amas a lingua á túa maneira. O feito de defendela é importante. Estamos en liberdade, en democracia e que cadaquén fala como lle pete. A R.A.G. tampouco lle ten que dicir á xente como ten que falar.
Antón (18/06/2006 13:44)

Jéssica, obrigada polas tuas palvras.
Concha (02/06/2006 09:50)

Como nom, este é outro de todos os fermosos artigos que escreves que chegam a nós dumha maneira peculiar.Segue escrevendo e fai que segamos desfrutando com as tuas verbas.
Jéssica (31/05/2006 14:00)

Obrigada celta, o teu comentário confirma-me a ideia, que há algum tempo me ronda na cabeça, de que Covas deixou, definitivamente, de ser um lugar físico na terra para converter-se em algo mais; e nós havemos de descobrir em que... E quem diz Covas diz qualquer aldeia da Galiza ou norte de Portugal. Um abraço
Concha (31/05/2006 12:18)

Parabéns Concha. Coma sempre engaiolame o teu artigo e transportame a Covas. Xa ves que desta volta te atopei sen guías.
Celta (31/05/2006 10:37)

XMBSSL: Interessante. Lembra-me o facto de existir uma vila em Aragão denominada "La Almunia de Doña Godina", quiçá seja Godina um patronímico medieval, germánico?
suso (31/05/2006 08:04)

Pois não, A Gudinha é o nome correcto. Em toponimia nada é certo, mas semelha que o nome provém duma tal Godina que por ventura devía ter uma venta naquelea região.
XMBSSL (30/05/2006 21:44)

curmaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
xuanzo (30/05/2006 20:44)

Queria dizir o MORTO Xuanzo
A da gadanha, outra vez (30/05/2006 20:13)

E que tu es o moto Xuanzinho...
A da gadanha (30/05/2006 20:05)

Perdoade todos. Non me di de conta que isto era un funeral.
Xuanzo (30/05/2006 17:32)

Ósculos, talvez?
Inh (30/05/2006 13:23)

E chuchos, também chuchinhos!
Mário (30/05/2006 12:35)

Agradeço as vossas amáveis palavras para esta crónica tão pessoal; até nem fazia muito azo de comentar algo tão pessoal e tão profundo, mas acho que vós vos apercebestes do fundas que eram estas vivências para mim e lhe destes o vosso agarimo; as vossas palavras chegaram muito adentro de mim, deveras. Não vou dizer nada sobre a saudade aqui, sei que se calhar foi algo muito para algumas pessoas; nós que tão afeitos e afeitas estamos a sofre-la em silêncio, às vezes andando por mundos onde não nós

entendem, muita saudade dessa passaram-ma meus irmãos emigrados na Alemanha, ou os relatos dos avós lidando nas minas de Califórnia, ou mesmo meu pai num frente de Teruel, ao que sabia não pertencia, mentres escutava o berro seco dos irmãos do outro bando (como ele dizia); mas não vou a comentar nada da saudade porque lhe devo um artigo, e este não é o momento. Um abraço forte para todas e todos, e beijos e também bicos.
Concha (30/05/2006 11:39)

Quê, Xuanzo, estás a passá-lo bem?
Zojoão (30/05/2006 11:33)

¡Pero mira que son malnacidos estes de Ponferrada!. ¡Mira que non falar galego!. E iso que saben ¡eh!. Mágoa, Concha. Cada vez quédache menos xente con quen falar. Os da raia, os do punto e raia e poucos máis.
Xuanzo (29/05/2006 23:08)

Guardar silêncio. Câmara. Accão. Só olhar e escutar.
Vinseiro (29/05/2006 20:26)

Fermoso artigo, Concha. Acho interesante a análise do abafamento das falas polos estándares lingüísticos e as linguas alóctonas, e concordo contigo e mais coa filla da "tia Ana María", é pola TV. Tamén teño que dicir que me sorprende que existan tanta semellanza entre esas falas arraianas, noutros puntos da raia teño entendido que as diferenzas son máis acusadas, até o punto de a xente diferenciar unha fala da outra con claridade.
lavesedo (29/05/2006 18:42)

Linda historia Concha, gosto do âmbiente dessa doce saudade como se estiver lá.
sacho (29/05/2006 18:12)

Minha mãe teria dito: "é um defeito da televisão"...
Isabel Rei (29/05/2006 16:51)

Es tremenda, É impossível um nom ficar abalado pola surpresa parabens
alexandre banhos campo (29/05/2006 16:50)

Por favor evitemo-los comentarios sobre GRAFIAS, NORMAS e falemos do artigo. Un bico e parabens Concha
okiko (29/05/2006 13:15)

Só unha pequena nota do teu anterior artigo, "bico", como sinónimo de beixo, si se recolle en portugués, e así aparece no Dic. da Academia das Ciências de Lisboa, así que ollo cos maximalismos e cos chamamentos á ignorancia dos outros. E téño que che dar os parabéns deste artigo, aínda que como urbana non dea coas chaves da saudade pola aldea.
Paz (29/05/2006 09:08)

E umha mais; surpreende-me nos tuas artigos umha recurrente morrinha pola tua aldeia, a tua fala particular ...parece que desde que saiches a estudar fóra nom te recupera-ches. Desculpa o "psico análise" mas igual deverias voltar. Fai falta gente no interior, e tu pareces estar desejando o retorno.
j.a (29/05/2006 07:56)

Pois penso que nom tes que dar palavra de honra, é evidente que isso passa, as dúas sodes da raia nom tem nada de raro. E outra cousa; em geral nom lhe dou muito mérito a esses argumentos, " em Tominho dim qual" e em Monção" igual, em Verim isto e em Chaves o mesmo... vale, mas o importante é acreditar na unióm dos de Ferrol cos de Porto, ou os de Santiago cos de Bragança, que as falas contiguas sejam semelhantes é algo que deveria (deveria) estar claro.
j.a. (29/05/2006 07:48)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo

ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Locais perigosos

Un artigo de: **Concha Rousia**
[13/06/2006]

A caminho de Compostela, a uns dez quilómetros da cidade, há uma casa enorme no lado esquerdo da estrada que já polas cores da sua decoração exterior se pode adivinhar que é um "clube de alterne", ou como se lhe queira chamar...

Confesso que nunca dei lido o letreiro que conformam as suas letras verticais, que de noite se iluminam com várias luzes de néon; ora bem, a forma deste rótulo é um bom indicativo do tipo de negócios que dentro se levam a cabo. O rótulo tem forma de corpo humano, que apesar de estar mutilado se reconhece como um corpo humano feminino; falta-lhe dos joelhos para abaixo e dos ombreiros para acima. Assim de cru, assim de real, fazendo ressaltar o resto das formas. Enfim, o que quero dizer é que sem parar-se a guichar, e sem mesmo ler o letreiro, que de certo terá também um nome que daria muita ajuda para adivinhar o tipo de negócios que dentro se podem encerrar, já se pode imaginar a vida, por dizê-lo dalgum jeito, que dentro se respira.

Quando me detenho a botar gasolina, meio quilómetro mais abaixo seguindo pola mesma estrada, às vezes vejo algumas moças novas tratando de se comunicar com o caixeiro da tenda do pão, a água mineral, e os lambiscos. Não é difícil de imaginar as injustiças às que estas mulheres, que normalmente são se procedência centro-europeia ou africana, estarão sendo submetidas. A policia passa por diante deste tipo de locais como passo eu, que ademais sempre estão bem às vistas; e sabe o que dentro sucede, como o sei eu, mas parece não ter ordem de fechar estes lugares. Afinal aí vão os homens a desafogar-se, ou aliviar-se, e isso não pode ser tão mau, não pode ser de perigo para a sociedade. Nada importa que dentro haja pessoas retidas, sequestradas, exploradas e mesmo escravizadas. Mas algo que calma os instintos mais animais do ser humano (homem), nos momentos em que não se bota o partido de futebol pola TV não pode ser mau para o sitema.

O que sim parece algo mais perigoso, e pode transformar-nos de simples "monos de carne" em pessoas pensantes, são os Centros Socio-Culturais que se começam a espalhar polo nosso país. Nestes centros projectam-se filmes que denunciam as injustiças do mundo, fazem-se exposições de arte alternativa, apresentam-se livros, fomenta-se a leitura, o teatro, a criação literária, a arte de cultivar as nossas músicas e as nossas letras, etc. etc. Numa palavra, são lugares de resistência cultural, lugares que podem mesmo resultar atractivos para os jovens, a quem, aparte dos videojogos e o futebol de sempre, pouco mais se lhes oferece. Estes lugares que podem fazer que a gente nova, e a menos nova também, dou fé, pense, e isso já não parece tão inofensivo para o sistema estabelecido. O sistema quer gente mansa, que saiba ir ao rego, que cometa actos que estão à margem da lei mas que estão permitidos. Ora bem, pensar, organizar-se, resistir... não é permitido.

É por isso que detrás de cada Centro Socio-Cultural que se abre na Galiza há gente buscando o jeito de o fechar. Buscando a forma de lhe tapar a boca à juventude, e assim tapar os olhos à nossa sociedade. Mas isso, eu acho, já é impossível, estes centros, que se estão a espalhar pola Galiza, são o mais claro exemplo da vontade irredutível do nosso povo. Estes centros são autênticas células que, se não são eliminadas ao nascer, medrarão; o aparato de controlo do estado sabe isso e nós não devemos ignorar que vai fazer o que considere preciso para intentar eliminar estos lugares de resistência; sabem que esse é o frente a combater; também sabem que se não os erradicam agora, depois não poderão eliminar os seus efeitos na sociedade. Efeitos que certamente se notarão na dignificação da nossa maltratada identidade. O aparato do estado monolítico não escatimará esforços para apagar estas vozes, mentres os mais de nós dormimos corrente abaixo. Sabemos que vão usar qualquer

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

escusa para botar o fecho; vão tentar também o desprestígio social de alguns dos seus membros fabricando operações castiñeira e o que seja preciso com tal de que isto não vá em aumento; é claro, com tanto trabalho não lhes resta tempo para averiguar que se passa nesses outros locais que mencionava eu ao começo deste artigo. Mas todos sabemos que nada poderão contra nós se não os deixamos dividir-nos, como aconteceu naquela malha em Covas, há mais de cem anos, na que eu já tenho falado... É já agora, dizer-vos que aqueles que tentaram abafar aquela malha são os mesmos que andam a tentar apagar as vozes da nossa juventude, e nós... quem caralho somos nós...?

COMENTARIOS:

Hai 73 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Locais perigosos

Un artigo de: **Concha Rousia**
[13/06/2006]

A caminho de Compostela, a uns dez quilómetros da cidade, há uma casa enorme no lado esquerdo da estrada que já polas cores da sua decoração exterior se pode adivinhar que é um "clube de alterne", ou como se lhe queira chamar...

Confesso que nunca dei lido o letreiro que conformam as suas letras verticais, que de noite se iluminam com várias luzes de néon; ora bem, a forma deste rótulo é um bom indicativo do tipo de negócios que dentro se levam a cabo. O rótulo tem forma de corpo humano, que apesar de estar mutilado se reconhece como um corpo humano feminino; falta-lhe dos joelhos para abaixo e dos ombreiros para acima. Assim de cru, assim de real, fazendo ressaltar o resto das formas. Enfim, o que quero dizer é que sem parar-se a guichar, e sem mesmo ler o letreiro, que de certo terá também um nome que daria muita ajuda para adivinhar o tipo de negócios que dentro se podem encerrar, já se pode imaginar a vida, por dizê-lo dalgum jeito, que dentro se respira.

Quando me detenho a botar gasolina, meio quilómetro mais abaixo seguindo pola mesma estrada, às vezes vejo algumas moças novas tratando de se comunicar com o caixeiro da tenda do pão, a água mineral, e os lambiscos. Não é difícil de imaginar as injustiças às que estas mulheres, que normalmente são se procedência centro-europeia ou africana, estarão sendo submetidas. A policia passa por diante deste tipo de locais como passo eu, que ademais sempre estão bem às vistas; e sabe o que dentro sucede, como o sei eu, mas parece não ter ordem de fechar estes lugares. Afinal aí vão os homens a desafogar-se, ou aliviar-se, e isso não pode ser tão mau, não pode ser de perigo para a sociedade. Nada importa que dentro haja pessoas retidas, sequestradas, exploradas e mesmo escravizadas. Mas algo que calma os instintos mais animais do ser humano (homem), nos momentos em que não se bota o partido de futebol pola TV não pode ser mau para o sitema.

O que sim parece algo mais perigoso, e pode transformar-nos de simples "monos de carne" em pessoas pensantes, são os Centros Socio-Culturais que se começam a espalhar polo nosso país. Nestes centros projectam-se filmes que denunciam as injustiças do mundo, fazem-se exposições de arte alternativa, apresentam-se livros, fomenta-se a leitura, o teatro, a criação literária, a arte de cultivar as nossas músicas e as nossas letras, etc. etc. Numa palavra, são lugares de resistência cultural, lugares que podem mesmo resultar atractivos para os jovens, a quem, aparte dos videojogos e o futebol de sempre, pouco mais se lhes oferece. Estes lugares que podem fazer que a gente nova, e a menos nova também, dou fé, pense, e isso já não parece tão inofensivo para o sistema estabelecido. O sistema quer gente mansa, que saiba ir ao rego, que cometa actos que estão à margem da lei mas que estão permitidos. Ora bem, pensar, organizar-se, resistir... não é permitido.

É por isso que detrás de cada Centro Socio-Cultural que se abre na Galiza há gente buscando o jeito de o fechar. Buscando a forma de lhe tapar a boca à juventude, e assim tapar os olhos à nossa sociedade. Mas isso, eu acho, já é impossível, estes centros, que se estão a espalhar pola Galiza, são o mais claro exemplo da vontade irredutível do nosso povo. Estes centros são autênticas células que, se não são eliminadas ao nascer, medrarão; o aparato de controlo do estado sabe isso e nós não devemos ignorar que vai fazer o que considere preciso para intentar eliminar estos lugares de resistência; sabem que esse é o frente a combater; também sabem que se não os erradicam agora, depois não poderão eliminar os seus efeitos na sociedade. Efeitos que certamente se notarão na dignificação da nossa maltratada identidade. O aparato do estado monolítico não escatimará esforços para apagar estas vozes, mentres os mais de nós dormimos corrente abaixo. Sabemos que vão usar qualquer

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

escusa para botar o fecho; vão tentar também o desprestígio social de alguns dos seus membros fabricando operações castiñeira e o que seja preciso com tal de que isto não vá em aumento; é claro, com tanto trabalho não lhes resta tempo para averiguar que se passa nesses outros locais que mencionava eu ao começo deste artigo. Mas todos sabemos que nada poderão contra nós se não os deixamos dividir-nos, como aconteceu naquela malha em Covas, há mais de cem anos, na que eu já tenho falado... É já agora, dizer-vos que aqueles que tentaram abafar aquela malha são os mesmos que andam a tentar apagar as vozes da nossa juventude, e nós... quem caralho somos nós...?

COMENTARIOS:

Obrigada a todas e a todos, gostei desta vossa conversa e muito, satisfaz-me ver que os contidos dos meus artigos ainda dam para gerar o debate. Para todos vós um abraço, e para Isabel também um beijinho, polas palavras formosas que sempre me oferece.
Concha (19/06/2006 16:25)

Concha, cara, os teus artigos ultrapassam todas as expetativas. São fortes e formosos motivos para o debate frutuoso. Ave!
Isabel (19/06/2006 14:56)

Suso, acho que confudes política com partidos políticos. O Reintegracionismo é uma opção política (no sentido mais fundamental da palavra) porque opta pela defesa do próprio, e isso é política. Mas apoiar a este ou a outro partido, da mesma maneira que fazer parte desta ou doutra associação, já é diferente. Acho.
Isabel (19/06/2006 14:50)

A "MÁIS RESPECTO PARA O BNG": Caro/a amigo/a, por que esse "nick"? Faltei eu ao respeito ao BNG por dizer que não tenho intenção de votá-lo nas próximas eleições? Talvez, então, também lhe faltasse ao respeito quando declarei que votei no BNG enquanto se tratava de deixar o PP em minoria?
O dogmatismo, caro/a, é uma opção política individual, e muito livre, por certo. Mas procurar impô-lo aos demais está condenado ao fracasso.
Por pura razão democrática, mais respeito para o projecto independentista, seja o de mil pessoas ou o de um milhão. Ou há que ter um mínimo do 5% dos votinhos para ser um Cidadão Respeitável?
Celso (19/06/2006 13:56)

Diz Laura que o BNG asemelha-se cada vez mais a "Coalición Galega". Não é uma má análise...mas, quiçá não seja isto algo negativo. E claro que a Galiza precisa uma força política de ideologia tepidamente nacionalista e orientação social-democrata-cristã come era CG, mas sem o caciquismo daquel partido. Os politólogos sempre têm acreditado em que tal força acabaria formándo-se desde a direita (Sector Boina, restos de CG, JL Barreiro...) mas, é se o BNG, escorándo-se cara o centro, vem a ocupar esse rol, enquanto outros grupos mais novos, mais soberanistas, mais "radicais" (entenda-se o termo) ocupam o espaço que ocupou o BNG nos 70-80?. Lembrai que Catalunya e Euskadi têm partidos "nacionalistas" aborrecidos e pactistas...é os que a gente gosta de votar...
suso (19/06/2006 12:55)

Só para finalizar reparo num ultimo facto. Muita gente pensa como MaisRespecto " vocês são pouco, temos de manter o BNG custe o que custar, após vocês discordantes não vão mudar nada...". Em politica como no comercio o imobilismo paga-se caro, mui caro. Até o momento pagamos ao Bloco com os nossos votos mas ninguem compra produtos que não satisfazem nenhuma necesidad.
sacho (19/06/2006 12:15)

Após porque o BNG não defende os Centros contra o feche? Bem acertado foi o que diz a Isabel, o Bloco também discrima esses centros porque não fazem parte da linha linguistica do Bloque. Numa visão de conjunto para eles não é cultura galega, portanto, e na minha opinião, o BNG tem uma visão muito sectaria do nacionalismo (ora marxista-leninista, ora isolacionista, ora estrelhada). Embora o reintegracionismo sendo uma corrente galeguista (o isolacionismo não se pode gabar disso) é um abano mais aberto de tendencias e pensamentos. Ex: Como pode

pretender o BNG estabilizar a situação do galego na faixa suleste sem terem acadado na casa a "Lei de Normalização", sabendo a febleza duma lingua que nem cà é dever conhecer?
sacho (19/06/2006 12:06)

Sempre fui, desde... onde ele vai! já até se me esqueceu o ano 198... do BNG; e sempre me tinha sentido orgulhosa, mesmo quando nos insultavam chamando-nos "Ladrilho", e cousas piores. É ultimamente que nom me sinto orgulhosa do BNG, e já, por vezes começo a sentir vergonha; é a verdade.
Uma do BNG (19/06/2006 12:04)

MaisRespecto não sei quanta diferença faz para o BNG perder uns centos de votos mas o certo é que o BNG decresce e enfraquece. Eles são os que têm que escutar e pelo momento apenas tivemos um jogo de futebol para amostrarnos que no melhor pais do mundo nada fica por fazer.
sacho (19/06/2006 11:51)

Agradeço os vossos comentários, e gosto de ver que este tema desperta um grande interesse em umas e em outros; o que indica que vamos polo bom caminho, independentemente de que uns risquemos no papel "bom caminho" e outros "bon camiño", ora o caminho é o mesmo para todos... Embora a algumas se nos dificulte, e por vezes se nos queira impedir, andar por ele.
Concha (19/06/2006 10:16)

porque nom aparece o texto que enviei
laura (19/06/2006 09:17)

O que se anda fazendo com os locais sociais e a sua criminalizaçom é um delito contra a razom de vivermos sendo nos próprios.
Ami tem todo o direito do mundo a expor as suas ideias a defende-las e difundi-las, como o tem todo o mundo, e nom conheço nenhuma actividade de AMI, que me pareça ilegítima ou desonesta. E para mim impresionante como o Bloco, que cada dia se me parece mais a coaligaçom galega. (escuitei ao paco rodrigues no debata da NAÇOM, e como deputado da peninha, porém eu pensava ao olha-lo, o Senem bernardez diria o mesmo sem tanto histerismo ou pode que fora mais radical). Por ex. como é que nenhum concelheiro do Bloco si é contrario ao que se passa, segundo me dizer um deles na rua, ainda nom é sócio da Gentalha do Pichel?
Laura (19/06/2006 09:13)

Isabel:
Acho que os teus argumentos são um pouco contraditórios. Por uma parte, dizes que há que deiferenciar as opções culturais e linguísticas das opções políticas (e com isso concordo plnamente), mas em outra mensagem afirmas que devemos ter uma posição política, que a seguir defines. Eu acho que a despolitização do reintegracionismo deve ser total. Igual que devemos aplaudir a praxe linguística de AMI mas sem necessáriamente apoiar o resto das suas ações e posições, devemos refugar a praxe (e política) linguística do BNG e o PSOE, mas sem entrar em considerações adicionais. Idealmente, o reintegracionismo deveria atingir a gentes de todos os partidos, de todas as ideologias, de todos os estratos sociais...Ora, outra cousa é que cada indivíduo, além de reintegracionista, possa ser independentista, anarquista, social-democrata, nudista, cristão, funcionário público ou mesmo terrorista...
suso (19/06/2006 08:31)

E a respeito dos pressos de AMI: seja AMI quem os defenda, e carreguem eles as suas penas. AMI não pode pretender que o resto de pessoas reintegracionistas os apoiem e apoiem as suas acções só pelo facto de coincidirem numa visão da língua e a cultura galegas. Assim como o BNG não pode pretender os apoios das pessoas isolacionistas (porque, entre outras opções políticas, há muitos isolacionistas que escolhem o PP). Uma cousa são os partidos políticos e outra cousa são as opções linguísticas e culturais. Os partidos, eles se comam os seus lios. A cultura, essa sim que deveria ser de tod@s e para tod@s.
Isabel (18/06/2006 22:50)

Garimbeiro, repara: a ligação injusta entre terrorismo e reintegracionismo é feita pelos inimigos do reintegracionismo (e amigos do terrorismo, de estado -GAL- e ainda mais...). A acusação

acusa diretamente (E, REPITO, INJUSTAMENTE) ao Reintegracionismo, para criar um ambiente desfavorável aos seus princípios (LINGUÍSTICOS E CULTURAIS!!). Um erro grande nosso (do Reintegracionismo) seria aceitar esses argumentos injustos e agir em base a eles. Insinuas que deveriamos ter uma posição política a respeito de AMI porque são reintegracionistas mas fazem cousas das que não gostamos? Não, amigo. Devemos é ter uma posição política a respeito do verdadeiro inimigo: o espanholismo que nos governa. BNG incluído.
Isabel (18/06/2006 22:42)

Respóndeche ti Celso. Ti e centos de persoas, que non chegaredes a mil. ¿Que son mil entre máis de 2 millóns de galegos? Pois abofé que seredes extraterrestres. E aos que poñen bombas non se lles pode chamar presos políticos galegos, porque iso é un insulto para o resto dos galegos que somos persoas pacíficas.
Máis respecto para o BNG (18/06/2006 21:42)

... (voluntário, sempre voluntário) do BNG nas próximas eleições, que é no que consiste tudo. Saúde, Garimbeiro.
Celso (17/06/2006 22:53)

Lamento discordar, caro Garimbeiro. A "pena de morte para a socialização do reintegracionismo" (magnífica expressão, mas errada) nunca a assinou o independentismo, nem AMI, nem Nós-UP. Assinou-na (bom, "cadeia perpétua", que a morte soa mal) a intelectualidade galega hegemónica e a classe política dirigente. Começaram a assiná-la nos anos 1970s, mas, se reparas, está a custar-lhes muito condenar o lusismo por vida. Por algo será. Nós e centenas de pessoas também fazemos parte do segmento a socializar, ou somos extraterrestres? Ou a "socialização" sempre está aí fora, como a Verdade?
Quanto a compartilhares espaço de cervejas com AMI, há co-presenças horríveis e piores em todos os locais de cafés, hamburguesas, tintos, cubatas e futebol das cidades galego-espanholas. Diariamente. Acho que há que situar as famosas "contradições fundamentais" marxianas no lugar apropriado. Não sou de Nós-UP, e menos de AMI (de "mocidade" não tenho nada), mas sei que já não serei cúmplice ...
Celso (17/06/2006 22:53)

Eu o que vejo é uma persecução motivada por uns factos concretos, e umha cheia de gente a se lamentar; venhem por nós por escrever con nh!, pois não, e também não por fazer reunions e debates, nem ver filmes. Se não queremos ve-lo pois nada, a seguir laiando-se e afundando no poço.
j.a (17/06/2006 22:49)

Muito bem, Celso. Mas essa primeira identificação (lusismo=extremismo independentista), interiorizada pela grande maioria da sociedade galega, condena o reintegracionismo e nada se faz para desactivá-la. Enquanto não se criarem mecanismos para desmarcar o independentismo associado, nas formas em que hoje se manifesta, do reintegracionismo, continuaremos a estar marginados.
A mim parece-me admirável a iniciativa dos centros sociais, mas não gosto de que os mesmos locais em que se organizam cursos de pandeireta, de baile tradicional ou de galego-português sirvam para reuniões da AMI, por exemplo. Nem que, enquanto bebo tranquilamente uma cerveja, tenha de ver as fotos dos iluminados que firmaram, praticamente, a pena de morte para a socialização do reintegracionismo.
Garimbeiro (17/06/2006 15:46)

... galegos que assinaram foram Alonso Montero, Manuel Rivas e Carlos Taibo.
Celso (17/06/2006 15:13)

Lavesedo: Como perguntas, respondo. Está sujeita a FPG também à essencialidade de EspaÑA? Não sei, não quisera ser categórico. Só sei que o documento "Posición Soto" fala de "neutralizar" o reintegracionismo como principal inimigo. E que a FPG é socialista antes que independentista. Eu vejo a FPG como herdeira da tradição esquerdista republicana de "España". Recentemente, Méndez Ferrín subscreveu o "Manifesto Republicano Gente de la Cultura" intitulado "Con orgullo, con modestia y con gratitud", claramente centralista, sem um chisco de reconhecimento do carácter plurinacional do Estado Espanhol, onde se fala da "nación"

espanhola, "la cultura española", "nuestro país", "los españoles" da II República, onde só há referências às "regiones", e nem uma menção da diversidade nacional do Estado, nem ao papel dos colectivos nacionais na II República Española e na resistência: http://www.nodo50.org/unidadcivicaporlarepublica/home.htm , na coluna da direita, sob 75 Aniversário. Outros ...
Celso (17/06/2006 15:13)

Garimbeiro: Estamos a falar numa identificação popular e mediática entre "lusistas" e "extremistas", não nas nossas próprias e variadas posições. A tua argumentação é reversível como uma luva: "Lembre-se que muitos ultraconservadores espanholistas são isolacionistas, o qual prejudica o isolacionismo". O curioso (bom, nada curioso: típico da construção da estigmatização) é que a primeira identificação (lusismo=extremismo independentista) se internaliza socialmente, enquanto a segunda (isolacionismo=extremismo espanholista) nem se vê. || A tua segunda generalização política também é reversível: os membros dos "partiditos socialdemocratas" (PSOE, BNG) ou liberais-conservadores (PP) também "deixam bastante a desejar" na prática das suas ideologias respectivas, mas o seu desprestígio social (de palavra) traduz-se em votos. Ser "grupúsculo" é uma questão de tamanho, não da relação entre teoria e praxe. O PSOE era um grupúsculo nos 1970's, e o BNG (ANPG, BNPG) um grupúsculo nos 1980's.
Celso (17/06/2006 14:55)

isso é, garimbeiro concordo 100%
j.a. (17/06/2006 14:36)

Se de um ano para aqui a "repressão" contra AMI, Briga ou Nós-UP vem aumentando é devido à bomba colocada em Santiago pelos "pressos políticos galegos" (gha!). Lembre-se que muitos dos gestores e pessoas com iniciativa nos centros sociais são militantes dessas mesmas organizações, o qual prejudica o reintegracionismo, movimento que alguns defendemos livre de ideologias políticas, enquanto para outros, isolacionistas de praxe e teoria embora vistam os seus escritos com nh, é um elemento de "construçom nacional" que serve para estabelecer uma fronteira com o castelhano e sucedáneos, mas também com o português e a lusofonia.
Garimbeiro (17/06/2006 13:51)

Lamento discordar, mas acho que a única forma em que o reintegracionismo está envolvido no feche destes locais é a sua identificação com os grupúsculos infanto-juvenis (infanto pelo seu infantilismo) e partiditos marxistas-leninistas (cujos membros deixam bastante a desejar na prática da sua ideologia) a pulularem pela Galiza, o qual também é causa directa do seu escasso prestígio.
Garimbeiro (17/06/2006 13:51)

nom e omesmo ser nacionalista espanhol que nacionalista galego...como nom e o mesmo ser nacionalista ingles que Gandhi (nacionalista tamem)...nom e o mesmo que o teu pai senha A que senha B..., nom e o mesmo que a tua familia senha X que Y...Nom entendo esse degoiro de "political correctness" que semelha igualar tudas as responsabilidades e tudos os atributos inherentes a condizom humana (familia, identidade, xenero, direitos, etc) como se fosse um pecado a diferenza...ninguem di que uns tenham mais direitos que outros (essa e a perverssom do debate) mais dende logo que nom e o mesmo reivindicar o dereito a erguersse e existir que a esmagar ao outro e a imponher...hai nacionalistas que seguramente som mais universalistas e cosmopolitas ACTIVAMENTE que moitos que dim ser cosmolitas e ignoram a sua condizom humana que e sempre particular e xeral, senom se entende ist um confunde um principio antroplogico basico...xaora que temos tudos os mesmos direitos humans, somos perssoas nom salvax
Airas Rouco (17/06/2006 03:34)

Concha, Isabel, Celso, Lavesedo,....
Obrigado pelo nivel que mantedes
em geral.
É reconfortável as vossas intervençoms e um amplo motivo de reflexom.
Vinseiro (16/06/2006 22:00)

ga, ga, ga, ga, ga...

Risa en galego (16/06/2006 17:53)

Por favor señores que o artigo chámase "Locais perigosos" e non "locos" perigosos.
Cedeira (16/06/2006 17:51)

Caro Galego-Mutante nom te enganes... se achas que por mudar de nome me vas despistar, para tolo já me chega contigo, com ler os teus comentarios. vá! se bom e toma-te as piluliñas
psiquiatra virtual (16/06/2006 17:43)

Polo que se ve o teu es un psiquiatra virtual e vives nun mundo virtual. Se pensas que estás secuestrado é que estás secuestrado. Polo menos mentalmente. Quizais deberías visitar aos tolos para que che curen o teu psiquiatría.
Perez Touliño (16/06/2006 17:35)

"Cuando la fiesta nacional yo me quedo en la cama igual que la música militar nunca me supo levantar" "Ningún cagado se huele". A única diferenza entre un nacionalista español e un nacionalista galego é de territorio. Os dous son igual de fachas. É corrente que un tolo créase psiquiatra.
Cosmopolita nacido no Atlántico. (16/06/2006 15:57)

E por certo senhor mutante, o sangue nom é galgego, nem asturiano, nem português, etc. Isso eram cousas dos nazis, o sangue nom tem a ver com a cultura, que é o unico que diferencia a uns seres humanos de outros... e nom os fai melhor nem pior, só diferentes, e todos igual de bonitos :)
psiquatra virtual... (16/06/2006 10:28)

PARA GALEGO-MUTANTE: Sim tem razão, Portugal é Vizinho, a França também e mais outro vizinho, ou vizinha... Mas claro que a Espanha é algo mais que isso. A Espanha é o nosso sequestrador, e alguns tem uma síndroma de Estocolmo de muito nabo, como lhe está a passar a você. Ande! é mute você num galego-normal.
Psiquiatra virtual para o galego-mutante (16/06/2006 10:22)

Eu, a Galiza, vivo, respiro, sonho, me emociono, me perpetuo... em momentos como os que se viveram ontem à noite no local da Gentalha do Pichel de Compostela... e que ficam já para sempre na minha memória...
Gz (16/06/2006 10:02)

Lavesedo: as falas não estão para além da normativa. Uma maneira singela de ver isso é esta: repara em que o primeiro que diz um galego (educado no sistema ortográfico espanhol) perante um til nasal é que isso não é galego. Ou seja, está identificando um signo ortográfico com uma língua, e com umas falas. Portanto, a ortografia e a FORMA ESCRITA da língua servem para IDENTIFICAR essa língua em todas as suas variantes. E também para que os próprios FALANTES se identifiquem com essa língua e com essa ORTOGRAFIA. Um dos passos mais duros para conseguir a unidade espanhola foi o passo dado pelo franquismo e que consistiu em proibir a língua (em qualquer das suas variantes, e em qualquer das suas formas: oral e escrita). Um segundo passo, menos duro mas bastante efetivo, é deturpar a língua sem proibi-la, incutindo nos seus falantes a disgregação, aplicando o "divide y vencerás".
Isabel (15/06/2006 21:15)

Non sei se quizais non dea entendido a verdadeira intención da túa mensaxe, Isabel, mais seméllame que te estás a referir á "fala" ou ao "idioma" cando dis "o principal meio de comunicação das pessoas todas"... eló, ese meio non está para alén da normativa?? Eu coido que atrás das intervencións policiais feixistas, porque iso foi o que aconteceu, por exemplo, o 24 de maio na Praza Maior de Ourense, non está a normativa. De feito, o problema normativo é de noso, e as actuacións feixistas contra a mocidade espállanse polo Estado e incluso pola Europa toda.
lavesedo (15/06/2006 19:49)

Ben, Celso, concordo con que o reintegracionismo aporta, e moito, á cultura galega. Mais, non sei eu se unha normativa máis aproada cara ao portugués sería ben aceptada pola sociedade en xeral, haberá que ir amodo, pois son 600 ou 700 anos de colonización. O que non comparto é a túa identificación independentismo-reintegracionismo, a forza senlleira desta opción política, a FPG, sempre refugou desa normativa. Segundo ti, tamén está ancorada

nesa espaÑa??
un saúdo
lavesedo (15/06/2006 19:38)

Eu como veciño alégrome da vitoria de Portugal. Menos veciño resúltame Francia e non me agrada ese país. En verdade, coido que España é algo máis que un pais veciño dunha gran parte de nos, os galegos. Uns cantos levamos sangue nas nosas veas que non só é galega. En concreto que eu saiba eu levo sangue galega, portuguesa, asturiana, castelá de Burgos, riojana e aínda que só sexa polos meus antepasados e por unha boa parte dos meus amigos alégrome da vitoria de España coma se fose miña. O que se senta único ou especial alá el.
galego-mutante (15/06/2006 19:28)

Essa vontade de alguns de fazer calar é quanto mais suspeita pela simples razão que esses novos são o futuro, o amanhã. E em troque de ser um amargo problema para o poder deveria ser considerado como o porvir natural do lento, tão lento espertar. Mas semelha que aqueles que sofrerom da dictadura, é dizer dirigentes nos 50 e tantos estão a aplicar as medidas represssivas que quiças sofrerom nas suas carnes, pensando que transição e Estado actual são dominio próprio. Nem por isso ninguem pode parar o processo natural e após muitos de nós sabemos da nossa demora e do tarde que é já. Mas é assim, Galiza tem um grande papel que jogar enquanto a organização iberica, e o ocultismo ou a repressão não farão mais que adiar esse processo inevitável (apesar da educação uniformistica que não atingiu supostos objetivos, paga a pena dizer).
Zepequeno (15/06/2006 11:12)

Agradeço os comentários que me fazeis os que lestes o meu texto; e não terei em conta os dos que opinais sem o ter lido primeiro; e sempre penso também nos que ledes mas não comentais. Aos primeiros e aos últimos obrigada.
Concha (15/06/2006 10:15)

Nem por isso...!
Eu alegrei-me muito da magnífica vitória da equipa dos nossos vizinhos espanhois...home, se fosse Espanha 4-Galiza 0, então sim estaria algo amolado...
suso (15/06/2006 08:13)

Susiño, esconde esse braço da cruz gamada que che sai do crânio, fica antiestético.
Celso (14/06/2006 22:34)

ERRATA: Na primeira mensagem quis dizer "uma política de factos consumados, nunca de verdadeiro DIÁLOGO". Desculpas.
Celso (14/06/2006 22:30)

... por parte das instituições galegas deve ter um sentido, um sentido muito profundo ancorado numa inconfessável e até indetectada essencialidade, Lavesedo: EspaÑa, EspaÑa, EspaÑa. O roubo das "galescolas", a campanha de auto-promoção da RAG para o novo Estatuto, os ataques legais aos locais sociais e os ilegais às organizações independentistas... Por isso há que ler os textos e os factos em contraste, sempre com a fértil suspeita de que fazem um sentido distinto do primariamente evidente. Recomendo o último contributo do Ernesto Vázques Souza no Portal Galego da Língua. Saúde!
Celso (14/06/2006 22:29)

Lavesedo: Bom, a Internet é assim, lemos com premura. Eu reagi porque a frequente acusação ao luso-reintegracionismo de "vitimismo" é insustentável. Haverá reintegracionistas vitimistas como há isolacionistas vitimistas também. Mas o que não se pode pretender já (não o digo por ti) é que o reintegracionismo não está a fazer (e fez SEMPRE) um contributo para a cultura galega. Esse argumento já não engana ninguém com um mínimo de entendimento; enganou (quem se quis deixar enganar) durante os anos do PP porque era conveniente para consolidar uma posição de contra-poder: eis os frutos. Achas que a "reforma" ortográfica "de concórdia" com a exclusão do reintegracionismo poderia ter lugar agora? Não, a galega é (também) uma política de factos consumados, nunca de verdadeiro: procurar deixar tudo "atado y bien atado". Por isso, como todo mundo sabe que o reintegracionismo FAZ E SEMPRE FEZ "cultura galega", o actual

agravo comparativo e aberrante tratamento diferencial do reintegracionismo ...
Celso (14/06/2006 22:19)

Claro, Lavesedo, e por que não se quer uma organização da sociedade civil, sobretudo a mais jovem? Que resultados daria, na Galiza e para a Espanha, uma organização da juventude crítica galega? Que tipo de atividades sociais propõem esses centros sociais que estão a ser fechados? Há algum tipo de organização que se veja livre da faculdade comunicativa das pessoas? Não é necessário, para que exista organização, para realizar atividades, que exista uma comunicação fluida e estável? E qual é o principal meio de comunicação das pessoas todas? Será que esses centros que estão a ser MOLESTADOS pelas autoridades (pois os seus objetivos e atividades não são ilegais) têm uma linha clara de comunicação, a qual unida a uma organização estável dá como resultado um coquetel molotov para as "autoridades", precisamente, pela sua CAPACIDADE CRÍTICA?
Isabel (14/06/2006 20:29)

Vanessa-24h e susiño, ide à escola, antes de saber escrever há que saber ler...
Leitor (14/06/2006 20:23)

E as mulheres ? Toudas unhas santas...
Vanessa-24h (14/06/2006 19:46)

Aimacagundiosss!! Os reintegratas sodes doutra especie e ningún de vós foi nunca de putas , veña ho!
susiño (14/06/2006 18:39)

España -4- Ukrania -0- Verdade que fode? Será por que sodes ukranianos.
Visca Pujol i Xavi i el guaje Villa. (14/06/2006 17:48)

Tes razón, Celso, desculpa, mais relendo o teu texto, atopo que puxen na túa boca cousas que non dixeras. E entendo que dás no albo cando dis que "O objectivo da repressão é impedir que se estruture a sociedade civil"; eis o verdadeiro cerne do problema, para alén de normativas.
lavesedo (14/06/2006 16:59)

Lavesedo, Celso e tod@s: os locais socias que estão a fechar são centros activos de comunicação e organização sociocultural. Isso é um facto. Também é outro facto que a actividade nesses centros leva-se a cabo por pessoal jovem (alguns não dão votos e outros sim, mas não do signo desejado). Ora bem, reparar nesses dous factos (sobretudo o primeiro) e depois assinalar que esses centros são reintegracionistas é cometer uma redundância. Porque na Galiza não há crítica realmente crítica que não passe pelo Reintegracionismo.
Isabel (14/06/2006 14:49)

Lê bem, lavesedo, lê bem os textos e os signos sociais. Não fecham as associações culturais estabelecidas, aquelas que, por volta dos 1970's, quando o lema era "Falemos Galego", jogavam um papel semelhante ao dos locais sociais hoje. Algumas das que sobreviveram agora recebem subsídios. Continuam a fechar, como então, o elo mais incômodo, o mais jovem, o que não dá votos (parlamentares), e o que reúne o reintegracionismo de base, aquele que tem como lema "Falemos balego, escrevamos (galego)português". Estes são factos. Os locais sociais são algo mais do que associações culturais galeguistas. O objectivo da repressão é impedir que se estruture a sociedade civil. Ah, por se há dúvidas sobre paranóias: não fecham O Facho (com uma directiva actual reintegracionista), que é das históricas.
Celso (14/06/2006 13:26)

Que bem te entendo Concha. Se ata o noso "aséptico" local do Triskel foi pechando e posteriormente o Cabilhas. E asím tudo. Fica tuda a lucidez pechada. Ficam pechadas as ideias e as palabras e agora tamén fica pechado aquele que espresa o desacordo co sistema. Asim lle pasa ó ex Chef, que estivo em Ourense o outro día e deulle bem nas orelhihas ó boi da Ziralla.
Eu celta (14/06/2006 09:45)

É mais fácil ler espanhol, nom?
outro reintegrata (13/06/2006 23:31)

e por certo....
solidariedade co'A Esmorga
http://www.agal-gz.org/blogues/index.php?blog=26
lavesedo (13/06/2006 20:45)

Fico abraiado, meus!!! para unha volta en que Concha deixa o ton vitimista que recobre decote os seus artigos, -quizais xa non o anterior-, ides vós (Celso, Vinseiro, Isabel,) e dicides que a razón de peso para o peche dos centros sociais é o REINTEGRACIONISMO!!! mimá!!!
Viva o vitimismo:
"Tudo o aparato oficial na procura do exterminio do reintegracionismo"
Eu convídovos a que argalledes xa a AVI:Associação de Vítimas do Isolacionismo
Relede o artigo, nel concha di moi clariño por que pechan eses locais. (Que por certo non frecuentamos só "reintegratas")
Por certo, parabéns Concha, gostei moito do que dis.
lavesedo (13/06/2006 20:42)

Parabéns pelo artigo e também pelo conto «O meu patinho feio!» que casualmente li ontem pola primeira vez. Reprimem, então é que avançamos!
Luís Magarinhos (13/06/2006 20:18)

Lembro o artigo de Celso Alvarez Cáccamo :
a polémica não é o toponimo "La Coruña" ou "A Coruña".
O fundo da polémica é a beiçom e ratificaçom do "ñ".
Tudo o aparato oficial na procura do exterminio do reintegracionismo.
São os métodos dos miserávels, desgraçados, mesquinhos, ananos tudos.
Como sempre, parabéns pelo artigo.
Vinseiro (13/06/2006 20:09)

É curioso, é.
Ernesto (13/06/2006 19:11)

Os novos locais sociais que estão a sofrer repressão têm uma forte base reintegracionista. A ligação "terrorismo" - "reintegracionismo/lusismo" que j.a. aceita acriticamente é das mais transparentes que tenho lido nunca. De outra óptica política, outros estabelecem a ligação "terrorismo de direitas ou terrorismo de estado" - "españolismo, Lengua Española". Então, quem fica no meio como os únicos bons do filme, os únicos "não violentos" e "democratas"? Pois o galeguismo isolacionista da opção galego-RAG, quer dizer, os partidos parlamentares galegos e as instituições autonómicas: o próprio Estado e o seu governo, mas agora "de esquerdas". É curioso.
Celso (13/06/2006 18:54)

A história repete-se. Se Franco e sua hierarquia de corruptos não quiseram acabar com a prostituição e o futibol, os de agora que são muitos mais corruptos a repartir a tarta, menos vão querer acabar com essas coisas que servem para ocultar problemas muito maiores
Fâtima (13/06/2006 16:49)

Pois pode que o que nom tenhem os propietários de puticlubs nem as equipas de futebol, é nenhuma simpatia cos "nossos "patriotas", já sabedes.. os que pugerom um petardo en compostela há 2 anos. Ou é que pensabades que aquela estupidez imprudente nom ía ter conseqüências? tanto falar da volta dos "nossos", que voltem à casa etc etc o que nos trae e isto.
j.a. (13/06/2006 15:46)

Muito bem, Concha. Solidariedade para @s companheir@s dos Centros Sócio-Culturais reintegracionistas. POR SEREM REINTEGRACIONISTAS é pelo que são perseguidos. Lembremos que há "asociacións" culturais a mãos cheias na Galiza que continuam a levar adiante os seus humildes (e não tão humildes) projetos, sem importar as condições dos locais usados por elas. Afinal resulta o que já sabíamos: fazer Galiza é proibido na Galiza.
Isabel Rei (13/06/2006 15:43)

Óptimo contraste. E eu me pergunto, sabendo como sabem das irregularidades contáveis e fazendísticas de equipas de futebol, de

pessoal que circula em nome de fictícias gestoras polos urbanismos municipais, havendo como há tantas empresas e indústrias que não cumprem com a legislação vigente laboral e de seguridade como é que têm que perseguir e fechar a pessoal que apenas trata de compartir um pouco de cidadania e elevar um pouco o seu nível cultural?
Ernesto Vázquez Souza (13/06/2006 14:35)

Parabéns Concha, normalmente nom concordo com o pesimismo dos teus artigos mas esta vez gostei muito do que escreve-ches. Os que tenhem medo som eles porque como já lhes dixo algem há muito tempo som uns imperialistas fracasados.
Fuck tha police!
lilith (13/06/2006 14:04)

Por certo, reintegrata que gram palavra.
lilith (13/06/2006 14:01)

pois vai-te afazendo meu, que é-che o futuro do galego escrito, gostes ou nom
lilth (13/06/2006 13:58)

Pois é Concha, havia um local em Ourense para beber uma super, ver um filme que não estivesse traduzido a espanhol, eras atendido em galego, assitir conferências, esta semana volto a casa mas já está encerrado por que era o local da célula satélite de HB, eu nem sou pela independência, só queria beber sumo de ananás, mas tenho de voltar à piña à cerveza afinal nós não estamos à altura (3 mts). Desculpem as cefaleas, só posso recomendar aspirina, da Bayer
super (13/06/2006 12:17)

Tu, concha, tamén es un exemplo da vontade irreductibel do noso povo, e non tes que facer caso dalgúns homiños do noso país, como o que abriu a boca de primeiro. parabéns por esa lucidez, e valentia.
Rosalia (13/06/2006 12:04)

Uf,pero qué dor de cabeza da tentar ler en reintegrata.
Aturando (13/06/2006 11:08)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Os meus no mundial de futebol

Un artigo de: **Concha Rousia**
[28/06/2006]

Eu não entendo de futebol, não quero entender, e até me tenho gabado de não reconhecer equipas polas suas cores, nomes de jogadores aparentemente famosos, estádios, etc.

Por vezes faz-se-me pesado esse rom-rom sempre de fundo nos bares, com essas vozes tão particulares dos comentaristas, que tem um algo que até as pessoas que não gostamos do futebol, e nem entendemos o que as palavras querem dizer, encontramos hipnótico. A mim faz-me lembrar o que sentia quando escutava a voz do imã chamando os fieis polos alto-falantes das mesquitas de Fez, em uns tempos em que ainda era possível passear pola medina sem reparar em nada mais que na incomparável beleza dum mercado a ferver de gente. Essas vozes, com seus ritmos, suas cadências, sua variabilidade monótona, geram um magnetismo capaz de atrair as atenções. Eu não quero aqui falar do poderoso efeito que pode chegar a ter o futebol na mente humana, nem tampouco no seu possível efeito alienante em muitos homens a respeito das suas famílias. Ora, todos temos algum parente ao que por vezes vemos guichando o partido na TV (sem voz) para com uns auriculares poder seguir os comandos de algum super-locutor que só se pode espreitar em certas emissoras de rádio. Eu não me vou meter a analisar aqui esses efeitos, que intuo, mas que tenho sem qualificar; e também não quero exagerar, como faz uma amiga minha que compara os efeitos do futebol com os das drogas e os das seitas. E tampouco me podo fiar do que pensa a vizinha, a quem o marido lhe está sempre enganchado, como diz ela. Assim que vou pola vida sem saber muito deste fenómeno de massas que por vezes é capaz de levar às pessoas a comportamentos extremos.

Reconheço que quando se criou a nossa selecçom, a finais do 2005, eu participei do entusiasmo colectivo, e até sonhei com ver o nome do país desenhado em branco e azul nas camisolas... mas, como é sabido, não pôde ser e houve que se conformar com essas outras dos chuços azuis, esvaziadas do nosso simbolismo identitário. Muitos e muitas de nós sentimos nessa altura como as nossas expectativas de sentir algo polo futebol iam para o nabo, e decidimos esquecer também essa derrota, eu até já nem me acordava da nossa selecçom quando, estando comendo o polvo numa taberna que o arranja sempre os fins-de-semana, e o acompanha com um tinto da casa quase tão mau como o do toldo da feira, passou o que vou narrar. Foi já andando com o jantar às voltas, naquele rom-rom do 'canal 6', que começaram a chegar a mim palavras muito familiares, muito queridas, muito profundamente gravadas e sentidas dentro de mim. A primeira foi "carballo" (daquela eu não podia assumir nada)...

Carvalho é uma palavra que nunca poderá passar por meus ouvidos sem ser devidamente processada; abonde com dizer que na comarca de onde eu sou usamos a palavra 'carvalho' para referir-nos a 'árvore', qualquer espécie que ela seja, a modo de genérico. O carvalho, o pai das árvores, a alma das touças de Pena-Cereija, da Coutada, de Aguiar, da Fontecova, de Guriz, do Alto de Agra, do Castelar, da Pena-Lapa, do Covato... de onde têm saído os carretos que ajudaram, ao longo dos tempos, a nutrir de lenha a Límia que tinha a sorte de manter as suas formosas terras Antelanas alagadas polas águas da lagoa... E quem não sabe que para curar o mondongo quando está ao fumeiro no caniço, nada pode substituir o lume de carvalho? Eu não quero nem imaginar a que raios saberão os chouriços afumados com lume de eucalipto... E para o chão...! Os moveis podem ser feitos em castanheiro, em nogueira, em cereijeira... que são bonitos o mesmo, mas para o chão nada pode substituir o carvalho, isso até já o têm descoberto os americanos. Enfim, que sem precisar falar aqui nos meus parentes, os Carvalho de Penalonga, que andam a espalhar o nome polo mundo adiante, ficando só o Arsénio como único habitante da aldeia, poderia eu escrever dias e dias, e mais dias, sem parar...

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

O seguinte nome era 'Feira', ai nem vou entrar porque o artigo tornaria romance; abonde com dizer que à minha pequena, que também escutou a palvra, lhe levou a dizer que "há muito que não vamos à feira de Ginzo, que lá o polvo é muito melhor", e é certo...e era da feira que meu pai trazia neste tempo uma regadeira de cerejas, e é na feira que diz-que algum dia te podiam vender... e trazia-se aquela medicina do unto da cobra que é o melhor remédio para os maçoucados; a nossa casa não vinha isso da feira porque meu pai aprendera de meu avô, o da Fonte, a extrair e conservar o unto da cobra, meu avô usava outras partes, como a soá, mas meu pai só usava o unto, e foi com fretas deste unto que lhe salvara a vida àquele cuitado que os carabineros deixaram por morto na boca do buraco do wolframio, em Aguiar... as fretas duraram até que o homem suou aquele sangue negro que escurecia a sua pele, e salvou-se... Da feira vinha também a copla do cego; embora na actualidade o que mais se vende na feira são quincalhadas que moços subsaharianos estendem em panos no chão.

E também falou a tele em 'Figo'; admito que não gosto dos figos, mas sim de subir pola figueira arriba até o telhado da casa que em tempos de meu avô da Fonteuzeira fizeram os castrejos, que vinham a pé desde Castro Laboreiro para fazer as nossas casas; e que foram bem pagos com os quartos que o avô tinha ganho no Norte; a casa que agora é minha... A nossa é uma figueira enorme que aprendeu a empontar as suas raízes para o poço da agua e medrou como as favas mágicas essas do conto. Lá em cima das telhas sempre sobreviviam os melhores figos, e eu subia para apanha-los para a minha mãe... "tem tino prenda, nom vás cair em baixo"

Toda esta introdução é para que se entenda que nenhuma dessas palavras entrou de vazio, mas sim que entrou fazendo acordar um mundo adorminhado que alguns levamos, nestas nossas anódinas vidas urbanas, oculto dentro. Assim foi que me apercebi (naquele momento eu julgara-o real) de que a nossa selecçom fazia parte do monte de equipas que participam neste mundial de futebol. Por um momento senti a minha grande perda, o meu país batendo-se lá quem sabe onde, contra uns estrangeiros e eu comendo o polvo à feira como se nada se passasse no mundo. Foi aí que eu me revolvi para olhar para a TV, vi que não levavam as camisolas das que tanto gosta a Bugallo e mais o que as desenhou; mas eu já tenho ouvido que às vezes as equipas vestem diferente por uma razão que eu não estou certa de qual é, mas que eu sei que isso se faz. As cores destes jogadores eram as que a Áurea, a melhor tecedeira de Covas de todos os tempos, e mais outras tecedeiras, usaram sempre nas nossas colchas do tear, e que agora alguns botam ao chão fazendo de alfombras nos pisos das cidades ou vilas, e a mim não sei que me dá pisar assim nas colchas que um dia aqueceram os nossos leitos, e adornaram as nossas camas. Quase quis perguntar aos homens que, de costas ao balcão e de olhos colados na TV, irradiavam felicidade; mas o seu fervor parecia indicar-me que com efeito aqueles tinham que ser os nossos jogadores.

Decidi marcar o número de telemóvel dum irmão meu que mora fora da Galiza, e ele tirou-me do engano... "Não irmã, a nossa selecção não joga, não lhe está permitido jogar"... "e logo...?!" Ele foi bom e não tratou de me convencer de que a minha selecção era outra na que joga um tal 'Robles' um 'Casillas' e um não sei quanto... e que gastam umas cores que não casam nada bem com as nossas interiorizadas paisagens; não, essa tampouco é a selecção do meu irmão, é por isso que ele me compreende... e diz "não, nós não jogamos"... No silencio pagado a Amena ainda aguardamos um polas palavras do outro para aliviar essa sensação de ficar fora, ou como dizemos nós: 'de ficar a vê-las vir' mentres outros fazem parte das cousas. Fiquei com uma forte sensação de estafa, de perda, de que alguém me acabava de roubar algo, nem certa estava do que era que me tinham roubado, mas era algo que entrara em mim com toda a força; e que agora, ao ser arrancado, doía. Lá fiquei a aguardar pola foliada da tarde, para que me curasse essa saudade pola perda de algo que nunca fora realmente meu, mas que eu vivera como meu durante um bom pedaço. Mas assim é a nossa vida; acho que depois deste fiasco, que se soma ao gerado durante a criação da nossa selecçom, e que culminou com a proibição do nome do nosso pais nas camisolas dos jogadores galegos, não farei nenhum outro intento de achegar-me ao mundo da bola.

P.S.: Este artigo foi escrito antes do 3-1 onde a França foi a vencedora, e eu senti mágoa por muitos amigos que

aguardavam ganhar e nesse momento sentiam que perderam. Mas, como diria Carlos Quiroga, perder não é não ganhar, não, perder é não participar...

COMENTARIOS:

Hai 37 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Os meus no mundial de futebol

Un artigo de: **Concha Rousia**
[28/06/2006]

Eu não entendo de futebol, não quero entender, e até me tenho gabado de não reconhecer equipas polas suas cores, nomes de jogadores aparentemente famosos, estádios, etc.

Por vezes faz-se-me pesado esse rom-rom sempre de fundo nos bares, com essas vozes tão particulares dos comentaristas, que tem um algo que até as pessoas que não gostamos do futebol, e nem entendemos o que as palavras querem dizer, encontramos hipnótico. A mim faz-me lembrar o que sentia quando escutava a voz do imã chamando os fieis polos alto-falantes das mesquitas de Fez, em uns tempos em que ainda era possível passear pola medina sem reparar em nada mais que na incomparável beleza dum mercado a ferver de gente. Essas vozes, com seus ritmos, suas cadências, sua variabilidade monótona, geram um magnetismo capaz de atrair as atenções. Eu não quero aqui falar do poderoso efeito que pode chegar a ter o futebol na mente humana, nem tampouco no seu possível efeito alienante em muitos homens a respeito das suas famílias. Ora, todos temos algum parente ao que por vezes vemos guichando o partido na TV (sem voz) para com uns auriculares poder seguir os comandos de algum super-locutor que só se pode espreitar em certas emissoras de rádio. Eu não me vou meter a analisar aqui esses efeitos, que intuo, mas que tenho sem qualificar; e também não quero exagerar, como faz uma amiga minha que compara os efeitos do futebol com os das drogas e os das seitas. E tampouco me podo fiar do que pensa a vizinha, a quem o marido lhe está sempre enganchado, como diz ela. Assim que vou pola vida sem saber muito deste fenómeno de massas que por vezes é capaz de levar às pessoas a comportamentos extremos.

Reconheço que quando se criou a nossa selecçom, a finais do 2005, eu participei do entusiasmo colectivo, e até sonhei com ver o nome do país desenhado em branco e azul nas camisolas... mas, como é sabido, não pôde ser e houve que se conformar com essas outras dos chuços azuis, esvaziadas do nosso simbolismo identitário. Muitos e muitas de nós sentimos nessa altura como as nossas expectativas de sentir algo polo futebol iam para o nabo, e decidimos esquecer também essa derrota, eu até já nem me acordava da nossa selecçom quando, estando comendo o polvo numa taberna que o arranja sempre os fins-de-semana, e o acompanha com um tinto da casa quase tão mau como o do toldo da feira, passou o que vou narrar. Foi já andando com o jantar às voltas, naquele rom-rom do 'canal 6', que começaram a chegar a mim palavras muito familiares, muito queridas, muito profundamente gravadas e sentidas dentro de mim. A primeira foi "carballo" (daquela eu não podia assumir nada)...

Carvalho é uma palavra que nunca poderá passar por meus ouvidos sem ser devidamente processada; abonde com dizer que na comarca de onde eu sou usamos a palavra 'carvalho' para referir-nos a 'árvore', qualquer espécie que ela seja, a modo de genérico. O carvalho, o pai das árvores, a alma das touças de Pena-Cereija, da Coutada, de Aguiar, da Fontecova, de Guriz, do Alto de Agra, do Castelar, da Pena-Lapa, do Covato... de onde têm saído os carretos que ajudaram, ao longo dos tempos, a nutrir de lenha a Límia que tinha a sorte de manter as suas formosas terras Antelanas alagadas polas águas da lagoa... E quem não sabe que para curar o mondongo quando está ao fumeiro no caniço, nada pode substituir o lume de carvalho? Eu não quero nem imaginar a que raios saberão os chouriços afumados com lume de eucalipto... E para o chão...! Os moveis podem ser feitos em castanheiro, em nogueira, em cereijeira... que são bonitos o mesmo, mas para o chão nada pode substituir o carvalho, isso até já o têm descoberto os americanos. Enfim, que sem precisar falar aqui nos meus parentes, os Carvalho de Penalonga, que andam a espalhar o nome polo mundo adiante, ficando só o Arsénio como único habitante da aldeia, poderia eu escrever dias e dias, e mais dias, sem parar...

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

O seguinte nome era 'Feira', ai nem vou entrar porque o artigo tornaria romance; abonde com dizer que à minha pequena, que também escutou a palvra, lhe levou a dizer que "há muito que não vamos à feira de Ginzo, que lá o polvo é muito melhor", e é certo...e era da feira que meu pai trazia neste tempo uma regadeira de cerejas, e é na feira que diz-que algum dia te podiam vender... e trazia-se aquela medicina do unto da cobra que é o melhor remédio para os maçoucados; a nossa casa não vinha isso da feira porque meu pai aprendera de meu avô, o da Fonte, a extrair e conservar o unto da cobra, meu avô usava outras partes, como a soá, mas meu pai só usava o unto, e foi com fretas deste unto que lhe salvara a vida àquele cuitado que os carabineros deixaram por morto na boca do buraco do wolframio, em Aguiar... as fretas duraram até que o homem suou aquele sangue negro que escurecia a sua pele, e salvou-se... Da feira vinha também a copla do cego; embora na actualidade o que mais se vende na feira são quincalhadas que moços subsaharianos estendem em panos no chão.

E também falou a tele em 'Figo'; admito que não gosto dos figos, mas sim de subir pola figueira arriba até o telhado da casa que em tempos de meu avô da Fonteuzeira fizeram os castrejos, que vinham a pé desde Castro Laboreiro para fazer as nossas casas; e que foram bem pagos com os quartos que o avô tinha ganho no Norte; a casa que agora é minha... A nossa é uma figueira enorme que aprendeu a empontar as suas raízes para o poço da agua e medrou como as favas mágicas essas do conto. Lá em cima das telhas sempre sobreviviam os melhores figos, e eu subia para apanha-los para a minha mãe... "tem tino prenda, nom vás cair em baixo"

Toda esta introdução é para que se entenda que nenhuma dessas palavras entrou de vazio, mas sim que entrou fazendo acordar um mundo adorminhado que alguns levamos, nestas nossas anódinas vidas urbanas, oculto dentro. Assim foi que me apercebi (naquele momento eu julgara-o real) de que a nossa selecçom fazia parte do monte de equipas que participam neste mundial de futebol. Por um momento senti a minha grande perda, o meu país batendo-se lá quem sabe onde, contra uns estrangeiros e eu comendo o polvo à feira como se nada se passasse no mundo. Foi aí que eu me revolvi para olhar para a TV, vi que não levavam as camisolas das que tanto gosta a Bugallo e mais o que as desenhou; mas eu já tenho ouvido que às vezes as equipas vestem diferente por uma razão que eu não estou certa de qual é, mas que eu sei que isso se faz. As cores destes jogadores eram as que a Áurea, a melhor tecedeira de Covas de todos os tempos, e mais outras tecedeiras, usaram sempre nas nossas colchas do tear, e que agora alguns botam ao chão fazendo de alfombras nos pisos das cidades ou vilas, e a mim não sei que me dá pisar assim nas colchas que um dia aqueceram os nossos leitos, e adornaram as nossas camas. Quase quis perguntar aos homens que, de costas ao balcão e de olhos colados na TV, irradiavam felicidade; mas o seu fervor parecia indicar-me que com efeito aqueles tinham que ser os nossos jogadores.

Decidi marcar o número de telemóvel dum irmão meu que mora fora da Galiza, e ele tirou-me do engano... "Não irmã, a nossa selecção não joga, não lhe está permitido jogar"... "e logo...?!" Ele foi bom e não tratou de me convencer de que a minha selecção era outra na que joga um tal 'Robles' um 'Casillas' e um não sei quanto... e que gastam umas cores que não casam nada bem com as nossas interiorizadas paisagens; não, essa tampouco é a selecção do meu irmão, é por isso que ele me compreende... e diz "não, nós não jogamos"... No silencio pagado a Amena ainda aguardamos um polas palavras do outro para aliviar essa sensação de ficar fora, ou como dizemos nós: 'de ficar a vê-las vir' mentres outros fazem parte das cousas. Fiquei com uma forte sensação de estafa, de perda, de que alguém me acabava de roubar algo, nem certa estava do que era que me tinham roubado, mas era algo que entrara em mim com toda a força; e que agora, ao ser arrancado, doía. Lá fiquei a aguardar pola foliada da tarde, para que me curasse essa saudade pola perda de algo que nunca fora realmente meu, mas que eu vivera como meu durante um bom pedaço. Mas assim é a nossa vida; acho que depois deste fiasco, que se soma ao gerado durante a criação da nossa selecçom, e que culminou com a proibição do nome do nosso pais nas camisolas dos jogadores galegos, não farei nenhum outro intento de achegar-me ao mundo da bola.

P.S.: Este artigo foi escrito antes do 3-1 onde a França foi a vencedora, e eu senti mágoa por muitos amigos que

aguardavam ganhar e nesse momento sentiam que perderam. Mas, como diria Carlos Quiroga, perder não é não ganhar, não, perder é não participar...

COMENTARIOS:

O meu país é a União Europeia. Daquela, embora não gosto nada nadinha desse jogo de rapazes que é o futebol, já por dizer algo, pois um não pode ficar sem torcer por alguma equipa, fico contente de que o Brasil fosse eliminado, e de que alguma das equipas do meu pais vá ganhar a taça essa. Ora, dentro da UE, a minha região é a Galiza, e depois, por simpatia e comunidade na língua, Portugal; e a minha antipatia, entenda-se neste tipo de eventos, vai, em ordem decrecente de preferência, para as regiões Espanha e França. Então é fácil: Portugal...!!!
suso (03/07/2006 15:07)

Gostei umoito do artigo que tantas cousas me lembrou. Bem coma sempre Concha.
E coma sempre menos mal que nos queda Portugal
CELTA (03/07/2006 14:52)

Agradeço os comentários dos amigos, e também dos não amigos, deste meu artigo. Quero dizer-vos que, apesar de eu não correr polo futebol, o sábado estive a ver os pénaltis que lhe deram a vitoria a Portugal, só os pénaltis, mas só de ouvir aqueles nomes já se me tirou parte da saudade que me produz o não ter selecçom própria a participar... e é que a cultura, manifesta especialmente na língua, é o que nos da a identidade, é isso é algo que se sente dentro. Comprovei que a maioria da gente que conheço torce por Portugal... E já agora penso que se Carvalho, MEIRA (às vezes se activa a palavra que não é), Figo, Ferreira, Valente, Costinha... jogam o último partido deste mundial, eu estarei a vê-lo.
Concha (03/07/2006 11:13)

Sou uma pessoa muito feliz. Creio que faz-se justiça com uma equipa chea de boms jogadores. Viva Portu Gal. Adiante Portu Gal.
Vinseiro (02/07/2006 09:28)

Por umha vez na vida: Vive La France!
Mark Heettos (01/07/2006 21:11)

Perdoa, nom te ofendas, mais os teus amigos espanholistas, embora o sejam só futebolisticamente, que se fodam. Para mim é umha festa, e isso que a mim o fútebol nom me importa um "carvalho"
Mark Heettos (01/07/2006 21:09)

En efecto,a min non me da pena ninguna que España perdera.Polo menos eles participan,nós non.Nin o faremos nunca:os cataláns mandaron a Madrid dentro do seu estatuto a proposta de normalizar definitivamente o asunto,é dicir:un 90% de apoio popular ás seleccións.E de España só recolleron un ¨no-porque-no¨.Agora,cada vez que España participa nuns mundias é unha labazada,unha aldraxe contra nós.Cada un deses mundiais é algo do que estamos excluidos.Agora xa sei o que sinten os negros cando non lles deixan entrar na discoteca.Poida que só sexa unha diversión,pero con estas humillacións eles convérteno en algo máis.Propoño que empecemosa noramlizar o apoio ás seleccións que se enfrenten á española:organizalo en bares,asegurarse a provisión de bandeiras do país en cuestión...facer algunha pintada...
Al (01/07/2006 17:05)

Graças a você já ninguem ignora o perto que ficam esses irmaõs que levam nossos nomes e apelidos (no meu caso tenho dois que poderiam ser familares directos), e qual bandeira também nos representa apesar de muitos portugalegos o ignorar. Contudo espero que do outro lado da "raia" haver alguem que corresponda seu trabalho com a mesma vitalidade que você amostra. Mas dizer verdades não é sempre bom nem fácil e causa disso são esses comentários duros e rudos ao vosso encontro. Porém agora acho respirar ar livre e parece que o oxigeno começa a passar também a fronteira. Há esperança... Saudações
sacho (01/07/2006 12:09)

Estou com Ucrania, mas nom entendo como ela (ou ele) nom se

aplicou o conto;)
Eu (30/06/2006 17:23)

Cadaunoseu, o de utilizar o plural na sua mensagem que é para que pareça que fala você por mais gente e assim a sua opinião não semelhe "testemunhal". Hehehehehe
Aka (30/06/2006 17:14)

O máis prudente cando non se ten nada que dicir é calar.
ucranía (30/06/2006 14:57)

Un dos textos máis rancios, pedantes, elitistas, de sentimentalismo barato, xesuítico... que teño lido na miña vida. Agora, supoño que satisfacen ao lector típico de Vieiros, que vive na súa burbulla desconectada da realidade.
Hai máis literatura nos comentarios de Andrés Montes.
Súmome ás peticións que pedían a volta de Manuel M. Barreiro.
Elric (30/06/2006 12:44)

Parabéns polo artigo, nunca pensara que gostaria dun artigo que falase de futebol, mas gostei de verdade. Grazas Concha.
Rosalia (30/06/2006 10:56)

Eu gosto do futebol, do bom futebol, e aliás também gosto de que os meus compatriotas lhes saia tudo bem. Por isso som da Suíça (por Cabanas), da Espanha (por Salgado se jogara), pola Angola (por lusófonos e por colónia), da Argentina por média família minha. Mas nom gosto do sensacionalisma e da mestura do toucinho e a velocidade. Eu nom gosto dessa Espanha do hino mirando Cara ao Sol, nem dos Arriba España algo familiares nem dos Comentários político-dereitosos-flamenqueros. No Estado Espanhol nem todos somos toreros, nem todos falamos espanhol, nem todos gostamos da Espanha mesma
um qualquer (30/06/2006 01:43)

O artigo preciso no momento preciso.
Gosto muito das mulheres que falan de futebol com grande alcance.
Como sempre, incondicionalmente, parabéns pelo artigo.
Vinseiro (29/06/2006 22:13)

Neogal: O Nuno Gomes leva esse nome em honra ao goleador do porto Fernando Gomes, foi-lhe dado quando jogava em Amarante ainda junior pela sua facilidade de relacionamento com a baliza dos outros.
Nuno Gomes (29/06/2006 21:29)

A Cadaunoseu: A min tampouco gustanme os bichos raros como tí. Pareces o do bar de "a guerra das galaxias" Quén es tí pra cuestionar quen pode falar o non en Vieiros? Si non che gusta o rexionalismo portugués nin o espanhol pois moi ben, pero por qué Vieiros vai a negar a entrada a calquer comentario. Nos es ti un pouco fascista?
Libertade (29/06/2006 21:28)

Por2Gal tem um Pauleta, que não é mais que Pedro **Carreiro Resendes**. Finalmente e para acabar, têm um Cristiano Ronaldo **Santos Aveiro**, que por acaso é da Madeira. Confuso estes nomes portugueses? :D
Ver Selecção Portuguesa
NeoGal (29/06/2006 18:12)

Concordo, que não é só pelos nomes que vamos torcer seja por quem for ... mas Por2Gal tem nomes que nos fazem lembrar cada coisa ... têm uma **Boa Morte** (não buena muerte), que por acaso é também é Luís, tal como o tal **Figo** maduro. Têm uma **Pereira**, que é o guarda-redes Ricardo. Têm dois **Ribeiros**: um Nuno Oliveira Ribeiro, a quem toda a gente chama Maniche e outro Nuno Pereira Ribeiro, mais conhecido por Nuno Gomes que não é o seu verdadeiro nome ... mas há ainda outro Nuno que é **Valente**. Têm um afrancesado Petit, que na realiadde se chama Armando **Gonçalves Teixeira**. Têm um Hélder que espreita pela **Postiga**. Têm o tal Costinha, que é Francisco **Rodrigues Costa**, tal como um outro Ricardo Moreira da Costa que anda por lá. Têm um Miguel **Garcia Monteiro**, assim como, um mágico a que chamam Deco, mas que na realidade é Anderson Luís de **Souza** (com “z”). Têm um Hugo **Viana** que por acaso é de Barcelos (continua)
NeoGal (29/06/2006 18:10)

Desexamos expresar a nosa máis enérxica protesta por Vieiros dar entrada na súa sección de opinión a persoas de opinións rexionalistas. Non non gusta nin o rexionalismo portugués nin aínda menos o español, pero é que ademais o primeiro é unha opción política absolutamente testemuñal. Tampouco a cualidade literaria da Sra. Rousia, que respectamos profundamente, xustifica a súa inclusión neste apartado tan divulgado.

Cadaunoseu (29/06/2006 17:45)

MEIRA, fernando Meira do Estugarda e de Guimarães, não conheço ninguém que se chame Feira.
Sobre o artigo é compreensível que os que não se consideram espanhóis não gostam que ganhe e é rivalidade sã. Mas torcer por Portugal só porque partilhamos língua não é motivo. Não distingo holandeses de Flamengos e Franceses de Suíços e cada um apoia o seu porque eu sou da Galiza Sur. Portugal é outro país. Aliás, não vale a pena dramatizar os jogadores não representam ninguém mais que a si próprios os duelos entre países não são do espírito desportivo. Começaram não rivalidades das Nations do British empire mas os britânicos recusaram-se durante décadas a competir contra outros. Nas Olimpiadas era proibida a divisão nacional até a segunda década do século XX e tem origem na demonstração de superioridade racial

Jacobinho (29/06/2006 16:18)

Estralampa:
Permite-me uma leve correcção: onde diz: "...o amante da Exuperantia..." devia dizer: "...o amante mijoco da Exuperancia..."
Suso

Suso (29/06/2006 13:52)

Bem. Mais hai que fugir de politizar o esportes alem do raçoável, como quixo fazer no seu panfleto o amante de Exuperantia ao falar do rexurdir do espírito de unidade nacional hespanhol... logo veu a França e essas massas presuntamente "alporiçadas" já estão na casinha, tranquilamente, como sempre. Eu gostei da seleição hespanhola e dalguma africana, e agora seguirei a torcer polos da Galiça Sur e polos da Argentina e até polos Brasileiros, segundo me preste (e que ademais tenho a capacidade de torcer por varias equipas ao tempo). O futebol, coma qualquer outra actividade esportiva, devemse desfrutar. Como um vininho, nas doses ajeitadas, fai moito bem. E aínda melhor se amais de vê-lo, practicámolo. Isso si, concordo com que hai que fugir do "periodismo esportivo" e tudo isso... mais já todos os decatades, ou?

Estralampa (29/06/2006 13:37)

Obrigada polos vossos comentários, por se alguém entendera o contrario quero fazer uma aclaração: "Eu senti mágoa por muitos amigos que aguardavam ganhar e nesse momento sentiam que perderam..." Mas o que eu não disse é que me não alegrara a derrota do patrioterismo espanhol... Há gente disposta a interpretar o que lhe parece. Mas é possível alegrar-se por uma cousa e sentir mágoa polos que a tem de padecer (polo menos polas pessoas que um quer, e que não são galegas, e se calhar mesmo também polos galegos mareados que não se aclaram, vítimas desta maré Ibérica que fomenta a quebra das identidades, não achais?) Sim, admito que não entendo, nem gosto do futebol; ora sim que me alegrei de que as bandeiras espanholas deixem de entrar na minha casa cada vez que faço zaping... e passo esse ‘canal 6’ que se auto-instalou no meu televisor.

Concha (29/06/2006 13:08)

Parabéns Concha, és a maior! Continua com o bom trabalho. è uma delícia ler os teus textos.
P.S.: A **Bandeira de Portugal**, lá no seu centro, lá no seu coração, continua a ser **branca e azul**. Poucos galegos sabem, mas a bandeira portuguesa, durante quase 800 anos da sua história, foi sempre branca e azul, só sendo verde e vermelha há menos de 100 anos, desde a implantação da república em 1910.
Ver bandeira

NeoGal (29/06/2006 11:47)

o que se joga no mundial de futebol é a náçom, umha guerra simbólica na que cada umha delas tem de derrotar às demais, asegurar-se, reforçar-se. entom, nom havia outra soluçom mais do que ir com ANGOLA, com a colónia sempre e nom com a metrópole.

morgan (29/06/2006 09:46)

Nom so Portugal ou Brasil, como galeg@s eu acho que Argentina tem um lugar moi fundo no nosso corazom, tanto ou mais ca Brasil ou ca Portugal, ainda que por razons diferentes...Eu hei sear por Portugal e Argentina indistintamente e que ganhe o que joge milhor e tenha mais sorte...a seleccom espanhola e puro MARCA-ndaising...umha imposizom e um tabu (a sua critica)..eu penso que Galiza ganha antes o Mundial que a "seleccion" espanhola passe dos seica malfadados quartos -agora nem isso- he he he...espanhois e espanholeir@S..um pouco de humor que ja esta bem de fazer politica imperial a base de golinhos e goletes...Saudinho dende a Escoza (aqui xa hai gente com camisolas de Portugal...e e que joga contra Inglaterra!!!)
Alberte Xoado (dende Aberdeen) (29/06/2006 00:46)

Lembremos: A nosa selección é a da vaca, non a do touro. A da galiña non a do galo. A branca e azul, non a vermella. A de o "que din os rumorosos..." non a del "chinda, chinda las cachas de marinda..."
Identidade galega (28/06/2006 21:25)

Hoxe oín na tele que a selección espanhola sempre crea expectativas e logo decepciona. ¡¡Ai que ter cara!!. Quen crea expectativas é Marca e outras prensas sensacionalistas que pasan do cero ao infinito por haberlle gañado a tres amigos. Se me alegro da derrota é por eses pseudo xornalistas de Marca: "orgullosos, españoles y gilipollas" Pero un galego non está triste, porque nos queda Portugal e se non Brasil.
K-i-pirinha (28/06/2006 21:18)

Tanto tópico xunto non pode ser bo. De verdade queres facernos crer que alguén que viva nesta galaxia, goste ou non do futbol, non sabe que a selección galega non xoga, que a selección portuguesa si que xoga ou que esta é perfectamente recoñecible (tan pronto viraches cara a tele) ademais de polos nomes polas cores?
Estou totalmente superado por tanto elitismo de palabra. Non sabes de futbol, pero sabes que o mundial o poñen na Sexta, non sabes se xoga Portugal (ou mesmo Galicia) pero si sabes que xoga España. E que perdeu. E 3-1. E contra Francia (non dixeches a alineación de milagre).
Como ficción non está mal (un tanto tópica), pero de aí a vender que hai unha soa liña real...
Desdramatiza, desfruta do futbol se che apetece, mira para outro lado se non o queres ver e deixa de buscarlle as voltas ficticias.
Taro (28/06/2006 21:15)

Para mim é indiferente que ganhem uns ou outros. É pena que aqui o que menos interesse seja o desporto e sim a superioridade, etc. A nossa equipa - agalega- não joga, e, se jogasse, eu provavelmente não me interessasse demasiado. Quem sabe...
De qualquer maneira, perdendo Espanha "cañí" não chao que ganhe Galiza. Mas para quem tenha algo em contra da equipa espanhola dir-lhe-ia que talvez seria melhor que ganhasse a França. Imaginais a "goleada" que lhe irei meter Brasil? Meu Deus, ia sim ia ser uma goleada boa!
Cumprimentos
opinador (28/06/2006 20:41)

um bom feixe de tópicos juntos, concha, desta vez nom gostei nada. Outa vez será...e nom só há casillas e robles na espanhola, sabes quem é um tal Salgado?
pau (28/06/2006 19:29)

Da gosto verte sorrir, Concha !
María (28/06/2006 19:11)

Joga Carvalho, Meira, Figo... mas também Ferreira, Valente, Costinha, nomes que a nós, galeg@s, nos tenhem que ser muito familiares, e não porque os relacionemos com o futebol. Concha, lamento que sinta mágoa dos seus amigos que esperavam que a Espanha vencesse a França. Para sermos nacionalistas temos que agir como nacionalistas, viver como galegos. Um galego não tem porque ser do Real Madrid ou torcer pela selecção espanhola. Não somos espanhóis. Viva Portugal.
Ribadeneira (28/06/2006 19:02)

Moi orixinal , típico dos que padecen tanto intelectualismo que o

futbol e só para xente vulgar. Aprende un pouco con Figo e Deco e disfruta con Portugal , o teu país.
Tucho (28/06/2006 18:13)

A min tampouco me gosta o futbol, pero de vez en cando o vexo, non sei, cousas que ten un. Para min o bonito do fútbol e ir sempre co equipo máis débil o que non apoia ninguén, por eso será que cando perden "os nosos" non me poño a chorar, porque case sempre "os meus" perden anque non sempre. Por exemplo na liga se vexo un partido sempre vou co que peor vai na taboa, e agora co mundial pois cos paises máis pequenos Ghana, Ucraina, se miras asi o futbol quizáis o atures un pouco porque pode ser divertido, non se pode ser tan radical, o mellor e buscarlle a parte divertida a todo.
Anxo Lopan (28/06/2006 17:47)

Perdendo essa Espanha "cañí" ganhou Galiza. Eu dissem.
Galiza nom partecipou nese "mundial" de futebol, daí que nada tenha a ver com nos esa "pantomima".
Eonaviego (28/06/2006 17:43)

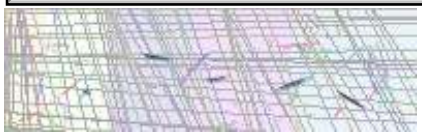
Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:



Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Ladrões de ondas...

Un artigo de: **Concha Rousia**
[12/07/2006]

Estamos fartos desta cultura esterilizada
que nos fazem mamar por biberão.
Nós queremos mamar a cultura na própria teta.
Castelão

Os totalitaristas, conhecidos polo uso do garrote, são torpes e nem sabem infligir os seus males sem se delatarem deixando ver nas suas mãos a arma vil do delito. E os que noutrora tanto se queixavam de ter sofrido nas mãos do totalitarismo, que em uns tempos empunhara armas, noutros crucifixos, e noutros ambas cousas, vêm hoje a infligirem eles o sofrimento em outros.

Isso sim, baixo o guarda-chuva do sistema democrático que tudo justifica, porque algo aprenderam estes chamados socialistas. Ele é certo que o fim não justifica os meios, mas tampouco os meios (aparentemente democráticos) justificam o fim. São tão parecidos no fundo, que não na forma, aos seus, como diria Castelão, fabricantes, que dana a um ouvi-los. São tão cuspidinhos que até fazem pensar naquele irreverente conto do papagaio mal-afamado que as monjas lhe deram às do "clube-de-alterne" como presente, e que assomou a cabeça e disse aquilo de ...lugar novo, putas novas, mas este cabrão (olhando o cura) é o mesmo de sempre... Perdoai o mau gosto do conto, mas por vezes uma tem a sensação de que não nos vamos poder librar do cabrão que nos assanha, que não nos pode deixar viver, deixar ser...

Os não devotos da democracia polo menos anunciavam a sua mala sanha com o garrote na mão, mas estes aparentes anjinhos têm outras manhas, igualmente mortíferas, ora, muito bem dissimuladas; estes empunham inofensivas antenas de rádio e televisão. Os que trabalhamos no eido da psicoterapia conhecemos da gravidade do maltrato físico, certamente; mas também conhecemos da gravidade do maltrato psicológico que é pernicioso, destrutivo, e dificilíssimo de combater, porque leva a pessoa a duvidar da sua própria percepção, é já não sabe o que é quê. Sim, as cousas há que chamá-las polo seu nome: E o Colonialismo, venha da mão de quem vier, é uma forma de Maltrato. E nesta nova forma de controlo, parece que vão deixar livres os nossos corpos para ocuparem-se de controlar as nossas mentes, viva a falácia!. Porque conceder o nosso espaço aéreo, dar as ondas no nosso ar a emissoras que vão envenená-lo, lançando sobre nós ignomínias que nem sempre seremos capazes de catalogar e perceber como tais, vai vir a culminar o processo de inculturação iniciado em tempos remotos, e continuado depois polo fascismo, com o único fim de uniformizar-nos como se fossemos ovelhas. Isto, indignante em qualquer época do ano, deixa-se sentir ainda com maior crueldade nas portas do 25 de Julho.

Não vou reproduzir aqui qual foi esse reparto de emissoras porque está bem recolhido, mesmo nas noticias de Vieiros, para quem não o tenha visto, mas calçar-nos assim meios hostis para a nossa cultura e a nossa identidade com tanta "prisa" não tem nome... como o não tem abafar meios nossos próprios que vão ficar sem espaço. A não ser que re-actualizar-mos a sempre actual frase de "mijam por nós..." Agora o que mijam são sons que vêm do mesmo céu, sons que não só se transportam a si próprios condenando os nossos ao silêncio, mais também vêm emprenhados com "cultureta vazia" com o único fim de prosseguir com o uniformismo; uniformismo que devia ser chamado etnocídio.

COMENTARIOS:

Hai 34 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Ladrões de ondas...

Un artigo de: **Concha Rousia**
[12/07/2006]

Estamos fartos desta cultura esterilizada
que nos fazem mamar por biberão.
Nós queremos mamar a cultura na própria teta.
Castelão

Os totalitaristas, conhecidos polo uso do garrote, são torpes e nem sabem infligir os seus males sem se delatarem deixando ver nas suas mãos a arma vil do delito. E os que noutrora tanto se queixavam de ter sofrido nas mãos do totalitarismo, que em uns tempos empunhara armas, noutros crucifixos, e noutros ambas cousas, vêm hoje a infligirem eles o sofrimento em outros.

Isso sim, baixo o guarda-chuva do sistema democrático que tudo justifica, porque algo aprenderam estes chamados socialistas. Ele é certo que o fim não justifica os meios, mas tampouco os meios (aparentemente democráticos) justificam o fim. São tão parecidos no fundo, que não na forma, aos seus, como diria Castelão, fabricantes, que dana a um ouvi-los. São tão cuspidinhos que até fazem pensar naquele irreverente conto do papagaio mal-afamado que as monjas lhe deram às do "clube-de-alterne" como presente, e que assomou a cabeça e disse aquilo de ...lugar novo, putas novas, mas este cabrão (olhando o cura) é o mesmo de sempre... Perdoai o mau gosto do conto, mas por vezes uma tem a sensação de que não nos vamos poder librar do cabrão que nos assanha, que não nos pode deixar viver, deixar ser...

Os não devotos da democracia polo menos anunciavam a sua mala sanha com o garrote na mão, mas estes aparentes anjinhos têm outras manhas, igualmente mortíferas, ora, muito bem dissimuladas; estes empunham inofensivas antenas de rádio e televisão. Os que trabalhamos no eido da psicoterapia conhecemos da gravidade do maltrato físico, certamente; mas também conhecemos da gravidade do maltrato psicológico que é pernicioso, destrutivo, e dificilíssimo de combater, porque leva a pessoa a duvidar da sua própria percepção, é já não sabe o que é quê. Sim, as cousas há que chamá-las polo seu nome: E o Colonialismo, venha da mão de quem vier, é uma forma de Maltrato. E nesta nova forma de controlo, parece que vão deixar livres os nossos corpos para ocuparem-se de controlar as nossas mentes, viva a falácia!. Porque conceder o nosso espaço aéreo, dar as ondas no nosso ar a emissoras que vão envenená-lo, lançando sobre nós ignomínias que nem sempre seremos capazes de catalogar e perceber como tais, vai vir a culminar o processo de inculturação iniciado em tempos remotos, e continuado depois polo fascismo, com o único fim de uniformizar-nos como se fossemos ovelhas. Isto, indignante em qualquer época do ano, deixa-se sentir ainda com maior crueldade nas portas do 25 de Julho.

Não vou reproduzir aqui qual foi esse reparto de emissoras porque está bem recolhido, mesmo nas noticias de Vieiros, para quem não o tenha visto, mas calçar-nos assim meios hostis para a nossa cultura e a nossa identidade com tanta "prisa" não tem nome... como o não tem abafar meios nossos próprios que vão ficar sem espaço. A não ser que re-actualizar-mos a sempre actual frase de "mijam por nós..." Agora o que mijam são sons que vêm do mesmo céu, sons que não só se transportam a si próprios condenando os nossos ao silêncio, mais também vêm emprenhados com "cultureta vazia" com o único fim de prosseguir com o uniformismo; uniformismo que devia ser chamado etnocídio.

COMENTARIOS:

Venho das oficinas de correios... pua!!!! que puto colonialismo!!!!!

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

E sim, isso da gaita tesa como se fosse... outra cousa, fala das fantasias do ourensao esse... mas repito, puto colonialismo espanhol!!! já me derom o dia.
Farto (18/07/2006 10:18)

Sempre que não seja escocesa e marcial e se queira fazer passar por galega, tudo bem ;)
Isabel (18/07/2006 09:43)

E tamém umha gaita, nom é?
Eu (18/07/2006 09:09)

Pois já podiam ser violinos e trompetes...
Isabel (17/07/2006 21:05)

Escoito violins e trompetas !!!
Agal universal (17/07/2006 18:52)

Recomendo o artigo de Rousia no Portal Galego da Lingua: http://www.agal-gz.org
Festeira (17/07/2006 16:35)

Concha, que ben atoparte, ás veces esqueceseme ollar a rede, eu non son moito de computadores... E non fagas causo do que din alguns destes homes de Vieiros, que as veces en lugar de pensar coa cabeza parece que pensan co bandullo, ou con outro organo ben máis pequeno... ;)
Rosalia (17/07/2006 16:28)

Parece que todos e todas coincidimos em sentir que não é fácil viver na Galiza hoje; certamente que o nosso país acordou tempos melhores, e eu tenho a absoluta convicçãode que tempos mais propícios nos aguardam; e é por eles que temos de tirar, com o nosso fazer diário, não devemos ficar a aguardar que esses tempos venham sós, e também não devemos ignorar que alguns vão tratar de dificultar que esses tempos sejam chegados. Obrigada polos vossos comentários, os mais bons e os menos; um abraço.
Concha (17/07/2006 11:24)

"[...]digam o que digam os pesados dos antireintegracionistas, é muito difícil viver na Galiza como galego hoje." (Isabel Rei)
"E prezada Isabel Rei, por que carallo dis que os que non escribimos en portugués pensamos que é doado vivir coma galego hoxe en Galiza??" (Un pesado anti-reintegracionista)
E isso que tudo está escrito... O problema foi tirar a hermenêutica dos programas de estudo...
Aristarco (16/07/2006 05:33)

Querem matarnos a todos e nos deixamonos....
Eonaviego (14/07/2006 17:12)

Caste..que?
Homem, acouga...
Se não gostas de Castelão, aquí tens outro mito que fica nas antípodas estéticas, é muito mais "pos-modelno", não é preciso lê-lo (lêr)...mas tambêm fala do bandulhismo galego:
"...A matanza do porco
A matanza do porco.- A berra e un conxunto de berros dun porco cando o van matar.
San Martiño oficial de Monforte ó Nepal, o magosto para agosto, safaris do porco,
filloas de sangue, Galicia embutida: ¡Fai un sol de carallo!, ¡Galicia caníbal!
(Anton Reixa: Galicia Canibal).
suso (14/07/2006 12:10)

A esse que se pergunta por se nom teremos outro mito do que tirar... pois sim, temos as MITO-CONDRIAS que formam parte das células tam necessárias para as funcións do bandulho... ai, ai, olha para o teu bandulho que ai é que estam muitas MITO-....
Células grises (14/07/2006 11:16)

Nom teremos outro mito do que tirar? estou até os ... de Castelao o mais reintegrata platónico do mundo, e nom aguanto os que vam com o Sempre en Galiza debaixo do braço como se fosse a Biblia, até quando imos seguir assim, que caralho sabia castelao do mundo que temos nas maos agora?.
caste.. que? (14/07/2006 10:58)

Sobre a BBC, Castelão diz:
"...Estes son os que din:
Eu non sinto a necesidade de falar galego.
¡Porque esa necesidade non se sinte no bandullo!
Eu atópome ben onde poida vivir con desafogo.
(Sempre en Galiza).
Suso (o outro)
suso (14/07/2006 10:50)

Sim Celso, sei que é assim, nos comboios, e também noutros meios, os assentos de primeira vão adiante, isso sabe-se muito bem quando um vai detrás... Eu não duvido isso, ora o carro que nos leva, quanto que povo, etnia, cultura... não é um romântico comboio que vai entrar numa bonita estação mentres um hominho de gorra toca um chifre, não, o carro que nos leva parece-se mais ao Titanic, e neste vai ser difícil que cheguemos vivos (culturalmente, entenda-se-me).
Concha (14/07/2006 10:45)

A ver xentiña... keria apuntarvoa a miña opinion ao respecto. O problema non é a colinización, nin a morte da cultura, nin o espallamento do xerme da perdición nin caralladas polo estilo... O problema aquí son os cartos: O audiovisual é unha industria, e unha industria quere cartos. Moitos cartos. Non se pode pretender facer tele a base de axudas e sin gastar nin duas perras. ¿Qué ven alguen de fora e pon cartos para facer unha tele en condicions? Pois benvido sexa, ojala así nos permita demostrar o que valemos i exportar o noso ben facer cara fora. Sabemos e podemos facelo ben, pero para facelo ben necesitamos ter o bandullo cheo, e se teñen que vir de fora a enchernolo a min non me parece mal. En todo caso, pareceme millor que ter que marchar a enchelo fora. Viva a BBC (= Bodas, Bautizos e Comunións) que é do que vivimos a maioría de profesionaís audiovisuaís deste país. Pq se fora polo que nos pagan nas teles locais...
suso (14/07/2006 10:10)

Cara Concha, nos comboios as carruagens de primeira vão diante. Ao chegar à estação destino, os de primeira saem correndo mais rápido e apanham todos os táxis para irem ao Banquete Nacional. Os de segunda vão chegando mais tarde, quando já acabou o lumbrigante e a carne ao caldeiro. Comem os restos. No glotocapitalismo, uns comem os restos de outros, indefinidamente. Quando por fim o Pobo/Povo Falante de terceira chega de autocarros às sobremesas, o local já está cheio e fechado: o Pobo Falante olha polo grosso vidral os gesticulantes discursos escritos sem poder escutar uma palavra. O Pobo comenta com admiração a perícia dos oradores, e os oradores justificam-se no vivo apoio popular, que tampouco podem escutar. A magia de tudo isto é que, dentro e fora, uns e outros imaginam que falam a mesma Língua. Essa ilusão nacional funciona e é que os une, eternamente. Aqui, em Portugal e na Espanha.
Celso (13/07/2006 21:31)

http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=3047
Pontevedra (13/07/2006 21:04)

Obrigada polos vossos comentários, sei que este tema que eu tratei aqui não é precisamente um no que resulte fácil fazer comentários, é por isso que valoro mais as vossas opiniões, eu julgo que estamos todos no mesmo carro, independentemente de como grafemos as palavras; admito que a alguns nós tocou pior sítio, (assentos de primeira e de segunda, sempre houve) mas o carro nos carreja a todos, reintegracionistas ou não, ao mesmo lugar.
Concha (13/07/2006 20:58)

Concordo totalmente con cocerelho, a TV hespañoleira está a esnaquizar o noso idioma e maila nosa cultura. E prezada Isabel Rei, por que carallo dis que os que non escribimos en portugués pensamos que é doado vivir coma galego hoxe en Galiza?? Logo a rapaza que botaron do choio en Pontevedra, foi onte o xuízo, botárona por ser lusista?? Non, botárona por falar galego, non trabuques o albo dos teus ataques...
Un pesado anti-reintegracionista (13/07/2006 18:55)

Combater os efeitos do colonialismo é responsabilidade dos colonizados; o mesmo que combater os efeitos da pobreza é

responsabilidade dos pobres, e combater a violência de género é responsabilidade das mulheres; ou nom?
Farto do uniforme de ejpañol (13/07/2006 17:45)

Caro Ourensão, não existe directiva europeia que obrigue Espanha a colocar receptores de TV e rádio portuguesas. Existe uma resolução do conselho de europa que não tem nada a ver com a UE, é uma organização internacional com mais de cuarenta membros e sem força vinculante, a diferença das directivas da UE, que Espanha (cedendo a sua soberania) tem de transpor para a ordem jurídica interna.
O que também existe é uma dependência dos galegófonos de produtos culturais em espanhol, o preconceito com respeito a PT faz com que ninguém reintegracionista ou não assine jornais compre DVD serviços Net ou piratear emissões satélite de TV. REsultado: é nos média que se vê a nossa espanholidade, em que nos distinguimos de um de Guadalajara? Em unicamente falar e esrever uma língua que cada vez soa mais a espanhol.
Conselheiro de europa (13/07/2006 12:10)

etnocidio, colonialismo, eliminam-nos, deixar de existir, e para botar foguetes...
POr que nom há um jornal galego minimamente bom?, porque nom o compramos. é culpa também de touriño? a ver se olhamos para diante
castelaso esse homem (13/07/2006 11:08)

Bom, Suso, tens razão. Mas um pouco sim que tem a ver com a «desaparição física» das pessoas, pois o calvário da emigração que dizimou a nossa população é um claro exemplo. O etnocídio não é só cultural, também é social e, portanto, político. Quer dizer, para serem espanhóis os galegos só têm dous caminhos: adaptar-se (i.e. esquecer-se) ou morrer (i.e. emigrar). Porque, digam o que digam os pesados dos antireintegracionistas, é muito difícil viver na Galiza como galego hoje. Facto que evidencia e justifica todas as nossas reivindicações.
Isabel Rei (13/07/2006 10:54)

Adorador de Castelao:
Etnocídio é a eliminação de um povo; genocídio, termo no que tu pareces pensar ao mencionares Milosevic, é a eliminação física da gente dum povo. Há gente que quer que deixe de existir o povo galego, com a sua cultura, o seu jeito de ser, a sua língua...que em vez de povo galego seja povo espanhol, tudo isto não tem nada a ver com a eliminação física das pessoas. A cultura provençal práticamente foi eliminada, já quase ninguém fala provençal, a que fora uma das mais importantes línguas da Europa, e que nos deu a poesia lírica, já não existem esses provenções dos que falam as Cantigas como exemplos a imitar quando se quer trovar...quando um percorre Montpellier, Aix-en-Provence, Avignon, apenas fica nada dos provençais...mas é que foram assassinados em massa por um Milosevic renascentista ou napoleónico? Não, só foi assassinada a cultura, as gentes ficam lá, só que agora são franceses. O genocídio é, naturalmente, infinitamente pior que o etnocídio.
suso (13/07/2006 09:03)

etnocidio??? maybe Touriño-milosevic? Concha colhe uns dias feriados faz favor.
adorador de castelao (13/07/2006 08:20)

Buffffff, que preguiça, que reseso todo...nom evolucionamos nada, de feito acho que vamosp ara atrás...estás no 68 ou antes, no 36, ou antes.
castela(???)o o profeta (13/07/2006 07:29)

Por enquanto já se ocupam eles de violar por sistema a diretiva europeia no que faz respeito à recepçom obrigatória das televisões portuguesas na Galiza.
Em fileira e aborregados, assim é como nos querem.
ourensão (13/07/2006 01:34)

Muito bem, Concha. Os meios de formação de massas são fundamentais para o colonialismo porque estão com a gente, na sua casa, cada dia. Não seria diferente de noutras partes do mundo a não ser porque o seu discurso provoca o nosso silêncio e silenciamento, como bem dizes. Mas é um erro pela nossa parte: devemos denunciar e exigir. Parabéns.
Isabel Rei (12/07/2006 20:55)

"Condenando os nossos ao silêncio", sim senhora, essas som as palavras chave. Vejo que quase ninguém lhe está dando a importância devida ao quebrantamento do nosso direito a possuir méios de comunicaçom próprios. Apenas escuito palavras de resignaçom, para quando vamos falar em MOVILIZAÇOM?? Senhores, 50 anos de televisom espanhola forom infinitamente piores para a nossa cultura do que 40 de torpe e ingénua ditadura franquista. Temos de agir ou lamentaremos isto para sempre. Temos que lhes fazer ver que isto pode sair-lhes mui, mui caro.
cocerelho (12/07/2006 19:01)

Não acredito! É que aquí ninguem fala do colonialismo e da repressão dos luitadores da autêntica e verdadeira ortografia da libertação nacional galego-portuguesa?
mosqueira (12/07/2006 16:48)

O acto mesmo de ficar calado é reverente face as praticas quotidianas destes politicos. Ao que eles chamam democracia lhe podemos chamar colonialismo (como bem diz você, no caso nosso) e enquanto ao que eles entendem por politica não hesitemos em dizer corrupção. Parabéns Concha porque um/a não pode ficar calado.
sacho (12/07/2006 15:18)

Pois é, cara Concha, os do outro bando não conceder licenças para nós. É um pouco ingénuo pensar o contrário. Se o movimento nacional galego não tem um jornal é porque não quer, não consegue juntar 5000 leitores. Delicia-se com o Faro de Vigo, é um movimento só de protesto e luta, necesita ler o faro para o criticar, incapaz de construir algo próprio. Viver num mundo traduzido mas que é tanto deles como de rajoy, é o mesmo país
emissor (12/07/2006 13:48)

Ala Concha, ti coma sempre bombardeando. Así me gosta rapariga, que bem che qudou o artigo. Alédome de saber de ti e tudo o que dis fagoo meu.
Umha aperta
Celta (12/07/2006 13:09)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Isolados

Un artigo de: **Concha Rousia**
[16/08/2006]

Isolada, eu fico isolada, levo uns dias nos que me sinto isolada aqui no Mediterrâneo; sim, isolada, porque sei que a minha Terra arde, Galiza está sendo queimada e eu não posso fazer nada; passo o dia a olhar para estas árvores anãs da formosa paissagem Mediterrânea e não posso deixar de imaginar os nossos frondosos montes sendo aniquilados, e não posso deixar de pensar nos berros de desespero da gente tentando loitar contra esse impossível que é o lume.

E eu aqui longe, desinformada pola propaganda espanhola que não desaproveita a maré para atacar-nos inclusive nas nossas horas baixas. Sinto despreço. Agradeço o meu internet móvil que faz de cordão umbilical e me abre uma janelinha com imagens e sons que me conectam com a nossa Terra. Ouvi dizer que os de Cotobade, e talvez outros, ficaram isolados; por dous dias ficaram incomunicados. Essas palavras a mim sempre me levam aos invernos onde as nevadas quase cada ano nos deixavam uma ou duas semanas isolados. E nós erámos quem de fazer frente àquele desafio da Mãe Natureza, a quem conhecíamos bem; ora o que nunca poderiamos chegar a imaginar era que nós, com as nossas próprias mãos, poderiamos criar os médios para isolar-nos a nós próprios. Mas aqueles tempos eram outros, a gente era sostida pola cultura própria, e a cultura era sostida pola gente.

E foi por aqueles tempos também que a planificação do mundo feita por outros caeu sobre nós, caeu como caia a neve, a alguns tocaram-nos "pinheiros". E a gente não tivo outra que aceitar. Em Covas loitaram para que lhes deixaram tão sequer a Veiga de Requeixo para ir com o gado; como diziam, e ainda dizem: "queriam-nos meter os pinos até a lareira". E depois veu a proibição de levar o gado para o monte, e veu o Rangüelo, que pobre de ti se te pilhava coas vacas "nos pinos". Assim foi como o monte deixou de ser da gente, ou como a gente deixou de ser do monte, porque na Galiza a terra não pertence às pessoas, senão que são as pessoas que pertencem à terra. E foi assim que uns montes aos que nós pertencíamos passaram a ser governados por outros, e ai estava o Rangüelo para guardar "os pinos" de nós, para proibir-lhe ao nosso gado pascer no nosso monte, e logo dele veio o Coto, dous guardas forestais semi-mutilados, que eu agora de grande adivinho foram premiados e armados pelo Régimem ao que serviram.

Depois vinheram mais cousas a cair sobre nos e a Terra, todas alheias, todas vindas de fora; e depois caeu também Fraga sobre nós, para cuidar dos montes que foram nossos, e usou bem o seu poder para criar escravos agradecidos... "o caso e não ter que emigrar..." E criou-se assim a indústria do lume, que mantem a muitas famílias, e aos das avionetas, e aos traficantes da madeira chamuscada, sim a esses também. O monte arde, sim, mas nem é isso o mais preocupante, porque ele um dia parará de arder e a Terra regenerá-lo-á; não, o mais preocupante e ter uma cultura em tal estado que é capaz de se auto-destruir, uma cultura que se auto-mutila, uma cultura que não é capaz de eliminar o feismo porque perdeu a capacidade de julgar com os seus próprios parámetros estéticos, parámetros que sempre tinham existido e foram rejeitados só porque outros se impusseram. Sim, os lumes falam da nossa incomensurável capacidade de aouto-mutilação, que a mim me recorda o comportamento dos sobrevieventes do mais grave abuso na infância. Auto-mutilação para lembrar, para nunca esquecer, auto-mutilação que é monumento ao verdugo...

Por vezes, em momentos baixos como este, pergunto-me se não será tarde demais para a regeneração tão necessitada; porque o que eu penso é que o problema do lume não se pode entender de forma isolada; o lume é mais uma manifestação da nossa realidade patologizada... onde estamos afeitos a queimar a nossa língua, a

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

nossa arquitectura, o nosso património... o monte simplemente é que arde duma maneira muito mais evidente para os nossos olhos, mas nós aquí, por incrível que possa parecer, queimamos tudo. E os culpados nem sequer hão-de ser só os incendiários, por perversa e malvada que seja a sua mão; como da deforestação da Amazonia não podemos só culpar aos que cortam as árvores. Sim, os culpados somos nós todos e todas, e mais alguns outros que eu nunca incluirei nesse "nós todos"; neste "nós todos" eu incluo as pessoas que temos a responsabilidade de curar este assanhamento que padecemos e que não nos permite sair adiante, que hoje nos sítia com lume, amanhã nos sítia com uma lingua que não é a nossa, e passado com um cimento que também não era nosso. Nesse "nós todos" incluo a gente que será quem de se organizar numa força cívica capaz de dizer Nunca Mais ao cerco, seja da índole que for, Nunca Mais à negação de nós. Desse "nós todos" sairá, que ninguém duvide de que sairá, porfim, a força que devolva a dignidade à Galiza, a dignidade que alguns lhe negam, algúns que renegam da nossa herança, algúns dos que nós um dia renagaremos, algúns que já foram denunciados no poema de Manuel Maria.

COMENTARIOS:

Hai 20 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Isolados

Un artigo de: **Concha Rousia**
[16/08/2006]

Isolada, eu fico isolada, levo uns dias nos que me sinto isolada aqui no Mediterrâneo; sim, isolada, porque sei que a minha Terra arde, Galiza está sendo queimada e eu não posso fazer nada; passo o dia a olhar para estas árvores anãs da formosa paissagem Mediterrânea e não posso deixar de imaginar os nossos frondosos montes sendo aniquilados, e não posso deixar de pensar nos berros de desespero da gente tentando loitar contra esse impossível que é o lume.

E eu aqui longe, desinformada pola propaganda espanhola que não desaproveita a maré para atacar-nos inclusive nas nossas horas baixas. Sinto despreço. Agradeço o meu internet móvil que faz de cordão umbilical e me abre uma janelinha com imagens e sons que me conectam com a nossa Terra. Ouvi dizer que os de Cotobade, e talvez outros, ficaram isolados; por dous dias ficaram incomunicados. Essas palavras a mim sempre me levam aos invernos onde as nevadas quase cada ano nos deixavam uma ou duas semanas isolados. E nós erámos quem de fazer frente àquele desafio da Mãe Natureza, a quem conhecíamos bem; ora o que nunca poderiamos chegar a imaginar era que nós, com as nossas próprias mãos, poderiamos criar os médios para isolar-nos a nós próprios. Mas aqueles tempos eram outros, a gente era sostida pola cultura própria, e a cultura era sostida pola gente.

E foi por aqueles tempos também que a planificação do mundo feita por outros caeu sobre nós, caeu como caia a neve, a alguns tocaram-nos "pinheiros". E a gente não tivo outra que aceitar. Em Covas loitaram para que lhes deixaram tão sequer a Veiga de Requeixo para ir com o gado; como diziam, e ainda dizem: "queriam-nos meter os pinos até a lareira". E depois veu a proibição de levar o gado para o monte, e veu o Rangüelo, que pobre de ti se te pilhava coas vacas "nos pinos". Assim foi como o monte deixou de ser da gente, ou como a gente deixou de ser do monte, porque na Galiza a terra não pertence às pessoas, senão que são as pessoas que pertencem à terra. E foi assim que uns montes aos que nós pertencíamos passaram a ser governados por outros, e ai estava o Rangüelo para guardar "os pinos" de nós, para proibir-lhe ao nosso gado pascer no nosso monte, e logo dele veio o Coto, dous guardas forestais semi-mutilados, que eu agora de grande adivinho foram premiados e armados pelo Régimem ao que serviram.

Depois vinheram mais cousas a cair sobre nos e a Terra, todas alheias, todas vindas de fora; e depois caeu também Fraga sobre nós, para cuidar dos montes que foram nossos, e usou bem o seu poder para criar escravos agradecidos... "o caso e não ter que emigrar..." E criou-se assim a indústria do lume, que mantem a muitas famílias, e aos das avionetas, e aos traficantes da madeira chamuscada, sim a esses também. O monte arde, sim, mas nem é isso o mais preocupante, porque ele um dia parará de arder e a Terra regenerá-lo-á; não, o mais preocupante e ter uma cultura em tal estado que é capaz de se auto-destruir, uma cultura que se auto-mutila, uma cultura que não é capaz de eliminar o feismo porque perdeu a capacidade de julgar com os seus próprios parámetros estéticos, parámetros que sempre tinham existido e foram rejeitados só porque outros se impusseram. Sim, os lumes falam da nossa incomensurável capacidade de aouto-mutilação, que a mim me recorda o comportamento dos sobrevieventes do mais grave abuso na infância. Auto-mutilação para lembrar, para nunca esquecer, auto-mutilação que é monumento ao verdugo...

Por vezes, em momentos baixos como este, pergunto-me se não será tarde demais para a regeneração tão necessitada; porque o que eu penso é que o problema do lume não se pode entender de forma isolada; o lume é mais uma manifestação da nossa realidade patologizada... onde estamos afeitos a queimar a nossa língua, a

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

nossa arquitectura, o nosso património... o monte simplemente é que arde duma maneira muito mais evidente para os nossos olhos, mas nós aquí, por incrível que possa parecer, queimamos tudo. E os culpados nem sequer hão-de ser só os incendiários, por perversa e malvada que seja a sua mão; como da deforestação da Amazonia não podemos só culpar aos que cortam as árvores. Sim, os culpados somos nós todos e todas, e mais alguns outros que eu nunca incluirei nesse "nós todos"; neste "nós todos" eu incluo as pessoas que temos a responsabilidade de curar este assanhamento que padecemos e que não nos permite sair adiante, que hoje nos sítia com lume, amanhã nos sítia com uma lingua que não é a nossa, e passado com um cimento que também não era nosso. Nesse "nós todos" incluo a gente que será quem de se organizar numa força cívica capaz de dizer Nunca Mais ao cerco, seja da índole que for, Nunca Mais à negação de nós. Desse "nós todos" sairá, que ninguém duvide de que sairá, porfim, a força que devolva a dignidade à Galiza, a dignidade que alguns lhe negam, algúns que renegam da nossa herança, algúns dos que nós um dia renagaremos, algúns que já foram denunciados no poema de Manuel Maria.

COMENTARIOS:

Obrigada a todas e todos polos vossos comentários, veremo-nos o domingo dia 20 na Alameda de Santiago.
concha (18/08/2006 17:56)

O nosso país nom é um moribundo, é um supervivente duha longa luita pola sua existência... Eu
Eu (18/08/2006 11:25)

No ConcelHo de Meis (Salnês), o popular alcaide publicou um bando sobre a limpeza dos montes e das leiras e propriedades, e sobre o que quer a Conselharia do Medio Rural no tema. O Tal BANDO é um magnífico exemplo de incitaçom a queima.
Os do PP nom queimam organizadamente, porém incitam e estimulam, neste pais moribundo com uma velha cultura de lume, a cousa é doada.
alexandre (18/08/2006 11:08)

Cara Concha, o ten sentimento tamén o fago meu, pero vou deixar de chorar e facer algo. Vou mercar unha desbrozadora de man para limpar as leiras de Cobas, que despois de que arda o monte non vale laiarse. Isa vai ser a miña contribución á loita contra o lume, porque aquí moito chorar pero os montes están abandonados ata o pé das casas, que carai!, que eu ben o vexo por toda a parte. Tamén che direi que ese conto das indemnizacións para os que tiveron perdas tampouco me prace moito, que logo vai haber que engadir un motivo máis para queimar.
Ate mañá en Vilar de Santos
Celta (18/08/2006 00:43)

hom, eu non sei se ti estarás isolada na Hespanha, mais aquí no Morrazo si que estivemos isolados, afumados, metidos no monte até as orellas apagando lumes mentres moitos estaban, (están), nas praias de vacacións...en fin!!!
ahh!! e para os autoxenreiras que só miran merda na galiza, un par de apontamentos: a miña aldea, no EoNavia, Asturias, ten o seu rinconciño no monte onde van os veciños tirar as lavadoras e o mesmo acontece na cuenca minera, en cas dos meus curmáns. E en Irlanda dá noxo pasear polas rúas de Cork da de merda que bota a xente, e polos montes, igual. Así que non seremos nós sós. Aínda que si que nós tendemos á auto-mutilación, a queimalo todo,...seguimos a ser unha colonia.
lavesedo (17/08/2006 20:14)

Hola concha, non sei se o peor xa pasou ou falta por vir.....
Espero vernos o domingo en Santiago
Bicos
mari de xinzo (17/08/2006 17:28)

Esquecim-me, o concelho de O Savinhâo esta "governado" polo PARTIDO POPULAR DE ESPANHA.
Nese concelho podes atopar os amigos do alcalde so com fazer o seguimento do bom ou mal estado das estradas e caminhos, se o piso é bom: aí tens um amigo, se é um caminho de cabras.... pois para ele hai um inimigo.... orabém se passar polo aro.... entom pode-se mudar a consideraçòm.... por suposto.... com cárrego aos

presupostos do concelho.... faltaría mais.
Eonaviego (17/08/2006 16:27)

Para lixo o que podes atopar no concelho do Savinhâo, que nom dispóm de serviço de recolhida de móveis e refugalhos a domicilio, tens que os botar perto do cubo de lixo que che pete, melhor de noite.
Eonaviego (17/08/2006 16:23)

Manipuladora??? Non che sei se é ser manipuladora facer todos os camiños da Rota das Greas (uns 50 km arredor de Vigo) e atopar os restos da cociña da María, o colchón que lle sobrou ao Xepe, o entullo da reforma da cociña do Suso. É imposíbel facer 1 km sen atopar restos (e aquí cada un que meta o que queira, ata no outro día no río de Zamáns ao ladiño do CUVI atopei un porco morto e tripas de vai saber o que). Teño feito rutas por ben pertiño, Asturias p. ex. e non atopas nada. En Galiza a xente, en xeral, ten esa faltiña, entre outras, despois van de vacacións a calquera lado de fóra e aí si que non se lle ocorre tirar nada. País, país.
Paz (17/08/2006 14:11)

Tendo o demo na casa.... o prioritario é estripalo quanto antes !!!
Eonaviego (17/08/2006 12:58)

Parabéns Concha, passe boas férias apesar de tudo e volte com forças, precisamos muito de você. Antes de Conselleiros e Presidentes precisamos de elítes, acredite. Até
sacho (17/08/2006 12:34)

Eu tive a mesma sensação desoladora que descreve Paz quando fui voluntário no do Prestige: um dia, limpando pequenas bolinhas de fuel que a maré trazia aos poucos á praia de Aguinho, reparei em que a imensa porcalhada (latas, garrafas, bolsas, detritus de toda classe...) deitados nesse lugar eram uma agressão ecológica e estética muito pior. Mas acho que não é que sejamos, os galegos, mais porcos que outros. E simplesmente que estamos nun nivel de desenvolvimento socio-económico e cultural interméio: longe da miséria africana ou latino-americana mais também muito longe dos niveis de bem-estar europeios. Nos montes suecos não há lixo nem lumes. Nos de Mexico, sim.
suso (17/08/2006 11:36)

Tan plasta e manipuladora coma sempre. Prefiro a realidade por dura que sexa que os teus laios de predicadora do tres ó cuarto.
tucho (17/08/2006 10:52)

Tranquila Concha, despois de apagar un lume o que atopas son neveiras, lavadoras, potas, caldeiros, ata atopei un secador destes xigantes de perruquería, que miña naiciña querida como carallo farían para levalo ata alí. E no outro día voltei polo monte queimado e xa había bolsas de plástico do carrefour e garrafas de auga de nova incorporación. Nada, nada, queda por aí que se está ben e a xente non é tan porca.
Paz (17/08/2006 08:32)

Ti e máis Rosalía, que parece Rosalía de Castro, podedes ficar isoladas, mentres nós ficamos queimados. Outra cousa. Paréceme un crímen ecolóxico que coa seca que hai e a necesidade de auga, tanto para o consumo como para apagar os incendios, celébrense festas como a de Vilagarcía, tirándose auga. Por que non vos tirades cinzas, que temos dabondo.
Pepinho o sedento (17/08/2006 00:20)

Cara Concha:
Tu sempre tam certeira e pedagógica
muito obrigada
laura (16/08/2006 21:54)

Concha, a gente tem estado muito ocupada e preocupada. Hoje chove e parece que não há nenhum incêndio ativo (isso dizem os meios), mas estas duas semanas foram infernais.
Isabel (16/08/2006 16:06)

Hoxe o noso páis veste de negro, luto polo seu povo que non rexurde, nen das cinsas, aobrigada Concha por esta testemuña do que realmente acontece.
Rosalia (16/08/2006 15:15)

Hoxe o noso páis veste de negro, luto polo seu povo que non rexurde, nen das cinsas, aobrigada Concha por esta testemuña do que realmente acontece.
Rosalia (16/08/2006 15:15)

Obrigada por lembrarte de nós , por partilhar com nós aqueles fermossos e verdes dias deste julho passado , e obrigada uma e mil veces polas tuas palavras de ánimo nestes dias tam fodidos para os de Cotobade e para o resto da Galiza.
Um beijo SILVIA RIBAS.
SILVIA RIBAS (16/08/2006 14:06)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A Rádio Galega ou o Tear de Penélope

Un artigo de: **Concha Rousia**
[04/09/2006]

Há já algum tempo que eu tinha intenção de dedicar umas palavras de agradecimento à rádio pública do nosso pais. Um amigo recomendara-me o programa "Aberto por reformas" de Xurxo Souto; foi escoitá-lo e sentir-me bem, por primeira vez senti-me identificada com aquela rádio; sim, tínhamos uma rádio própria, falei-o com amigos, concordamos.

Xurxo Souto ocupara-se também de organizar o resto de programas, e eu julgo que, se lhe desculpamos o facto de ele não gostar de Pucho Boedo, faz um extraordinário trabalho. Mas eu ainda não fizera o azo de escrever estas palavras. Foi a outra cara da moeda a que me deu o empurrão definitivo para este artigo. Sim, a Rádio Galega Música, a irmã pequena da Rádio Galega, foi quem me fez colher o lapis. E até foi bom aguardar, pois deste jeito aproveito a maré para falar da segunda, que é a que a mim me preocupa; ademais assim "com um pau mato duas lebres", ou como diriam os nossos vizinhos portugueses: "dous coelhos duma cajatada", ou os nossos vizinhos espanhois: "dos pájaros de un tiro"

E digo que me preocupa porque assim é mesmo. Não compreendo como uma rádio que se chama "Radio Galega Música" dedica a maior parte do seu tempo a emitir música da Operación Triunfo espanhola. Bom, eu tenho várias propostas:

1.Que botem ao responsável desta dupla bofetada: à música e à nossa dignidade identitária. Por se esse senhor, ou sernhora, não o sabe, aqui na Galiza produzimos muita música e alguma quase tão má como a que ele se empenha em fazer-nos tragar polos ouvidos.
2.Se não podem desfazer-se do fulano porque é um deses que blindaram os seus "choios" antes da caida do régimem Fraguista, pois que fechem a emisora, porque se o que uma Rádio Galega tece a outra o destece, não saimos do sítio.
3.Que lhe mudem de nome e assim não nos enganam com o de "Galega" nem com o de "Música". Aqui vão as minhas propotas, vos podeis acrescentar também as vossas:

- Rádio Espanhola Música
- Rádio Galega, Música Espanhola
- Rádio Cope Música
- Rádio Feismo Musical
- Radio Caspa...

COMENTARIOS:

Hai 17 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A Rádio Galega ou o Tear de Penélope

Un artigo de: **Concha Rousia**
[04/09/2006]

Há já algum tempo que eu tinha intenção de dedicar umas palavras de agradecimento à rádio pública do nosso pais. Um amigo recomendara-me o programa "Aberto por reformas" de Xurxo Souto; foi escoitá-lo e sentir-me bem, por primeira vez senti-me identificada com aquela rádio; sim, tínhamos uma rádio própria, falei-o com amigos, concordamos.

Xurxo Souto ocupara-se também de organizar o resto de programas, e eu julgo que, se lhe desculpamos o facto de ele não gostar de Pucho Boedo, faz um extraordinário trabalho. Mas eu ainda não fizera o azo de escrever estas palavras. Foi a outra cara da moeda a que me deu o empurrão definitivo para este artigo. Sim, a Rádio Galega Música, a irmã pequena da Rádio Galega, foi quem me fez colher o lapis. E até foi bom aguardar, pois deste jeito aproveito a maré para falar da segunda, que é a que a mim me preocupa; ademais assim "com um pau mato duas lebres", ou como diriam os nossos vizinhos portugueses: "dous coelhos duma cajatada", ou os nossos vizinhos espanhois: "dos pájaros de un tiro"

E digo que me preocupa porque assim é mesmo. Não compreendo como uma rádio que se chama "Radio Galega Música" dedica a maior parte do seu tempo a emitir música da Operación Triunfo espanhola. Bom, eu tenho várias propostas:

1.Que botem ao responsável desta dupla bofetada: à música e à nossa dignidade identitária. Por se esse senhor, ou sernhora, não o sabe, aqui na Galiza produzimos muita música e alguma quase tão má como a que ele se empenha em fazer-nos tragar polos ouvidos.
2.Se não podem desfazer-se do fulano porque é um deses que blindaram os seus "choios" antes da caida do régimem Fraguista, pois que fechem a emisora, porque se o que uma Rádio Galega tece a outra o destece, não saimos do sítio.
3.Que lhe mudem de nome e assim não nos enganam com o de "Galega" nem com o de "Música". Aqui vão as minhas propotas, vos podeis acrescentar também as vossas:

- Rádio Espanhola Música
- Rádio Galega, Música Espanhola
- Rádio Cope Música
- Rádio Feismo Musical
- Radio Caspa...

COMENTARIOS:

Hoje eu fiz vários intentos de escoitar a rádio... em questião, não perco a esperança, e foi imposivel aguentar, três "ghits" seguidos em espanhol, um deles Camilo Sexto, os outros muito piores.
E já agora quero dizer que no meu bilhete de identidade em ningum lugar diz que a minha nacionalidade seja espanhola, acho que nos vossos tampouco. Ele é certo que aparece a palavra Espanha numa esquina, mas como todos e todas sabemos Espanha e um estado pluri-nacional, não é? ;) e acontece de alguma gente ter nacionalidade espanhola e outros galega e outros catalã... etc.
Concha (06/09/2006 14:13)

aconselholhe a radiofórmula que mude de bilhete de identidade
Alexandre (06/09/2006 13:05)

Concordo com Se Moncho. Tiremos proveito de uma rádio pública e abramos as portas a todas as outras músicas do mundo: bota-se de menos mesmo contando com as rádios em castelhano (Rádio 3 seria do pouco que hai no dial com alguma orientação nesse sentido, e nem sempre).

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Ramiro (05/09/2006 23:21)

Obrigada polas vossas amáveis palavras; e sim, acho que por ter eu abusado da retranca com o de Pucho Boedo agora fico por saber quanto dela me devolveis nos vossos comentários...
Concha (05/09/2006 18:56)

Olá Concha,
apesar de eu gostar dos teus artigos como é já costume, hoje não posso deixar de discordar com uma gravíssima afirmação lá acima. Trata-se de o Xurxo não gostar de Pucho Boedo. Sempre achei que ele era um fã como bem diz nos seus textos. Mas então, terás porém alguma informação sua ao respeito. Este gravissimo assunto precisa de ser esclarecido sem mais tardar com assistencia de todos os biografos e historiadores de ambas as duas figuras e se fôr preciso observadores internacionais neutros não vá a ser que tenhamos de assistir a uma sanguenta massacre entre os dous bandos.
sacho (05/09/2006 14:23)

Estamos a 1.000 anos da liberdade !!!
Eonaviego (05/09/2006 13:59)

Concha , gosto de ti.
rádio (05/09/2006 11:52)

Radio de Música Espanhola na Galiza
Suso da Sibeira (05/09/2006 00:47)

Fantástico artigo, entro sempre nos Vieiros por ver se escreves qualquer coisa, que sempre tem algo a ver comigo. Quando vivia e quando volto à GZ, vejo como é triste ser um cidadão sem média, é um cidadão de segunda. Os que há são completamente espanhóis culturalmente, é quase impossível para alguém que não seja de aqui saber que na Gz algumas pessoas falam uma outra língua regional e acessória. Média portugueses não os queremos porque não são a nossa língua porque não são nossos porque são piores Ca nós. Pois então levamos com música e todo o resto em espanhol
jacobinho (04/09/2006 23:39)

Radio Nacional de España en Galicia RNEG
I.R. (04/09/2006 21:40)

Estou totalmente de acordo com Concha. Nas rádios comerciais que emitem na Galiza a maior parte da música que programam é em castelhano, e a seguir em inglês. Nom som necessárias mais emissoras que emitam música em castelhano ou em inglês, já sobejam. Portanto a Radio Galega Música deveria emitir música em galego, incluindo o galego tropical, e também música noutras línguas: francês, italiano, russo, wolof, e um longuíssimo etc, ou senom desaparecer.
Se Moncho (04/09/2006 19:07)

Penso que este segundo canal da Rádio Galega deveria ser dedicado nomeadamente á música galega e de toda a lusofonia. Inclusivamente á música de outras culturas, mas para escutar música em espanhol já temos um cento de estações de rádio.
Ribadeneira (04/09/2006 17:26)

Boa tarde.
Concha, como sempre parabéns pelas tuas palavras que comparto totalmente. Falemos claro : a resposta é Radio Espanhola Música e de quando em quando música galega.
Vinseiro (04/09/2006 17:23)

Pois menos mal que Xurxo Souto nom le estes artigos, pois como se entere que alguem afirma que nom gosta de Pucho Boedo, aínda vai colher um bo cabreo... Ou conhecedes alguem que tenha feito máis que Xurxo Souto por recuperar a figura do velho Pucho (concertos de homenagem, programas dedicados na rádio... até dirigiu um documental que hai pouco passarom na TVG) ?
soldom (04/09/2006 16:49)

Non sabía das túas dotes de crítica musical. Abofé que aquí facemos música tan mala como en calquera outro sitio do mundo, ademáis de que temos a bastante xente sen formación regulada (que a hai) facendo traballos de recollida, reinterpretación, etc. E así nos vai.

Se o criterio musical da Radio Galega fora a calidade, como sinalas, non poderían poñer demasiada música galega, e non porque sexa pior que outras, senón porque é tan mala e está tomada por tantos mediocres coma outras. Con honrosas excepcións, claro.
Pero, en fin, non sei, se o criterio musical vai ser o de Xurxo Souto, home de tanta inquedanza creativa como nula formación musical, estaríamos nas mesmas, pode que che resulte máis simpático, pero o criterio profesional sería tan (pouco) serio como o actual.
taro (04/09/2006 14:28)

Xurxo Souto é unha persoa singular (non hai ningún outro coma el), talentoso (o talento sáelle dende a primeira palabra), humilde (coma a maioría dos galegos de ben) e comprometido (o seu compromiso ten un nome, que empeza por G). Mesmo representa o mellor exemplo do cambio no país aplicado ao mundo das artes, da cultura, do lecer... e da radio: ondas de creatividade honesta, erudita, talentosa...
MF (04/09/2006 14:01)

A Rádio Galega Música nom pom muita música galega. Penso que se deveria converter numa espécie de radiofórmula para promocionar os grupos galegos (independentemente da língua em que cantem eh Concha!). Ah outra cousa: os espanhós som os nossos... vizinhos? Nom sei, o meu bilhete de identidade identifica-me como espanhol... nom sei...
radiofórmula (04/09/2006 11:12)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Carta-bomba

Un artigo de: **Concha Rousia**
[14/09/2006]

Não, não me estou a referir a essas cartas que os da organização etarra costumam (costumavam) enviar a algumas pessoas. Estou-me a referir à carta que foi enviada aos alcaides do PP pola sua organização.

Carta-bomba porque nela se vê como a direita, polo menos a deste país, não acredita nos valores da democracia, e como para eles é só um jogo ao que se vêem obrigados a se submeterem. Fossem estes outros tempos, nós que muitos de nós ainda não tínhamos nascido, ou éramos miúdos, e não se teriam submetido. Tampouco é que nós surpreenda, levamos muito tempo sofrendo-os.

Carta-bomba porque se insta à máxima autoridade de uns municípios a que tente entorpecer um processo que tem por objectivo organizar as brigadas que se hão-de encarregar de evitar que o nosso país seja destruído polo lume.

Carta-bomba porque em nenhum momento se pensa nas consequências que estes atrasos provocados podem ter para o nosso país, para a sua economia, para a sua beleza, para a sua auto-imagem ou a para as próprias pessoas; sim, também para as pessoas, porque o lume, como dizia o outro, "morde e cala". Mas nada disso parece estar sendo pensado pola pessoa que envia a carta bomba; o único que parece ocupar o seu pensamento é a opinião pública e como utilizá-la para queimar o actual governo e subir na escala de poder. Proba mais uma vez, e já quase ninguém se pode surpreender, que os que não acreditam na democracia usam qualquer artimanha para usurpar o poder, que parece ser o único que lhes importa.

Carta-bomba porque talvez foi essa solicitude de "celo", de "dilación", a que levou a algum alcaide, presidente da câmara municipal, à ideia de encerrar com chave as "moto-bombas" que poderiam, talvez, ter evitado alguma desgraça.

Por tudo isso, e por mais, carta-bomba. E eu pergunto-me por que a imprensa espanhola (na Galiza e na Espanha) não se enfurece perante este abominável documento, como se enfurecera com o assunto aquele dos cursinhos de galego. Pergunto-mo mas já tenho a resposta. O único que parece importar-lhe ao nacionalismo espanhol é aquilo que puder frear que a sua cultura, e o seu idioma, campem na nossa Terra; pouco, ou nada, importa a destruição que isso possa causar. Ora que eles não pensam em Galiza, não, eles só pensam em Espanha, e até fazem vir à cabeça aquela nefasta frase, aquela que diz "mejor una Espanha roja que rota"...e esta gente não repara em cores, roja, negra, ... tanto lhes têm.

COMENTARIOS:

Hai 16 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:

Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Carta-bomba

Un artigo de: **Concha Rousia**
[14/09/2006]

Não, não me estou a referir a essas cartas que os da organização etarra costumam (costumavam) enviar a algumas pessoas. Estou-me a referir à carta que foi enviada aos alcaides do PP pola sua organização.

Carta-bomba porque nela se vê como a direita, polo menos a deste país, não acredita nos valores da democracia, e como para eles é só um jogo ao que se vêem obrigados a se submeterem. Fossem estes outros tempos, nós que muitos de nós ainda não tínhamos nascido, ou éramos miúdos, e não se teriam submetido. Tampouco é que nós surpreenda, levamos muito tempo sofrendo-os.

Carta-bomba porque se insta à máxima autoridade de uns municípios a que tente entorpecer um processo que tem por objectivo organizar as brigadas que se hão-de encarregar de evitar que o nosso país seja destruído polo lume.

Carta-bomba porque em nenhum momento se pensa nas consequências que estes atrasos provocados podem ter para o nosso país, para a sua economia, para a sua beleza, para a sua auto-imagem ou a para as próprias pessoas; sim, também para as pessoas, porque o lume, como dizia o outro, "morde e cala". Mas nada disso parece estar sendo pensado pola pessoa que envia a carta bomba; o único que parece ocupar o seu pensamento é a opinião pública e como utilizá-la para queimar o actual governo e subir na escala de poder. Proba mais uma vez, e já quase ninguém se pode surpreender, que os que não acreditam na democracia usam qualquer artimanha para usurpar o poder, que parece ser o único que lhes importa.

Carta-bomba porque talvez foi essa solicitude de "celo", de "dilación", a que levou a algum alcaide, presidente da câmara municipal, à ideia de encerrar com chave as "moto-bombas" que poderiam, talvez, ter evitado alguma desgraça.

Por tudo isso, e por mais, carta-bomba. E eu pergunto-me por que a imprensa espanhola (na Galiza e na Espanha) não se enfurece perante este abominável documento, como se enfurecera com o assunto aquele dos cursinhos de galego. Pergunto-mo mas já tenho a resposta. O único que parece importar-lhe ao nacionalismo espanhol é aquilo que puder frear que a sua cultura, e o seu idioma, campem na nossa Terra; pouco, ou nada, importa a destruição que isso possa causar. Ora que eles não pensam em Galiza, não, eles só pensam em Espanha, e até fazem vir à cabeça aquela nefasta frase, aquela que diz "mejor una Espanha roja que rota"...e esta gente não repara em cores, roja, negra, ... tanto lhes têm.

COMENTARIOS:

Estes m... do PP fan calquera cousa con tal de estaren no fío da navalla. Só saben tirarlle proveito ás vítimas, sexan do que sexan, lumes, eta, inmigrantes, ... Tanto lle ten con tal de botarlle leña ó lume!!!
SOS, HAINOS QUE ATALLAR.
celta (18/09/2006 21:17)

Desfeita da nosa lingua?? A que perpetran vostedes menosprezando o galego que falaban os nosos pais e avós ,alegando unha falsa e presuntuosa superioridade moral e intelectual dos reintegratas. Non sodes máis que unhos acomplexados que falan e escreben así co pretexto de semellarse o menos posible ó castelán.
acongojado (18/09/2006 10:55)

Obrigada polos comentários; e sim como diz meendinho os galegos

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

e galegas criamos para a humanidade uma língua.
Quanto aos alcaides do PP concordo com Franjo Padín em que eles só tem a ideia de papar na sua barquela quanto puderem; mas eu a eles não os incluo em nacionalistas espanhóis, ai eu estava mais bem pensando na imprensa tipo "El mundo" ou incluso "El correo gallego"... que se desesperam quando vêem que alguém tenta parar a desfeita da nossa língua.
concha (18/09/2006 09:32)

Os galegos temos feito mui pioucas cousas interesantes na história. Nom tem havido cientistas importantes galegos, como Einstein ou Newton, nem músicos iuniversais galegos, como Mozart ou Verdi, nem pintores universais galegos, como Picasso ou Rembrandt...alem do lacom con grelos, a contribuçom mais importante dos galegos á humanidade é o português, uma língua que falam 200 mihões de pessoas, com uma cultura riquíssima. Sim, o português é um invento, uma criaçom galega. Os portugueses apenas lhe acrescentarom umas poucas palavras (comboio, frango, leque), as terminaçons en "ão", escrever "nh" e "lh" e um jeitinho peculiar de engolir as vogais quando falam. O resto, isto é, o 95% restante, ortografia incluída, é o trablho dos galegos. Por conseguinte, os galegos devem orgulhar-se do português. Quanto o castelhano, "a outra língua co-oficial da Galiza", e obra de castelhanos. Os galegos só aportarom "morriña" e "gallego": individuo tonto; mozo de cuerda".
Escreva como lhe pete.
meendinho (18/09/2006 08:15)

Benquerida Sr. Roussia , el nacionalismo español es , apenas , una manifestación residual de cuatro personajes toscos y apenas existe. Gente como usted lo instrumentaliza y dimensiona para justificar y legimitar sus posiciones sectarias , ni más ni menos. Si usted escribe en portugués yo lo hago en castellano , que para eso es lengua cooficial de Galicia. Un saludo.
acongojado (18/09/2006 00:58)

Unhe reflexión acertada, mais hei de facer unha puntualización sobre a cita final. Neste caso, eles non prefiren unha terra "roja" antes que rota. Mais ben todo ó contrario. Os feixistas daqueles tempos movíanse impulsados por unha razón que consideraban certa e que se fundamentaba nunha maneira (moi particular, iso si) de querer ao país. Esta dereita non. Impórtalles o país ben pouco, porque sólo aman o poder e os cartos e prefiren escarallalo todo se eles non mandan. Antes rota que roja, dirían, se é que se atreven a dicir algo. Así que aínda que o feixismo daqueles tempos paréceme infinitamente noxento, nalgunha cousa meréceme máis respeto que este fato de alcaldes bastardos que só teñen unha idea: vivir coma os porcos.
Franjo Padín (17/09/2006 03:18)

... o que uma pessoa não escreve, ou não diz, fica sem existência.
Concha (16/09/2006 20:09)

Agradeço os vossos comentarios. Quanto a questião de Vinseiro, só posso dizer que é difícil acertar com uma resposta. É esperável que a gente vá descubrindo as verdadeiras intenções dos governantes de direitas, mas eles irão disfarçando o que fazem e nem sempre vão ser descobertos. A meu entender, as desfeitas culurais como a que sofremos nós em mãos do nacionalismo espanhol vão a mais, a mais até que tocarem fundo; depois se na sociedade ficam fôlegos para se recuperar, iniciar-se-á esse proceso, mas por vezes não há suficientes pontos de ancoragem para restituir a cultura massacrada. Eu julgo que nós ainda não tocamos fundo, ainda teremos que perder algúns falantes mais, depois iniciar-se-á a recuperação, e tudo dependerá do que tenhamos feito para resistir. Por isso é que qualquer cousa que um possa fazer no presente possivelmente seja de utilidade quando o proceso de desfeita remate e se inície a recuperação. Em qualquer caso esta é a minha opinião. Escrever vai nessa direcção, e
Concha (16/09/2006 20:03)

La carta tiene delito pero su sectarismo melífluo aportuguesado es insoportable. No necesitamos salvadores de la patria , gracias
acongojado (16/09/2006 10:45)

como sempre desfrutei e apreendi imenso com o seu texto
muito obrigado polos seus textos
desde o Porto com apreço

jose chão de lamas (16/09/2006 00:24)

Concordo Concha.
Uma pergunta : pode, toda esta desfeita, ajudar ou criar uma autentica consciêcia nacional a maiores nivéis ?
Vinseiro (15/09/2006 21:56)

Provavelmente a carta é só a ponta do iceberg. Se houvesse vontade de investigar, sairiam mais cousas, mesmo piores.
Alguém sabe onde acceder ao bando esse de não sei que alcaide túzaro peposo que practicamente incitava á quiema do monte?
Suso (15/09/2006 11:48)

Concha, que razón tes, chega con ler o titular de Vieiros de hoxe "O PP tamén coordinou aos alcaldes contra acordos en materia de servizos sociais" Mas aqui parece que non nos importa demasiado, temos outras pallas mentais cas que nos distraer.
un farto (15/09/2006 11:44)

Obrigado Concha por seres tão clara, e de convicções fortes. Acho que a alegada (confirmada) carta é um crime. Do desleixo quase todos somos culpados do (mau) estado do nosso ambiente mas isto é doloso.
pirómano (14/09/2006 20:10)

Com efeito, Sacho: armadilha TERRORISTA. Porque obstaculizar os labores de extinção é para o monte em chamas como impedir o passo da ambulância para o paciente enfartado.
O correspondente é a atuação judicial IMEDIATA E CONTUNDENTE, derivada da aplicação da lei antiterrorista.
I.R. (14/09/2006 17:19)

Certamente Concha um assunto tão grave parece estar silenciado com oscuro afã, enquanto a TVE internacional (a unica à que tenho acesso) não parece alarmar-se da existência de tal artimanha terrorista. E agora o que vá acontecer? Dimitirá a sua autora (que piada)? Ou Frijol?
sacho (14/09/2006 13:51)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

De quem são as crianças?

Un artigo de: **Concha Rousia**
[17/10/2006]

It takes a village to raise a child.
Provérbio Africano

Com este provérbio africano, que quer dizer que cumpre uma aldeia para criar um meninho ou uma meninha, abria Hillary Rodham Clinton a sua conferencia na convenção nacional democrata em Chicago em 1996. Esta frase também lhe serviu à daquela primeira dama, e talvez próxima presidenta dos Estados Unidos, para titular o seu livro no que faz uma analise da situação das crianças no seu país. A autora reflexiona sobre o cambio vertiginoso que experimenta a sociedade ocidental (USA) e os seus efeitos nos mais indefensos, os miúdos e miúdas. É portanto este um tema de muita preocupação.

Mas voltemos à pergunta inicial: De quem são as crianças? Porque de como respondamos a esta pergunta dependem muitas cousas. Há uns dias sacudiu-nos nas televisões todas a notícia da morte de um meninho de 2 anos e o ingresso no hospital da sua irmã, pouco maior que ele. Sucedia em Ponte Areias, nas portas das nossas casas, poderíamos dizer, e todos nos sentimos terrivelmente mal, embora hoje já quase o tenhamos esquecido. Mas certo é que todos, mentes os meios que dirigem para donde deve ir o nosso pensamento assim o quiseram, nos sentimos mal, é com muita razão; ora, cada um de nós, individualmente, acha que ele ou ela não podia ter feito nada para evitar esta terrível desgraça. Certamente desde que as nossas comunidades perderam entidade, os indivíduos que as integramos estamos cada vez mais isolados, mais desconectados, e, porque não dize-lo, mais sós. Estamos a construir um mundo onde a maioria das pessoas com as que mantemos algum tipo de interacção ao longo do dia nos são anónimas, e há muitas outras das que nem sabemos da sua existência. Esto que para um adulto é importante, para uma criança, totalmente dependente, é fulcral.

E tornamos à pergunta com a que hoje, polo menos eu, me quero obsessionar: De quem são as crianças? É claro que quando nós medramos, nas aldeias ou mesmo nas vilas, as crianças eram, além de seu pai e sua mãe, da comunidade. A comunidade se segurava de que os seus indivíduos, co-dependentes uns dos outros, sobrevivessem, a comunidade dependia disso. A comunidade era ademais um "laboratório" da vida, tudo o que se podia passar importante na vida se passava na comunidade... ver nascer, ver morrer, ver o cego aprender a reconhecer-te polo som dos teus pasos... e a velha tia Teresa, já sem dentes, não tinha que sofrer por não poder comer as côdeas do pão, ela escavacava o miolo com sua faca e guardava as côdeas nos petos do seu mandil, essas côdeas eram roscas nas bocas algo insaciadas dos meninhos... e despis quando ela se fez ainda mais velha e o Alzheimer veio acompanhá-la, éramos os meninhos e meninhas, grandes e pequenos, que fazíamos possível que ela pudesse, mentres as pernas lho pediam, andar livre pola aldeia... contra o final, quando já tinha esquecido tudo menos a infância, todos os dias à tardinha colhia o caminho para Penalonga, lugar onde nascera, e era graças as criança, que ela nunca ficava perdida, nem tinha tampouco que ficar recluida entre as paredes da sua casa... Enfim seria muito extenso tratar o tema das funções da comunidade, mas certamente, as crianças eram cuidadas, repreendidas, e o que for preciso, pola comunidade, hoje não é assim, hoje as crianças não são da comunidade, nem muito nem pouco.

E tornamos à pergunta... De quem são logo as crianças? Eu sei que muitos, românticos, gostariam de responder dizendo que as crianças não são de ninguém, que são de si próprias, são bichinhos livres, são unicamente dessa eterna pátria que é a infância... sempre re-visitada por todos os que nela acharam felicidade, e nunca realmente abandonada polos que nela acharam dor e tortura. Mas o certo é que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

o que se passa com as meninhas e os meninhos está nas nossas mãos, nas mãos dos adultos, de todos e cada um dos indivíduos que fazemos parte da sociedade. Agora que as comunidades, como afirma Hillary, não podem já ser um lugar físico na terra, têm de ser reinventadas. Diz Hillary que não podem ser um lugar físico e todos e todas dizemos "yes, she is so right...!" Nada importa que no nosso país ainda existam muitos lugares onde a comunidade não foi engolida polo mandato da cultura oficial globalizada e globalizante. Nós, como o cão do cego, que é treinado para que julgue que mide um metro oitenta, e nunca mais tente meter-se em espaços inferiores, espaços nos que sempre tinha entrado, nós que ainda temos vivas moitas das nossas comunidades, já não as podemos aceitar como modos válidos de relacionamento, e o que fazemos é asfixiá-las com urbanizações que são justo o contrário: colecções de indivíduos muito similares em idade e estatus socio-economico, mas que formam um colectivo de indivíduos independentes, a anticomunidade, diria eu.

Mas enfim, as crianças ficam logo a expensas do que os adultos organizemos para a sua protecção. Assim as crianças são em primeiro lugar da sua mãe, e também do seu pai; e são em segundo lugar das Instituições que regulam a vida da colectividade. Assim, antes o Estado, e agora a Junta da Galiza, são os responsáveis de decidir as políticas sociais que vão encaminhadas ao bem-estar destas pequenas pessoinhas que, como diriam Les Luthiers, até podíamos dizer que são seres humanos. Neste senso será importante que uma Lei Galega de Serviços Sociais contemple equipas de trabalho que vão além de apenas uns poucos trabalhadores sociais asfixiados pola papelada. Eu acho que nestas equipas é imprescindível a participação de psicólogos, e nas comarcas do rural, também antropólogos, dado que a nossa pior doença colectiva é a nossa desfeita cultural. E mentres aguardamos que os Americanos reinventem novas formas de comunidade, e no-las vendam, nós limitaremo-nos a esperar, mentres as nossas comunidades morrem sem ser valorizadas.

COMENTARIOS:

Hai 23 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

De quem são as crianças?

Un artigo de: **Concha Rousia**
[17/10/2006]

It takes a village to raise a child.
Provérbio Africano

Com este provérbio africano, que quer dizer que cumpre uma aldeia para criar um meninho ou uma meninha, abria Hillary Rodham Clinton a sua conferencia na convenção nacional democrata em Chicago em 1996. Esta frase também lhe serviu à daquela primeira dama, e talvez próxima presidenta dos Estados Unidos, para titular o seu livro no que faz uma analise da situação das crianças no seu país. A autora reflexiona sobre o cambio vertiginoso que experimenta a sociedade ocidental (USA) e os seus efeitos nos mais indefensos, os miúdos e miúdas. É portanto este um tema de muita preocupação.

Mas voltemos à pergunta inicial: De quem são as crianças? Porque de como respondamos a esta pergunta dependem muitas cousas. Há uns dias sacudiu-nos nas televisões todas a notícia da morte de um meninho de 2 anos e o ingresso no hospital da sua irmã, pouco maior que ele. Sucedia em Ponte Areias, nas portas das nossas casas, poderíamos dizer, e todos nos sentimos terrivelmente mal, embora hoje já quase o tenhamos esquecido. Mas certo é que todos, mentes os meios que dirigem para donde deve ir o nosso pensamento assim o quiseram, nos sentimos mal, é com muita razão; ora, cada um de nós, individualmente, acha que ele ou ela não podia ter feito nada para evitar esta terrível desgraça. Certamente desde que as nossas comunidades perderam entidade, os indivíduos que as integramos estamos cada vez mais isolados, mais desconectados, e, porque não dize-lo, mais sós. Estamos a construir um mundo onde a maioria das pessoas com as que mantemos algum tipo de interacção ao longo do dia nos são anónimas, e há muitas outras das que nem sabemos da sua existência. Esto que para um adulto é importante, para uma criança, totalmente dependente, é fulcral.

E tornamos à pergunta com a que hoje, polo menos eu, me quero obsessionar: De quem são as crianças? É claro que quando nós medramos, nas aldeias ou mesmo nas vilas, as crianças eram, além de seu pai e sua mãe, da comunidade. A comunidade se segurava de que os seus indivíduos, co-dependentes uns dos outros, sobrevivessem, a comunidade dependia disso. A comunidade era ademais um "laboratório" da vida, tudo o que se podia passar importante na vida se passava na comunidade... ver nascer, ver morrer, ver o cego aprender a reconhecer-te polo som dos teus pasos... e a velha tia Teresa, já sem dentes, não tinha que sofrer por não poder comer as côdeas do pão, ela escavacava o miolo com sua faca e guardava as côdeas nos petos do seu mandil, essas côdeas eram roscas nas bocas algo insaciadas dos meninhos... e despis quando ela se fez ainda mais velha e o Alzheimer veio acompanhá-la, éramos os meninhos e meninhas, grandes e pequenos, que fazíamos possível que ela pudesse, mentres as pernas lho pediam, andar livre pola aldeia... contra o final, quando já tinha esquecido tudo menos a infância, todos os dias à tardinha colhia o caminho para Penalonga, lugar onde nascera, e era graças as criança, que ela nunca ficava perdida, nem tinha tampouco que ficar recluida entre as paredes da sua casa... Enfim seria muito extenso tratar o tema das funções da comunidade, mas certamente, as crianças eram cuidadas, repreendidas, e o que for preciso, pola comunidade, hoje não é assim, hoje as crianças não são da comunidade, nem muito nem pouco.

E tornamos à pergunta... De quem são logo as crianças? Eu sei que muitos, românticos, gostariam de responder dizendo que as crianças não são de ninguém, que são de si próprias, são bichinhos livres, são unicamente dessa eterna pátria que é a infância... sempre re-visitada por todos os que nela acharam felicidade, e nunca realmente abandonada polos que nela acharam dor e tortura. Mas o certo é que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

o que se passa com as meninhas e os meninhos está nas nossas mãos, nas mãos dos adultos, de todos e cada um dos indivíduos que fazemos parte da sociedade. Agora que as comunidades, como afirma Hillary, não podem já ser um lugar físico na terra, têm de ser reinventadas. Diz Hillary que não podem ser um lugar físico e todos e todas dizemos "yes, she is so right...!" Nada importa que no nosso país ainda existam muitos lugares onde a comunidade não foi engolida polo mandato da cultura oficial globalizada e globalizante. Nós, como o cão do cego, que é treinado para que julgue que mide um metro oitenta, e nunca mais tente meter-se em espaços inferiores, espaços nos que sempre tinha entrado, nós que ainda temos vivas moitas das nossas comunidades, já não as podemos aceitar como modos válidos de relacionamento, e o que fazemos é asfixiá-las com urbanizações que são justo o contrário: colecções de indivíduos muito similares em idade e estatus socio-economico, mas que formam um colectivo de indivíduos independentes, a anticomunidade, diria eu.

Mas enfim, as crianças ficam logo a expensas do que os adultos organizemos para a sua protecção. Assim as crianças são em primeiro lugar da sua mãe, e também do seu pai; e são em segundo lugar das Instituições que regulam a vida da colectividade. Assim, antes o Estado, e agora a Junta da Galiza, são os responsáveis de decidir as políticas sociais que vão encaminhadas ao bem-estar destas pequenas pessoinhas que, como diriam Les Luthiers, até podíamos dizer que são seres humanos. Neste senso será importante que uma Lei Galega de Serviços Sociais contemple equipas de trabalho que vão além de apenas uns poucos trabalhadores sociais asfixiados pola papelada. Eu acho que nestas equipas é imprescindível a participação de psicólogos, e nas comarcas do rural, também antropólogos, dado que a nossa pior doença colectiva é a nossa desfeita cultural. E mentres aguardamos que os Americanos reinventem novas formas de comunidade, e no-las vendam, nós limitaremo-nos a esperar, mentres as nossas comunidades morrem sem ser valorizadas.

COMENTARIOS:

lh+ Conheço bem Montalegre, e sim, é um lugar fantástico, obrigada polo site. Abraço e agradeço este comentário já UNDERCOVER, com aquele que diz. Saudos
Concha (20/10/2006 23:02)

Concha:
http://www.turibarroso.com/default_2.htm
Estiven olhando estas páxinas e coido que Montalegre e un luar que hai que visitar.Paresce paradisíaco.
lh+ (20/10/2006 19:31)

A desfeita cultural. Esse tema taõ nosso.
Lembro uma frase : "A patria de uma pessoa é a sua infancia" Rilke.
Que pode quedar se perdemos a infancia.
Como sempre, parabéns.
Vinseiro (19/10/2006 22:26)

Concha: o que tu fas é ensinar-os umhas luas cheias que alumeam a nossa longa noite de pedra e deslumbram o sol de EspaÑa. Moito obrigado!
Home-Lobo (19/10/2006 18:19)

Cra Concha:
como sempre pos o dedo na ferida e faz que olhemos a ferida e nom o dedo
parabens
Laura (19/10/2006 18:04)

Obrigada a todas e a todos polos vossos comentários; e a ti galuso, polo teu... porque por vezes eu me canso de que me olhem para o dedo quando o único que eu quero é que reparem na formosura da lua, uma lua que eu vejo e sinto com todos os meus sentidos...
Concha (19/10/2006 14:48)

O dedo é necessário para ensinar a lua, mas o grave e reparar só no dedo.
galuso (19/10/2006 13:56)

Dóeme que aiga xente que non tenha respeto polos demáis. Eu nunca ouvin falar da manheira que ti escrives mais entendo o que dis e non se me ocurre ponher a insultar a ninguen de coma ten que escrivire. Isto non é un examen de lingua ou vai ser que sí?. Daquela eu suspendo seguro.
lh+ (18/10/2006 20:28)

Obrigado Concha pola tua reflexão, actual, isenta TODOS, temos que criar uma sociedade na que se garantam os direitos fundamentais, e ainda mais os das crianças.
Espero que continues a escrever artigos por aqui, e noutros lugares, com a tua grafia, em liberdade e com a coragem dos grandes
armando (18/10/2006 19:56)

Insultos anónimos à Galiza en petí comité lésbico-fóbico. Pobre Castrapiño ! Es unha mosca colhida nunha aranheira. A testosterona xa non é deste mundo !!!
Anxo Quintana (18/10/2006 16:59)

Talvez possa parecer, Concha, que as críticas à normativa (essas que lemos nestes comentários) não têm a ver com o conteúdo do teu artigo. Mas eu acho que têm muito a ver: a insolidariedade, a indiferença, a falta de carinho da crítica do Castrapo é a mesma insolidariedade, indiferença e falta de carinho que esses menin@s tiveram que padecer dos seus pais. Concordo no que dizes da comunidade, mas a comunidade TAMBÉM SÃO ESSES PAIS. A comunidade faz-se, a origem do impulso comunitário é individual, está em cada indivíduo. Se a comunidade desaparece, sempre que houver indivíduos dispostos a se comunicar, ressurgirá. Esses pais não fizeram a sua parte "comunitária", que era a de comunicar aos outros a sua situação para salvar os seus filhos. Galiza caníbal... (calafrio)
I.R. (18/10/2006 16:34)

concha: li o teu artigo sobre "aprenda inglês em 15 minutos" e foi exactamente o q me passou a mim, levava 15 anos lendo em galego normativo e colhim um livro em pt e o entendia perfeitamente em 30 minutos. Agora provo a deixar-lhes livros em norma pt a rapazes, adultos, velhos e o 90% lem os livros sem problemas, ao outro 10% dá-lhe preguiça, enfim, ánimo na defessa da dignidade da nossa língua em todos os ámbitos.
ana (18/10/2006 13:45)

Castrapo:
Eres un lusista do nabo. O gallego que escribes nono fala ninguen. Os nosos abuelos si que falan ben o gallego. Non me digas que te criaron falando de "enxendros" e "atrativo". Temos que falar e escribir como o pueblo llano que falou o noso idioma toda a vida. Nada de vermello, nen arbore, nen primeiro andar...
suso (18/10/2006 12:15)

Así que esta é a lingua que habitualmente falan os galegos: "Deslocou-se", "um internato público para raparigas de famílias camponesas e operarias", "fez parte". Así que "isolacionismo"... en fin, entre os dos mínimos, os dos máximos, os do portugués, os do castelán, os da nova normativa, os da vella normativa, entre todos, que lle queredes tan ben ó galego ídelo matando pouquiño a pouco, facendo cada vez menos atrativo para o seu uso. Prefiro usar a lingua na que me criaron, que todos eses enxendros de filólogo con moito tempo libre e pouco en que ocuparse.
Castrapo (18/10/2006 11:34)

Prezados leitores, aguardo que os que valorais o contido dos meus artigos não me leveis a mal o que vou dizer, pois não é para vos que vai este comentário, este vai para os que insistem em falar só da minha escolha ortográfica. Bem, se o que quereis e falar da minha forma de grafar a nossa língua, não me parece mal, ora bem, eu acho que perco o tempo tentando criar reflexões que vão além da mera ortografia. Neste caso, será justo que eu também fale da vossa escolha, e assim falarmos todos e todas. Esse será o tema do meu próximo artigo. De todos jeitos agradeço o vosso feedback, que me indica por onde ando, e por donde devo seguir. Para o amigo que diz que não se entende, só tenho uma cousa dizer peço-lhe que tente não se deixar enganar como o cão do cego. Isso é Obrigada a todas e a todos.
Concha (18/10/2006 10:44)

Cara Concha, já vês, para que escrever? Para a nação imaginária que nunca será? Para os filhos do isolacionismo que nem aprenderam a escrever o patois? Bom, sempre haverá algum leitor, porque país não haverá.
Maisum (17/10/2006 23:38)

Digo eu, este Castrapo non se expresa ben, pero algo de razón si leva. Esta muller en que fala? Non será que tamén vive de costas aos irmáns portugueses?Cando vai ao mercado fala así? Gustariame oíla reproducir fonoloxicamente calquera parágrafo destes que pare.Sen dúbida algunha, o inimigo do galego é o galego, e Vieiros, é unha mágoa, pero xa fede demasiado a parcialidade.
fuco de bares (17/10/2006 23:30)

Por favor, aplausos para Castrapo que é un belo ejemplo de xenofobia !!!
Anxo Quintana (17/10/2006 22:42)

Vaia, case prefiría que escribiras en castelán, xa que en galego non queres, porque o artigo é interesante pero en portugués non hai quen o lea.
Castrapo (17/10/2006 20:38)

Por que pon a autora un proverbio africano en inglés? Non o entendo.
preguntando (17/10/2006 18:59)

A culpa a tenhen os do PP.
Anxo Quintana (17/10/2006 18:29)

Hai xente que pensa que Deus non existe, porque si existira non permitiría que pasasen estas cousas. Eu coido que si Deus non permitira que pasasen estas cousas nos non seríamos livres e Deus estaría xogando con nos non deixandonos facer nada que poidera perxudicarnos. Prefiro que a xente pense que Deus non existe a ser un xoguete. Que si eu creo en Deus? Como dixo alguén. O Deus no que creemos, ese non existe. Pero existe outro, que cree en nós.
lh+ (17/10/2006 17:54)

Non sei onde queres chegare Concha. A morte de fame dese neno non podese politizar endexamais. Os nenos son responsabilidade dos seus pais hasta a maoiria de idade, salvo cun xuiz determine outra cousa. Ninguén tinha porque entrometerse na sua vida. A aboa culpa agora a xente do pobo de non decatarse da situación. E máis ela ? Que fixo? Tinha acaso por outra banda algo que facer? Tinha que meterse na vida dos demáis? Eu coido que non. O preço da liberdade ten estas cousas. Mais é milhor ser livre ainda que podas morrer de fame, que non que os demáis gobernhen a tua vida.lh
lh+ (17/10/2006 17:48)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos!

Un artigo de: **Concha Rousia**
[09/11/2006]

Tendo o São Martinho, com seu verão incluído para maior desfrute da festa, que é a mesma cousa se chame Halloween, Samhain, Santos, ou como se chamar, e que vem connosco desde... desde que o mundo é mundo, para que raios precisamos reinventar as nossas tradições??

Já sei que nem em todos os lados se fazia do mesmo jeito, e seica pola Amaia ademais das castanhas têm também muita importância nestas celebrações os cabaços com candeias acesas polos caminhos, ou mesmo para ir de casa em casa para fazer o folião.

Nós na Raia, e na Límia, e no resto de Ourense, pomos em primeiro lugar as castanhas; depois pomos o vinho; o vinho novo que tem de ser encetado para o São Martinho. Depois, em terceiro lugar, vêm os chouriços e outros derivados do porco... Hoje a ordem dos produtos pode ser bem outra, e as castanhas irem logo do vinho ou dos chouriços... mas sabido é que a alteração da ordem não altera o resultado final do produto: festa rachada apta para todas as idades, e demais. Todo sempre acompanhado polo lume que é a alma de tudo o ritual. Isto era sabido pola tia Maria Antónia, Tonhica para os do lugar, mãe solteira ou viuva, na altura não importava muito a diferença no status, na altura o importante era a tradição, a tradição da que se mantinha a comunidade, pois bem a Tonhica apanhava moreias e moreias de castanhas e depois a sua lareira era uma festa, sempre tinha alguém para dar passado a noite.

O Magosto é uma festa que se vive em grupo, o dia próprio, o 11 de Novembro, São Martinho, há-de ser celebrado como é devido, mas o certo é que não só é esse dia. As castanhas juntam à gente do lugar, juntam aos que vivem sós a cear uma noite sim e outra também... hoje assamos na tua lareira e amanhã assamos outra vez na tua para não romper o hábito, todo o mundo é sabido da importância do hábito na cultura tradicional. E o magosto, como qualquer festa que se prece, descontando o Botellón, vem da cultura tradicional. Os vizinhos a cotio não ceavam uns nas casas dos outros, não sem antes ter amargado a comida, e isso neste tempo de preguiça não era fácil que acontecesse; ora bem, neste tempo as castanhas davam a vida às relações; e ainda para mais com aqueles invernos que vinham antes, com as suas noites longas, noites perfeitas para encher de castanhas e contos, e horas para lembrar aos nossos defuntos, os que já ocuparam a sua última morada. Também houve um tempo em que se colocava uma moreinha de castanhas para esses queridos do Além que já partiram antes desse magosto, e pola noite, a cozinha há-de ficar sem vassourar, nunca se sabe quem pode ter entrado ao calor da companha da lareira.

Sim, hoje quero reivindicar o nosso, o que reivindico sempre, o nosso. E o nosso neste tempo são os magostos, e não no Agosto, que diria Antón Reixa na sua poesia. O nosso é o magosto, o nosso e comer castanhas, e depois é claro... emboutar a face, ca ferrugem acumulada nas mãos ou com a roubada aos tições ardidos, e para que mais disfarce se quer! Já só fica liberar-nos um pouquinho falando de peidos de sete estalos; e beber um algo mais de vinho... para isso se encetou, todos a beber polo mesmo jerro ruivo, a... como dizia o conto... a saber uns os segredos dos outros, maneira poética de falar do derrube dos lindes individuais para manter o "eu" da colectividade...
E todas, e eles também, a entonar o velho cantar:

Tia Maria
Tio Manoel
Castanhas assadas
Vinho com mel

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

E depois o convívio, a escuridão, e tudo o que de bom traz, tudo isso do que os humanos gostam tanto e que cada vez mais difícil fazem que aconteça...

COMENTARIOS:

Hai 45 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos!

Un artigo de: **Concha Rousia**
[09/11/2006]

Tendo o São Martinho, com seu verão incluído para maior desfrute da festa, que é a mesma cousa se chame Halloween, Samhain, Santos, ou como se chamar, e que vem connosco desde... desde que o mundo é mundo, para que raios precisamos reinventar as nossas tradições??

Já sei que nem em todos os lados se fazia do mesmo jeito, e seica pola Amaia ademais das castanhas têm também muita importância nestas celebrações os cabaços com candeias acesas polos caminhos, ou mesmo para ir de casa em casa para fazer o folião.

Nós na Raia, e na Límia, e no resto de Ourense, pomos em primeiro lugar as castanhas; depois pomos o vinho; o vinho novo que tem de ser encetado para o São Martinho. Depois, em terceiro lugar, vêm os chouriços e outros derivados do porco... Hoje a ordem dos produtos pode ser bem outra, e as castanhas irem logo do vinho ou dos chouriços... mas sabido é que a alteração da ordem não altera o resultado final do produto: festa rachada apta para todas as idades, e demais. Todo sempre acompanhado polo lume que é a alma de tudo o ritual. Isto era sabido pola tia Maria Antónia, Tonhica para os do lugar, mãe solteira ou viuva, na altura não importava muito a diferença no status, na altura o importante era a tradição, a tradição da que se mantinha a comunidade, pois bem a Tonhica apanhava moreias e moreias de castanhas e depois a sua lareira era uma festa, sempre tinha alguém para dar passado a noite.

O Magosto é uma festa que se vive em grupo, o dia próprio, o 11 de Novembro, São Martinho, há-de ser celebrado como é devido, mas o certo é que não só é esse dia. As castanhas juntam à gente do lugar, juntam aos que vivem sós a cear uma noite sim e outra também... hoje assamos na tua lareira e amanhã assamos outra vez na tua para não romper o hábito, todo o mundo é sabido da importância do hábito na cultura tradicional. E o magosto, como qualquer festa que se prece, descontando o Botellón, vem da cultura tradicional. Os vizinhos a cotio não ceavam uns nas casas dos outros, não sem antes ter amargado a comida, e isso neste tempo de preguiça não era fácil que acontecesse; ora bem, neste tempo as castanhas davam a vida às relações; e ainda para mais com aqueles invernos que vinham antes, com as suas noites longas, noites perfeitas para encher de castanhas e contos, e horas para lembrar aos nossos defuntos, os que já ocuparam a sua última morada. Também houve um tempo em que se colocava uma moreinha de castanhas para esses queridos do Além que já partiram antes desse magosto, e pola noite, a cozinha há-de ficar sem vassourar, nunca se sabe quem pode ter entrado ao calor da companha da lareira.

Sim, hoje quero reivindicar o nosso, o que reivindico sempre, o nosso. E o nosso neste tempo são os magostos, e não no Agosto, que diria Antón Reixa na sua poesia. O nosso é o magosto, o nosso e comer castanhas, e depois é claro... emboutar a face, ca ferrugem acumulada nas mãos ou com a roubada aos tições ardidos, e para que mais disfarce se quer! Já só fica liberar-nos um pouquinho falando de peidos de sete estalos; e beber um algo mais de vinho... para isso se encetou, todos a beber polo mesmo jerro ruivo, a... como dizia o conto... a saber uns os segredos dos outros, maneira poética de falar do derrube dos lindes individuais para manter o "eu" da colectividade...
E todas, e eles também, a entonar o velho cantar:

Tia Maria
Tio Manoel
Castanhas assadas
Vinho com mel

E depois o convívio, a escuridão, e tudo o que de bom traz, tudo isso do que os humanos gostam tanto e que cada vez mais difícil fazem que aconteça...

COMENTARIOS:

Xa sabía das argumentacións identitarias (menudo palabro), pero non imaxinaba que alguén puidera pensar dos demáis todo iso con só ler os cativos textos dun foro. Sinto decepcionar os teus simples prexuízos: gústanme algunhas tradicións antigas (pero non todas polo feito de seren antigas: aínda que debo confesar que as gaitas -galegas,

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline.
Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado.
Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os

asturianas, escocesas ou de segovia, que tamén as hai- non as soporto), son urbanita ata a medula, é malo?; coñezo ben eso que damos en chamar España e é un país variado e moi interesante (podes visitalo: coñecerías xente ben divertida); non vou a bodas, non como turrón, nin fago quinielas (porque abomino do azar) e gústame a tortilla de patacas, pero un manxar é unha boa fabada ou uns pappardelle alla lepre en Bologna. Non teño, aínda que che coste crelo, ningún sentimento patriótico, identitario nen nada parecido. Costa crelo, xa sei, pero podes intentalo.
haren (15/11/2006 20:06)

Caro Haren:
Então tu não gostas do "identitário"? Pois olha o que eu posso dizer da tua identidade e do teu identitarismo só com ler os teus textos: galego e espanhol (escolhes escrever em galego e espanhol, em vez de fazê-lo em inglês, a língua global, a língua que percebe qualquer pessoa culta do mundo). Urbanita (não gostas das tradições antigas); espanhol (outra vez, falas com exemplos de Celtas Cortos, Javier Marias e a arqueologia de Sória, elementos cuulturais que ninguêm conhece além os Pirineus)...e seguro que tu não participas em tradições? Não comes "turrón" no Natal? Não achas que a "tortilla de patata" é um manjar exquisito? Nunca botaste uma "quiniela"? Nunca berraste "que se besen, que se besen...!" nunha boda enquanto fumas um charuto...? Perdoa, mas a mim me parece que do que não gostades alguns não é do "identitarismo", senão do "identitarismo dos outros".
suso (15/11/2006 09:34)

O teu escrito é fermoso, Concha. Pero esas interpretacións identitarias (que, coma ves, levan a unha crítica da túa posición ortográfica, para que vexas o radicalismo destas cousas) non me gustan. Teñoo que decir. É bon recordar con nostalxia, un pouco de melancolía o paso do tempo e, sobre todo, esas experiencias persoais interesantes. Pero non porque son nosas, senon porque son túas. E por iso gustan, non porque sexan acervo inmaterial de todos/as nós.
haren (14/11/2006 23:16)

Agradeço as atenções que dais aos meus textos; todas são lidas e consideradas, embora goste mais de umas que de outras. A minha intenção nuca é fazer pensar que umas tradições são superiores a outras; eu o que faço é defender as minhas para o meu espaço, e quando estou noutro lugar participo e defendo as do lugar onde me encontre. A algúm talvez lhe surpreenda saber que eu durante muito tempo cada ano comprei em K-Mart os sacos de chocolatinas para dar aos miúdos de Takoma Park que passarem por minha porta. Também me tocou passear as ruas do bairro, de casa em casa, com a minha filha disfarçada de cabacinho laranja a fazer o "Trick or Treat" e a verdade eram aventuras que nunca esquecerei... Sim talvez as tradições tenham de desaparecer como diz haren, mas o que importa nem é só a tradicção, o que importa são as nossas atitudes ante ela, e essas sim são transmitidas aos que nos seguem, e ademais podemos-las tranmitir em qualquer cultura na que nos toque, ou escolhamos, viver. Um abraço
Concha (14/11/2006 22:06)

Esquecín poñer un título: a decadencia de occidente ou o mito do magosto perdido.
haren (14/11/2006 19:22)

Pois sinto darche malas novas: eso vai desaperecer queras ti ou non. Comerás castañas, pero todas esas fantasías de onte e de hoxe tururí que che vín. Quedará para esa literatura anxelical, costumista, tipo oteropedrayo, de idílicos tempos antergos dos nosos devanceiros, para alivio de profesores universitarios de galego afeitos a esa narración mítica. Tomade castañas e a vivir que son dous días.
haren (14/11/2006 19:18)

Gústame o xeito de como tratas as cousas da nosa terra, Conchinha. Esas vivenças populais das que falas que non ten preço e non poden morrer xamais. Ainda non fun a Montealegre. Mais irei cando os días sexan máis longos. Prometómeo. Os que non poden atacar a beleza, a bondade e a verdade atacan ás persoas. Non che desanimes. Eu estou contigo.
lh+ (14/11/2006 18:20)

No te molestes Haren , cosas del credo cerrado nacionalista: asociaciones de ideas estúpidas. En Galicia todos muy celtas y de izquierdas en Castilla todos malvados y de derechas. Tienen el subconsciente carcomido , se alimentan de mentiras prefabricadas.
tucho (14/11/2006 09:53)

Sempre fachadolid. Convén recordar que Galicia sempre foi feudo da dereita (aínda ten case a metade dos votos). Ollo. Fóra de Galicia, vennos sempre coma uns fachas da ostia. A ver se aprendemos a diferenciar. Porque se non, non seremos celtas cortos, seremos celtas cortitos. Se o de longo vai polo que vai o falocentrismo non distingue ideoloxías.
Nota: hai máis celtas en Soria ca en Lugo, romana por certo, cen por cen.
haren (13/11/2006 21:00)

isso dos "celtas cortos" e os "celtas longos"... está muito bem galuso. Os "curtinhos" esses sou de fachadoliz n'eh. Por certo os lumes do dia 11 manteram a mágia do lume até a noite de Sam Joam, vivam as nossas tradiçons.

espanhois. (05/12/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

gha gha gha...! (13/11/2006 17:40)

Celtas também houvo onde havia castanheiros, meu.
O de "celtas cortos" de Valladolid já o sabia, os "longos" som-che mais ao norte.
galuso (13/11/2006 16:32)

Fiestas de la castaña hai onde hai castiñeiros. Pon en google fiesta de las castañas e verás unha chea deles. A verdade é que non sei se Parla o Buitrago de Loyola son celtas. Pode ser: Celtas cortos son de Valladolid.
haren (12/11/2006 20:49)

haren, em qual lugar de Castela?. Eu sei que existem "maguestus" em Leom e em Astúrias e esses lugares entram dentro da zona peninsular de cultura celta
galuso (12/11/2006 19:44)

En calquera caso, sexa Halloween ou Samaín ou a nai tamén que o fundou concordo co Javier Marías en calificalo de "cretinoide".
harén (12/11/2006 18:16)

Querido Eu:
En castela tamén hai maguestos o é que cres que sólo existe o que ti coñeces?
harén (12/11/2006 18:15)

Segundo me din, algúns lugares do Barbanza era habitual nesta época xogar os nenos con cabazas ocas e deixalas para asustar a outros..isto hai máis de 50 anos. Poden ser os restos da mesma festa? En Irlanda case ninguén fai fogueiras de San Xoán , pero díxome xente do Wde Éire que antes si que se facían..e que é cousa das aldeas..por se é de interese
arzaya (12/11/2006 14:20)

Tucho, que terá a ver o reconhecimento dumha identidade comum com o que tu dis? Nom existe fundamentalismo por reconhecer-se nas mesmas tradiçons com portugal. Olha! mesmo copiarom a falência económica!!!! Aqui também temos baixos salários e emigramos.
Por certo, a planta psiquiatrica está regida desde Madrid.
Galuso (12/11/2006 12:08)

Bem queria incorporar ao debate (o construtivo e não preconceituoso) que eu sou da cidade de Ourense, não de nenhuma aldeia, sempre comemoramos as festas do Magusto, sem problemas e debates, no Montalegre e nunca ouvi falar do Xaín????, concordo plenamente com a Concha, é um costume bom e divertido
Magusto (11/11/2006 23:44)

A nossa tradiçom é uma boa medicina para tanto veneno.
Os galegos somos invencíveis.
Vinseiro (11/11/2006 20:28)

harén , no se enteran , estos fundamentalistas son una fotocopia de Franco en versión galaico-lusa. Y luego me van de izquierdosos y demócratas. Los sacas del discurso de la patria y la raza y se quedan en cueros.
tucho (11/11/2006 17:46)

Galuso ¿en qué planta psiquiátrica estas? porque ese Portugal que tú describes nada tiene que ver con la realidad de muchos portugueses agobiados por los bajos salarios que tienen que emigrar a Europa.
tucho (11/11/2006 17:44)

El magosto es tan antiguo como el fuego y las castañas y se comen en infinidad de sitios. Festa rachada y dejad de una puñetera vez el asunto do noso, da nosa identidade, da Galiza única e invencibles dos nosos devanceiros, de fogar de Breogán e a nai que o fundou. Comed castñas y dejar de tocar las narices.
harén (11/11/2006 00:38)

Tucho, copiarom o magusto, copiarom as sopas de cavalo cansado, copiarom a forma de organizaçom territorial, copiarom a forma de entenderem o mundo, copiarom a psicologia, copiarom os defeitos, copiarom a língua e mesmo copiarom os genes. Nenos, tu tens ideia do que é Portugal para os galegos? Nom? pois é a única Galiza livre que existe na Europa, a única Galiza nom espanhola e polo que se vê desde a tua óptica nom se percebe isso. Porque será?
galuso (10/11/2006 23:17)

Pois si que ten morro o tucho este, en castela non hai magostos como lle vai ninguien roubar nada, ai... alma cándida... por certo no norte de Portugal hai iguais magostos que aqui, porque esta tradicón, como outras é común, Eh Tucho ti non tes ouvido falar do patrimonio inmaterial... ah, claro tu es casteyanito, que pena...
Eu (10/11/2006 18:48)

Pintoresco de verás lo del magosto portugués. Sí que nos copian cosas de los gallegos , ustedes.

tucho (10/11/2006 17:28)

...é questom de língua, nom pomos em questom a festa.
galuso (10/11/2006 16:11)

Os lusistas gostamos da celebraçom que todos os povos celtas levamos a cabo no mês dos mortos, o que acontece que nós nom lhe devemos chamar nem HALLOWEEN nem SAMHAIN porque as duas palavras som de fora da Galiza e do nosso idioma. Nós gostamos dessa festa mas o nome correcto é o de MAGUSTO. Gostamos dos cabaços e gostamos de metermos-lhe medo à gente com ela como se forem crânios dos nossos inimigos, mas gostamos também das castanhas e tudo o que o MAGUSTO traz consigo.
galuso (10/11/2006 16:10)

Trata-se de isso. Reinindicar o nosso, sempre o nosso. Cada día com mais força. Uma alegría o teu artigo. Parabéns.
Vinseiro (09/11/2006 22:12)

Artígo luminoso o que recomenda Pepiño Greelo (09/11/2006 19:40). Grazas.
Comba Garcia Aldao (09/11/2006 21:47)

Tou co dia dos lapsus onde digo J Barrosso refiro a José Manuel Barbosa, e isto último ven a conto de... http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=1659
Pepiño Greelo (09/11/2006 19:40)

O pior do q acontece con esto é que a pouco q pescudemos, decobrimos pq foi proscrita esta celebración... q vos conten os q padeceron as campañas de evangelización de acción católica das primeiras decadas do franquismo. Ao que moito perdurou nalgunhas aldeas como cousas de rapaces e isto só na vespera de santos! a ver se nos enteramos dunha vez... logoestan os magostos en novembro e como se pretenderamos chamarlle entroido a candeloria/candelaria... cando posiblemente tm partan dunha mesma orixe. O Resines defendendo cine español e atacndo o helloween, mui ben, e xa de paso (como o pasado ano) Antena3 falando ao final do parte da celebración del halloween en Galicia como complemento de clases de inglés en un instituto de La Coru...resistimos coa revitalización dun vello costume e Trash! Xa nos saen o J Barrosso e a Concha, sumandose (quero supor q sen querelo) ao bando equivocado.
Pepiño Greelo (09/11/2006 19:34)

Especialistas en ter 4 millóns de ideas sobre o mesmo (1 por persoa), e claro, ao final non se celebra nin a de máis aló nin a de máis acó. Hai moitas Galizas, en cada sitio había costumbres ás veces similares, iguais e ou moi diferentes. Hoxe en día iso non ten sentido (polo diferente modo en que está estruturada a sociedade), é máis adecuado facer grupo e "acordar" qué nos apetece facer no futuro, sempre como evolución do pasado, claro.
Eu, hoxe xa non teño aldea (a tiven sí), a familia vive entre A Coruña, Vigo, Ourense, ... ¿facer un magosto ao carón do lume? ¿qué lume? ¿onde? ¿con quén? ¿cos meus veciños de piso aos que apenas coñezo de un ano?
E seguiremos así, nun colexio público asará castañas, noutro sitio farán bicicletas con cabazos e no mesón de turno beberán viño a esgalla (como xa fan todos os días). Ufff, moi complicado sí, pero poderíamos poñernos dacordo por unha vez, ¿ou iso tamén é algo irrenunciable da nosa idiosincrasia? (a este pasoserá o único q nos quede)
birnarem (09/11/2006 18:43)

Caro Ailaleloailalalo:
Estou absolutmente certo de que nas tua comarca se comeu sempre sopa de cabaço...mas não me ireis dizer que a esso se lhe chamava Xaun? Pergunta aos teus avós como é que se chamava isso. Aposto 20 castanhas a que che diram que "eram cousas que se faziam pola época de Santos..."
O Samhain é como lhe camam os irlandeses ao Halloween. Halloween quer dizer, literalmente, em inglês, "véspera de Santos" e a essa festa cristã, mas cheia de elementos celtas, os irlandeses lhe dizem Samhain. Isto é, na Irlanda e na Galiza antigas houve uma festa pagã que se denominava Samhain; a festa foi cristianizada e na Galiza se converteu nas celebrações de Santos, enquanto na Irlanda se conveteu no Samhain/Haloween. Posteriormente, a festa se estragou nos Estados Unidos. Para celebrar o autêntico Samhain celta há que creer na comunicação cos mortos, ser politeista e fazer algum que outro sacrifício humano; qualquer outra cousa é celebrar Santos sob um nome raro.
suso (09/11/2006 18:38)

Eu queria fazer uma aclaração porque já vejo a algum colher por onde não é... Eu não gosto de que se confundam os termos, e quero dizer que só por eu usar a ortografia histórica da nossa língua, ou internacional, como preferir cada quem chamá-la, se tenha que aplicar o meu modo de pensar a todo o pessoal reintegracionista. Eu não represento a todos os reintegracionistas, nem a todos os nacionalistas, nem a todos os anti-espanholistas, nem a todas as mulheres, nem a todos os anti-madri-clube-de-futebol... embora coincida com todos eles em algo... Eu represento-me a mim própria, e nem sempre muito bem.
A Farto queria dizer uma cousa só: (aparte do dito antes) desculpa se achas que eu

ofendi qualquer manifestação cultural própria deste tempo e deste país na que tu participas, nada mas afastado da minha vontade. Queria eu é que nós contasses como celebrais os do teu lugar esta época de Santos, mas nunca ofender-te, nem a ti nem a ninguém deste nosso país.
Concha (09/11/2006 18:19)

Concordo com a reflexão do Suso e com isso do Halloween da nossa língua.
Sei lá (09/11/2006 18:06)

...? pergunto (verbo do anteriormente exposto)
Pepiño Greelo (09/11/2006 17:35)

reinventar?
ti si que reinventas...ou rebentas ideas que existen na nosa nazón dende hai centos de anos, cicáis miles...o xahún celebrouse na GZ ininterrompidamente até os anos 50 e diso lémbrase minha nai que era nena daquela.
que fas aqui, conchinha?...que sabedoría desbordan os teus artigos?. fica co teu cochinho, trosma ignorante e lavao con Vernel.
Nós comeremos sopa de cabazo o 31 de outobro denantes de fincarlhe o dente ao cocho.
Ignorar cousas é de ignorantes, pero a este tipo de "antropoloxía" de carreiro dos "articulistas" de Vieiros xa estamos afeitos, por desgraza, que o Xahún nos protexa.
halloween non é xahún, conchinha, alporízate por outros costumes importados da meseta e máis letais e despois nolo contas, si?
ailaleloailalalo (09/11/2006 17:32)

Porqué 1º de maio e non San José Obrero? E que hai xente que cehega a limites insospeitados co seu papismo. Os Maios galegos recollen moitos elementos propios do beltaine mas, xa temos os maios, mais tamén noutras celebracións, sobre todo relixiosas hai elementos que temén deriban desta tradición "Cruz de Maio" e non se celebran na mesma data. Os magostos teñen elementos propios do Samhain, mais non todos teñen calacús ou caliberas de melón nin se celebran estrictamente na ultima noite de outubro... logo a q carallo andamos? Se os q recuperaron e pretenden reivindicar a festa a chamaron Samaín deberian proscribir o termino chouteira polo de jota e aplicarse o conto na negación do evoluir cultural.
Pepiño Greelo (09/11/2006 17:32)

CAMPONÊS "1-Aos lusistas non lles gusta o Samhain..." CAMPONÊS 2: "-Pero ghústanlles as ´batatas ´...!"
Trecho castelhano (09/11/2006 13:44)

Pois na miña familia faise,asi que non vexo qué carallo é o que reinvento.
Farto (09/11/2006 13:37)

Reinventar nom mas redescobrir. Obrigado transmissora.
sacho (09/11/2006 12:51)

Concordo Concha: não é preciso inventar mais nada ... já está tudo inventado. Parabéns pela tua lucidez. Continua. Um beijo.
NeoGal (09/11/2006 10:53)

A ortografia histórica, própria do galego, nas que se escriviram as cantigas, é a de toda a vida. Os portugueses continuam a usá-la, com apenas um par de mudanças como escrever -ão em vez de -om e -nh em vez de -nn. Essa ortografía é o magosto. A ortografia calcada do espanhol, inventada a finais do XIX, isto é, antontem, e feita "oficial" em 1986 ou por ai....é o HALLOWEEN da nossa língua.
suso (09/11/2006 10:35)

Mira quen foi falar de ortografía, que escribe o Samaín dunha forma absurda e inventada: ou respectamos a escrita Samhain ou adaptamos a súa pronuncia: Xahun.
http://www.fillos.org/galicia/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=570
Casdeiro (09/11/2006 10:33)

Non temos que reinventar ren.O Samaí témolo aí.Ata agora non se falaba del na tele,iso é todo.Vaia,vaia...así que ¨reinventar¨ cousas non...pero a ortografía do século XII xa si...interesante...aos reintegratas non lles gusta o samaín.¿Demasiado nórdico e pouco compatible con Portugal,se cadra?Nós a comer castañas e a pillarnos cheas,que é o noso...
Farto (09/11/2006 10:09)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen

as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois.

Un artigo de: **Concha Rousia**
[05/12/2006]

Sim, eu sou a primeira surpreendida, mas assim é mesmo, e é assim que deve ser expressado. A Constitución garante a igualdade de direitos a todos os espanhois. E para (de)mostrar a veracidade desta afirmação, indiscutível (discuti-la poderia até ser considerado anti-constitucional) vou analisar uns exemplos, um manhuzinho de situações nas que se vê que a máxima é exacta.

1.- Afirmação geral:

Todos os espanhois têm garantido o seu direito a um desenvolvimento pleno da sua vida, em todas e cada uma das diferêntes facetas, na sua língua. Numerosos artigos e parágrafos da Constitución assim o dispõem.

2.- Afirmações parciais:

A.- Todos os espanhois têm garantido o direito a ser escolarizados na sua língua.

B.- Todos os espanhois têm deireito a desempenhar um trabalho digno na sua língua, e têm direito a disfrutar de actividades de lazer (como por exemplo ir ao cinema), também na sua língua.

C.- Todas as mulheres espanholas que decidam ter filhos ou filhas têm garantia de que durante o parto vão ser atendidas, acalmadas, e até animadas... na sua língua, ao igual que serão atendidas e guiadas na sua língua ao longo do periodo de gestação. Sim, nesse momento de stress, no parto, sem dúvida o momento de maior tensão física e emocional na vida da mulher, esta tem garantia de que os profissionais que curam dela a vão entender, compreender, e tratar com palavras familiares. Ao mesmo tempo que têm a garantia de que quando o seu meninho naça, quando tenha que sair do ventre materno, vai ser recebido na sua língua mãe.

D.- Todos os espanhois, independentemente de raça, religião, idade, ou orientação sexual, têm direito a ser julgados polos seus actos na sua língua, e também têm direito a um avogado ou avogada que os defenda -e se carecerem de recursos ecónomicos para pagá-lo ser-lhes-á outorgado de ofício-, que também os defenderá na sua língua.

E.- Todos os espanhois têm garantido o direito a atender serviços religiosos na sua língua; assim, todos os espanhois que professem algum credo, têm garantido o direito de que serão despedidos na sua útima viagem para o Além, na sua língua.

Poderia seguir e seguir, mas acho que é suficiente para concluir que, com efeito, a premisa que dá título a este pequeno artigo é certa:

Todos os espanhois têm garantida a igualdade de direitos. O problema é só para galegos, catalães e bascos, porque a verdade é que todos os espanhois, e só os espanhois, têm, por obra e graça da Constitución, garantida a igualdade de direitos.

A questão que de aqui se deriva é: até quando, e porque razão, vamos nós, galegos, catalães e bascos, ter que tolerar ser tratados de forma desigual e discriminatória.

FIM

COMENTARIOS:

Hai 48 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois.

Un artigo de: **Concha Rousia**
[05/12/2006]

Sim, eu sou a primeira surpreendida, mas assim é mesmo, e é assim que deve ser expressado. A Constitución garante a igualdade de direitos a todos os espanhois. E para (de)mostrar a veracidade desta afirmação, indiscutível (discuti-la poderia até ser considerado anti-constitucional) vou analisar uns exemplos, um manhuzinho de situações nas que se vê que a máxima é exacta.

1.- Afirmação geral:

Todos os espanhois têm garantido o seu direito a um desenvolvimento pleno da sua vida, em todas e cada uma das diferêntes facetas, na sua língua. Numerosos artigos e parágrafos da Constitución assim o dispõem.

2.- Afirmações parciais:

A.- Todos os espanhois têm garantido o direito a ser escolarizados na sua língua.

B.- Todos os espanhois têm deireito a desempenhar um trabalho digno na sua língua, e têm direito a disfrutar de actividades de lazer (como por exemplo ir ao cinema), também na sua língua.

C.- Todas as mulheres espanholas que decidam ter filhos ou filhas têm garantia de que durante o parto vão ser atendidas, acalmadas, e até animadas... na sua língua, ao igual que serão atendidas e guiadas na sua língua ao longo do periodo de gestação. Sim, nesse momento de stress, no parto, sem dúvida o momento de maior tensão física e emocional na vida da mulher, esta tem garantia de que os profissionais que curam dela a vão entender, compreender, e tratar com palavras familiares. Ao mesmo tempo que têm a garantia de que quando o seu meninho naça, quando tenha que sair do ventre materno, vai ser recebido na sua língua mãe.

D.- Todos os espanhois, independentemente de raça, religião, idade, ou orientação sexual, têm direito a ser julgados polos seus actos na sua língua, e também têm direito a um avogado ou avogada que os defenda -e se carecerem de recursos ecónomicos para pagá-lo ser-lhes-á outorgado de ofício-, que também os defenderá na sua língua.

E.- Todos os espanhois têm garantido o direito a atender serviços religiosos na sua língua; assim, todos os espanhois que professem algum credo, têm garantido o direito de que serão despedidos na sua útima viagem para o Além, na sua língua.

Poderia seguir e seguir, mas acho que é suficiente para concluir que, com efeito, a premisa que dá título a este pequeno artigo é certa:

Todos os espanhois têm garantida a igualdade de direitos. O problema é só para galegos, catalães e bascos, porque a verdade é que todos os espanhois, e só os espanhois, têm, por obra e graça da Constitución, garantida a igualdade de direitos.

A questão que de aqui se deriva é: até quando, e porque razão, vamos nós, galegos, catalães e bascos, ter que tolerar ser tratados de forma desigual e discriminatória.

FIM

COMENTARIOS:

A JEAN: Não, acho que não concordamos. Para um(a) trabalhador/a na função pública, estar obrigado/a a utilizar uma língua não

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

conculca a sua "liberdade" (que parece que confundes com "direitos"). Este dever é paralelo ao dever de atender adequadamente ou de emitir uma Certidão se solicitada. Mais nada. Já que infelizmente existe o Estado, este é determinante.
// A Aleutiano: Eu não tenho que "responder" a nada, não sou o autor do artigo. Faz tu próprio o trabalho. Lê a "Constitución Española" e interpreta-a. O que diz Concha é que, se os galegos somos "espanhóis", que se note na aplicação da "igualdade de direitos".
Celso (09/12/2006 16:15)

Obrigada amigos e amigas polos vossos comentários, já to abaixo assim que não direi muito mais... Reitero cada uma das palavras que já dizem. Abraços
Concha (07/12/2006 18:40)

Claro e polêmico, siga assim, precisamos de você.
Sacho (07/12/2006 16:54)

Cara Jean:
Tens toda a razão do mundo...as liberdades individuais são o mais importante. Eu quero que se respete a minha liberdade individual e quando estar em Madrid (a capital do meu Estado) poder dirigir-me a qualquer funcionário do Estado em Galego e que me atenda (por suposto, que me atenda na língua que queira, espanhol, galego, catalám...) Tamém quero poder fazer a Declaración de la Renta em Arameu, que é uma língua mui bonita, nada menos que a que utilizava o Nosso Senhor Jesus-Cristo...ou é que alguém vai coutar o meu direito individual, sobretudo depois do trabalho que levei a aprendé-la? E tamém quero guiar o carro pola esquerda, como os ingleses, que é mui chic, e tomar o sol em bolas no verao na Praça do Obradoiro, como umha senhora meses atrás, sem que a policia tente eliminar os meus direitos individuais. Vivam a liberdade e os direitos individuais...! Abaixo os idiomas oficiais...!
Xan das Bolas em Madrid (07/12/2006 13:57)

Agora ben...unha vez establecido este criterio político-xurídico de excepción, opino que nunha sociedade plenamente normalizada onde "convivan" dúas linguas (esto tal vez sexa unha utopía)...ao que ía, débese pensar que, nunha sociedade política plenamente democrática as obrigas deste tipo implican sempre socavar dereitos e liberdades do individuo. Por moi obxectivizadas que teñamos as institucións estas están compostas por suxeitos, por cidadáns que desempeñan a súa función. Que os membros do funcionariado se deben aos cidadáns e representa órganos administrativos, non así mesmos, é evidente...agora, penso, esto é relativo, que teñen un núcleo irreductible de dereitos e liberdades...se tal é como se expresan moitos "intelectuais" da orbe "cultureta" galega, mesmo a que suscribe o artigo, o dereito lingüístico esta na esfera dos dereitos máis personalísimos, é incuestionable que tales leis poderían caracterizarse como inxustas (o xusto e o legal non sempre van da man).
JEAN (07/12/2006 13:12)

Caro Andrés:
Xa o supunha, cas ganas que che tenho de pasarme a hortografia RAG e ningem me revate as hafirmazions esas...enfin, terei que siguir a escribir en lusista..Sen ambargo, como nom me gusta parezer un maestro frankista, de vez en quando boi a hescrivir algun testo en RAG, para que se vexa que teño buen talante. Y ya de paso, boi a preocuparme pouco pola hortografia, para non parecer un esnob sin cultura. Ou si quadra resulta que non, a ortografia non importa, bueno, a çunica que importa e a do español...
Suso (07/12/2006 12:46)

Prezado Celso...dende logo que focalizo os dereitos lingüísiticos dende a súa dimensión individual. O porque é evidente, os dereitos individuais priman por encima dos colectivos...esto é tan esencial na democracia como o dereito ao sufraxio. A liberdade dun pobo comeza pola liberdade do individuo e non ao revés. Seguramente opinemos o mesmo, non sei. Agora ben, ti falasme das institucións. Certamente, concordo contigo de que as leis poden (e fano formalmente pero non materialmente) "obrigar" ao funcionario a dirixirse no desempeño da súa función na lingua propia do administrado se esta é unha das oficiais. A miña consideración personal respecto a esto é un tanto ambigua. Creo que é preciso nunha socieade coma nosa que non está plenamente

normalizada...un xeito de discriminación positiva que non minorice "culturalmente"ao galego falante (segue arriba)
JEAN (07/12/2006 12:38)

prezado Celso: unha vez máis dis moitas cousas, pero non respondes a nada. Podes indicarme en que parte da constitución se afirma iso que Concha Rousia pretende que se afirma??
Aleutiano (07/12/2006 12:16)

Caro Suso:A ortografía tanto ten.Paréceme unha teima de xente con mentalidade de mestres represores franquistas,ou se cadra esnobs sen cultura.A min non me importaría reformar un cacho a ortografía do galego.O importante é defender a nosa lingua e a nosa cultura(Na que os lusistas son algo totalmente superficial)
Andrés Barbeito (07/12/2006 11:57)

ANDRES BARBEITO: Anda vai arar!, que de letras sabes pouco... Por certo ontem se celebrou a CONSTITUCION ESPAÑOLA, A BANDEIRA ESPAÑOLA, E agora tu vés a nos lembrar que tamém existe umha maldita ORTOGRAFIA ESPAñOLA (AS TRÊS PA TI!)
Galiza Nunca EspaÑola (07/12/2006 10:59)

ANDRES BARBEITO: Anda vai arar!, que de letras sabes pouco... Por certo ontem se celebrou a CONSTITUCION ESPAÑOLA, A BANDEIRA ESPAÑOLA, E agora tu vés a nos lembrar que tamém existe uma maldita ORTOGRAFIA ESPANHOLA (AS TRÊS PA TI!)
Galiza Nunca EspaÑola (07/12/2006 10:58)

Caro Andres Barbeito:
A tua mensagem não se entende bem, pois a maioria dos lusistas já vivem na Galiza. Suponho que o que realmente querias dizer é que deveriam viver noutro sítio, não sei....
Ora, por favor, desde a tua superioridade intelectual, poderias explicar-me por qué caralho o Galego, que é uma língua e não um dialecto, deve ser escrita com ortografia castelhana igual que o guaraní...? Se alguém me da razões convincentes e sérias de que :
1) A ortografia RAG do galego não coincide plenamente (digamos num 99%)com a castelhana (melhor dito, com a variante mexicana da ortografia castelhana, que também usa o "x" como por exemplo em "Xochimilco"
2) A ortografia do galego coincide com a castelhana, pero isto é uma casualidade que acontece muito a miude, temos vários exemplos de línguas independentes que chegaram á mesma ortografia, por exemplo....
Digo, se alguém me da argumentos convincentes, prometo que me passo á ortografia RAG.
suso (07/12/2006 10:47)

LUSISTAS:MILLOR SERIA QUE VOS VIVERADES EN GALIZA.(A pedantería dos lusistas é só comparable a súa insignificancia intelectual)
Andrés Barbeito (07/12/2006 10:18)

Gostei muito do que disse abaixo **harizti** "... portanto quen usa portugués nunha web galega no utiliza outra lingua distinta e si outro estándar distinto. ..." Perfeito. Parabéns à Concha pela lucidez e militância. **A Galiza vive em nós.**
NeoGal (06/12/2006 22:08)

Por certo,o artigo gustoume.É un exercicio de política-ficción ben paveiro.O triste é que no caso do nacionalismo español,co castelán, é unha realidade,porque os nacionalistas españois non entenden o significado de sacrificio ou diálogo.Que llo pregunten a Múgica...
Andrés Barbeito (06/12/2006 19:18)

Andrés : unha lingua só é un "dialecto con sorte" e existe a noción de colingüismo na Europa moderna... Non é mao ser un dialecto. É moi pior ser como alguns deste foro.
María (06/12/2006 18:21)

Harizti:O galego é unha lingua,non un dialecto.Isto está recoñecido a nivel internacional.Non hai universidade no mundo que diga outra cousa,como moito algún departamento dalgunha facultade.
Andrés Barbeito (06/12/2006 17:27)

Al señór "Jiménez Losántos" sólo le kiéro rekordár lo ke repíte kon aziérto el soziolinguísta António Gíl: El estádo español nó lejísla sobre ortografía. La ofizialidád de úna "léngua" no signifíka ni la

ofizialidád de úna fórma eskríta ni la ilegalidád de ótras. La norma eskríta gayéga de la RAG és sólo de enseñánza "obligatória" (pero nó "esklusíba") i de úso por las instituziónes (pero tampóko "esklusíba"). Nó ái náda en la Konstituzión ni en el Estatúto ke impída la ekuazión de igualdád gayégo=portugés, de derécho i de écho. Ése ostákulo sólo está en la boluntád polítika del podér español.
Celso (06/12/2006 15:42)

Aleutiano: Com efeito, quanto à teórica defesa de certos direitos, a "Constitución Española" (C.E.) é um bom texto. Mas, como levamos visto 30 anos, é um conto de fadas. O novo Estatut de Catalunya vai muito mais longe na ampliação dos direitos e no papel da Generalitat na sua preservação, e curiosamente foi chamado "intervencionista" polos mesmos que gostam da C.E. A trapaça de tudo isto é que se demonstrou que, para o que não interessa cumprir, a C.E. é incumprível. Quer dizer: os diversos governos espanhóis levam fazendo políticas patentemente ANTICONSTITUCIONAIS (vivenda, política laboral e social, políticas cultural e linguística) desde há décadas. Isto foi denunciado por Julio Anguita há alguns anos e a parafernália propagandística de España quase o chamou terrorista, dizendo que Anguita "ameaçava" com pedir a República (ameaçar com pedir???). Eu sempre digo, a sério: leia-se com atenção a C.E., que é a lei superior que nos submete. Saúde!
Celso (06/12/2006 15:27)

As (veementes) mensagens de JEAN, que demonstra um útil conhecimento jurídico para falarmos destas cousas, focam-se nos direitos linguísticos individuais, enquanto acho que o artigo de Concha destaca os deveres linguísticos das instituições. Eu NÃO defendo o dever dos CIDADÃOS/ÃS de saberem QUALQUER língua, fique claro. Isto é um absurdo jurídico. Mas, já que existem o Estado e as leis, estes devem garantir o exercício dos direitos linguísticos colectivos e individuais. E as constituições, estatutos e outras regulações e normativas podem perfeitamente regular o DEVER DAS ADMINISTRAÇÕES de atenderem os/as administrados/as na língua da sua eleição, e até sobre a PREFERÊNCIA no uso inicial de uma dada língua (o português/galego na Galiza, o catalão na Catalunha, por exemplo). A proposta de obrigatoriedade de conhecer o galego no novo Estatuto da Galiza é um absurdo para compensar o outro absurdo da "Constitución Española". Opino.
Celso (06/12/2006 15:14)

No entiendo su desazón , Vinsero. Su empeño en destruír el gallego en favor del portugués está dando sus frutos.
Federico Jiménez Losantos (06/12/2006 11:11)

Parabéns polo artigo.
Un saúdo.
xo (06/12/2006 10:55)

Só tres alunos matriculados em Filologia Galega na Universidade de Vigo no curso 2006 - 2007.
Sobram certos comentarios.
Vinseiro (06/12/2006 10:17)

Esta tal Concha está como una regadera , se nota que vive en su microuniverso y apenas tiene contacto con la realidad. Sus artículos ombliguistas así nos lo demuestran. Con espíritus cansinos como el de la ínclita escritora sólo se puede caer en la desesperanza.
Federico Jiménez Losantos (06/12/2006 10:08)

Como sempre, os artigos desta columnista rozan o delirio. Alguén pode explicarme en que parte da constitución española se di isto??
"1.- Afirmação geral:
Todos os espanhois têm garantido o seu direito a um desenvolvimento pleno da sua vida, em todas e cada uma das diferêntes facetas, na sua língua. Numerosos artigos e parágrafos da Constitución assim o dispõem."
Aleutiano (06/12/2006 10:01)

A cousa é muito singela. A viver em galego, sentir em galego, etc.. e o mais importante pensar em galego. A nossa experiência vital em galego.
Como sempre parabéns.
Vinseiro (05/12/2006 22:17)

Quizais Federico descoñece que galego e portugués son dúas variantes dunha mesma lingua. Sei que hai moita xente que non gusta desta afirmación, mais mentres a Romanística non cambie de idea é o que hai, portanto quen usa portugués nunha web galega no utiliza outra lingua distinta e si outro estándar distinto. Por certo, as reclamacións encoméndenas ás universidades.
harizti (05/12/2006 19:11)

não somos espanhóis, e por isso somos cidadãos de segunda classe. Jean, estás a fazer o ridículo: é o espanhol o que tem centos de leis que obrigam o seu conhecimento e uso, os galegos estão obrigados a saber espanhol, como tens a consciência por isso?
Mais um outro (05/12/2006 18:37)

Pues , eso Navieguete , trabaje mañana , cosa que no hace el resto del año.
Federico Jiménez Losantos (05/12/2006 18:33)

Que agardamos da "Prostitución Española" ???
Manhá é um día de trabalho nas nossa Terra !!!
Eonaviego (05/12/2006 18:31)

Pero vamos a ver , Harizti , si se usa el portugués en esta web , también estoy en mi derecho de usar el castellano , idioma oficial de Galicia , oficialidad de la que el portugués carece.
Federico Jiménez Losantos (05/12/2006 18:26)

O tal Federico Jiménez Losantos pode dicir o que queira do galego e mesmo acordarse da nai de todos os nacionalistas galegos, etc. O que non entendo é que nunha web galega (e non "gallega") use o castelán. Se alguén pensa que isto é discriminación que probe, coma min, a usar o galego en webs españolas e vexa como non discriminan o uso doutras linguas.
harizti (05/12/2006 17:48)

Quero expresar clara unha cousa...o problema do galego non deriva dos diversas normas xurídicas que lle dan cobertura...baixo o meu punto de vista, ata son excesivas, porque chegaría (se a doutrina do tribunal constitucional o permitira) con que tivera a mesma consideración que o castelán: dereito de usalo e deber de coñecelo...en Galiza, ata agora, non hai un deber de coñecelo. O problema do galego é un problema de conciencia, individual e colectiva...todos sabemos de que falo. Facer un abuso do "saber e coñecer o galego" a través de mensaxes tendenciosas como este artigo socavan a proxección social do galego, creando fendas insalvables. Porque o galego pertencenos a todos, como pobo, pero sobre todo como cidadáns...sexamos de esquerdas ou dereitas, galeguistas ou españolista, nacionalistas galegos ou españois.Nada pode limitar o uso do galego, pero ninguén ten o dereito de impoñelo;unha cousa e o deber de coñecelo e outra ben distinta é a obriga de falalo.Cada que coa súa conc
JEAN (05/12/2006 17:43)

Que yo sepa , el portugués no figura en la Constitución Española.
Federico Jiménez Losantos (05/12/2006 17:34)

Outro aspecto que quixera manifestar é o referido á xustiza (fundamentalmente polo que me toca). Estou dacordo en que en Galiza, o tema lingüístico na administración de xustiza e, dende logo, no poder xudicial, é crítico. O uso do galego é minoritario, aínda cando a administración (que non o poder xudicial) depende da Comunidade Autónoma. Certamente permítese utilizar o galego na sala e tamén nos diversos documentos xudiciais, pero as trabas seguen a ser moi importantes. Creo que este si pode ser un posible centro de esixencia e rehivindicación. Non se trata de que o xuíz ou as diversas partes falen galego, senón que permitan libremente utilizalo en tódolos intres do proceso, dende a iniciaciónata a vista oral e o dereito a recibir sentenza na nosa lingua. Esto non sucede acotío e creo que, sendo prácticos, debemos cambialo.
JEAN (05/12/2006 17:33)

Es usted una de mis columnistas preferidas. Siga así , no hace más que darme motivos para poner en solfa en mi programa de radio las ensoñaciones fanáticas de ese nuevo pelaje de nacionalistos galaico-portugueses que usted tan fidedignamente representa.
Federico Jiménez Losantos (05/12/2006 17:28)

Ben prezado Aristarco...dende logo. Agora ben, outra cousa ben distinta e que a min en Cuenca me entendan o que digo. Eu falo o que quero, onde quero e como quero (cos límites propios da liberdade de expresión, sexa non vulnerar o dereito á intimidade e ao honor)...son libre para facelo, agora ben, outra cousa ben distinta é que o meu interlocutor me entenda ou non. Aquí, ata agora, case todos, sexamos monolingües en galego ou non (eu sono), entendemos o castelán. A min non me ofende que alguén me fale en castelán,...foderiame ben que me negara a palabra por falarlle eu en galego, aparte de fascista demostraría ser o paisano/a un ignorante funcional e, dende logo, denunciaria a un funcionario que desempeñara a súa función en Galiza se non me atendera por falarlle galego.
JEAN (05/12/2006 17:26)

Concha coma sempre, tí tan condescendente coa xente, permiténdolles opinhar e non como fan outros que falan e falan e ninguén falhes sombra. Parabens.
lh+ (05/12/2006 16:14)

JEAN, tu em Cuenca também aplicas assim o da "liberdade individual de expresarse na lingua que un desexe, sexa galego, castelán ou mandarín..."?
Aristarco (05/12/2006 14:56)

Xosé, as estatisticas ai estam: o galego recua e a este ritmo nom vai haver mais galego na Galiza em 100 anos... Compre ponher-se um "pouco rabudo" com isto. Hai q fazer um esforzo real para salva-lo...
Xan (05/12/2006 13:45)

JEAN, para mim o texto de Concha tanto faz, mas ti leste-lo sequer?
David Paz (05/12/2006 12:54)

P.D. o comezo da mensaxe tan agresivo, responde a unha idea clara...a dignidade da persona non se determina pola lingua na que se expresa...senón polos propios feitos da súa vida reflexo dos valores e do respeto a liberdade dos demais. Ningún asasino e ningún maltratador é máis digno por falar galego, ao igual que ningún médico ou cura e máis indigno por expresarse en castelán.
JEAN (05/12/2006 11:56)

Crieime nunha casa galego-falante, milito no nacionalismo, penso que toda a miña vida se vai desenvolver en galego mentras viva na Galiza, a meirande parte das mestras dos meus fillos falan galego, o meu médico fálame en galego, o cura do noso lugar (disque) predica en galego, (ainda que o resto da misa é en castelán), no meu traballo uso o galego sempre (e traballo no sector privado). Malia a todo, as cousas deben ainda mellorar. Pero hai que recoñecer quen nunca na historia o galego tivo mellores armas legais para garantir a súa pervivencia. Por eso non sei a que ven este artigo tan tremendista.
P.D.: O que sí non me gostaría moito é que a diglosia que tanto rexeitamos no pasado acabemos fomentandoa nós no futuro. Que cada un poida falar no que lle pete, sempre que se faga entender. Eu teño claro en vou falar sempre, pero paréceme moi autoritario esixirlle a alguén que renuncie ós seus dereitos lingüisticos para que atenda os meus.
Xosé (05/12/2006 11:52)

(final da mensaxe)Respecto dos funcionarios (o dos curas que sepa eu non o regula o Estado, se vostede é católica vaia falar con Rouco), certamente están na obriga de coñecela lingua patria, cuestión que a doutrina constitucional ata agora non obriga e sen embargo a diversa lexislación galega en materia de funcionariado autonómico establece como imprescindible. Agora ben, coñecela só implica entender ao interlocutor que se expresa en galego, non implica ter que expresarse obligatoriamente en galego. Baixo o meu punto de vista, un médico, un secretario de concellos, etc pode expresarse na lingua oficial que lle pete. Agora ben, a excepción do profesorado é evidente, sobre todo nos primeiros anos de ensinanza...tal vez sexa a única excepción posible no campo do dereito, pero tamén no campo da propia ética.
JEAN (05/12/2006 11:52)

(continuación da anterior mensaxe) non exclusivamente de dereito. O dereito a usar a lingua non se superpon a outros dereitos tal vez

máis esenciais que este, A liberdade de expresión que é un dereito fundamental e recollido no Pacto Internacional de Dereitos Civís e Políticos e na Declaración Universal dos Dereitos Humáns (artigos 19.2 e 19 respectivamente), implica tamén a liberdade individual de expresarse na lingua que un desexe, sexa galego, castelán ou mandarín...quen é vostede para impoñer a outra persona a lingua na que se ten que expresar?acaso os dereitos colectivos prevalecen por encima dos individuais?A democracia non o estima así, os dereitos fundamentais sono respecto do individuo, predicanse del, non do pobo.
JEAN (05/12/2006 11:45)

Todos os asasinos galegos teñen dereito a expresarlle a súa víctima a súa vontade de matala na súa lingua.
Todos os maltratadores teñen dereito a chamarlle puta, pelexa e zorra ao seu cónxuxe na súa lingua (as ostias soan igual en castelán que en galego, euskera ou catalán).
Todos, absolutamente todos, temos dereito a utilizar a nosa lingua, é un dereito esencial, dende logo. Non se pode negar que no Estado español hai certa desigualdade manifesta no propio texto constitucional e nas sentenzas do Tribunal Constitucional en materia lingüística respecto do castelán. Agora ben, artigos tan estúpidos, sectarios e belixerantes coma o seu non van axudar moito a quenes loitamos día a día por normalizar a lingua patria. Pois a lingua é propiedade dun pobo, pero tamén do inviduo, e nel radica a liberdade de usala ou non...o problema do galego é de conciencia non exclusivamente de
JEAN (05/12/2006 11:37)

o problema tera solucion o dia que o castelan deixe de ser oficial na Galiza
lareo (05/12/2006 11:12)

Parabens Concha polo teu magnífico texto.
O problema da constituiçom e que os galegos nom somos espanhóis como dizia o saudoso Guerra da Cal. Os galegos como espanhóis somos de terceira
laura (05/12/2006 11:07)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

O trunfo da Barbárie

Un artigo de: **Concha Rousia**
[04/01/2007]

Venho de ver, não sem horror, que na rede se podem observar por toda a parte vídeos amostrando a agonia duma pessoa. Muitas são as questões que se mexem no meu interior, mas prestarei atenção apenas a algumas delas. A primeira faz referência ao uso da internet para a exposição do corpo da pessoa que foi ajustiçada tal que de uma praça pública se tratasse. Tal como se fazia, por exemplo, na praça do Pão de Compostela em épocas nas que a barbárie era parte da nossa quotidianidade.

A mim resulta-me paradoxal que seja precisamente o avanço técnico o que permita que estes rituais próprios do medievo sejam divulgados da forma que o estão sendo. Nem importa demasiado qual a mão que fez os vídeos nem qual a que os divulga, porque neste mundo globalizado estamos todos no mesmo circo; também é certo que não todos jogamos o mesmo papel, mas nós, ocidentais, somos parte importante na equação, sem nós, sem a nossa participação, isto não se estaria passando; podíamos até afirmar que, se calhar, sem Ocidente talvez nem um individuo como Sadam Hussein teria existido. Ora, as sociedades ocidentais tampouco se podem pôr todas num bloque, eu estou certa de que o impacto destas imagens não é o mesmo, por exemplo, em Europa que nos Estados Unidos.

Eu tento imaginar as conversas entre os americanos, se lá as pessoas falassem destes temas, que é algo pouco, ou nada, habitual; e não dou imaginado horror nos seus rostos ao ver as imagens desses vídeos. Eu, que morei bastantes anos nos Estados Unidos, sempre me vi chocada por um certo rasgo medievalesco no sistema social americano; eu denominava isso "falta de desenvolvimento social"; como se naquele pais, tão avançado em muitos áreas, ficassem parados no que respeita a questões socio-humanas. Nunca pude concluir satisfatoriamente com americanos nenhuma conversa que versasse sobre a pena de morte. Ai percebia-se uma clara divisão entre europeus e estado-unidenses, sem que isto serva para exculpar aos europeus do nosso papel, sem dúvida lamentável, neste circo do mundo.

Acho que estes princípios, ou como se lhe queira chamar, da sociedade estado-unidense, e a era histórica na que se encontra o Iraque fazem que uma cousa tão monstruosa como matar a um ser humano possa parecer que não é um crime contra a humanidade; mas é. Matar calculadamente a um ser humano, quando esse ser humano já não é perigoso para a sociedade na que vive, e ainda que o seja um pouco, é um crime contra a humanidade. Porque a humanidade não é uma questão de quantidade. E os que mataram a Sadam Hussein, que como já disse até certo ponto somos todos, se embruteceram e se converteram em algo similar a o que ele era.

Ademais de tudo o exposto fica a ideia de justiça, ele foi ajustiçado, ele pagou com a máxima pena. Sim, ele pagou, e por conseguinte a mim já não me saem as palavras com as que antes o podia qualificar... assassino cabrão, infame ditador... ou qualquer outra. Como sim lhe posso chamar a Pinochet; e posso desfrutar saboreando as linhas do poema que Mario Benedetti lhe dedica... e até posso desfrutar repetindo seu último verso: "...es um muerto de mierda".
E também posso pensar noutro morto de merda que está enterrado no Valle dos Caidos, ou talvez esteja nesse outro sítio onde se botam as escórias, nem estou certa... E ainda posso também pensar nalgum vivo que um dia morrerá, e que nem chegará a ser "morto de merda" ficando apenas em mortinho de merda seca...
Mas já não poderei chamar isso nunca a Sadam Hussein, porque ele pagou; quando a ele se lhe fez o mesmo do que se lhe acusava, ele pagou. E agora, o que fazer com os verdugos?

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Indesejáveis há em todas as épocas e em todos os regímenes; a diferença radica em como tratá-los. E se com uma pessoa se pode fazer isto, chame-se Sadam Husseim, ou como quer que se chame, este regímen não é melhor do que o regímen que ele defendia; e por conseguinte, é muito triste pensar que realmente com esta morte de Sadam Hussein, seu regímen, seu jeito de tratar com os indesejáveis, trunfou.

COMENTARIOS:

Hai 33 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

O trunfo da Barbárie

Un artigo de: **Concha Rousia**
[04/01/2007]

Venho de ver, não sem horror, que na rede se podem observar por toda a parte vídeos amostrando a agonia duma pessoa. Muitas são as questões que se mexem no meu interior, mas prestarei atenção apenas a algumas delas. A primeira faz referência ao uso da internet para a exposição do corpo da pessoa que foi ajustiçada tal que de uma praça pública se tratasse. Tal como se fazia, por exemplo, na praça do Pão de Compostela em épocas nas que a barbárie era parte da nossa quotidianidade.

A mim resulta-me paradoxal que seja precisamente o avanço técnico o que permita que estes rituais próprios do medievo sejam divulgados da forma que o estão sendo. Nem importa demasiado qual a mão que fez os vídeos nem qual a que os divulga, porque neste mundo globalizado estamos todos no mesmo circo; também é certo que não todos jogamos o mesmo papel, mas nós, ocidentais, somos parte importante na equação, sem nós, sem a nossa participação, isto não se estaria passando; podíamos até afirmar que, se calhar, sem Ocidente talvez nem um individuo como Sadam Hussein teria existido. Ora, as sociedades ocidentais tampouco se podem pôr todas num bloque, eu estou certa de que o impacto destas imagens não é o mesmo, por exemplo, em Europa que nos Estados Unidos.

Eu tento imaginar as conversas entre os americanos, se lá as pessoas falassem destes temas, que é algo pouco, ou nada, habitual; e não dou imaginado horror nos seus rostos ao ver as imagens desses vídeos. Eu, que morei bastantes anos nos Estados Unidos, sempre me vi chocada por um certo rasgo medievalesco no sistema social americano; eu denominava isso "falta de desenvolvimento social"; como se naquele pais, tão avançado em muitos áreas, ficassem parados no que respeita a questões socio-humanas. Nunca pude concluir satisfatoriamente com americanos nenhuma conversa que versasse sobre a pena de morte. Ai percebia-se uma clara divisão entre europeus e estado-unidenses, sem que isto serva para exculpar aos europeus do nosso papel, sem dúvida lamentável, neste circo do mundo.

Acho que estes princípios, ou como se lhe queira chamar, da sociedade estado-unidense, e a era histórica na que se encontra o Iraque fazem que uma cousa tão monstruosa como matar a um ser humano possa parecer que não é um crime contra a humanidade; mas é. Matar calculadamente a um ser humano, quando esse ser humano já não é perigoso para a sociedade na que vive, e ainda que o seja um pouco, é um crime contra a humanidade. Porque a humanidade não é uma questão de quantidade. E os que mataram a Sadam Hussein, que como já disse até certo ponto somos todos, se embruteceram e se converteram em algo similar a o que ele era.

Ademais de tudo o exposto fica a ideia de justiça, ele foi ajustiçado, ele pagou com a máxima pena. Sim, ele pagou, e por conseguinte a mim já não me saem as palavras com as que antes o podia qualificar... assassino cabrão, infame ditador... ou qualquer outra. Como sim lhe posso chamar a Pinochet; e posso desfrutar saboreando as linhas do poema que Mario Benedetti lhe dedica... e até posso desfrutar repetindo seu último verso: "...es um muerto de mierda".
E também posso pensar noutro morto de merda que está enterrado no Valle dos Caidos, ou talvez esteja nesse outro sítio onde se botam as escórias, nem estou certa... E ainda posso também pensar nalgum vivo que um dia morrerá, e que nem chegará a ser "morto de merda" ficando apenas em mortinho de merda seca...
Mas já não poderei chamar isso nunca a Sadam Hussein, porque ele pagou; quando a ele se lhe fez o mesmo do que se lhe acusava, ele pagou. E agora, o que fazer com os verdugos?

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
Eu detesto touradas... (14/02/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

Indesejáveis há em todas as épocas e em todos os regímenes; a diferença radica em como tratá-los. E se com uma pessoa se pode fazer isto, chame-se Sadam Husseim, ou como quer que se chame, este regímen não é melhor do que o regímen que ele defendia; e por conseguinte, é muito triste pensar que realmente com esta morte de Sadam Hussein, seu regímen, seu jeito de tratar com os indesejáveis, trunfou.

COMENTARIOS:

Husseim foi linchado como nas peliculas de vaqueiros, cando aforcan a un bandoleiro o sheriff e mais os fanaticos veciños. O culpable? O que fixo a foto co seu movil. E que dixo Bush? Habería que matalo ben, coño, matalo ben e non así. E todos contentos. O morto a o hoio e o vivo a Viana do Bolo, digo a o boio.
RIP (13/01/2007 23:19)

ETA cagouna matando inmigrantes pobres dos paises pobres. Si queredes matar, matade ben, a quen ten a culpa, e non a os de sempre os quen non temos culpa. Si estiveramos en USA pensaría que ETA e unha banda pagada polo Goberno, porque o que fai beneficia o Goberno. E non digamo a o Oposición. Menudos militares estades feitos, matando nenos, xente do campo e xente tercermundista. Igualiño que os americons no Irak. Matando o pobo. Ibarretxe teus cans morden de caralho.
mETAno no Q (13/01/2007 23:13)

Pero di por qué, por lo menos, Tucho !
Tucha (11/01/2007 18:45)

No se haga ilusiones Ruxe y deje las cosas como están. Mejor que la ínclita Concha Portugo-Rusia no hable sobre ETA , para vomitar basta con leer el diario GARA o escuchar a Otegui hablando de paz. Lo que piense la señora Portugo-Rusia sobre la ETA mejor que se lo calle.
tucho (11/01/2007 18:36)

Obrigada Celso polo link, iremos lá espreitar... ;)
Saúde
Concha (09/01/2007 11:01)

Concha, no lugar web do programa de notícias independente dos EUA "Democracy Now!", de Amy Goodman (que de novo recomendo a tod@s @s que compreendam inglês) há um colóquio recente sobre o enforcamento de Saddam, "The Hanging of Saddam Hussein: A Roundtable Discussion on International Law, the U.S. Role, the Kurdish Response and the Media's Glossing Over of U.S. Ties to Saddam" ('O enforcamento de Saddam: Uma mesa redonda sobre legislação internacional, o papel dos EUA, a resposta dos curdos, e a representação das ligações EUA-Saddam nos mídia'): http://www.democracynow.org/article.pl?sid=07/01/02/1526255 Tem também a transcrição escrita. As notícias diárias (1 h.) podem ser escutadas em áudio/vídeo ou descarregadas, e também tem "podcasting".
Celso (08/01/2007 20:05)

Qué decepción. Pensei que o artigo iría sobre ETA. Vaia. Outra vez será. Ou non?
ruxe (08/01/2007 16:25)

Celso, estou totalmente de acordo com o que dizes, quando escrevi isso me acordei de ti, é certo. E a generalização eu sei é excessiva. Nas discussões às que me estou a referir com americanos, a mostra era sempre de gente universitária, tanto a dos americanos como a dos europeus, e ai sim havia uma clara diferença nas posturas fronte a pena de morte. Mas esse colectivos de estudantes europeus tampouco reprensenta muita cousa, bem sei... estou de acordo contigo, a mim é que me fazia virar tola ver àqueles estudantes, e professores, defender a pena de morte.
Acho que a generalização, é sim, excesiva.
Obrigada polo teu comentário.
Abraço
concha (08/01/2007 16:01)

Obrigada a todos vós, agradeço os comentários que me obrigam a reflexionar, e considerar meus pontos de vista... os outros, os que atacam a minha ortografia, sinceramente não me dizem nada...

porque só falam de vós e das vossas opiniões.
O de Valle dos Caidos versus Valle de los Caidos... reconheço que foi como um não querer amostrar muito cuidado com essa cousa, tavez não esteja bem de tudo, mas... foi assim mesmo.
O da dupla "dd" amostra o pernicioso do colonialismo mental ao que ficamos submetidos na Galiza com tantos meios espaÑoliZadores a invadir tudo.
Abraço
concha (08/01/2007 15:43)

Concha, obrigado polas tuas reflexões. O curioso é (de novo) que alguma gente se zangue porque OUTR@S te parabenizem.
De resto, generalizas demais sobre a atitude de "os americanos" e "Europa" sobre a pena de morte. Eu também morei vários anos nos EUA, e ali há de tudo. Há que contrastar grupos sociais comparáveis. Pergunta ao galego médio sobre o que se deve fazer com "os da ETA" após um atentado mortal. Essa "Europa" da que pensas que a Galiza faz parte é tão cúmplice como "os EUA" na execução de Saddam. Saúde!
Celso (08/01/2007 14:17)

Fago votos para que umha dobre raçom de tolerância seja servida àqueles que se pensam amos e donos de Galiza começando por aqueles que falam em traiçom. Bem fraco serviço o vosso.
sacho (08/01/2007 10:30)

A ver,síntoo polos señores Luis,parabéns e todolos lusistas traidores a Galiza,pero se Pescanova vai para Portugal é porque respeita menos os dereitos dos traballadores e a natureza,aínda menos,que o Estado Español.Viva a FPG! Viva Galiza Ceibe! Fóra co capitalismo global!
Alfonso Rodríguez (08/01/2007 00:51)

Pescanova melhor em Portugal que em Espanha e melhor na Galiza que en qualquer parte. Parece mentira como se cegan algúns co pais vecinho, até o ponto de brindar porque xente da sua terra fique sem trabalho. Classe intelectualoide que nunca teve que trabalhar. Pásmo-me.
Ao que di que Saddam nom era como Pinochet: ser laico nunca foi razom a menos para ser um genocida. Também nom considero que apoiar a Saddam seja ser mais de esquerdas (ou quem deu apoios ao régimem até que deixou de interessar mais que os USA?)
Vaitisaber (07/01/2007 18:25)

Parabéns e feliz ano novo, que seja fértil em exposiçons e escritos. Melhores votos também aos leitores e que deus traga tolêrancia a quem precisar.
sacho (07/01/2007 17:42)

Sem dúvida. Pescanova melhor em Portugal que na Espanha. Parabéns polo artigo Concha!
Luís (07/01/2007 15:50)

Minha cara Concha: A reflexión muito boa, tudo bem. algúms comentarios fora de contexto coma sempre. Ti non te cortes e segue a dar canha. Umna aperta
celta (07/01/2007 11:29)

Señora Rousia, algo lle quedou da estadía nos EEUU. Se Saddam significa todo iso para vostede e é capaz de equiparalo a Pinochet ou Franco, ou non estudou vostede historia ou é dese esquerdismo conservador que fai parte do xogo imperial, no bando imperial, mesmo. Lea algo sobre a ideoloxía dese líder laico asasinado estes días por Bush.
Asesoría Cultural (06/01/2007 19:16)

Ós fachas españois nin a auga,pero señor parabéns,teño que decir que é vostede un traidor a Galiza(como todos os lusistas).Pescanova fóra das mans do imperialismo portugués ou do imperialismo español.Pescanova para a clase obreira galega.Viva Galiza Ceibe!!
Xan Quindimil (06/01/2007 12:44)

A equipa de Vieiros deveria estar preocupada (ou não, Rahoil dixit). Cada vez há mais nazis entre os seus leitores. Parabéns, Concha. Por escreveres. Sobre o que for. Ladram, ladram os etnicistas, espanhóis ou galegos.
maisum (06/01/2007 10:53)

A ver si escribes otro artículo así pero hablando de la ETA en vez de Franco , bonita.
tucho (06/01/2007 10:50)

Non,se a sección de artigos de opinión xa hai tempo que está claro que está en portugués (ou nesta lingua dos orcos que imita ao portugués).Definitivamente.Pis eu síntoo,pero ademais de estar farto de certas cantinelas,NON PODO ler isto.Son un non iniciado e dame dor de cabeza tratar de ler isto.
Max (06/01/2007 06:30)

Tanto parabien es bastante sospechoso , o muy peloteril es esta página entre profesores de universidad y alumnos frikis pesaos , o esta tal Concha Portugo-Rusia no para de felicitarse a sí misma. Vaya coñazo de tía con su portugués melífluo y victimista.
tucho (06/01/2007 04:18)

Parabéns pelo artigo, Concha. Parece que ninguém ia dizer nada sobre o assunto: a pena de morte foi instaurada no Planeta através dos inestimáveis meios de comunicação (todos) e por cima das resoluções de qualquer país particular (na sua casa, façam como quiserem, na rua faz-se como é mandado).
I.R. (05/01/2007 23:27)

Non sei se autora será unha excelente literata. Pode ser. Mais este texto, compartindo o seu fondo, paréceme analiticamente moi frouxo e só baseado en boas intencións. E é que, meus amigos, non se pode escribir de calquera cousa. O máis sensato é escribir daquilo do que se coñeza. Do contrario, abúrrese ao persoal.
Augusto (05/01/2007 21:27)

Estamos diante de uma grande farsa.
Ums morren na forca. Outros na cama.
Parabéns pelas reflexões e Ditoso Bom Ano.
Vinseiro (05/01/2007 21:10)

Miuda escusa, Fer !!!
Estraviz (05/01/2007 19:56)

Há a quem molesta um artigo so pola normativa na que escreve a autora,,,
Fer (05/01/2007 19:39)

Xa sabemos que os lusistas son xente intelectualmente limitada con achegas de pouquísimo valor á cultura galega.De todolos xeitos paréceme raro non ler unha reflexión sobre a barbarie da ETA.Nin pola autora nin polos seus amiguiños lusistas.
Xavier Fernández (05/01/2007 17:20)

Outra cousa incomprensível, e muito paradigmática do mundo no que vivemos: no youtube (e outros sitios semelhantes da internet) é impossível ver, por exemplo, umha penetraçom, porque está censurado o sexo explícito. Dim que dana a sensibilidade dos menores. Porém, e possível ver o assassinato, agonia e ensanhamento real dumha pessoa. Umha snuf-movie, vamos...
miguel (05/01/2007 11:52)

Parabéns pela decisão de "Pescanova" de transladar-se a Portugal! Melhor portuguesa do que espanhola, n´é?
Parabéns (04/01/2007 22:14)

Cara Concha, obrigado polos teus artigos, são uma lufada de ar fresco, mas dou-te uma sugestão: Saddam é com 2 dês, é assim em toda parte do mundo, excepto em Espanha.
Outra cousa: há uma razão científica contra a pena de morte, com ela um dos pilares da nossa democracia, a reabilitação social dos criminosos, fica sem efeito, sem isso a democracia europeia fica sem legitimidade de exercício, é um direito humano, também de Saddam, ele era um ser humano
Saddam (04/01/2007 22:10)

Valle de los Caidos ou Val dos Caidos...digo eu...Que e o que vem a ser o " Valle dos Caidos??
Airas Rouco (04/01/2007 21:58)

Cara Concha:
De novo temos-te aqui com as tuas maravilhosas reflexões
gostei do texto como de todos os teus.

O outro deixai a um amigo o teu romance das Sete Fontes e pasmou
laura (04/01/2007 21:31)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Eu detesto touradas...

Un artigo de: **Concha Rousia**
[14/02/2007]

Este é o nome de um grupo, de entre os muitos que existem na rede, do que eu faço parte para lutar contra a tortura institucionalizada que se exerce em diversos estados contra os touros. Eu, pra manifestar a importância e a dimensão que para mim tem esta macabra prática, para amostrar a repulsa e o nojo que me produz, devo começar a falar do tema polo princípio...

...Sentados arredor do lume, como sempre no inverno, não poderei esquecer o brilho nos olhos de meu pai mentres nos contava o que ele fizera em Ourense; ele vinha de atraiçoar um animal que fora seu, e com o que, apesar das diferenças, aprendera a se comunicar. O animal, semental para as vacas de toda a paroquia, era um chisco bravo demais para poder seguir fazendo parte da fazenda de casa. Mas isso não lhe servia de consolo a meu pai quando chegou do matadoiro d'O Rúvio, onde tivera que participar no sacrifício do seu touro "Moreno", nomeado assim por ser ele escuro e não de raça ruiva como costumavam ser...

O Moreno era um boi escuro e pequeno, e quando se lhe botava a uma vaca, se a vaca era galharda, tinha que ser colocada com as patas de atrás num pequeno fojo no chão, feito com esse fim, para que o Moreno pudesse montá-la. A cousa ia indo, mas o boi a cada vez se fazia mais difícil de manejar. Em primeiras até fora jungido uma vez para fazer de cambão na carreja, porque a jugada das vacas não dava tirado o carro tão enorme de centeio que meu pai carregara. Quando a jugada não dava subido o carro pola costa da Lajeira, decidiram jungir o boi com outra vaca, mas o Moreno negava-se a tirar do cambão, e ao ser aguilhoado meteu um pulo e pisou-lhe um pé a meu pai; aquele dia a meu pai houve de lhe custar a vida... Outro dia, meu irmão José teve que se subir a um carvalho e permanecer lá a tarde toda, porque se tentava baixar o boi se lhe ia acima... A última vez que meu pai o sacou da corte para lho botar a uma vaca, o boi negara-se a se apartar dela logo de a ter montado... e meu pai teve que o levar desde as airas de Abaixo dando-lhe na cabeça coa moca, alternativamente um golpe de cada lado da testa, mais ou menos tratando de lhe ir acertando na zona onde se junta o corno com o pelo... o boi fez o percorrido de ceia-cu, aos poucos, e foi assim que entrou na corte... Aquele dia meu pai disse "tu já não sais mais que para o matadoiro" Meu dito meu feito, o Moreno ficou na corte até que veio por ele o camião d´O Rúvio.

Meu pai teve que ir a Ourense para cobrar o que lhe iriam dar por ele, fora vendido ao peso, mas ele não antecipara que teria que ajudar a matar o animal... Sucedia, contara meu depois pai, que quando lhe iam cravar "...esse chuço que lhe espetam no alto da cabeça..." o animal fazia um movimento brusco e impedia que lhe acertaram o golpe... E o animal estava, diziam eles, mui alterado... meu pai foi avisado da situação e passou adentro onde estava o boi, entrou na sala e pronunciou seu nome "Moreno... e ló que che fam hom!" E o boi emitiu um surdo orneio ao ter reconhecido seu amo... Então meu pai achegou-se a ele cofeou-lhe a cabeça, e tapou-lhe um olho... foi assim que os do matadoiro puderam, agora sim, rematar com a vida do animal... Quando meu pai fala nisso à noite na casa, seus olhos brilham e todos sabemos que está fazendo um esforço para reter as lágrimas...

Os animais, não vamos negar, tem sido sempre utilizados para tirar benefício deles em todas as culturas, ora, sempre dentro de certa ordem, certa necessidade, e certo respeito também... Julgo que podemos afirmar, sem temor nenhum, que a Galiza é um país livre da barbárie taurina, por muito que se empenhe o Paco Vazquez... (ainda que se calhar com o seu passo polo Vaticano se tem reformado, ainda que o mais provável é que o papa remate espetando "banderillas", o tricórnio já o leva). Eu ainda lembro que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:

- Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
- De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

há alguns anos num de tantos intentos re-colonizadores do centralismo, um verão se instalaram praças de touros portáteis ambulantes polo nosso território. Sei de gente, mesmo algum empregado do matadoiro de ali de Ginzo, que assistiu a uma dessas "corridas" e saíra descorrentado e escandalizado logo de participar nos berros contra aquilo que ele qualificava de tortura... porque diz que não suportava ver como o "bezerro" estava sendo espetado e a sangrar polo coiro abaixo... Não volvi ver que tentaram trazer essa monstruosidade por as terras da Límia, acho que deveu ficar patente que a gente não desfrutava com aquilo.

Talvez seja o momento, e talvez tenha de vir da mão das mulheres... A Ministra espanhola de meio ambiente já lançou seu meio desafio, que é de louvar, e foi calada polos bárbaros, entre os que incluo o Llamazares que também, como se diz em linguagem moderna, já lhe vale, ou logo também... lhe ronca o caralho...

Acho que estamos no momento, polo menos no nosso pais, onde a gente não parece estar dotada do sangue frio necessário para desfrutar com a tortura tão desnecessária de um animal. Aqui o máximo era, que já nem se faz assim, espetar-lhe o cutelo de ferro ao porco; e, apesar de que se fazia por razões económicas, sempre se lamentava em boca das mulheres da família o sofrimento que se lhe causava ao animal...

Desde aqui, desde a esta tribuna, quero instar á Conselheira de Cultura da Junta da Galiza, Dona Ánxela Bugallo, para que trabalhe na criação dos regulamentos necessários para que dentro do nosso território nacional não possam ter lugar este tipo de actos de tortura aos animais. Julgo que encontrará muito apoio na Europa, e que criará uma imagem da Galiza digna de si mesma... Que para o que o não saiba, devo acrescentar, sempre foi terra pioneira na Península na adopção de medidas humanitárias...

COMENTARIOS:

Hai 45 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Eu detesto touradas...

Un artigo de: **Concha Rousia**
[14/02/2007]

Este é o nome de um grupo, de entre os muitos que existem na rede, do que eu faço parte para lutar contra a tortura institucionalizada que se exerce em diversos estados contra os touros. Eu, pra manifestar a importância e a dimensão que para mim tem esta macabra prática, para amostrar a repulsa e o nojo que me produz, devo começar a falar do tema polo princípio...

...Sentados arredor do lume, como sempre no inverno, não poderei esquecer o brilho nos olhos de meu pai mentres nos contava o que ele fizera em Ourense; ele vinha de atraiçoar um animal que fora seu, e com o que, apesar das diferenças, aprendera a se comunicar. O animal, semental para as vacas de toda a paroquia, era um chisco bravo demais para poder seguir fazendo parte da fazenda de casa. Mas isso não lhe servia de consolo a meu pai quando chegou do matadoiro d'O Rúvio, onde tivera que participar no sacrifício do seu touro "Moreno", nomeado assim por ser ele escuro e não de raça ruiva como costumavam ser...

O Moreno era um boi escuro e pequeno, e quando se lhe botava a uma vaca, se a vaca era galharda, tinha que ser colocada com as patas de atrás num pequeno fojo no chão, feito com esse fim, para que o Moreno pudesse montá-la. A cousa ia indo, mas o boi a cada vez se fazia mais difícil de manejar. Em primeiras até fora jungido uma vez para fazer de cambão na carreja, porque a jugada das vacas não dava tirado o carro tão enorme de centeio que meu pai carregara. Quando a jugada não dava subido o carro pola costa da Lajeira, decidiram jungir o boi com outra vaca, mas o Moreno negava-se a tirar do cambão, e ao ser aguilhoado meteu um pulo e pisou-lhe um pé a meu pai; aquele dia a meu pai houve de lhe custar a vida... Outro dia, meu irmão José teve que se subir a um carvalho e permanecer lá a tarde toda, porque se tentava baixar o boi se lhe ia acima... A última vez que meu pai o sacou da corte para lho botar a uma vaca, o boi negara-se a se apartar dela logo de a ter montado... e meu pai teve que o levar desde as airas de Abaixo dando-lhe na cabeça coa moca, alternativamente um golpe de cada lado da testa, mais ou menos tratando de lhe ir acertando na zona onde se junta o corno com o pelo... o boi fez o percorrido de ceia-cu, aos poucos, e foi assim que entrou na corte... Aquele dia meu pai disse "tu já não sais mais que para o matadoiro" Meu dito meu feito, o Moreno ficou na corte até que veio por ele o camião d´O Rúvio.

Meu pai teve que ir a Ourense para cobrar o que lhe iriam dar por ele, fora vendido ao peso, mas ele não antecipara que teria que ajudar a matar o animal... Sucedia, contara meu depois pai, que quando lhe iam cravar "...esse chuço que lhe espetam no alto da cabeça..." o animal fazia um movimento brusco e impedia que lhe acertaram o golpe... E o animal estava, diziam eles, mui alterado... meu pai foi avisado da situação e passou adentro onde estava o boi, entrou na sala e pronunciou seu nome "Moreno... e ló que che fam hom!" E o boi emitiu um surdo orneio ao ter reconhecido seu amo... Então meu pai achegou-se a ele cofeou-lhe a cabeça, e tapou-lhe um olho... foi assim que os do matadoiro puderam, agora sim, rematar com a vida do animal... Quando meu pai fala nisso à noite na casa, seus olhos brilham e todos sabemos que está fazendo um esforço para reter as lágrimas...

Os animais, não vamos negar, tem sido sempre utilizados para tirar benefício deles em todas as culturas, ora, sempre dentro de certa ordem, certa necessidade, e certo respeito também... Julgo que podemos afirmar, sem temor nenhum, que a Galiza é um país livre da barbárie taurina, por muito que se empenhe o Paco Vazquez... (ainda que se calhar com o seu passo polo Vaticano se tem reformado, ainda que o mais provável é que o papa remate espetando "banderillas", o tricórnio já o leva). Eu ainda lembro que

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
Aprender Inglês em 15 Minutos (05/03/2007)
O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

há alguns anos num de tantos intentos re-colonizadores do centralismo, um verão se instalaram praças de touros portáteis ambulantes polo nosso território. Sei de gente, mesmo algum empregado do matadoiro de ali de Ginzo, que assistiu a uma dessas "corridas" e saíra descorrentado e escandalizado logo de participar nos berros contra aquilo que ele qualificava de tortura... porque diz que não suportava ver como o "bezerro" estava sendo espetado e a sangrar polo coiro abaixo... Não volvi ver que tentaram trazer essa monstruosidade por as terras da Límia, acho que deveu ficar patente que a gente não desfrutava com aquilo.

Talvez seja o momento, e talvez tenha de vir da mão das mulheres... A Ministra espanhola de meio ambiente já lançou seu meio desafio, que é de louvar, e foi calada polos bárbaros, entre os que incluo o Llamazares que também, como se diz em linguagem moderna, já lhe vale, ou logo também... lhe ronca o caralho...

Acho que estamos no momento, polo menos no nosso pais, onde a gente não parece estar dotada do sangue frio necessário para desfrutar com a tortura tão desnecessária de um animal. Aqui o máximo era, que já nem se faz assim, espetar-lhe o cutelo de ferro ao porco; e, apesar de que se fazia por razões económicas, sempre se lamentava em boca das mulheres da família o sofrimento que se lhe causava ao animal...

Desde aqui, desde a esta tribuna, quero instar á Conselheira de Cultura da Junta da Galiza, Dona Ánxela Bugallo, para que trabalhe na criação dos regulamentos necessários para que dentro do nosso território nacional não possam ter lugar este tipo de actos de tortura aos animais. Julgo que encontrará muito apoio na Europa, e que criará uma imagem da Galiza digna de si mesma... Que para o que o não saiba, devo acrescentar, sempre foi terra pioneira na Península na adopção de medidas humanitárias...

COMENTARIOS:

Obrigada a todos e todas que lestes este artigo, em especial aos que deixastes por escrito vosso parecer... Agradeço muito aos que sempre sois amáveis com minha escrita, e também aos novos amigos, que me destes vossa opinião por primeira vez, gosto de saber que, embora não tenhamos as mesmas ideias, nem convicções, o que eu conto pode ser de interesse para vos. Obrigada. Mas repito, mormente agradeço todos os comentários, com excepção dos que vão a atacar minha pessoa, esses é claro, não posso agradecer porque nada me aportam, para eu ter em conta à hora de reconsiderar minha escrita...
Um abraço com os melhores desejos para estas festas que estamos a viver... O Entroido!!!
Concha (16/02/2007 18:53)

Prezada Concha: Non te lera até agora, e gostei moito da túa escrita. Estou de acordo contigo. Grazas polo ben que transmites as túas emocións, que sinto ben perto. Súmome á túa proposta para a Conselleira de Cultura. Unha aperta. Santiago. Feb07
Santiago (16/02/2007 17:30)

Moisés vive do maná e pensa como un Deus...
Xurxo (16/02/2007 16:03)

Eu o que nom entendo som puritanismos: nom manquemos os touros porque é selvagem (a "arte" das touradas é prescindível); ergo, nom matemos os cochos porque é in-humano (bem podíamos passar sem chouriços!); sacrificar os vegetais??? rotundamente, nom (se mesmo podem aprezar as vibraçons da boa música...).
Que nos resta? Lamber cróios, meus bens.
O único que me fai sentir bem é que os crustáceos nom sentem dor ao serem cozidos ao vivo, segundo uns conscientizados cientistas noruegueses...
Sem destruiçom de vida, nom há vida. A viver e a deixar morrer...
Moisés (16/02/2007 13:43)

Maeloc Susano Seivane , el fascista es usted. De Concha Rusia sólo he criticado el fondo , no la forma , el portugués es un idioma tan digno como otro cualquiera. Con lo cual queda demostrada su nula capacidad de comprensión y su enorme carga de prejuicios prefabricados. El fascista es usted simple y llanamente porque enseguida le cuelga el sambenito a los que no piensen como usted

y a los que no hablen su lengua. Si este es un foro libre tengo derecho a opinar como el que más , no será usted el que me expulse , fundamentalista de pacotilla.
manuel quintans (16/02/2007 10:04)

Sr Manuel Quintanas (Quintans soa galego de mais pra vosse)...Tem algum problema coa opciom linguistica da sr Rousia ou e que e vosse um maleducado?? Gente que no canto de achegar argumento algum adicasse a verquer os seus prejuizos e o seu patetico auto-odio deveriam pensar primeiro o que ham dizer dantes de mandar o sseus arroutos fascistoides porque. A sua ignorancia (acompanhada de poucos desejos de aprender e de mandar insultos como balas perdidas) e o vivo retrato do autoritarismo espanholeiro e a sua rabuda intolerancia (ninguem o acusa de se expressar em castelhano num foro galego e mais bem a sua propria conciencia quem o persegue)
Maeloc Seivane (16/02/2007 01:26)

Tenha sempre presente que a pele se enruga, o cabelo embranquece,
Os dias convertem-se em anos....
Mas o que é importante e não muda.... é que a tua força e convicção não tem idade.
O teu espírito é como qq teia de aranha.
Atrás de cada linha de chegada, há uma de partida.
Atrás de cada conquista, vem um novo desafio.
Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo.
Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo.
Não viva de fotografias amareladas...
Continue, quando todos esperam que desista.
Não deixe que enferruje o ferro que existe em você.
Faça com que, em vez de pena, tenham respeito por você.
Quando não conseguir correr através dos anos, trote.
Quando não conseguir trotar, caminhe.
Quando não conseguir caminhar, use uma bengala.
Mas nunca, NUNCA se detenha!!!
(Madre Tereza de Calcutá)
Madre Tereza de Calcutá (16/02/2007 00:29)

alguem pode pensar, mas esta Conche nom é dacolá dessas terras onde entre outros espectáculos de loutas, tenhem as Loutas de Bois. (na seguinte viagem circular das sete fontes poderias falar delas tal como me contavas um dia)
Mas nom é o mesmo. achas
Gostei imenso, e digo-cho de mulher a mulher de amiga a amiga, dos teus poemas e da tua formosa carta, Acho que a esse bom Crítco literário que é EVAZSOU, DEVERIA LE-LA e sobre os poemas pois... a publicar
Laura (15/02/2007 22:27)

E muito troll disfarçado de ofendido comentarista XD
Fer (15/02/2007 20:08)

Mucho "fora de Galiza" , mucha propaganda xenófoba y muy poca argumentación veo yo entre los hooligans de la melíflua Concha Rousia. Violencia racista disfrazada falsamente de melancolía edulcorada.
tucho (15/02/2007 16:52)

I.R. , charlatán de feria , ¿cuando dije que estaba a favor de los toros?
tucho (15/02/2007 16:49)

Yo también estoy en contra de los toros. Gracias Concha por poner palabras a estas ideas tan difíciles de expresar. Gracias también por la profundidad de tus pensamientos y tu generosidad al compartirlos con nosotros. Las referencias a tu infancia, aunque un poquito sentimentales de más, siembran en mi la añoranza de aquellos tiempos que se fueron. Te sigo siendo fiel.
antitaurino (15/02/2007 16:45)

A mi también me parecen de otro siglo los toros y toda esa folclorada que gira en torno a ellos. Y más aqui en Galicia, que nada tenemos que ver con esa cultura. Un saludo.
Antonio González (15/02/2007 15:19)

Tercermundismo español fora da Galiza xa. Grazas Concha polo artigo.

"Landran Sancho, enton cavalgamos"
EspaÑa Non Grazas. (15/02/2007 15:17)

Avante Concha!! Cada palavra contra ti por este artigo são vários braços mais puxando da parte da razão! Nada mais perigoso que uma mulher empunhando verdades como espadas. Os «tuchos» da vida estão alporiçados, ultrapassados, não dão crédito ao que vêm e acovilham-se, totalmente à defensiva, atrás da vulgaridade e do insulto. Avante, avante! Touradas na Galiza NUNCA MAIS! INCULTURA ESPANHOLA NA GALIZA, NUNCA MAIS!!!
I.R. (15/02/2007 15:06)

¿Quienes somos los "bárbaros"? ¿los que hablamos castellano? La melíflua Portugo-Rusia siempre aburriéndonos con la cansina estrategia de extraer una máxima universal de su conmovedora experiencia personal.
manuel quintans (15/02/2007 13:16)

Afortunadamente , la mayoría de la gente tiene un mínimo de sentido común , el arma necesaria para no hacer caso de las chorradas lacrimógenas que la señora Concha Portugo-Rusía acostumbra a escribir.
manuel quintans (15/02/2007 12:17)

Xavier, suponho que cando falas de "fascistas espanhois" estás a falar por ti.
Tucha (15/02/2007 11:35)

Touradas há em Portugal (ainda que não tão selvagens, "Circo Português segundo Jiménez Losantos, seica não há suficiente sangue para ele), em Euskadi, em Catalunya, em México... Existem cousas espanholas muito boas, e é magnífico que se extendam pola Galiza, por exemplo, as tapas; também gostamos das margaritas mexicanas com tequila, ou da pelota basca...mesmo é bom copiar o gosto francês polos vinhos e queijos de qualidade ou a dedicação anglo-saxona á investigação científica. Ora, introduzir uma asquerosidad como são as touradas...Daquela copiamos também as pelejas de galos a morte, as lapidações, os hooligans, botar cabras desde a torre das igrejas (outro bonito costume espanhol), e mesmo a moda das sandálias com calcetins dos alemães...
suso (15/02/2007 10:44)

Si criticáis las "touradas" es por su caracter de fiesta española , no por la tortura de los animales. Y luego más de uno de los que aquí habla seguro que farda de haber "desbarrado" en algún San Fermín. Hipócritas. Claro , como Navarra debe ser de Euskadi , chitón.
tucho (15/02/2007 10:25)

Vamos a ver sectarios , yo seré el primero en criticar la tortura de los animales. La diferencia es que no necesito ser nazionalista para ello ni para legitimar mi defensa. Capici?
tucho (15/02/2007 10:22)

A diferenza amigo "Pois anda que eu" e que da pesca ninguem fai espectaculo-escarnio publico-dizer que o "abrassam" cando ja e morto e um tanto "amarelista" nom e?-..polo demais eu diria que estas a fazer umha caricatura ou tentando reduzir ao absurdo um espectaculo lamentavel e que nom supom outra coussa mais ca o atrasso da sociedade que os aguilhoa e que os promove...O comentario encol da feira do boi de Alhariz e um CHORRADA MONUMENTAL que elode tuda critica REIAL ao que de verdade som as touradas dantes e durante a "corrida"..Xaora que estamos a criticar e adefender a dignidade dos animais, mais chamralhe puteo ao que lhe fam ao touro em Alhariz e como dizer que os futebolistas som maltratados porque lhes dam pancadas ilegais ou nom que o arbitro ve ou nom ve...e ainda os siareiros da outra equipe assubiam e aldrajam ao jogador "contrario"...e ja nom digamos a o arbitro..Sentidinho, que o vosso furibundo nacionalismo espanhol (x definizom imperialista)paralisa-vos o cerevro
Maeloc Seivane (15/02/2007 02:44)

Já temos por aqui de novo aos fascistas espanhóis de turno. Parabéns polo magnífico artigo Concha.
Xavier (14/02/2007 23:29)

Ou Tucho, tomo as tuas palavras. Porque nom viajas um pouco... também pola net?

Tacho (14/02/2007 23:25)

A fío do artigo e dos eiquí comentários, ler "A memoria do boi", narrativa, Xerais-2001. Capítulos 1-8-14-18-21. Contra a anemia; e haxa paz.
undmais (14/02/2007 22:29)

Por Santiago y cierra España que nunca me enfrentaré a una mujer.
El capitán Trueno (14/02/2007 22:04)

Ego voto de menos o circus romanus cos gladiators y las fieras comiendo cristianos. Eso si que eran fiestas y no los toros, fiesta romana light. Hispanus est atrasatus
Julius Caesar (14/02/2007 22:02)

Eu tamén estou contra as touradas e contra os cans que maltratan e zanpanse as galiñas. Iso si que non o permito eu. Craro que non. Can do demo. Vouche dar unhas labazadas. Me cajo na....
Juan Lado. Aguiño (14/02/2007 21:59)

As mulheres tedes muito que dizer em esta questão e em outras muitas.
Como sempre , com absoluta fidelidade, parabéns pelo artigo.
Vinseiro (14/02/2007 21:26)

As touradas são mui cueis e sanguentas para os pobres animais. Pero não se trata só de proteger os bois, senão de preservar a dignidade das pessoas. Uma gente que disfruta olhando como se tortura um animal, entre sangue, excrementos e moscas, berrando, fumando puros, tudo amenizado por essas horríveis marchas militares que chamam "pasodobles" e que parecem pensadas para que as dancem parelhas da Guardia Civil, representa um patético extremo de degradação bananeira. Os autênticos patriotas espanhois, os que amam sua terra, deveriam ser os primeiros em exigir a supressão dessa barbarie, e assim não ter que passar vergonha cada vez que cruzam os Pirineus e os Europeus pensam que são uma espécie de bestas sanguinárias e estúpidas, sempre pensando em torturar bois, bater-lhe á mulher por ciumes e dormir a sesta. E na Galiza, onde a tourada é totalmente alheia, já nem falemos. Aquí o Vicepresidente devia aplicar as leis da UE e pronto.
suso (14/02/2007 20:35)

Parabéns, concha, mágoa que non che vaian facer moito caso...porque érache boa unha declaración a de terra anti-touradas para o noso país, aínda que en pontevedra ía haber protestas...os da capital, xa se sabe, sempre tan progresistas e liberais, tan lonxe da barbarie aldeá e tan preto dos costumes finos e avanzados dos mesetarios....
lavesedo (14/02/2007 20:10)

La tradición de los toros es mediterránea, Tucho. En España se empezó a "torturar" los toros, como dices tú, hace varios siglos en ciertos rituales nupciales de Castilla. Pero no morían nunca ni mucho menos. El ritual estaba asociado a la virilidad. En el siglo XVII-XVIII se aristocratizó el culto taurino y surgió la corrida contemporánea, aunque el peligro que corre el torero ha ido desapareciendo paulitanamente, siendo casi nulo hoy en día. La única cursi aquí, Tucho, es Concha, como siempre. Pero el problema es que una incitación a la crueldad como lo es la corrida (un "deporte artístico" muy clasista por el precio de las localidades) se convierta en estos tiempos modernos que corren en una (presunta) necesidad.
Tucha (14/02/2007 19:37)

Pues dile a Quintana que suprima la "festa do boi" de su Allariz. A los toros no los matan pero los putean que da gusto , pero claro , como allí gobierna el Bloque no dices nada , pedazo de hipócrita.
tucho (14/02/2007 19:05)

Y yo detesto tu cursilería cutre , pijo-progre anestesiada. A tí te importan un pimiento los animales , cargas contra los toros porque es una tradición española , no porque torturen animales , no nos engañemos. A tí te molesta más el sonido de los pasodobles que las banderillas que clavan a los toros. Insufrible llorica e hipócrita , sal de tu burbuja y viaja , te hará falta.
tucho (14/02/2007 19:02)

...co duas patacas.mmmm
Tucha (14/02/2007 16:47)

Ai non me fagas rir, Conchiña.Galiza á avangarda do ecoloxismo e o respecto aos animais?Pero canto tópico e canta visión personalista. Non sei nin por que lle dan este espazo a calquera, está ben isto de ter amigotes nos medios eh?
Túzaro de Túzaolandia (14/02/2007 16:45)

nunca vin nin verei unha desas corridas, pero non me venha co de Galiza pioneira en medidas humanitarias. vostede ten ido a unha matanza do porco? como caia unha grabazon nas mans da UE as prohiben e con razon. asi que menos imaxe bucolico-romantica dos galegos coma se fosemos os Gandhis do mundo animal. abur
humanitarista de andar por casa (14/02/2007 15:40)

A mim, dos touros, gostame muito o rabo, co patacas.
Tucho (14/02/2007 14:41)

Cara Concha, moito obrigada pelo teu comvite. Agradoume muito o artigo e concordo con vocé en tudo canto dice. Parabéns e saúdos
Celta (14/02/2007 13:59)

e a matanza do porco?
lonely planet (14/02/2007 13:49)

Qualquer ato de violência contra a vida é abominável, sejam as agressões voltadas para outros seres humanos, animais, ou a natureza vital que nos envolve!... Por causa de atos agressivos que promovem violência e destruição de qualquer tipo, e incitam a prazeres perversos extraídos da crueldade, nosso planeta azul chora e está quase à beira do caos... Qualquer pessoa de alma sensível o bastante pode perceber que só a gentileza, a suavidade, o respeito à vida salvarão este mundo da decadência completa e da destruição. Parabéns, Concha, e abraços para ti e para todos que compartilham de uma visão favorável à Vida e à Paz!
Ana Kaminski (14/02/2007 13:46)

Astourada nom tem nada de 'maquia' (••χεσθαι) pois nom é umha luta entre iguais, é umha massacre, umha tortura nojenta, depravada e repugnante. As massas nas praças berrando por sangue... muito fala essa "tradiçom" das culturas que a mantenhem...
Fer (14/02/2007 12:58)

Magnifico relato e excelente proposta: Galiza na vangarda da humanidade nesta triste península inzada de bárbaros
Sara (14/02/2007 12:55)

Dis bem, Concha. E eu que si distingo entre matar para comer e matar pola excitação morbosa do nosso control absoluto sobor da vida dum ser nobre. Eu mato habitualmente na cassa e para os vezinhos que mo pidem. A nossa mata doméstica, seja duma galinha, dum cabirto ou dum porco, sempre vai arrodeada duma lene cerimonia de respecto polo sacrificado, que levou os melhores coidados e afecto possíveis. Cadaquem no seu sítio, pero nas cassas dos bem nacidos, sempre por diante o respecto e coidado da fazenda.
O da tauromáquia não é mais que o negócio duns poucos terratenentes dalem da nossa terra, cultura e sensibilidade.
Estralampa (14/02/2007 12:05)

A min o que me dá pena é o bacallau.
Van á súa casa, perségueno, métenlle un ferro pola boca, sóbeno da súa casa pendurado por el, afógano -sen anestesia-, introducen os cadáveres en depósitos, lévanos a un país lonxano e despois, ai despois... A xente pon os cadáveres sobre superficies abrasadoras e... (ai, ai) e... CÓMEOS! Cómeos, dáse vostede conta????
Pois anda que eu... (14/02/2007 10:35)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo

ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Aprender Inglês em 15 Minutos

Un artigo de: **Concha Rousia**
[05/03/2007]

Tenho o honor de apresentar aqui em Vieiros o meu método para aprender inglês sem esforços e sem tempo; este método já foi também apresentado nas páginas d'A Peneira no mês de Seitura passado. Tal e como anuncia o título que encabeça este artigo, é possível adquirir uma língua em 15 minutos. Tenho que admitir que o método segue a estar pendente de um último experimento de confirmação antes de ficar pronto para ser patenteado. Sei que este passo final pode levar algum tempo, e já vai levando, sabido é que nos expedimentos científicos influem variáveis difíceis de controlar; mas o que provou ser certo uma vez tem, por força, que funcionar uma segunda e ainda uma terceira.

Antes de passar à descrição do método, faremos uma pequena introdução. Não é novidade dizer que todos os grandes achados científicos acontecem habitualmente seguindo o princípio de "serendipity", é dizer, que se descobrem por acaso, e assim aconteceu com o fenómeno que aqui se vai descrever, e que bem poderia revolucionar o mundo da linguística. Todo começou com a procura dum livro de Castelao na biblioteca da Universidade de South Carolina (USC) nos Estados Unidos. A biblioteca central da USC ocupa um edifício muito grande, de vários andares, a metade deles debaixo da terra, muito bem equipados, o que faz que, tanto no verão como no inverno, se converta num dos lugares preferidos polos "homeless" (sem-casa). Eu achava-me estudando inglês num programa que a USC oferece a estudantes internacionais com vistas à sua posterior incorporação ao sistema universitário estado-unidense. Este programa, chamado E.P.I, é um dos mais prestigiosos do país, e como se pode compreender, os métodos que se utilizam estão devidamente testados e contrastados. Achava-me eu em pleno curso quando descobri o método que hoje se quer apresentar.

Como já se disse, todo começou com a procura dum livro de Castelao, esqueci o título, sei que não era 'Sempre en Galiza' porque esse levara-o eu na minha mala para "o Norte", como se diz em Penacova. Busquei no computador as coordenadas de letras e números para localizar o meu objectivo. Lá os livros estão distribuídos formando labirintos gigantescos e as pessoas têm de dar com eles seguindo as instruções em uns planos colados nas paredes. Subi ao andar que o mapa marcava como o albergador do título que eu buscava, e depois fui seguindo as letras e números das avenidas dos livros até que encontrei o lugar exacto. Lá o vi, foi como encontrar um amigo no meio da selva. Por fim tinha algo nas mãos que podia entrar por mim adentro sem essas maçadas que o inglês me produzia. Colhi-o, abri-o, li nele... E já ali vi que na mesma prateleira havia vários de Rosalia. Fiquei gratamente surpreendida ao ver que lá tão longe houvesse uma pequena secção para a nossa literatura. O que sim nunca esquecerei foi o que ocorreu a seguir. Pousei o livro de Rosalia e colhi um dum tal Domingos... não sei quantos (que não tem nada a ver com Mr. Domingos, o meu "conversation partner" angolano, do que irei falar um outro dia), era um livro de contos. Abri por onde lhe ligou, e li. Em seguida compreendi que se tratava de um galego algo diferente do de Castelao, entre outras cousas os tils que habitualmente eu tinha visto sobre os 'enes' apareciam aqui sobre algumas vogais. Levou-me uns bons 10 minutos desentranhar aquilo, isso sim, passado esse tempo era-me praticamente o mesmo ler neste livro como no de Castelao. A minha surpresa veio quando descobri que aquilo era português; eu nunca antes, a pesar de ter vivido a 15 quilómetros de Montalegre, tivera um livro português nas minhas mãos, assim que aproveitei para saciar a minha curiosidade. E foi ai que aconteceu o meu grande descobrimento: não havia dúvida possível, estas duas línguas estavam contagiadas uma da outra. Como ambas as modalidades eram bem compreensíveis para mim, deduzi que o contágio fora do

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
- De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

galego para o português; doutro jeito eu não poderia explicar ser capaz de ler aquela língua estrangeira de corrido como se nada, como se me tiveram nascido os dentes sabendo dela. Que bom achado acabava de fazer. Porque a mim ainda não se me esqueceu o que me custou aprender o castelhano na escola.

Naturalmente o que serve para uma língua deve de servir para outras, é o que se chama generalização da hipótese, o que faz possível a previsibilidade dos fenómenos, e é aqui precisamente onde radica a superioridade do conhecimento científico face a outro tipo de conhecimentos. Decidi fazer um segundo experimento, desta vez com um livro de Shakespeare que tive que ir procurar a outra esquina da sala. Segurei-me de o colocar entre o de Castelao e um de Rosalia, o resto das prateleiras eram livros de autores portugueses; e não era milagre, estávamos na secção de livros em língua portuguesa, embora eu não me tivesse apercebido antes. Aguardei um pedaço mentres ia saboreando livros no meu recém, e espontaneamente adquirido, português. Passado um pouco abri o livro de Shakespeare e nada, tão incompressível como antes, volvi-o pousar e aguardei outro pouco para ver se o contágio se efectuava, mas nada sucedeu essa tarde, nem ao dia seguinte. Compreendi que se calhar os livros tinham que conviver mais tempo, talvez anos para que se produza o efeito; e é nisso que ando a trabalhar. Eu sei que alcançado esse punto de intercomunicação dos textos, será possível, sem alteração aparente da sua morfologia, a compreensão total e profunda do inglês sem que nada importe o desconhecimento anterior dessa língua por parte do sujeito galego-falante, como me passou a mim com o português. Se calhar estamos a um dia ou dous de o método provar a sua certeza, mas a dia de hoje, o que para o português foi régua de ouro, para o inglês ainda não me deu resultados positivos.

COMENTARIOS:

Hai 152 comentarios para esta nova. Le os comentarios e participa

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros

CONTACTA CON VIEIROS

NOVAS
HOXE AO COMPLETO
OPINIÓN
NO ESCÁNER
GALERÍAS FOTOGRÁFICAS
ALGO ESPECIAL
ANTERIORES

COMUNIDADE
AXENDA
CHAT-CHAT-CHAT
FOROS
ENQUISAS
POSTAIS
TENDA

LIGAZÓNS
BUSCADOR
NOVIDADES
TOP100
DOSSIERS

PUBLICIDADE
QUE É VIEIROS

Aprender Inglês em 15 Minutos

Un artigo de: **Concha Rousia**
[05/03/2007]

Tenho o honor de apresentar aqui em Vieiros o meu método para aprender inglês sem esforços e sem tempo; este método já foi também apresentado nas páginas d'A Peneira no mês de Seitura passado. Tal e como anuncia o título que encabeça este artigo, é possível adquirir uma língua em 15 minutos. Tenho que admitir que o método segue a estar pendente de um último experimento de confirmação antes de ficar pronto para ser patenteado. Sei que este passo final pode levar algum tempo, e já vai levando, sabido é que nos expedimentos científicos influem variáveis difíceis de controlar; mas o que provou ser certo uma vez tem, por força, que funcionar uma segunda e ainda uma terceira.

Antes de passar à descrição do método, faremos uma pequena introdução. Não é novidade dizer que todos os grandes achados científicos acontecem habitualmente seguindo o princípio de "serendipity", é dizer, que se descobrem por acaso, e assim aconteceu com o fenómeno que aqui se vai descrever, e que bem poderia revolucionar o mundo da linguística. Todo começou com a procura dum livro de Castelao na biblioteca da Universidade de South Carolina (USC) nos Estados Unidos. A biblioteca central da USC ocupa um edifício muito grande, de vários andares, a metade deles debaixo da terra, muito bem equipados, o que faz que, tanto no verão como no inverno, se converta num dos lugares preferidos polos "homeless" (sem-casa). Eu achava-me estudando inglês num programa que a USC oferece a estudantes internacionais com vistas à sua posterior incorporação ao sistema universitário estado-unidense. Este programa, chamado E.P.I, é um dos mais prestigiosos do país, e como se pode compreender, os métodos que se utilizam estão devidamente testados e contrastados. Achava-me eu em pleno curso quando descobri o método que hoje se quer apresentar.

Como já se disse, todo começou com a procura dum livro de Castelao, esqueci o título, sei que não era 'Sempre en Galiza' porque esse levara-o eu na minha mala para "o Norte", como se diz em Penacova. Busquei no computador as coordenadas de letras e números para localizar o meu objectivo. Lá os livros estão distribuídos formando labirintos gigantescos e as pessoas têm de dar com eles seguindo as instruções em uns planos colados nas paredes. Subi ao andar que o mapa marcava como o albergador do título que eu buscava, e depois fui seguindo as letras e números das avenidas dos livros até que encontrei o lugar exacto. Lá o vi, foi como encontrar um amigo no meio da selva. Por fim tinha algo nas mãos que podia entrar por mim adentro sem essas maçadas que o inglês me produzia. Colhi-o, abri-o, li nele... E já ali vi que na mesma prateleira havia vários de Rosalia. Fiquei gratamente surpreendida ao ver que lá tão longe houvesse uma pequena secção para a nossa literatura. O que sim nunca esquecerei foi o que ocorreu a seguir. Pousei o livro de Rosalia e colhi um dum tal Domingos... não sei quantos (que não tem nada a ver com Mr. Domingos, o meu "conversation partner" angolano, do que irei falar um outro dia), era um livro de contos. Abri por onde lhe ligou, e li. Em seguida compreendi que se tratava de um galego algo diferente do de Castelao, entre outras cousas os tils que habitualmente eu tinha visto sobre os 'enes' apareciam aqui sobre algumas vogais. Levou-me uns bons 10 minutos desentranhar aquilo, isso sim, passado esse tempo era-me praticamente o mesmo ler neste livro como no de Castelao. A minha surpresa veio quando descobri que aquilo era português; eu nunca antes, a pesar de ter vivido a 15 quilómetros de Montalegre, tivera um livro português nas minhas mãos, assim que aproveitei para saciar a minha curiosidade. E foi ai que aconteceu o meu grande descobrimento: não havia dúvida possível, estas duas línguas estavam contagiadas uma da outra. Como ambas as modalidades eram bem compreensíveis para mim, deduzi que o contágio fora do

Concha Rousia

Concha Rousia nasceu em 1962 em Covas, uma pequena aldeia no sul da Galiza. É psicoterapeuta na comarca de Compostela. No 2004 ganhou o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim. Tem publicado poemas e relatos em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce. Fez parte da equipa fundadora da revista cultural "A Regueifa". Colabora em diversos jornais galegos. O seu primeiro romance As sete fontes, foi publicado em formato e-book pola editora digital portuguesa ArcosOnline. Recentemente, em 2006, ganhou o Certame Literário Feminista do Condado. Saber máis

ÚLTIMOS ARTIGOS DE Concha Rousia:
- Eu detesto touradas... (14/02/2007)
- O trunfo da Barbárie (04/01/2007)
- A Constitución: Garantia de igualdade de direitos para todos os espanhois. (05/12/2006)
- Halloween... Samhain... o nosso são-che os Magostos! (09/11/2006)
- De quem são as crianças? (17/10/2006)

Ver todos os artigos de Concha Rousia

galego para o português; doutro jeito eu não poderia explicar ser capaz de ler aquela língua estrangeira de corrido como se nada, como se me tiveram nascido os dentes sabendo dela. Que bom achado acabava de fazer. Porque a mim ainda não se me esqueceu o que me custou aprender o castelhano na escola.

Naturalmente o que serve para uma língua deve de servir para outras, é o que se chama generalização da hipótese, o que faz possível a previsibilidade dos fenómenos, e é aqui precisamente onde radica a superioridade do conhecimento científico face a outro tipo de conhecimentos. Decidi fazer um segundo experimento, desta vez com um livro de Shakespeare que tive que ir procurar a outra esquina da sala. Segurei-me de o colocar entre o de Castelao e um de Rosalia, o resto das prateleiras eram livros de autores portugueses; e não era milagre, estávamos na secção de livros em língua portuguesa, embora eu não me tivesse apercebido antes. Aguardei um pedaço mentres ia saboreando livros no meu recém, e espontaneamente adquirido, português. Passado um pouco abri o livro de Shakespeare e nada, tão incompressível como antes, volvi-o pousar e aguardei outro pouco para ver se o contágio se efectuava, mas nada sucedeu essa tarde, nem ao dia seguinte. Compreendi que se calhar os livros tinham que conviver mais tempo, talvez anos para que se produza o efeito; e é nisso que ando a trabalhar. Eu sei que alcançado esse punto de intercomunicação dos textos, será possível, sem alteração aparente da sua morfologia, a compreensão total e profunda do inglês sem que nada importe o desconhecimento anterior dessa língua por parte do sujeito galego-falante, como me passou a mim com o português. Se calhar estamos a um dia ou dous de o método provar a sua certeza, mas a dia de hoje, o que para o português foi régua de ouro, para o inglês ainda não me deu resultados positivos.

COMENTARIOS:

Pra c. :
curiosa "metrópole" essa da que fala que nunca procurou, nem tivo intençom, de invadir a suposta colónia
(nom se pode dizer o mesmo dos que vos "indicarom" (impuserom) essa ortografia castelá que utilizades).
Por enquanto, a única metrópole da língua galego-portuguesa é a antiga Gallaecia da qual a nossa actual Galiza (lucense e bracarense) som com todo o direito as lídimas herdeiras. Ergo, se tiver de haver alguma "metrópole" neste caso: seriamos nós.
Saúde.
Reflexivo (08/03/2007 14:41)

Amigo "..." (incógnito),
o burro, quando o colhem com o cu ao ar e nom sabe o que dizer, primeiro agocha-se ("..."), e depois orneia.
Aprenda primeiro a falar e escrever bem a sua língua (mesmo a "de seu"), e depois, volte por aqui.
Saúdos.
Reflexivo (08/03/2007 14:31)

Non descolonizou vc. nada, a penas mudou de metrópole.
c. (08/03/2007 13:14)

Eu descolonizo minha língua quanto posso, para isso tento limitar meu contacto com quem me coloniza, e não é por soberbia; mas vivemos num momento em que isso se pode fazer muito bem, sem grandes perdas. Sei que me vai levar tempo, e talvez nunca consiga a descolonização total... Ora, uma cousinha já levo feito... DESCOLONIZEI MINHA ORTOGRAFIA. ABRAÇO A TODAS (ELAS & ELES)
concha (08/03/2007 13:08)

Nessa separação eu nunca renunciarei a um termo nosso por muito que em PT não seja usado... A minha régua (e digo régua e não regra, por mais que se diga em Lisboa... eu aprendi a língua e seus usos em Covas, de meu pai e minha mãe, e a nossa comunidade... e eu nem recebi, nem acho que receberei aulas em nenhuma ortografia.) Eu não tenho porque conhecer os usos da língua em Portugal, gostaria, não vou negar, porque valoro o conhecer amplamente minha língua, e suas variantes; mas nem há tempo para tudo... Assim que minha limpadela vai só a eliminar castelhanismos... (que já agora, direi para o corrector de ai abaixo- a quem agradeço as dicas- ... que ao parecer são frequentes não só em mim, a obra de Saramago, segundo o estudo do professor

Fernando Venâncio, está cheio de castelhanismos, pois logo como não vai estar a minha...) (CONTINUA...)
Concha (08/03/2007 13:07)

Queridas amigas, leitoras e demais pessoas, hoje, 8 de Março de 2007, eu só usarei o feminino, “como genérico”, para o plural; para dar a todas a oportunidade de saber o que sentimos com o abuso do género masculino na linguagem machista do dia a dia... e para também sentir o alivio quando se liberta a língua, ou se foge da rigidez...
E já agora... dizer que fico contente pola resposta que este meu artigo teve. Eu não crio a realidade, mas se a vejo... como diz o dito... se a vejo miro e se miro... reparo. Contudo é de agradecer que muitas leitoras REPARARAM no meu texto, e portanto isso paga meus esforços. Quero só acrescentar uma cousinha... Eu sei que a minha língua tem castelanismos... e não há de ter! a minha língua está tão coloniZada como a da vizinha, como diria a amiga Xiana; minha teima e limpa-la... apartar o grado da palha com se fazia antes nas airas... (e não vou dizer "eiras" só por esse ser o uso em Portugal, e não só) ...barradas coa bosta... ... (CONTINUA...)
Concha (08/03/2007 13:06)

Reflexivo, non se sabe se é maior a túa estupidez, o teu complexo de inferioridade ou o teu coñecemento da lingua galega.
Tratamento: antidepresivos, antipsiccóticos e turismo de habitação, para non teres que aguantar tantas palabras mal ditas e mal escritas, tanta xente perversa ao teu redor.
... (08/03/2007 12:18)

Amigo "Inmigrante galego na miña matria":
"Falo en galego por falar, pero XA ME quitan as ganas. Mellor falaría in english."
(deslocaçom do pronome depois da partícula "XA").
Se quadra era melhor e mais produtivo para todos reparares no conselho que já lhe dei ao Xosé Gómez:
amigo Xosé, se queres em verdade melhorar o teu galego (mesmo seja o "de seu", ou "o doutrém"), lê e estuda português.
Vas ver como melhora muito.
Saúde!
Reflexivo (08/03/2007 11:26)

Xulio,
o teu argumento principal tem tanta fondura racional e tanto peso lógico como este:
"No seais pesados "hispanistas", Argentina es nuestra patria" :
(y el "argentino" nuestra lengua).
"Até a próxima cozedura!" caro, que diziam os velhos.
Reflexivo (08/03/2007 11:17)

Ler um artigo da minha amiga Concha é uma delícia sempre! Sim, galego e português são e serão sempre a mesma língua ainda que não queiram, por razões políticas, admiti-lo. É evidente que não só para minha amiga galega e sim para todos os que são mesmo filhos de Galiza alguns segundos de leitura de um livro escrito em língua "portuguesa" será praticamente como estar lendo uma obra num galego renovado mas nem melhor nem pior que o galego campesino sem influências colonizadoras. Abraço apertado em minha amiga Concha sempre inspirada. Saúdos do Brasil.
Ganesh (08/03/2007 04:11)

Acho o texto de Concha imaginativo e bem concatenado.
Agora, peço aos distintos comentaristas que me esclareçam se as seguintes passagens são galeguismos ou influência do espanhol (dou entre parênteses as formas habituais ao sul do Minho):
tenho O HONOR (a honra)
SEGUE a estar pendente (continua a...)
PLANOS (letreiros, tabuletas)
COLHI (agarrei, peguei)
abri por onde lhe LIGOU (?)
DE CORRIDO (?; em português, "de corridA" significa "às pressas")
a outra ESQUINA da sala (a outro canto...; em português corrente, as salas não têm esquinas.)
SEGUREI-ME (assegurei-me)
VOLVI-O pousar (voltei a pousá-lo/voltei-o a pousar)
OUTRO POUCO (mais um pouco)
PUNTO de intercomunicação (ponto...)
COMO ME PASSOU A MIM com o português (como se passou comigo...)

A DIA DE HOJE (no dia de hoje/hoje)
RÉGUA de ouro (regra...)
Alberto Sousa
Alberto Sousa (08/03/2007 01:31)

Dos 140 comentarios quedoume con un. A lei de Berto. Cumprióse. Hasta o punto de que a maioria dos comentarios son repulsivos e insultantes. Con xente así, quen quere enemigos fora. Falo en galego por falar, pero xa quítanme as ganas. Mellor falaría in english.
Inmigrante galego na miña matria (07/03/2007 21:58)

O pobre Nogueira ten falado un pouquiño en portugués.O de HB ten falado en inglés.Felizmente para os vascos ninguén pensou en ser máis internacional e deixar o euskara.
Non sexades trastes lusistas,Galiza é a nosa patria.
Xulio (07/03/2007 20:03)

Hai galegos,iso si,que son profesores de portugués,como tamén de inglés.Saberán moito de gramática,tamén de ortografía.Porén, os seus recursos lingüísticos non están ó nivel da xente con portugués como lingua materna.
Xulio (07/03/2007 19:58)

Polo de agora(non sei dentro de 200anos)iso considérase unha diferencia moi pequena.As Nacións Unidas e a Unión Europea entenden que o de Bos Aires e o de Madrid teñen a mesma riqueza lingüística na mesma lingua.É o mesmo co de Lisboa e o de Brasilia.E non hai galego que fora quen de ser intérprete de cabina portuguesa.Se cadra ti,coa túa fala,convéncelos
Xulio (07/03/2007 19:51)

O melhor continua a ser que não há um isolacionista radical destes que saiba escrever o gallego de suyo do tardo-franquismo pós-galáxico e o seu padrinho asturiano. O que é isso de "traductores"?
maisum (07/03/2007 18:44)

Por outra banda, o argumento dos tradutores é bem fraco e pode-se-lhe dar a volta como a uma peúga.
Quais pensades que forom os tradutores do Parlamento europeu que traduziram as intervenções em galego de Emílio Posada e Camilo Nogueira ?? :
Os serviços de traduçom portugueses da câmara, que nom tiverom problema para identificar isso com português e, evidentemente, traduzí-lo para outras línguas:
http://www.udc.es/dep/lx/cac/vo/20060101IT/index.htm
A quê andades a brincar, meus ?
Reflexivo (07/03/2007 18:30)

Que ledícia ver os espanholistas e os lusistas rabeando porque os galegos já temos os nossos intérpretes, os nossos tradutores, a nossa língua reconhecida nos foros internacionais. Eles queriam que seguira a ser a língua dos pobres.
Independência (07/03/2007 18:19)

Xulio,
para um espanhol "coger" significa "colher, apanhar" e para um argentino significa apenas "fornicar".
Os espanhóis também nom entendem "transar", "empilchar", "morfar", etc, etc, etc ... .
Velaí que segundo a tua profunda sapiência e teoria linguística também temos aí duas línguas, onde pensávamos que só havia uma ... .
Cousas veredes !
Reflexivo (07/03/2007 18:16)

No se por qué en este articulo se pelea todo quisque por un idioma distinto "al suyo" é non vades a esbardallar o artigo do Sahara, que está valeiro.
A cizanha (portujesa, jaleja e espanhola) (07/03/2007 17:59)

Que ledicia ver os españolistas e os lusistas rabeando porque os galegos xa temos os nosos intérpretes,os nosos traductores,a nosa lingua recoñecida nos foros internacionais.Eles querían que seguira a ser a lingua dos pobres.
Independencia (07/03/2007 17:48)

Me niego a hablar en gallego mientras no os pongais de acuerdo en

cual es el que hay que hablar. Entiendo que haya posturas como la de Sipi, menos en lo de arriba España.
One (07/03/2007 17:46)

A Santa "Revolución" Nazi-Maoísta diz: "Un tren cheo de españolistas para Madrid e un tren cheo de lusistas para Lisboa.....Viva a clase obreira galega!"
E esse trem que seria, dos de levar gado? E onde deixamos as roupas, os relógios e os sapatos, diante das câmaras de gás? O cabelo cortai-lo vós, ou vamos já rapados? Onde compramos as estrelas identificativas, na RAG ou no local do vosso Partido?
Auschwitz 2231751842 (07/03/2007 17:28)

Para un galego greve ou vereador non é tan doado.Cando un portugués escoita curmán non entende,millor dicir primo(o portugués e o castelán son linguas moi próximas).Cando un portugués escoita que algo é doado pensa nunha transacción xurídica porque utiliza só a palabra fácil(como os nosos amigos españois).Estes exemplos non son moita cousa,pero haiche moitos milleiros na práctica,por iso non hai galegos que poidan traballar na cabina portuguesa.
Xulio (07/03/2007 16:41)

Laura:hai moita xente de Andalucia ou Canarias que son intérpretes,tamén de Arxentina ou Cuba.De portugués hai xente de Lisboa,e tamén do Porto,e dende logo de Brasil.
Xulio (07/03/2007 16:33)

¡Arriba España!
Y viva el gallego. El que se entiende, el de verdad, y no el inventado.
Sipi (07/03/2007 16:15)

El portugués o el catalán ya son otra cosa. ¿Pero el gallego? ¡No me hagas reir, hombre !
No, ¡si habrá que poner también traductores de asturiano y extremeño !
No te jode.
Sipi (07/03/2007 16:11)

Para el "Xulio" ese (que supongo que es Julio y punto):
a ver tú, paleto, puede que haya gallegos en cabinas a traducir el español, que para algo es vuestra auténtica lengua nacional (y no ese desvío folclórico que algunos usais y que podemos tolerar como muestra de exaltación regional).
Pero, ¿¿qué historieta me explicas de "cábinas de gallego"?? ¿Qué cojones va a hacer falta traducir el gallego si se entiende todo ?
En la tele no subtitulan ninguna declaración hecha en gallego, porque se entiende todo a la perfección ("o" por "el", "a" por "la", y ya está). En la radio lo mismo. Y hacen bien.
Hasta mi madre te podría hacer la traducción gallego-español, español-gallego, paspán.
Así que menos lobos caperucita, que una cosa es utilizar el dialecto para cantos y bailes regionales, y otra gastarnos los cuartos tontamente en tonterías innecesarias que las puede hacer hasta un niño de pecho.
Sipi (07/03/2007 16:02)

Os defensores do galego de seu, ademais de maltratar bem maltratada a língua (claro o castelhano é a sua norma de correcçom do "entre nós em galego" fora em espanhol), gabam-se da burrámia sem saberem como o que escrevia prosa sem saber; levam com orgulho o seu ferrete regional espanhol que bem que o percebem os nom espanhóis, e afirmam-se antes espanhol que português negando-se a sim próprios como galegos, por serem tais galegos.
Olham nos Tonechos os verdadeiros académicos do galego de seu, e aqui ha muito discípilo aplicado, orneando.
Por suposto que eu nom poderia trabalhar como interprete de portugUès padrom, está a minha escrita mas o meu sotaque dista muito do de Lixboa. Com ninguém tomaria a Bono ou Chaves como modelo de Castelhano num leitorado em Londom
laura (07/03/2007 15:27)

Españolista:túa nai non me interesa,o que si hai é moitos galegos intérpretes de cabina española e de cabina galega.O problema que teñen os lusistas é que suspenderían o exame de cabina portuguesa.Os seus recursos lingüísticos en portugués son moi

pobres.Para eles o portugués é unha lingua extranxeira.....Que poucas luces tedes os españolistas!
Xulio (07/03/2007 15:22)

Mas carooooh, se eu já escrevi muito em ILGA, homem, e até da genial Rosalia. Já cumpri de mais, e já não lhe escrevo desse jeito, fartei-me. Agora, que mal che nos fazem umas aspinhas elegantes e uns clíticos na fala coloquial. Eu português não sei, que como bom colonizado, sou analfabeto na nossa língua. Agora, já que não devo empregar volvo-che o "pero" mas fico com o clítico ironista. Saúde e ânimo com essa Rosalia que é mais difícil de ler do que nos aprendem.
Ernesto Vázquez (07/03/2007 14:52)

Un tren cheo de españolistas para Madrid e un tren cheo de lusistas para Lisboa.....Viva a clase obreira galega!
Revolución (07/03/2007 14:25)

Sacofurados, comebolos e lampantins nunca foram bem sucedidos entre as boas gentes. A gafualha amostra-se toda junta, e vem por temporadas, como as patacas. Na colheita saberemos deitar ao lixo as podres.
I.R. (07/03/2007 14:11)

Joder, gallegos hispanófilos, me estáis empezando a fallar.
¿ A qué viene eso de las cabinas de traducción de portugués?
¡Menuda chorrada!
Mi madre habla español desde la cuna, y tampoco podría ponerla a hacer de traductora de español en el Parlamento europeo, ni en ningún lado.
Vaya tontería, coño.
Lo cortés, no quita lo valiente, y a ver si elevamos un poco el nivel.
¡Arriba España !
Sipi (07/03/2007 13:49)

Desculpem, a primeira ligação, a da Lenda da Caveira, estava mal .. cá vai a correcta.
Lenda da Caveira
NeoGal (07/03/2007 12:29)

Olho, que os da coligação espanholismo-língua de seu andam nervosos e podem começar a dar couces, como o Lorenzo no Congresso do Ilga. Que mal se atura a liberdade! Levam trinta anos a chuchar do teto, a vaca cada dia mais anoréxica e a culpa é nossa... País...
maisum (07/03/2007 12:27)

Que un lusista sexa intérprete de cabina portuguesa e tan difícil como que un dos meus profesores de inglés de bacharelato sexa intérprete de cabina inglesa.
Anglófilo (07/03/2007 12:27)

Caros, não tenhais medo! Não há nada a temer. :) Oiçam estas lendas, contadas por lisboetas .. mas mesmo assim, será que não soa familiar? Porque será?
Lenda do Freixo">Lenda da Caveira
Lenda do Freixo
NeoGal (07/03/2007 12:25)

Tranquimazin 2MG. E em galego autonómico é "colonizado de merda", "mira, mira" e "comiñas". Lusista!
Aaaahhhh (07/03/2007 12:02)

Ohhhhh!!! Que marabillamaravilha, "pero" entre aspas, digo entre comilhas!!! Avanzamos na lectura de Rosalía de Castro, compañeiroooaaas!!!! E por que non pos tamén "che" entre comiñas, descerebrado?? E se o galego e o portugués son a mesma lingua, por que unha leva aspas e outra non, colonizado da merda??? Saúdos e bicos, discrepamos pero querémonos, papón españolista do carallo. (Olla, olla a versión lusitana de Rosalía, tradúcea, bobo, no te cortes, não se zangue: "Non te digo nada, mas vá". E podes seguir, ó maluco: "Vaiam embora rios vaiam embora fontes, vaiam embora regatitos pequenos", ou "Quando acho que fuiste embo-o-oraaaa preta sombra que me espaaan-taaaaas". etc.
Oooooohhh (07/03/2007 10:37)

Alguén pensa que un lusista podería chegar a ser intérprete de

cabina portuguesa no Parlamento Europeo?
Xulio (07/03/2007 10:27)

Parabéns,é difícil dizê-lo tão bonito.
Eu penso que virei internacionalista do galego quando morando em Salamanca caiu nas minhas mãos um livro de Machado de Assis,o escritor brasileiro, redescobrim aquelas palavras como"cousa",pilhar" e "dous" ,o jeito dos personagens e a fina ironia,tudo bem galego .
Obrigado
Dr Bacamarte (07/03/2007 00:30)

Não che digo nada, "pero" vaia que dizia Rosalia. E o ritmo, o jeito alégórico e as palavras tão nossas? A contextualização renarte. O humor retranqueiro que enceta ao despiste e nos arrasta sem qualquer uma categorização, apenas sugerindo, a uma conclusão aberta, mas que apenas um galego pode ler? No mais puro estilo da narrativa e da oralidade sentenciosa galega. De boa cerna de Sarmiento, Rosalia, Lugrís, Castelao...
Ernesto Vázquez (06/03/2007 22:35)

Las ideas innatas no existen.
Locke (06/03/2007 22:19)

Teño unha dúbida REFLEXIVO, gostaría de ti contestares con sinceridade...eses clientes portugueses e brasileiros aos que non tes atrancos para "atender" no teu idioma...como é que repostaban?? en portugués ou en español?? Porque un amigo meu brasileiro, ex-traballador dunha cafetaría de Samil(Vigo), chegoume hai pouco falando da "autoxenreira" portuguesa: el veña a falar brasileiro con clientes portugueses, e eles veña a falar castelán, pois estaban na "Espanha". E eu teño tido esa experiencia tamén, tanto alén coma aquén Miño. Como che foi a ti?
lavesedo (06/03/2007 21:22)

E no tema da biblioteca, muda "acarón" por "entre" na miña mensaxe anterior, se gostas, non é o adverbio a cerna do asunto. Sigo a pensar que non é científica a cousa, que queres que che diga, para alén de ser eurocentrista, pois nas bibliotecas asiáticas, entendo que libros galegos, portugueses, casteláns, cataláns, etc, (se os houbese), poderían compartir andel sen atrancos. Abonda analizar como os chineses clasifican os seus idiomas para ver como o "proverbial individualismo" europeu, lévanos a xebrar linguas, mini-linguas, dialectos, variedades xeográficas, etc, para que despois eles nos coloquen no andel das "linguas romances". Mais, repito que gostei moito, tan só quixen revirar a cousa seguindo polo fío da retranca, máis nada.
lavesedo (06/03/2007 21:11)

Si amigo Acebes, con gente como el Bobo Blanco, no se donde van a ir a parar estos gallegos.
Zaplana (06/03/2007 20:57)

Concha, não acredito. Eu dicíacho por brincar, coidaba que non podía ser certo...Unha galega universitaria ten que ir até USA para atopar as semellanzas entre galego falado e portugués escrito???Por riba, unha persoa arraiana??? Non
lavesedo (06/03/2007 20:56)

Estou dacordo en parte con JEAN. Exaxerase o culto a Castelao, como si fose o Patriarca dos galegos e do galeguismo. Foi un discreto escritor, si queredes un bon escritor, pero local e namais. Non pintan nada os blokeiros e os nacionalistas de ezquerdas reivindicándolo, xa que Castelao semellaría mais nun Partido Galeguista tipo o PNV de Euskadi. Estaría mais perto de Fraga que de Beiras, se Fraga non tivera ese pasado Franquista. O en todo caso sería un galeguista intelectual máis que un político. Non pretendo lapidalo, nin moito menos. E mais, prefírollo asín. Como un human e non como un deus. Asi que millor non meneallo.
Pondal (06/03/2007 20:53)

Excelente artigo Concha.
Magoa da habilidade dalguns para fiar as suas fobias e odios nos comentários sem repararem no tema do artigo.
Vai já tempo que prefiro nom gastar os olhos nem o tempo coa lusofobia e a galegofobia dos galegos denunciantes da "traición á patria xalexa" nem os pequenos trolls espanholeiros.
Magoa que para goçar do teu artigo e ler os poucos comentários

que seguem o fio dele tenha que debulhar um cento de cascas dumha ducia de fibras.
O demo (06/03/2007 18:48)

Antes borregos en galego, que falar en purtujés !!!
Viva Xalicia zeibe !!
Carlos Tontíguez (06/03/2007 18:39)

Da universalidade de Castelao ríome eu. Non é un filósofo, non é un politólogo (aínda que as súas análises "políticas" nesa "magna obra" do Sempre en Galiza son do máis mediocre que un pode ler), non é un xurista (nin moito menos),...entón, ¿que carallo é a parte dun dramaturgo fracasado, novelista que non pasou da provincia ou debuxante de medio pelo? Aquí facemos heroes de personaxes mediocres (ao igual que a "cultura castelá" ten a ousadía de comparar a Unamuno ou Ortega con Kant ou Nietzshe) cuxa altura intelectual. Nunca esquecerei aquela imbecilidade dunha profesora de literatura galega que tivo os "santos" de poñer en pé de igualdade a Manoel Antonio con Huidovro. Galiza e os galegos temos que aceptar que, polo que fose, non temos a poderosa cultura doutras nacións. Menos mal que a cultura traspasa fronteiras.
JEAN (06/03/2007 18:13)

A min o castelán e o portugués tanto me teñen, o importante é que xa temos traductores e intérpretes de galego en Bruxelas.Viva Galiza Ceibe!
Carlos Rodiguez (06/03/2007 18:04)

Milheiros de brasileiros reinvindicam que o que eles falam é GALEGO... porque eles se entendem melhor com galegos que com portugueses... que (entre nós) engolem as vogais... E nós a que jogamos?
SURPRESA !!! (06/03/2007 17:53)

Amigo Zaplana, mientras estén tan entretenidos los gallegos dándose de hostias entre ellos, nunca serán un problema para España. Esta autonomía no nos creará problemas.
Acebes (06/03/2007 17:43)

E agora sem acritude, nem "coñas":
amigo Xosé, se queres em verdade melhorar o teu galego (mesmo seja o "de seu", ou "o doutrém"), lê e estuda português.
Vas ver como melhora muito.
Abraço.
Reflexivo (06/03/2007 16:47)

Meu,
é que o problema tampouco é que a tua língua materna (ou a doutros) seja o castelám, o alemám, o inglês ou o chinês mandarim.
O problema é que fracos defensores do "galego de seu" (ou doutrém) sodes se nem sequer podedes demonstrar uma competência MÍNIMA nesse suposto "galego-de-seu".
Entendes?
A respeito da minha competência linguística em galego-português para apanhar um bom trabalho em Lisboa ou Bruxelas, direi-te que nunca tivem nengum problema para atender um cliente em português (português ou brasileiro).
E que para além disso, nom é por acaso que várias companhias telefónicas escolhem trabalhadores galegos para atenderem as chamadas DE TODA A PENÍNSULA IBÉRICA.
Saúde!
Reflexivo (06/03/2007 16:43)

Reflexivo: Eu nunca dixen que o castelán non fora a miña lingua materna.O debate é o teu nivel de portugués, que é de abondo para ir fachendoso por Vigo ou Coruña, mas non para atopar traballo en Lisboa ou Bruxelas como traductor ou intérprete de portugués.
Xosé Gómez (06/03/2007 16:35)

Pra Xosé Gómez (II) :
"Débese á colonización española QUE LLES FIXO aprender un español de 10".
(passando neste caso o segundo pronome a posiçom proclítica trás a partícula "QUE").
Isto sabe-o de forma inata qualquer galaico-lusófono natural sem

necessidade de tantos tecnicismos, nem de tantas explicações.
Ou aquele que sem ser galaicófono desde o berço, tivo (ou tem) um modelo correcto, diáfano e estável de língua (como p. ex. o padrom português. Ou mesmo a norma Agal).
O problema é aqueles que pretendedes ser os primeiros e mais acirrados defensores desse suposto "galego-de-seu-diferente-do-português" que nem sequer tendes a decência intelectual de aprender a falá-lo e escrevê-lo correctamente.
Saúdos.
Reflexivo (06/03/2007 16:19)

Pra Xosé Gómez:
olha meu, é mesmo possível que a Concha tenha "un bo nivel de portugués .. como língua estranxeira".
O problema, sem querer incomodar ninguém, é que tanto ti, quanto na prática todos os que defendedes esse suposto "galego-de-seu-diferente-do-portugués" nom tendes nem mostrades "un bo nivel" de "galego", nem como língua própria, nem sequer como "estranxeira".
E vou-cho (vou-vo-lo) demonstrar.
Escreves: "Débese á colonización española que fíxolles aprender un español de 10".
Erro de colocaçom do último pronome próprio de quem nom tem o galego-português como língua materna ou, no mínimo, nom tem um modelo correcto e diáfano de língua (como p. ex. o padrom português. Ou mesmo a norma Agal).
Mantendo essa ortografia española à que tam afeitos andades e da que tanto gostades, em bom galego (e perfeito português) a frase teria de ser assim:
"Débese á colonización española QUE LLES FIXO aprender un español de 10".
(Continua)
Reflexivo (06/03/2007 16:13)

Suso: exemplificaste bem esse ponto. As pessoas do Porto e do Minho lêem "coração", embora ao lê-lo pronunciem "coraçom". Não há dificuldade nenhuma. Por outro lado, discordo que ao ler-se "feito" se pronuncie "fait" ou mesmo "faitu". Isso ocorre apenas nas regiões do sul. No norte so país prouncia-se "feitu", tal como no galego, pois tamém no galeo o "o" final é lido como "u".
Cumprimentos
Dias (06/03/2007 15:54)

Caro Anton Remeseiro:
O teu argumento é absolutamente falaz: quantos galegos/as têm um nível de galego suficiente para serem capazes de traduzir um texto do espanhol ao galego? Um 10%? (Naturalmente estou a falar de fazer uma tradução minimamente correcta, que é ao que tu te estás a referir, não uma trapalhada cheia de gralhas e erros).
Então, devemos concluír que o galego é uma língua estrangeira para os galegos? E quantos guatemaltecos são capazes de escrever correctamente o castelhano? Evidentemente, trata-se dum problema de escolarização. Se não foste escolarizado na tua língua, não dominas a sua escrita. Agora, tu que dominas a ortografia portuguesa:
Por que se escreve "feito" em português, se em realidade se pronuncia "fait" ou, se acaso "faitu"? Por que os brasileiros grafam "noite" se em realidade pronunciam "noichi"? Por que esse empenho em utilizar uma ortografia "agalegada"? Então, por que nos não podemos grafar "então" e pronuciar "enton"?
suso (06/03/2007 15:28)

Maravilhoso artigo.
cocerelho (06/03/2007 15:27)

Reflexivo, Hai moitos galegos intérpretes e traductores de lingua española....é porque o seu nivel de español é parello ó dun tipo de Madrid.O español é lingua A para eles.....Como non son imperialista,non direi que iso é porque o galego non é unha lingua.Débese á colonización española que fíxolles aprender un español de 10.
Xosé Gómez (06/03/2007 14:46)

Antón Remeseiro ten razón.Concha Rousia ten un moi bo nivel de portugués....como lingua estrangeira.
Xosé Gómez (06/03/2007 14:40)

Antón Remeseiro ten razón.Concha Rousia ten un moi bo nivel de

portugués....como lingua estrangeira.
Xosé Gómez (06/03/2007 14:40)

Ata a próxima
Poucos debates están tan vivos, sempre e de agradecer poder discutir de temas de tanta importancia de xeito amigable.
Bicos para tod@s
Xiana (06/03/2007 13:12)

Pra Xiana:
desculpa, mas eu ainda nom fum quem de sentir como soa a "tua escrita" (nom sei se sesseias, ou ceceias, se tens gheada ou nom, etc, etc, etc ..).
Talvez deveriades reformar (mais uma vez) a ortografia castelá da RAG para poderdes refletir bem (cada um) a sua fala com as suas peculiaridades próprias.
Digo-o sobretudo para que nom vos (nos) deixem de identificar como um "veciño/beciño/beziño/bisiño/..." mais.
Saúde
Reflexivo (06/03/2007 12:59)

Komo el espanyol es konosido por todos vos, eskribo esta karta en ladino, ke es komo eskriben los djudeos sefardis el su idioma. Kiero konoser ansi ke pensais del ladino, es un idioma diferente del espanyol o son el mesmo idioma? Deberian los sefardis konoser la ortografia de la Akademia Espanyola o jaraganear e solo konoser esta ladina? Ke consayas dais?
Moshe Espinoza (06/03/2007 12:58)

Vizinha Xiana:
Desculpa o do Marca hom... porque, ainda que, lamentavelmente, seja a realidade de ali... não devi usar... eu também detesto os estereótipos. Quanto ao que dizes dos cartazes, escritos, etc. para vizinhos associações..., entendo bem o dilema... e não é minha intenção julgar a escolha de ninguém, se acaso teria que julgar a quem num principio (políticos de direitas, herdeiros do franquismo) escolheu essa ortografia, e não a histórica para a nossa língua. Eu entendo o que dizes... e compreendo que a comunicação e mais importante do que a ortografia num momento determinado; e eu na minha labor profissional tenho usado, dependendo do lugar e o objectivo, uma ou a outra. Compreendo muito bem o que dizes. Um saúdo... E por hoje paro de contestar que me vão acusar de novo. Agrada-me o debate que se criou.
Concha (06/03/2007 12:55)

Pra C:
o que nos da noxo, nom é o galego, mas o "xalexo". Contudo nom te preocupes meu, que vós continuaredes a andar "a outra cousa, bolboreta".
Pra Remeseiro:
de intérpretes e tradutores galegos de espanhol para outras línguas está o mundo cheio, ergo ...
Reflexivo (06/03/2007 12:46)

Veciña Concha:
Eu teño que escribir como falamos na zona de Bergantiños pois cando colaboras con diferentes asociacións de veciños, asociacións culturais e sociais, sindicatos. .. empregas a lingua escrita, xa sabes que se trata dunha canle de comunicación e pretendo sobre todo que se me entenda e se me identifique como unha veciña mais. Preocúpame ese afastamento e ese estereotipo prexuicioso de que so lén o Marca.
Apertas.
Xiana (06/03/2007 12:37)

Xiana:
Eu falo como meus vizinhos... eu não sei de onde tira a gente a ideia de que a ortografia é como esses aparelhos de pôr nos dentes quando nascem tortos... Eu falo como tu, salvando as diferenças, das nossas diferentes polas variantes da nossa fala... eu falo como qualquer outra pessoa da minha aldeia... eles nem sabem como eu escrevo... nem isso lhes iria importar, o único que lê no lugar, lê o Marca... com isso cho digo todo. FALA É UMA COUSA ORTOGRAFIA OUTRA... Um prazer partilhar ideias... mas vou calar que já me acusam de ocupar o espaço dos “opinadores”... mas eu acho que há espaço para todos, não é?. Saúdos e Abraços.
Concha (06/03/2007 12:27)

...nível suficiente para trabalhar de....
Antón Remeseiro (06/03/2007 12:18)

Acha a señora Rousia que tem o nível suficiente para de intérprete ou traductora em um órgão internacional?....Há muita ignorância e muito puxa-saquismo no pequeno mundo dos lusistas.
Antón Remeseiro (06/03/2007 12:16)

Bem,eu são um patriota galego mas gosto imenso da língua portuguesa.Seja como for,é preciso ser realista.Quantos galegos são intérpretes ou traductores de língua portuguesa,(português como língua A) em instituições internacionais?Evidentemente zero,porque é muito difícil ter um domínio tal de uma língua estrangeira.E o português para os galegos é uma língua estrangeira....
Antón Remeseiro (06/03/2007 12:13)

Concha:o teu conto de biblioteca revela unha mentalidade colonizada.Entón,se nunha biblioteca de Rusia atopo un libro de sueco no grandísimo e importantísimo departamento de inglés,podería afirmar que o sueco é a mesma lingua que o inglés?
Andrés González (06/03/2007 12:07)

Para Concha:
Obrigada polos comentarios, pero sigo teimando no mesmo, non se trata só da escrita. Eu non podo falarlles ós meus veciños de Leboris, Golmar, Estramil, Gabenlle ... nunha lingua que non entenden ou cando menos ven como estraña. Cando falo de estar cerca do pobo falo destes lugares e aldeas, o próximo e cercano. Tamén me dan noxo moitas cousas que se fan no nome de España pero forzar a miña lingua sería facerlle un mal os meus veciños, afastandome deles, por unha xenreira miña por moita razón que eu tiña.
Saúdos e unha forte aperta.
Xiana (06/03/2007 12:05)

"Abri por onde lhe ligou", que vén sendo a versión pailano-lusa da pailano-española, "abrí por donde le cuadró".
Canto noxo vos dá o galego...
C. (06/03/2007 12:05)

se quadra haveria que grafar ao galego RAGa as cantigas medievais, por estarem numha língua que nom é a nossa,e portanto, nom se entendem e porque aqueles trovadores deviam ser pequeno-burgueses, alem de ser umha expressom do auto-ódio e bla,bla,bla....
cousas (06/03/2007 12:04)

Ai, Concha, non che chegou o teu espazo que aínda queres chupar máis cámara ca os pobres non-opinadores de Vieiros? Descansa, muller. E pensa que nun país normal onde non houbese tantos analfabetos (o teu público, polo que parece, os que escribimos en galego) case ninguén lería os teus artigos. Estes de Vieiros... Non hai xente mellor, mesmo entre os que nos odian?
Cortate&Colgate (06/03/2007 12:02)

E como ia suspeitar que eu sabia ler português, e que se adequava às minhas, como diria Chomsky, ...às minhas estruturas gramaticais inatas... mas assim foi mesmo (isso quer dizer que a língua que eu tinha aprendido, tinha umas estruturas diferentes das que se põem a um na cabeça quando aprende em castelhano... mas eu não quero entrar em matérias de linguistica que não é o meu território...). E também dizer-te Lavesedo, que as Bibliotecas, em geral polo que eu sei, menos as espanholas, é claro, não é que ponham os livros galegos "ao lado" dos livros portugueses e que podiam pô-los ao lado dos espanholes... não, é que os põem na mesma sessão porque entendem que é a mesma língua, ainda com duas ortografias... a ortografia é só a parte externa da língua, importante, mas não se pode reduzir a língua à ortografia... íamos-che aviados! As bibliotecas se baseiam em princípios linguisticos e não políticos... É só o que queria dizer. Obrigada polas vossas atenções. Saúdos a todas e todos.
Concha (06/03/2007 11:49)

Agradeço os comentários de todos e todas que lestes meu artigo; os comentários dos que não lestes (mas, como diz o conto, fazeis como que lestes) não agradeço, mas também não me molesta que os façais, a sério.

Uma cousinha para LAVESEDO: quando eu cresci no mundo rural não havia bibliotecas... e também eu nunca tinha estado em Chaves, até que fui grande, nós só íamos a Torei ou a Montaegre à feira... pequenas vilas, e ali não havia bibliotecas, e ainda que houvesse... como ia eu adivinhar que eu podia ler português sem ter aprendido antes?!. A isto há que somar que nessas idades, e para mais no meio rural naqueles tempos... as bibliotecas eram lugares inconcebíveis. O que conto no artigo passou assim... é mais... eu encontrei nós livros portugueses a estrutura da fala da minha infância, cousa que me custa encontrar nos livros de muitos dos nossos escritores... sinto ter que dizer isto... mas é o efeito, julgo eu, do colonialismo... nada é de balde! (continua...)
Concha (06/03/2007 11:46)

Pois sim Concha, também resulta ridícula e absurda essa teima e essa intençom de nos mostrar como "hijos de papá", "pequeño burgueses", etc ... (e demais qualificativos absurdos e ridículos para nos deslegitimar) como se nós tivéssemos tido acesso exclusivo a "ese galego aportuguesado que escribides, que non é o que fala o pobo" (e que terá a ver a escrita com a fala ??), e no entanto eles nom.
Bom, por fortuna, ainda há pessoas que demonstram a cotio que nom tudo vai ser comer (o que che dêm) e cagar (quando cho digam).
Reflexivo (06/03/2007 11:39)

Pois é, Concha. Mas neste país de aparvados e papa-hóstias a maioria gosta mais de andar a espreitar o que fam os outros para criticá-lo, antes do que por-se eles mesmos a fazer algo a sério (real).
E se nom se fai nada ... é culpa do governo !!
"Piove, porco governo" que dim os italianos.
Reflexivo (06/03/2007 11:26)

...de resto concordo contigo Reflexivo, a imagem que querem construir de nós é irreal, como se nós não fossemos tecidos coa mesma lã da que eles... isso se faz para se distanciarem e poder rejeitar... é triste, mas assim é mesmo. Abraços.
Concha (06/03/2007 11:26)

Sim Reflexivo, sim, o povo é ágrafo... mas a língua é mais que tudo oral, é foi o povo quem cuidou desse tesouro, que o povo carrejou historicamente para nós... e agora que na nossa cultura se vai perdendo a transmissão oral o que nós façamos na escrita é importante... e o que nós façamos vai ser de nossa responsabilidade... Eu posso-me equivocar, é possível, mas os que nada fazem, e só criticam, se equivocam de certo.
Concha (06/03/2007 11:20)

Estes que proclamam todo o dia e a todas horas estar "preto do pobo" (eu também começo a estar "preto" duma parte do "pobo") devem pensar que os que escrevemos na ortografia histórica e própria temos assistido a uma academias secretas que existem na Galiza dedicadas a ministrarem ortografia galega autêntica a "hijos de papá" ... nom te fode !
Perto do povo estamos todos, mas se queredes estar perto do povo a sério ... deixade de escrever, que "o pobo real" foi (e na sua maioria ainda é) ágrafo, em galego, em português, em RAG, em Agal e mesmo em español.
Reflexivo (06/03/2007 11:03)

¡ Vivan los nacionalismos españoles ! (gallego, asturiano, leonés) ¡
Y fuera las injerencias extranjeras !
¡¡¡ Aportuguesados y portugueses a Portugal !!!
Sipi (06/03/2007 10:48)

O da ortografia foi minha escolha por muitas razões, primeira: esta ortografia foi inventada polos MEUS (NOSSOS) antepassados, os nossos trovadores, e outra razão talvez também muito importante... é que eu já não posso souprotar nada que me venha de Espanha, já me senta mal no corpo... E esta ortografia que usamos no galego RAG (incluído o "X") foi inventada polos castelhanos (a quem eu apreço, deveras, eu sou pessoa muito humana) mas que eu não posso aceitar sua ortografia. Gostei do teu comentário, porque tem força, tem autenticidade, algo que eu valoro mais que a ortografia, e agradeço que o fizeras. Obrigada.
Concha (06/03/2007 10:44)

RESPOSTA PARA XIANA:
Bem-querida Xiana, não tens nada polo que desculpar-te, e agora aqui entre nós, permite-me que che diga que eu também não sou nenhuma intelectual, eu sou como tu, uma pessoa do povo, que nunca recebeu nenhuma aula na nossa língua, em nenhuma normativa, nunca em toda a minha vida... mas que foi minha teima e procura pessoal a que me levou a adoptar esta ortografia, que eu chamo histórica, e que me identifico com ela mais que com a ortografia herdada do tardo-franquismo... mas que isto é só a vestimenta com que eu apresento ante o mundo a minha língua, para a que tive só dous mestres: meu Pai e minha Mãe, todo o que sei de língua aprendi deles e com eles na nossa pequena aldeia de Covas, isso é algo do que me orgulho... (continua)
Concha (06/03/2007 10:40)

Os lusistas son pequenoburgueses en fase oral.....Viva Galiza Ceibe!
Fernando García (06/03/2007 09:59)

Ui, se melhoramos, melhoramos... Mesmo já nos visitam os de Libertad Genital... Os "liberais" espanhois, provavelmente os liberais menos liberais da história. Os não nacionalistas, o fascismo que volta a tomar as ruas. E ninguém para pará-los. Ai, María, María... Y pensarás que eres libre.
maisum (06/03/2007 09:06)

Todos estos comentarios sólo están reflejando el inconsciente de esta Rousia que parece incapaz de concebir que un castellano quiera ser español sin gritar "arriba España". Sois unos simplistas con los idiomas y vivís el vuestro como si fuera la Luna y vosotros los eternos trovadores. No hace falta ser gallega para sentir que una lengua es hermosa en sí. La que utiliza esta Rousia lo es. Lo que falla, o falta por completo, es su pensamiento. Magoa.
María (06/03/2007 08:45)

sobre ortografia tomai uha perola achada no forum de fala ceibe (Bierzo)
http://www.ciberirmandade.org/falaceive/content/view/80/1/
El gallegu se parece bastante al leonés y al castellano, lo que pasa que ahora los portuguesistas tratan de que sea como el portugués, que tal como estableció la filologia, nada tiene que ver con el portugués.
El peor enemigo del gallego y del buen entendimiento entre todos es el lusismo,
Fala Ceive es separatista... la ortografia que adoptan muchos de sus textos es separatista de la común de todos: castellanos, leoneses y gallegos
regionalistas aí tendes alguén apoiando o galego de seu
fala ceibe (06/03/2007 08:28)

Benquerida Concha:
Vaia por diante que eu son unha desas ignorantes ás que boa parte dos compañeiros do foro aluden, recoñezo que teño un problema pois ó vivir en Bergantiños onde a inmensa maioría da xente fala en galego teño que expresarme nesta lingua, por riba como pretendo que tamén me entendan cando escribo fago dun xeito que semella que lle molesta a certos intelectuais. Pido pois desculpas por estar preto do pobo, por loitar ao seu carón para tratar de solucionar os nosos problemas (eu tamén formo parte do pobo), sinto non poder formar parte de esa elite tan selecta que semella ser capaz de transformar o noso pais dende a súa cátedra de galego.
Espero que poidas perdoarme.
Xiana (06/03/2007 08:04)

Concha: percebes que os que te criticam a pouco que se ranhar nos seus textículos, som todos praticamente analfabetos.
É-che bem triste tanta ignorância no nosso país, o Xan quindimil por ex. ademais de ser asno escrevendo, é-o compreendendo, nom entendeu o teu texto, nom sabe nem o que diz e assim outros.
Alguns como Arzaya som o resultado de filologia gallega da USC, um banco de troquelagem regional
Os teus textos som a alegria de Vieiros beijos
O Tim
O Tim (06/03/2007 07:33)

Cara Concha, caro Celso, a maior parte do pessoal brinca e rebrinca arredor da fogueira. É o que acontece quando o texto fala por si mesmo. Imos no bom caminho. Beijinhos. ;-)

I.R. (06/03/2007 01:13)

Sipi (certamente nom é Sapi, de sapiência): "supongas" mal caro. É mesmo Dias. E só te digo uma coisa, meu: os teus comentários nem valem a pena serem comentados. E para ti o xalego original é o españolado, supongo, nom?
Dias (05/03/2007 22:55)

Mete medo ver até onde chega a ignorância incutida "soxio-linxuísticamente" nas cacholinhas de aqueles que decerto nom sabem escrever bem nem sequer em español, modelo, guia e meta desse "xalexo de seu" que tanto arelam, mas que ninguém está certo de como é (nom cumpre mais que ver como escrevem os seus acirrados defensores).
Xexum (05/03/2007 22:54)

¡¡ Jeje, cuánto buen gallego (y buen español) hay en Galicia !! ¡ Qué buen trabajo dejó hecho el Caudillo en su Tierra natal ! Adelante camaradas ! : a defender vuestra lengua española del influjo extranjero del Portugués !!!
Sois primera linea y ejemplo para el resto de los campos y regiones de España !
¡ Arriba España !
(y abajo Portugal ! que, tarde o temprano, caerá también)
Sipi (05/03/2007 22:37)

¡¡ Jeje, cuánto buen gallego (y buen español) hay en Galicia !! ¡ Qué buen trabajo dejó hecho el Caudillo en su Tierra natal ! Adelante camaradas ! : a defender vuestra lengua española del influjo extranjero del Portugués !!!
Sois primera linea y ejemplo para el resto de los campos y regiones de España !
¡ Arriba España !
(y abajo Portugal ! que, tarde o temprano, caerá también)
Sipi (05/03/2007 22:37)

Concha, admiro a tua paciência. Tu lê, observa, e extrai conclusões. Isto che passa por meter-te em Vieiros ;-) . Do que mais gostei é isto: "Ao longo dos anos os patriotas galegos temos sido xenerosos de abondo cos lusistas". Parece de Acebes. Saúde!
Celso (05/03/2007 22:28)

Cuanto burricán anda solto...!
Parec emntira que alguns "patriotas galegos" estean tan castellanizados que xá se esqueceron da retranca. Que noooooon, burrinhos, que a Sra. Rousia non leu a Castelao "en portugués", que leu a única versión que anda por ahi, "Sempre eN Galiza", con N de nugallán, que o que fai a Sra. Rousia é ironizar co feito de que os galegos podemos ler o portugués sen problemas, igual que os portugueses poden ler o galego sen problemas. Xoder, que vergonza me facedes pasar, casi me dan ganas de facerme lusista con tanta parvallocada. E que non hai niunguen que poida criticar o lusismo con algo de xeito, sen facer o ridículo? O galego e o portugués son idiomas moi parecidos, de feito para os linguistas, son a mesma lingua. O que pasa e que os falantes as sinten como diferentes. Pero tamen é verdade que se podian reunificar en calquera momento. Así que cada quen escriba como lle pete. Castelao escribia cousas que hoxe parecen ridiculas, como "eirexa" e "repúbrica".
Castelao (05/03/2007 22:18)

....agora vemos os froitos.O desleigo co país é cada día maior.Unha galega moi leda por ter lido a Castelao en portugués!!...Os tempos son chegados para deixar de ser bos e xenerosos cos lusistas.
Suso Losada (05/03/2007 21:15)

Ao longo dos anos os patriotas galegos temos sido xenerosos de abondo cos lusistas.O lusismo é unha manifestación máis do autoodio,unha cousa pequenoburguesa e empobrecedora,mais como de todos os xeitos eran pequenoburgueses que non facían propaganda de España....
Suso Losada (05/03/2007 21:12)

Eu recomendaríalle á señora Rousia ler a Castelao en italiano.Como parece moi espilida seguro que en pouco tempo manexarase ben nesa lingua.Ós patriotas galegos,iso si,non nos toque o que escribiu Castelao.
Brais Quián (05/03/2007 21:06)

Non sei que vos pasa con tanto problema lingüístico. Deixade estes temas para os instruídos. Ou é que todos sodes instruídos ou é que vieiros só o len os filólogos ou é que moitos non temos puta idea. Concha: perfectamente poderiamos aplicar os teus argumentos contra a lingua A (Castelán) contra outra lingua-variedade (portugués) ou variedade (galego-ilga). Todas son linguas teito e nunca na escola se ensina a lingua que fala a xente das aldeas. Nin en Galicia nin en Cuenca. Abride os ollos, que non evitaredes frustracións.
pero que tedes?? (05/03/2007 20:38)

O caso é que a "Lei de Berto", com a que concordo plenamente, sempre racha pelo mesmo extremo da "questom"...
David Paz (05/03/2007 20:32)

Non sei que lhe botas os teus artigos, Concha, que revolucionase o galinheiro. ¡Madre de Deus! Canta esbardallada.
Fuco Pérez (sen segundo) (05/03/2007 20:26)

O verdadeiro Nick son eu. O abogado do Cabo do Medo.
Nick Nolte (05/03/2007 20:20)

Asi que o premio levaseo o párrafo da USC (o de aigha cultura)
Berto (05/03/2007 20:16)

"A medida que unha discusión online en galego sobre calquera tema avanza, a probabilidade de que se mencione o reintegracionismo/isolacionismo achégase a 1"
Lei de Berto (pra os que non a sabiamos) (05/03/2007 20:13)

Oes, para o folclórico ou reintegrata con falso nick que identifica lusistas con nacionalistas: o independentismo galego exprésase en galego, o rexionalismo portugués en portugués. Non somos Olivença. E a Lei de Berto hai que cumprila, xa se encarga Conceição Roúsia co seu portugués malo, malo, malo, de régua mesmo.
eis (05/03/2007 20:06)

Castelao?. Diría ensinounos. E o do Q salvoulle que non houbera normas ortográficas tan estritas coma hoxe.
Pemán (O home do tempo) (05/03/2007 20:06)

Xa que o sabes voucho decir. Onte a señorita enseñounos o P e hoxe enseñounos o Q.
Castelao (05/03/2007 19:57)

¡Falade ben, caralho!. !Aiga cultura!
USC (Unión dos socios do caralho) (05/03/2007 19:42)

"Haberá choivas fortes na provincia de Pontevedra e na de Ourense, que comezaran sobre a 1 ou 2 da tarde, pasarán de fortes a moi fortes a medida que avance a tarde, nestas provincias as temperaturas serán sobre.....graos, e no resto vaille chegar ben". A este Pemán nin tocálo. Mais non sei que fixolle a TVG a sua filla, que xa non anda por ahí.
Amigo anónimo (05/03/2007 19:37)

O melhor destes foros é comprovar dia após dia que não há um isolacionista radical militante que saiba escrever bem a "lingua de sua/seu/voso/deles" ou como se diga. Mais isolacionista radical é, pior escreve. Tá bom, tá bom.
maisum (05/03/2007 19:35)

o tema é falar ben ,hom. E xa miro que ti tampouco tes moito sentido do humor, nin retranca, nin nada. Vaite á USC a ver se o método da Concha vale tamén para aprender filoloxía. E que "crase" de persoa pode falar mal de Pemán o novo superheroe meteorolóxico???
lavesedo (05/03/2007 19:20)

Opino que non tes moito sentido do humor e daslle demasiada importancia a lingua ben escrita. O importante non é a lingua senon as persoas. Vas semellar o Jose María Pemán da lingua galega. Esto non é unha crase de filoloxía ni de lingua. E un foro.
Amigo anónimo (05/03/2007 19:02)

amigo anónimo, cómpre coñecermos as modificacións das normas ortográficas do galego para tentarmos ser un chisquiño argutes....

Q opinas??
lavesedo (05/03/2007 18:59)

Lavesedo: no Q mete o dedo.
(05/03/2007 18:53)

y el andalú, el extremeño y el canario, Sipi.
Los Morancos (05/03/2007 18:52)

Unha cousiña, máis nada. Empregarmos o criterio clasificador dos libros nas bibliotecas USA como método de clasificación das linguas románicas e canda menos arriscado...que acontecería se nunha biblioteca deciden colocar os libros en galego acarón dos casteláns, ou dos italianos, -polo que sexa, por falta de sitio, porque o bibliotecario é un aparvado, non sei,...???
Ahh, sipi nopi!!
Vaina rañar (translation: vete a rascarla, pringadillo)
lavesedo (05/03/2007 18:52)

Jeje, veo que son más los gallegos cuerdos, que los tarados que escriben en portugués.
Enhorabuena, camaradas !
Viva España y los gallegos que se sienten españoles y defienden su lengua !
Sipi (05/03/2007 18:43)

Sipi semellas a Barbi de "Yo soy Bea". Que razoamento tan simplón. Lembrame os razoamentos da época da Falanxe.
Nopi (05/03/2007 18:41)

Gostei, Concha, moi retranqueiro. Mais... tiveches que ir aos USA para ollares un libro en portugués??? Ben te puideches "deslocar" até Chaves a unha libraría, non é?
lavesedo (05/03/2007 18:36)

Dias (supongo que es Diaz): hablo en español (mejor que castellano) porque es la lengua nacional común de nuestro país. A pesar de eso no me parece mal que algunos hableis en alguna de las otras lenguas españolas que, aunque no sean muy útiles, tenemos la obligación moral de conservar.
Como con los trajes regionales, que no los usamos nunca (sólo en las fiestas locales, folclóricas y tradicionales o en los concursos de Miss España), y siempre que no resulten un problema de comunicación con el resto de los españoles. Como sucede con el gallego (el auténtico, no el aportuguesado).
O el valenciano.
El vasco y el catalán (o el portugués) ya son otra cosa. Con estos, si acaso, habría que intentar catalogarlos y archivar-los bien antes de extender adecuadamente el uso de nuestro idioma nacional común.
Saludos.
Y viva España !
Sipi (05/03/2007 18:32)

Caro Suso,e logo ese 15% de portugueses non estudan na USC tamén en castelán?...Porque o castelán é moi doado para eles,porque o castelán esta moi preto do portugués....Ben,isto tanto ten,a min impórtame Galiza e o galego.
Xan Quindimil (05/03/2007 18:24)

Aproveitemos as cousas que unennos. Que é o futbol, pois toudos polo futbol. Que é Castelao. Pois con Castelao. Que é unha laconada pois tomemos unha laconada. O pobo unido xamais será vencido. Non temos porque ser todos idénticos.
Un ido non, unido sí (05/03/2007 18:16)

É curioso que este "problema" de se galego e portugués son dúas linguas ou unha resolto hai tempo pola Romanística siga xerando tantos comentarios, moitas veces desafortunados. Cita textual de F. Fernández Rei en Dialectoloxía da Lingua Galega: "desde o punto de vista estrictamente lingüístico, ás dúas marxes do Miño fálase o mesmo idioma,... pero no plano da lingua común, e desde unha perspectiva sociolingüística, hai no actual occidente peninsular dúas linguas modernas,...". Exactamente que non se entende de tan clara exposición?
harizti (05/03/2007 18:08)

Sipi: claro que te "gusta" o xalego. É por esse motivo que falas em

castelhano, nom?
Dias (05/03/2007 17:56)

Arzaya, otro buen gallego (y buen español, por tanto).
Adelante, y viva España, hermano!
Sipi (05/03/2007 17:36)

A lingua nosa parece ser como a mallante. Pode atoparse de todo, é como ir aos quebrazos. Espero que algúns bichicomas que leo no foro traballen para ben dela, sempre é mellor ca ser mesquiño e pensar que un só tén a verdade, unha cativez propia dos pedantes. Somos un rabaño pequeno, non o xebredes, nin con portugués nin con outras cousas. Sempre gosto dos artigo de lingua, bardante que sexan negativos co galego
arzaya (05/03/2007 17:31)

Joder, menos mal que aún quedan gallegos de bien, como el Xan Quindimil este, y no estos cuatro piojosos que escriben en un idioma extranjero que no lo entiende ni Dios ni su padre ! A mi me gusta el gallego de siempre, el de la tele y el que leo en los periódicos, que ese lo entiendo a la perfección y no esta jerigonza absurda y extranjerizante. Adelante los gallegos que se han dado cuenta de que el peligro real para el gallego no somos ni los españoles, ni el español, sinó Portugal (que escapó por poco) y ese portugués que tan negativamente ha influido en el gallego. Viva España y viva Galicia !
(valga la redundancia).
Sipi (05/03/2007 17:00)

Essas pequenas diferenças que apontava o imortal Castelão.
Sem dúvida, como é habitual, excelente artigo.
Vinseiro (05/03/2007 16:54)

Curioso, a mim também me aonteceu isso, mas foi em Chicago.
Mas foi entre Rosalia de CASTRO e EÇA de Queiroz.
Aqueles ianques devem ser lusistas.
Ernesto Vázquez (05/03/2007 16:46)

Pra o (shin) Xan :
por outra parte, a sintaxe e a construcçom da tua última mensagem deixa bem esclarecido que classe de galego tu falas ...
Seronio (05/03/2007 16:46)

Para o Xan:
se os portugueses "traduzem" (apenas adaptam) os livros de "galego" ("xalexo") para português é porque ninguém gosta de ler um livro na sua língua, com uma ortografia estrangeira :
Kapichi, siÑore ??
Seronio (05/03/2007 16:40)

Bom texto, Concha, boas imagens. A mim foi-me acontecendo algo semelhante, também nos EUA: um dia mostrei um livro de um poeta galego a uns amigos brasileiros com quem convivia, e disseram: "Mas isto é português tal!". E nas estantes da também enorme biblioteca as palavras de galegos, portugueses e brasileiros, vozes contíguas, também se contagiavam. Felizmente, as bibliotecas ainda falam em línguas, não em Bilhetes Nacionais de Identidade. Saúde!
Celso (05/03/2007 16:29)

E que caralho de culpa tem o Luismi ou Luisismi esse, ho? Em três palavras: de que vai o artigo, que já nem me lembro com tanta parvada? Que paciência, não é, Concha, que paciência...
maisum (05/03/2007 15:11)

Caro Xan:
Eu imparto aulas na USC. Dos meus alunos e alunas, um 15% são portugueses. As minhas aulas são em galego (sotaque vagamente ourensano). Os exames, que não ponho eu, senão o coordenador da matéria), estão redigidos em galego (galego-galego-pata-negra-RAG). Todos os portugueses percebem perfeitamente. Olha, se calhar conhecem o método da Concha...
suso (05/03/2007 14:45)

Caro Suso, o feito de que Castelao,Méndez Ferrín ou Rivas tradúcense ó portugués débese a que os portugueses non entenden galego.
Xan Quindimil (05/03/2007 14:31)

Xan Quindimil:
P.S.
"Pedantería,ignorancia,pobreza lingüística e ideolóxica....en dúas palabras,lusismo"
Ou seja, que as quatro partes do mundo são três: Europa e Africa...
Ai, Xan, Xan...menos samba e mais pensar com a cabezinha...
suso (05/03/2007 14:24)

Caro Xan Quindimil:
Não sabia que "Sempre en Galiza" pudesse ser lido "non en galego, en portugués". Como se faz isso? Suponho que deve ser pondo sotaque de Ronaldinho, algo assim como "..ixtamux numa longa noichi di pedra..."
Ai, Xan, Xan....faz favor de ler bem o artigo antes de abrir o bico, que o falar não tem cancelas...
suso (05/03/2007 14:20)

sera 'nunha palabra: lusismo' eso si q é unha tonteria amigo Xan
xavi (05/03/2007 14:08)

Outra vez. Não te das conta, Xan, que Castelao não é vosso? Castelao não é de ninguém, é apenas de quem o lê e de quem quere sentir a realidade tal e como ele a sentia. Aliás, porque vos dá tanta coragem que Castelao fosse um adiantado e reivindacasse o lusismo como tantos outros escritores e intelectuais da época? Da-me a sensação de que críticas como a tua estão feitas desde a pura enveja e demagogia.
iolanda (05/03/2007 13:08)

Pedantería,ignorancia,pobreza lingüística e ideolóxica....en dúas palabras,lusismo.Temos aquí unha señora moi fachendosa porque le a Castelao non en galego,en portugués.Castelao era absolutamente universal ou internacional,escollan a palabra que máis lles chiste,señores lusistas.Pola contra a señora Rousia non chega a ningures.
Xan Quindimil (05/03/2007 12:53)

Um artigo muito bom.
iolanda (05/03/2007 12:29)

Cara amiga:
Como sempre, genial.
Bom jeito de vires a descobrir a internacionalidade da tua língua sem tu saberes, pensando ser tam só umas falas de Covas, Penalonga e arredores.
Porque será que todos os livros de castelhano na escola falam da universalidade da língua espanhola (que nom é mais internacional que a nossa) e os livros de galego, das muitas issoglosas que que preconceitudamente atrapalham a nossa Fala
Parabens, Laura
laura (05/03/2007 11:46)

Cara amiga:
Como sempre, genial.
Bom jeito de vires a descobrir a internacionalidade da tua língua sem su saberes pensado ser, tam só umas fals de Covas, Penalonga e arredores.
Portque será que todos os livros de castelhano na escola falam da universalidade da língua e os de galego das muitas issoglosas que preconcetudamente atrapalham a nossa Fala
Parabens, Laura
laura (05/03/2007 11:43)

Envía o teu comentario:

En Vieiros cremos que a verdade non é propiedade de ninguén, senón que se constrúe entre todos. Por iso, tamén estamos convencidos de que a participación dos lectores e lectoras engade outro valor aos contidos informativos. Pero este xogo ten as súas regras. O insulto, as descalificacións persoais e a linguaxe despectiva atrancan a comunicación libre. O diálogo establécese sobre as ideas, non sobre quen as emite. Por esta razón, eliminaremos os comentarios que non favorezan a liberdade e o razoábel intercambio de opinións. En beneficio da participación e do debate.

Nome:

Correo:

Mensaxe:

Enviar

Máis artigos de **opinión**

© Vieiros